

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

ROSEILDA MARIA DA SILVA

**LIMA BARRETO E REDES DE SOCIABILIDADES: uma leitura a partir dos seus
internamentos psiquiátricos, práticas epistolares e obra (1908-1922)**

São Leopoldo

2022

ROSEILDA MARIA DA SILVA

LIMA BARRETO E REDES DE SOCIABILIDADES: uma leitura a partir dos seus internamentos psiquiátricos, práticas epistolares e obra (1908-1922)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Área de concentração: Estudos Históricos Latino-americanos.

Orientadora: Profa. Dra. Maíra Ines Vendrame

São Leopoldo

2022

S5861 Silva, Roseilda Maria da.
Lima Barreto e redes de sociabilidades : uma leitura a partir dos seus internamentos psiquiátricos, práticas epistolares e obra (1908-1922) / por Roseilda Maria da Silva. – 2022.
258 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2022.
“Orientadora: Dra. Maíra Ines Vendrame”.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Práticas epistolares. 3. Redes de sociabilidades. 4. Racialização. 5. Internamento psiquiátrico. I. Título.

CDU: 929

ROSEILDA MARIA DA SILVA

LIMA BARRETO E REDES DE SOCIABILIDADES: uma leitura a partir dos seus internamentos psiquiátricos, práticas epistolares e obra (1908-1922)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Área de concentração: Estudos Históricos Latino-americanos.

Aprovada em 13 dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maíra Ines Vendrame (orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profa. Dra. Daiane Silveira Rossi
Fundação Oswaldo Cruz

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira
Arquivo Histórico do RS

Profa. Dra. Ana Paula Korndorfer,
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Rogério Humberto Zeferino Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza
Universidade Federal de Campina Grande

A Antônio Augusto da Silva e Maria do Carmo da Silva (meus pais).

A Maria Leopoldina da Silva – avó paterna (*in memoriam*).

A Maria do Carmo Gonçalves – avó materna (*in memoriam*).

A Afonso Henriques de Lima Barreto-inspiração de pesquisa (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao final de mais uma etapa, quero externalizar os meus agradecimentos às pessoas e instituições que tornaram possível esta pesquisa.

À minha família, pelo apoio incondicional desde os meus primeiros passos na educação e por acreditarem que seria possível uma filha de agricultores se tornar doutora, a primeira da família. Aos irmãos e irmãs, aos sobrinhos, velhos e novos. Especialmente, a Antônio Augusto da Silva, meu pai, e a Maria do Carmo da Silva, minha mãe, pelo amor e carinho e por me ensinarem a nunca parar de pelear. Nada teria sentido sem vocês, nesta etapa que não foi fácil, mas foi bastante sonhada.

Ao Instituto Federal do Paraná, por possibilitar realizar, de forma mais tranquila, esta pesquisa, concedendo afastamento de um ano, das minhas atividades docentes, o que foi fundamental para a dedicação exclusiva à pesquisa na etapa final desta tese. Principalmente aos colegas da instituição que, dentro de suas incumbências, colaboraram para que isto fosse possível.

Aos professores e professoras do PPGH da UNISINOS, pela forma responsável como sempre conduziram as aulas. E aos demais funcionários da secretaria do PPGH, em especial, a Tatiana Carvalho Marques, pela prestatividade às minhas solicitações.

Aos professores que aceitaram compor a comissão julgadora deste trabalho e a colaboração desde a qualificação. À professora Daiane Rossi e à professora Ana Paula Korndorfer, pelas valiosas contribuições ao longo da pesquisa, pela leitura atenciosa e sugestões para melhorar o presente trabalho. Ao professor Paulo Roberto Staudt Moreira, que me ajudou a pensar Lima Barreto, a partir das questões raciais da Primeira República e que me apresentou pesquisas e estudos de Lima Barreto, a exemplo de Denilson Botelho, fundamentais na elaboração das discussões da presente pesquisa.

Ao professor Antonio Clarindo Barbosa de Souza, minha profunda gratidão por tantos encontros. Ao ingressar na UFCG, tive o privilégio de tê-lo como professor na primeira aula do curso de História, desde então se preocupou com a minha permanência e formação, guiando-me para o ingresso em projetos e políticas de auxílio estudantil, fundamentais para a continuidade e término da graduação. Gratidão pelo incentivo e orientação quando fiz o concurso no Instituto Federal do Maranhão; também por ter realizado uma leitura atenta para a publicação do meu primeiro livro: *Maternidade, Corpos Femininos e Saúde Pública em Campina Grande-PB*; pelo aprendizado proporcionado nas aulas, nas extensões e através das leituras que faço dos seus excelentes livros. Sou extremamente grata por ter contribuído com a

minha formação acadêmica desde o início, o seu acreditar fez muita diferença no meu percurso. Muito feliz em tê-lo presente em mais uma etapa importante de minha vida. Obrigada, portanto, durante os 20 anos de encontro.

Ao professor Rogério Humberto Zeferino Nascimento, minha profunda felicidade por ter me apresentado um Lima Barreto diferente daquele que eu conhecia, autor de *Clara dos Anjos* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Hoje conheço um pouco mais sobre o escritor e sua vasta obra literária. Obrigada por ter apresentado *O Cemitério dos Vivos* e a *Vida de Lima Barreto*, do principal biógrafo do escritor, pelos valiosos diálogos desde a orientação do mestrado no PPGCS da UFCG, durante a elaboração do projeto de tese e agora na avaliação dos resultados do trabalho. Gratidão pelo incentivo de sempre, pelas excelentes ideias e as conversas sempre cheias de leveza e de ensinamentos, pela parceria e por, mais uma vez, estar presente em mais uma etapa importante de minha vida acadêmica.

À professora Maíra Ines Vendrame, minha orientadora, profunda gratidão pelo diálogo mantido desde o início desta pesquisa e durante as aulas do doutorado, que, com sua sensibilidade e experiência, me apresentou referências e alertou para o uso das correspondências de Lima Barreto como documentos importantes para conhecer a rede de sociabilidade do escritor, resultando em novas descobertas. Desde os ajustes do projeto, a elaboração das etapas iniciais da tese, sempre atenciosa e com sugestões significativas para o melhoramento da pesquisa. Suas orientações, visão teórico-metodológica e apoio foram fundamentais em todo o processo, fazendo as mudanças necessárias de uma pesquisa, retirando, reelaborando, apontando e acrescentando novas ideias. Gratidão pela apresentação de novos teóricos, principalmente Ângela de Castro Gomes, pela parceria, cuidado e paciência durante a realização deste trabalho.

Agradeço aos colegas do doutorado, por terem tornado menos frias as aulas nos dias de inverno, na cidade de São Leopoldo/RS, especialmente à Simone Dias, que esteve sempre presente durante este doutorado, falando e ouvindo-me, ajudando a tornar mais leve a caminhada.

Aos amigos e amigas, próximos(as) e distantes, que contribuíram de diversas formas, ao longo da caminhada, para a conclusão deste trabalho. Não citarei nomes para não correr o risco de a memória falhar.

A Belcs (meu gatinho), por colorir minha vida, em dias de tensão e tristeza, na escrita desta tese, tornando-a menos solitária.

*Eu tenho medo e medo está por fora
O medo anda por dentro do teu coração
Eu tenho medo de que chegue a hora
Em que eu precise entrar no avião
Eu tenho medo de abrir a porta
Que dá pro sertão da minha solidão
Apertar o botão, cidade morta
Placa torta indicando a contramão.*

(BELCHIOR, *Pequeno mapa do tempo*, 1997).

A nossa vida é breve, a experiência só vem depois de um certo número de anos vividos, só os depósitos de reminiscências, de relíquias, as narrativas caseiras dos pais, dos velhos parentes, dos antigos criados e agregados é que têm o poder de nos encher a alma do passado, de ligar-nos aos que foram e de nos fazer compreender certas peculiaridades do lugar do nosso nascimento.

(LIMA BARRETO, *O Cemitério dos Vivos*, 2004, p. 198).

RESUMO

Esta tese tem por objetivo investigar o internamento psiquiátrico de Afonso Henriques de Lima Barreto, a partir das suas vivências familiares, educacionais, pessoais, sociais e políticas (1908-1922). Analisa-se as práticas epistolares e a formação da rede de sociabilidade do escritor, para entender como ocorreu a interação com os seus correspondentes, o que as missivas indicaram sobre o Lima Barreto escritor, e como a saúde e as hospitalizações aparecem em seus escritos, especificamente no romance *O Cemitério dos Vivos* e nas anotações de *Diário do Hospício*. Carioca, intelectual negro, cronista, crítico literário, editor e fundador da revista *Floreal*, colaborador de outras, autor de ampla obra literária, filho de um tipógrafo e uma professora, Lima Barreto. Viveu em um contexto de significativas transformações e sentiu os impactos da Primeira República, período em que estava em evidência a relação de classes, raça, degeneração, branqueamento, higienismo, criminalidade, alcoolismo e loucura. A perspectiva metodológica adotada na pesquisa tem como base as discussões da micro-história. Estabeleceu-se um diálogo com a História das Emoções, a História Intelectual e a História das Práticas Epistolares, perspectivas fundamentais para perceber e narrar as experiências de Lima Barreto, na relação com temas mais gerais da sociedade do período. As fontes analisadas foram biografias sobre o escritor, cartas emitidas e recebidas por ele, dentro do recorte temporal da pesquisa, o romance *O Cemitério dos Vivos* e o *Diário do Hospício*, além de outros escritos que compõem o conjunto de sua obra, bem como autores que analisaram a Primeira República e o Hospital Psiquiátrico. A pesquisa mostrou que a vida de Lima Barreto foi marcada por dificuldades, no entanto teve acesso a uma educação destinada à elite, o que interferiu em sua formação intelectual. Manteve contato com uma ampla rede de sociabilidade, o que indicou o seu reconhecimento enquanto escritor; embora tenha enfrentado contrariedade ao apresentar o seu projeto literário. Lima Barreto foi internado em hospital psiquiátrico duas vezes, fazendo das vivências uma reflexão literária, em que rebateu críticas sobre a atribuição do alcoolismo à hereditariedade. As hospitalizações não interromperam a prática literária, manteve-se questionador e consciente. Porém, a posterior fragilização da saúde do escritor dificultou a socialização. Ele se manteve recluso em sua residência até os últimos dias de sua vida.

Palavras-chave: Lima Barreto; práticas epistolares; redes de sociabilidades; racialização; internamento psiquiátrico.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the psychiatric admittances of Afonso Henriques de Lima Barreto, based on political, social, personal, educational and family experiences (1908-1922). We analyze the writer's sociability network formation and epistolary practices in order to understand how the interaction with his correspondents took place, what the missives showed on Lima Barreto the writer, and how his health and admittances appear in his writing, especially in the novel *O Cemitério dos Vivos* (The Cemetery of the Living), and on the notes from *Diário do Hospício* (Diary of the Asylum). From Rio de Janeiro, a black intellectual, chronicler, literary critic, editor and founder of the Floreal magazine, collaborator for others, author of a vast literary work, son of a typographer and a teacher, this was Lima Barreto. He lived in a context of significant transformations and felt the impacts of the First Republic, period in which class relationship, race, degeneration, whitening, hygiene, criminality, alcoholism and madness were in evidence. The methodological perspective adopted in this study is based on micro-history discussions. We have established a dialogue with History of Emotions, Intellectual History and History of Epistolary Practices, essential perspectives to perceive and narrate Lima Barreto's experiences, in the relation with society's more general themes in that period. The sources analyzed were biographies about the writer, letters written and received by him, within the time frame of the study, the novel *O Cemitério dos Vivos* and *Diário do Hospício*, besides other writing that comprise his work set, as well as authors that analyzed the First Republic, the Psychiatric Hospital and Madness. The study shows that in his childhood, Lima Barreto was faced with hardships, however, he had access to an education that was destined to the elite, which interfered in his intellectual development. He maintained contact with a large sociability network, which indicates his acknowledgement as a writer; even though he was faced with opposition when he presented his literary project. Lima Barreto was admitted in a psychiatric hospital twice, turning his experience into literary reflection, in which he rebutted criticism on attributing alcoholism to heredity. The admittances did not interrupt his literary practice, as he was still questioning and conscientious. However, his later health weakening made socialization difficult. He remained secluded in his home until his last days.

Keywords: Lima Barreto; epistolary practices; sociability networks; racialization; psychiatric admittance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esboço genealógico da família de Lima Barreto	49
Figura 2 – Anúncio da morte de amália no <i>Jornal Cidade do Rio</i>	52
Figura 3 – Carta de Lima Barreto ao pai, de 28 de maio de 1893	68
Figura 4 – Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato, 18 de dezembro de 1918	129
Figura 5 – Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato, 26 de dezembro de 1918	131
Figura 6 – Carta de Lima Barreto a Gilka Machado	136
Figura 7 – Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato, 19 de novembro de 1920	145
Figura 8 – Foto de Lima Barreto em sua primeira internação no hospital psiquiátrico em 1914	173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Cartas sobre a divulgação da obra de Lima Barreto.....	149
Gráfico 2 – Cartas sobre internamento psiquiátrico	152
Gráfico 3 – Cartas e temas abordados entre o escritor Lima e o editor Lobato	160

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização dos bairros Laranjeiras e Flamengo – Rio de Janeiro	78
Mapa 2 – Localização das ruas do Resende, Riachuelo, Paula Matos e Lavradio (lugares onde Lima Barreto morou após o falecimento da mãe.....	79
Mapa 3 – Localização da Escola Politécnica – Rio de Janeiro e Ilha do Governador, Niterói/RJ	80
Mapa 4 – Localização dos bairros Engenho Novo, Todos os Santos – Rua Major Mascarenhas (últimos bairros e a última rua onde Lima morou).....	82

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Escolas onde Lima Barreto estudou	77
Quadro 2 – Cartas da obra <i>Correspondência Toma II</i> , de Lima Barreto	120
Quadro 3 – Cartas na obra de Beatriz Resende	133
Tabela 1 – Romances mencionados nas cartas entre Lima e Lobato	149
Tabela 2 – Jornais e revistas mencionados nas cartas	150
Quadro 4 – Nomes de intelectuais citados nas cartas entre Lobato e Lima	151
Quadro 5 – Cartas e datas que se referiram aos internamentos de Lima Barreto.....	153

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 LIMA BARRETO, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO	34
2.1 SITUANDO AS FONTES E O CONTEXTO VIVIDO POR LIMA BARRETO.....	34
2.2 “TODO O CIDADÃO DE COR HÁ DE SER POR FORÇA UM MALANDRO”: RACIALIZAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA	38
2.3 NOS RASTROS DA FAMÍLIA BARRETO	44
2.4 CASAMENTO DOS PAIS E O NASCIMENTO DOS IRMÃOS DE LIMA BARRETO.....	47
2.4.1 Esboço genealógico da família de Lima Barreto.....	49
2.5 MORTE DA MÃE AMÁLIA: O PRIMEIRO EPISÓDIO DAS TRISTES LEMBRANÇAS DE LIMA BARRETO	50
2.6 EDUCAÇÃO DE LIMA BARRETO E NO RIO DE JANEIRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA	57
2.6.1 Educação para poucos.....	58
2.6.2 Educação para os afrodescendentes no contexto da Primeira República	61
2.6.3 Educação formal de Lima Barreto	64
2.7 LIMA BARRETO E O SEU PAI: ENSAIOS DE UMA PRÁTICA EPISTOLAR.....	67
2.8 LIMA BARRETO: ENSINO SUPERIOR E AS SUAS CONTRADIÇÕES	70
2.8.1 “Amizades”, des(encantos) e dificuldades no meio acadêmico.....	74
2.8.2 Instituições escolares onde Lima Barreto estudou	77
2.9 “PROTETORES SÃO OS PIORES TIRANOS”	83
3 LIMA BARRETO: CORRESPONDÊNCIAS, REDES DE SOCIABILIDADES E INTELECTUAIS.....	86
3.1 O QUE AS CORRESPONDÊNCIAS DIZEM SOBRE O LIMA BARRETO ESCRITOR?	86
3.2 CARTAS E REDES DE SOCIABILIDADES	91
3.3 INTELECTUAIS: QUEM SÃO? ONDE E QUANDO SURGIRAM?	97
3.4 LIMA BARRETO E OUTROS INTELECTUAIS NEGROS	103
3.5 LIMA BARRETO: UM ERUDITO E AS TRILHAS INTELECTUAIS	116
3.6 LIMA BARRETO: PRÁTICA EPISTOLAR E REDE DE CONTATOS	128
3.7 LIMA BARRETO E MONTEIRO LOBATO: PARCERIA E NEGÓCIOS?	144
3.7.1 Temas das missivas entre Lima Barreto e Monteiro Lobato	148
3.7.2 Intelectuais citados nas correspondências de Lima e Lobato.....	150

3.7.3 Como o internamento psiquiátrico apareceu nas cartas entre Lima e Monteiro?	152
3.7.4 O fim estava próximo: amizade e (des)encontros entre Lima e Lobato	160
4 LIMA BARRETO: DO HOSPÍCIO SURTIU O “CEMITÉRIO DOS VIVOS”	164
4.1 COMO LIMA CHEGOU? A PRIMEIRA INTERNAÇÃO PSQUIÁTRICA DE LIMA EM 1914	165
4.1.1 Vergonha e autovigilância durante o internamento psiquiátrico	174
4.2 CAMINHOS DA LOUCURA, DA PSIQUIATRIA E DO PODER	176
4.3 NEGROS, POBRES E LOUCOS: CAMINHOS PARA O HOSPÍCIO BRASILEIRO..	178
4.4 CLASSES “POBRES E PERIGOSAS” NA MIRA DOS DISCURSOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA	185
4.5 PSIQUIATRIA E HOSPITAIS NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA	190
4.6 LIMA BARRETO E AS CONDIÇÕES DE UM HOSPITAL PSQUIÁTRICO	195
4.6.1 “Sairei dessa catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa”	198
4.7 “QUE DIZER DA LOUCURA?”: ESTÁ NO “CEMITÉRIO DOS VIVOS”	207
4.8 DA SEGUNDA INTERNAÇÃO PSQUIÁTRICA DE LIMA BARRETO EM 1919	210
4.9 “HOVE QUEM PERGUNTASSE: BEBEMOS PORQUE JÁ SOMOS LOUCOS OU FICAMOS LOUCOS PORQUE BEBEMOS?”	212
4.10 “ESTOU COM VINTE E SETE ANOS, SEM DINHEIRO, SEM FAMÍLIA, CARREGADO DE DIFICULDADES E RESPONSABILIDADES”: O INÍCIO DO CAMINHO DE LIMA AO HOSPÍCIO?	216
4.10 SIMILITUDES ENTRE LIMA BARRETO E OUTROS INTELLECTUAIS EM INSTITUIÇÕES REGRADAS	224
4.12 DESPEDIU-SE DO “CEMITÉRIO DOS VIVOS”, SAIU DE TODOS OS SANTOS E FOI PARA O SÃO JOÃO BATISTA	234
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
REFERÊNCIAS	247

1 INTRODUÇÃO

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), autor de uma vasta obra literária, escreveu dentre outros romances o inacabado *O Cemitério dos Vivos* (1919) e o *Diário do Hospício* (1920)¹. Diário onde o escritor registrou a dinâmica interna de uma instituição psiquiátrica, ao mesmo tempo em que compartilhou a sua experiência enquanto sujeito social internado neste local. Antes do internamento, Lima Barreto, escritor negro, já se dedicava às críticas sobre questões sociais, culturais, raciais e políticas e também registrava em *Diário Íntimo*² questões pessoais; com os internamentos colocou-se mais ainda na centralidade de sua narrativa, ampliou o seu projeto literário e ofereceu uma perspectiva para o debate dessas questões.

Uma leitura minuciosa, sobre os relatos contidos no romance e nos diários citados, e o diálogo com outras pesquisas sobre a sua vida, é necessária para entendermos como o escritor situou-se diante das fragilidades e de uma sociedade que associava algumas doenças à vida desregrada. E como conviveu com as marcas das contradições sociais e pessoais, expressas no corpo e na mente, colocou-se enquanto intelectual que questionou o internamento psiquiátrico, ou se vitimizou com a experiência? As fontes serão interrogadas sobre a questão ao longo da pesquisa.

Lima Barreto vivenciou alguns acontecimentos nacionais, tais como a abolição da escravatura³, a transição do Império para a Primeira República⁴, a Revolta da Armada⁵, o projeto de branqueamento e de eugenia, marcados por tensões, tendo iniciado quando o escritor ainda era criança.

Escrever sobre Lima Barreto é um desafio constante, pois é um escritor que inspira diversas pesquisas sobre sua vida e obra. Mas, ao mesmo tempo é instigante, porque muitas perguntas precisam ser discutidas sobre a relação desses acontecimentos em sua vida e os

¹ A edição utilizada foi a publicada pela editora Planeta do Brasil (São Paulo) e Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). O prefácio foi escrito por Fábio Lucas. A primeira parte é composta pelo *Diário do Hospício* (páginas 17 a 114) registros de Lima Barreto em sua última internação (dez. 1919 a fev. 1920). A segunda parte é composta pelo romance inacabado *O Cemitério dos Vivos* (páginas 115 a 236).

² Fátima Maria de Oliveira explica (2007, p.22-23) que *Diário Íntimo* foi um título dado por Francisco de Assis Barbosa que também ordenou as partes do diário seguindo a um critério cronológico. Segundo a autora, o Arquivo de Lima foi reorganizado por Darcy Damasceno e encontra-se catalogado nos Anais da Biblioteca Nacional, vol.105, ano de 1985.

³ A Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, aboliu oficialmente a escravidão no Brasil.

⁴ Ocorreu em 15 de novembro de 1889, marco tradicional da extinção do Império no Brasil.

⁵ Movimento que ocorreu de 1891 a 1894 nos governos de Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Peixoto (1891-1894).

diversos caminhos que o direcionou ao internamento. Dessa forma, ao analisar parte de sua obra é importante relacioná-la ao período em que foi escrita e às suas experiências de vida.

Nesta pesquisa, dentre tantos, teremos três pontos mais desafiadores, o primeiro é escrever sobre um escritor versátil na percepção da sociedade e na relação com a literatura. O segundo é apresentar alguém que foi biografado e analisado por pesquisadores consagrados em diversas áreas do conhecimento. O terceiro desafio é entregar uma nova pesquisa com perspectivas, até então não discutidas, tendo como base a relação alcoolismo, racialização, loucura e internamento psiquiátrico, as práticas epistolares e as redes de sociabilidades.⁶

É necessário apresentar o *corpus* teórico deste percurso. Francisco de Assis Barbosa, jornalista e historiador, um dos primeiros biógrafos de Lima Barreto, apresentou a obra *A Vida de Lima Barreto*⁷ (1964)⁸, realizada com dados de fontes inéditas, a exemplo da documentação entregue por Evangelina, irmã do escritor⁹, e também por meio de depoimento de amigos, citações das entrevistas, cartas, de fontes documentais históricas¹⁰.

A pesquisa da antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2017), *Lima Barreto: triste visionário*, também será fonte de pesquisa nesta tese. A pesquisadora usou a obra de Lima

⁶ Também não podemos deixar de registrar que a escrita desta tese se deu em um período de pandemia, momento de incertezas com relação à vida e a saúde, nossa e dos nossos. Quando a pandemia do corona vírus iniciou estava cursando o segundo ano do doutorado, muitas etapas precisavam ser cumpridas, o Colóquio, a qualificação e a escrita de todos os capítulos. Foram dias angustiantes, diante de tantas mortes e o desafio de conciliar trabalho, pesquisa e escrita de tese, além de outras dificuldades, para além da pandemia, enfrentadas neste período. Um desafio que foi necessário prorrogar o prazo de defesa, previsto inicialmente para junho de 2022, para dezembro deste ano. Não foi fácil realizar a pesquisa e terminar a tese diante deste cenário, as etapas se deram cuidadosamente, porque o psicológico deveria ser cuidado e preservado para que o percurso fosse concretizado.

⁷ Esta obra é uma das fontes que compõe o *corpus* deste capítulo. Será analisada pela composição de como o autor a organizou, com temas sobre infância, adolescência, mocidade, intermezzo, maturidade e internamento. Nela são apresentados diversos materiais, tais como cartas, passagens de romances, crônicas, contos, publicações em artigos nos jornais do início do século XX escritos por Lima Barreto. Alguns desses momentos serão recuperados na escrita desta tese com o intuito de analisar, à luz da história, o que foi abordado. A obra tem perspectiva jornalística, embora apresente fontes inéditas. O autor foi o primeiro biógrafo a recuperar e unir informações sobre a vida de Lima Barreto. No entanto, é necessário outro olhar, inclusive sobre a forma como foram escritas algumas palavras utilizadas, tais como o modo de se referir a Lima Barreto, o pai e a mãe, como mulatos. Atualmente essa nomenclatura deve ser questionada, mesmo que consideremos a temporalidade da escrita e a utilização de alguns termos sejam atualmente discutidos. Trabalho fundamental para a escrita desta tese porque apresenta materiais inéditos, contendo informações pessoais e literárias da vida do escritor. O fato de Francisco de Assis Barbosa ter feito contato com parentes e pessoas próximas a Lima Barreto, rendeu-lhe informações que nenhum outro pesquisador/a teve acesso anteriormente.

⁸ Nas referências a esta obra será utilizado o sobrenome do escritor, o ano de publicação e a página onde contém a informação, algumas vezes será colocado: biógrafo.

⁹ Essas informações foram extraídas da obra *Lima Barreto: triste visionário*, de Lilia Moritz Schwarcz (2017). A autora afirma ainda que Francisco de Assis Barbosa recebeu das mãos da irmã de Lima Barreto documentos que haviam ficado guardados no guarda-louça da casa da família.

¹⁰ Informações obtidas pela autora Fátima Maria de Oliveira (2007).

Barreto e outras fontes, inclusive a de Francisco de Assis Barbosa, e relacionou com alguns acontecimentos da Primeira República e apresentou aspectos relevantes da vida do escritor¹¹.

Complementam às discussões as obras da pesquisadora Beatriz Resende, *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos* (2016) e *Lima Barreto: Cronista do Rio* (2017a). A autora mostra o itinerário de Lima Barreto do subúrbio ao centro da cidade do Rio de Janeiro. Além do livro organizado por ela, *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*¹² (2017b). Este contém cartas que foram analisadas no segundo capítulo da presente tese, juntamente com a obra de Edgard Cavalheiro *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto* (2017), nas quais apresentaram informações sobre as relações de amizade e a formação de uma rede de sociabilidade do escritor, importantes na compreensão de Lima Barreto enquanto um sujeito intelectual.

As contribuições do pesquisador Felipe Botelho Corrêa em *Sátiras e outras subversões* (2016), pesquisa realizada a partir de textos inéditos de Lima Barreto, publicados na revista *Careta* em 1915 e entre 1919 e 1922¹³, podem ser uma ponte para entendermos a forma como o escritor pensava, percebia e representava os acontecimentos do seu contexto.

Dialogou-se também com o historiador Denilson Botelho, em *A pátria que quisera ter era um mito: história, literatura e política em Lima Barreto* (2021), que nos apresenta um Lima Barreto e suas vivências, contradições e produção sobre as primeiras décadas do século XX, possibilitando uma espécie de fotografia das linhas do pensamento de Lima Barreto.

Essas e outras pesquisas colaboraram para que esta tese fosse possível. Tais pesquisadores trouxeram contribuições significativas sobre a vida e a obra de Lima Barreto, cada um ao seu modo de perceber, que oferecem as possibilidades de enveredar por outros caminhos ainda não explorados, ou não da forma como a tese foi estruturada.

Embora seja possível acessar pesquisas diversas sobre Lima Barreto, é importante frisar que o escritor tem, no conjunto de sua obra, uma versatilidade de temas que provocam o debate e faz surgir perguntas instigantes para além do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, ou como escritor que foi internado em hospital psiquiátrico, como comumente é percebido. As peculiaridades da obra convidam, não a esgotar as discussões, mas, somar às pesquisas

¹¹ O material pesquisado em diversos acervos contém documentos importantes para a compreensão da vida, do alcoolismo e dos internamentos do escritor.

¹² Nesta obra, constam correspondências de Lima Barreto que foram reunidas e apresentadas pela autora que também fez a introdução da obra e Lilian Moritz Schwarcz escreveu o prefácio. As duas autoras, estudiosas do escritor Lima Barreto, nos entregaram uma obra valiosa em que há um copilado de cartas importantes na compreensão da rede de sociabilidade e dos intelectuais com quem Lima Barreto interagiu.

¹³ Período quando o escritor utilizava pseudônimos. Tais textos oferecem a oportunidade de pensar a sociedade brasileira na época em que viveu o escritor e entender os motivos que levaram Lima Barreto a escrever sem assinar o próprio nome.

realizadas, focando em perspectivas ainda não discutidas. Nesta tese o objetivo é compreender a vida de Lima Barreto, com base na sua obra, relacionando-a a alguns episódios, sobretudo às experiências vivenciadas nos internamentos psiquiátricos.

Como recorte temporal escolheu-se 1908 a 1922, por entender que 1908 foi um divisor de águas na vida do escritor, que marcou o início da intensidade de sua carreira literária, embora a escrita e participação nos jornais tenham começado antes. Foi um período intenso porque, ao mesmo tempo em que realizava o seu sonho ao apresentar o seu projeto literário e se inserir no grupo de intelectuais, viveu as contradições e os preconceitos de fazer parte desse meio, somando-se aos desajustes da vida pessoal, estes iniciaram-se ainda na infância. Embora seja necessário o recorte temporal, momento mais enérgico da vida de Lima Barreto, o itinerário de sua vida oferece possibilidades de compreender os caminhos do hospital psiquiátrico.

Neste percurso colocaram-se em evidência as experiências relacionadas à família, à infância, à adolescência, à educação, à questão étnico-racial, às redes de sociabilidade, às práticas epistolares, à instituição psiquiátrica e os internamentos do escritor. Eixos que seguem o itinerário de vida do escritor, porém foi necessário fazer o recorte temporal de estudo por entender que, embora Lima Barreto tenha vivido um curto período, foram presenciados episódios marcantes em sua vida, tais como a morte precoce da mãe, o adoecimento do pai, o desejo, nem sempre acolhido, de ser ouvido através da literatura e as suas hospitalizações, algumas em hospitais psiquiátricos. Para além desses, ele também viveu o contexto da abolição da escravidão, estabelecimento da Primeira República, a Revolta da Armada, e as demais reformas ocorridas na então capital federal do país, o Rio de Janeiro. São questões que estão entrelaçadas no conjunto de sua obra e serão discutidas na perspectiva de verificar as nuances dos internamentos do escritor.

Um dos caminhos necessários nesta tese foi a análise das cartas, as quais mostraram aspectos importantes que ainda não foram discutidos em outras pesquisas; elas foram correlacionadas às experiências pessoais e sociais do escritor anteriormente aos internamentos psiquiátricos. É importante frisar que, embora a circulação desse tipo de comunicação fosse uma prática comum entre muitos escritores do período, quando problematizadas as cartas podem ajudar a entender as relações entre emissores e destinatários, bem como a existência de vínculos e a extensão das redes. Como fonte de pesquisa, as missivas precisam ser interrogadas, considerando-se os envolvidos e o contexto, para que seja possível compreender aspectos individuais de Lima Barreto. Sobre correspondência, Marieta de Moraes Ferreira (2004, p. 254) afirma que:

O estudo de correspondência – tipo de documentação que recentemente ganhou importância e destaque como fonte histórica – ainda tem com objeto privilegiado as cartas trocadas entre figuras de destaque, como intelectuais ou políticos. Há também interesse pelas cartas endereçadas por figuras populares a grandes lideranças políticas com o objetivo de encaminhar pedidos.

Como mostra a citação, as cartas podem representar várias perspectivas de pesquisa. É um tipo de documento que permite perceber o conteúdo da comunicação, bem como os acordos e consensos estabelecidos. Na discussão da tese, as missivas enviadas e recebidas por Lima Barreto serão marcadoras de redes de sociabilidade, e através dessas redes será possível entender o tipo de comunicação que havia entre ele e os demais escritores e amigos, que assuntos eram tratados e se havia a preocupação com relação aos seus internamentos.

As cartas são entendidas como documentos valiosos que podem indicar peculiaridades da vida e de suas inquietações sobre a sociedade. Nesta perspectiva, Ângela Maria de Castro Gomes, na obra *Escrita de si, escrita da história* (2004), mostra como pesquisar através desse tipo de correspondência, cientes de que não serão tomadas como verdades absolutas. As cartas são documentos que permitem pensar em diferentes questões. Porém, conforme menciona a autora acima referida:

Está descartada *a priori* qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. (GOMES, 2004, p. 15).

As missivas trocadas entre Lima Barreto e outros escritores não serão tratadas como fontes fidedignas sobre o que ocorreu, mas como um tipo de documento que possibilita acessar os sentimentos e as experiências do escritor pelas suas múltiplas vivências, quer sejam políticas, quer sejam de amizades, quer sejam de exclusões. Essas cartas também apontam para a formação de um grupo de intelectuais do qual o escritor se inseriu e pode ser compreendido a nesta relação

Conforme Gizele Zanotto, em *História dos Intelectuais e História Intelectual: contribuições da historiografia francesa* (2008), a história dos intelectuais foi valorizada até os anos 1920, a partir daí passou por diversas críticas dos futuros fundadores dos Annales. Porém, conforme a autora, a falta de interesse não significou a rejeição total das ideias de alguns textos que continuam, possibilitando uma história dos intelectuais, diferente das abordagens tradicionais, com foco na análise, na conexão com conceitos inovadores e com outras formas de pensamentos. Nos anos 1970, a história dos intelectuais foi impulsionada, ressurgindo o

interesse dos pesquisadores pela história desse grupo, com novas discussões e instrumentos teóricos metodológicos.

Em relação ao debate mais recente, é necessário falar sobre o conceito de intelectual, aqui definido na obra *Intelectuais Mediadores, Práticas Culturais e Ação Política*, organizada por Ângela Maria de Castro Gomes e Patrícia dos Santos Hansen (2016). As autoras explicam que o conceito é de difícil compreensão, no entanto, a literatura sobre o nascimento do intelectual contemporâneo teria surgido na França e a conscientização sobre os sujeitos intelectuais se devia à reivindicação de um poder simbólico, uma categoria socioprofissional marcada pela vocação científica na concepção weberiana ou pelo que lhe é atribuído no “capital cultural” e “poder simbólico”. Dessa forma, os intelectuais, “na acepção mais ampla que aqui consideramos, são homens da produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (GOMES, HANSEN, 2016, p.10).

Assim, de acordo com as autoras, os sujeitos intelectuais produzem ideias e devem ser tratados como atores estratégicos, não são mais coadjuvantes de uma história alheia à sua produção social, são sujeitos pensantes e seu processo de formação e aprendizado atua em consonância com outros atores sociais, intelectuais ou não. Logo, o conceito de intelectual é fluido e polissêmico.

É necessário compreender Lima Barreto pelas discussões sobre a história dos intelectuais, principalmente por ter sido um sujeito que se comunicou com diversos escritores. Foi influenciado e influenciou outros intelectuais, tanto na forma de entender e escrever sobre diversas questões, em relação a temas sociopolíticos, quanto na denúncia das contradições postas pelo “fim” da escravidão.

Escreve Beatriz Resende que, em sua obra *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos* (2016), Lima Barreto fazia de seus passeios, na cidade do Rio de Janeiro, registros sobre as contradições entre o centro e o subúrbio, espaços sobre os quais apresentou personagens centrais no conjunto de sua obra. No entanto, a autora chama a atenção para o equívoco que há em acreditarem que a preocupação central do escritor era os moradores do subúrbio. Afirma que foi no centro da cidade que ele encontrou questões geradoras das discussões que realizou em sua escrita.

Lima falava sobre o subúrbio, mas, não era apenas naquele espaço que as contradições aconteciam, embora enveredasse por esses dois mundos, subúrbio e centro, e conhecesse de perto cada um deles, esse último possuía as incoerências registradas por ele. Nesse sentido, destaca Resende (2016, p. 92) que:

No centro da cidade está o universo mundano, mas estão também os miseráveis. No centro do Rio de Janeiro criam-se modas, fazem-se e desfazem-se reputações, derrubam-se gabinetes. A política é discutida nos cafés do centro. Nas livrarias elegem-se acadêmicos. Nas esquinas do centro decide-se a sorte das camadas subalternas.

O subúrbio fez parte da escrita de Lima Barreto e o centro da cidade ocupou um espaço importante na escrita dele. Era neste espaço que a vida acontecia e as discrepâncias da sociedade apareciam. Através de sua memória fotográfica, Lima nos ofereceu a oportunidade de entender as divergências políticas, as contradições étnicas e sociais existentes na paisagem urbana carioca das primeiras décadas do século XX.

Para Beatriz Resende (2016), não se deve associar o escritor Lima Barreto ao subúrbio. Ele conhecia, morava, mas, seria contrariá-lo se pensássemos suas críticas apenas a partir deste ponto de vista. “Um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, *mais de quatorze na rua*, conversando com pessoas de todas as condições e classes”. (RESENDE, 2016, p. 92, grifo da autora).

Desta forma, pretende-se não apenas mostrar esses aspectos da vida de Lima Barreto, mas trazer para discussão outras questões sobre o seu internamento psiquiátrico, que podem ser percebidas através do conhecimento sobre a sua rede de sociabilidade e como os episódios de sua infância e adolescência foram associados às experiências de internamento. A pesquisa apresenta os aspectos gerais do recorte temporal e da vida do escritor, tomando algumas evidências como pistas para entender a sua passagem pela instituição psiquiátrica.

Os registros da internação no hospital psiquiátrico podem ser encontrados no conjunto de sua obra. Mas, analisaremos o romance póstumo¹⁴, escrito dentro do Hospital Nacional de Alienados, sobre a experiência dele quando esteve hospitalizado.

O Cemitério dos Vivos, escrito a partir do *Diário do Hospício*, o título faz jus à denominação do autor com relação ao hospício, para onde havia sido levado pelas mãos da polícia, por motivos relacionados ao alcoolismo¹⁵, estado que lhe provocou episódios considerados fora dos padrões sociais da época e lhe promoveu estigmas. Tomando como base as discussões de Erving Goffman, na obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*

¹⁴ *O Cemitério dos Vivos* (2004b) e as anotações de *Diário do Hospício* (2004a).

¹⁵ Sobre o álcool e as pessoas que fazem o seu uso, é importante frisar que ocorreram algumas mudanças de nomenclatura na forma de se referir a essas pessoas. Ao longo do texto, para nos referirmos a elas, usaremos os termos “alcoolismo” e, se necessário, pessoas que fazem do álcool, em consonância com as discussões proporcionadas no artigo: *A linguagem e o estigma: os termos utilizados na área de álcool e outras drogas*, de autoria de Chagas *et al.* (2021). O artigo justifica a mudança em razão da associação, dos nomes anteriormente usados, aos estigmas, mas, os autores alertam que o uso não diminui o preconceito se não for feita uma reflexão sobre as relações estabelecidas com essas pessoas, o que é importante para compreendermos que são nomenclaturas que amenizam, mas não eliminam o preconceito e nem os estigmas.

deteriorada (1988), é possível compreender que enquanto o estranho está a nossa frente, surgem algumas evidências tornando-o diferente de outros inseridos na mesma categoria, sendo assim, deixa de ser uma pessoa comum e passa a ser diminuída. Esses atributos são denominados de estigma por Goffman (1988), principalmente quando o seu efeito de descrédito é grande. Segundo o autor:

Há outros tipos de discrepância entre a identidade social real e a virtual como, por exemplo, a que nos leva a reclassificar um indivíduo antes situado numa categoria socialmente prevista, colocando-o numa categoria diferente, mas igualmente prevista e que nos faz alterar positivamente a nossa avaliação. Observe-se, também, que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo. (GOFFMAN, 1988, p. 6).

Como apresentado pelo autor, o estigma é usado para um atributo depreciativo, no entanto ao atribuí-lo a alguém pode confirmar normalidade a outro, sendo assim o estigma nem seria horroroso e nem desonroso apenas, mas deve ser problematizado para que sejam compreendidas as emoções que causam em quem sofre em decorrência do adjetivo.

Alguns critérios foram considerados durante a seleção das fontes; primeiro selecionaram-se as seguintes obras: *O Cemitério dos Vivos* (2004b) e *Diário do Hospício* (2004a), escritas entre 1919-1920, quando do internamento do escritor em uma instituição psiquiátrica, na cidade do Rio de Janeiro. Neste romance e diário o autor registrou o seu cotidiano e de outros internos, logo, devem ser considerados importantes fontes para a compreensão dos estigmas e das experiências dele no Hospital Nacional de Alienados. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), o diálogo que envolve questões para se pensar a respeito da loucura, em diversas passagens mostra ser reflexivo, externa pensamento sobre a loucura e aqueles ditos loucos, “Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após”. (BARRETO, 1915, p. 71). Não apenas nesses romances, o conjunto da obra do escritor apresenta temáticas instigantes, tanto com relação à loucura, quanto às questões sociais, raciais e políticas que antecederam a sua vida de escritor e as suas internações.

As discussões desta tese estão centradas no recorte temporal de 1908 a 1922, quando ocorreram alguns pontos importantes para pensar a trajetória literária de Lima Barreto, o início das publicações de seus romances, e quando se deu a intensificação da prática epistolar com outros escritores. Dentro do período ocorreram os seus internamentos, alguns psiquiátricos, o primeiro de 18 de agosto de 1914 a 13 de outubro de 1914 e o segundo de 25 de dezembro de

1919 e 2 de fevereiro de 1920. O escritor faleceu em 1º novembro de 1922, quase dois anos após a última passagem pela instituição psiquiátrica.

Esse recorte também contempla a intensificação dos contatos do escritor com outros intelectuais definindo, desta forma, a sua rede de sociabilidade, principalmente nos últimos anos de sua vida, por meio da prática epistolar. Foi importante recuperar algumas questões do contexto histórico que antecedeu aos internamentos, pois de alguma forma se relacionam com este episódio e com outras experiências de sua curta vida (1919-1922).

Somados os referidos romances, as cartas, enquanto parte de sua obra, compõem o *corpus* documental dessa tese e nos ajudam a entender aspectos sobre quem foi Lima Barreto, antes do internamento e durante e quais perspectivas foram percebidas por ele, enquanto intelectual escritor de suas experiências.

As missivas são utilizadas no segundo capítulo desta tese, momento em que serão analisadas as obras tais como *A correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato* (2017) de Edgard Cavalheiro e *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos* (2017a), organizada por Beatriz Resende¹⁶, e *Correspondência ativa e passiva, Tomo II*¹⁷ (1956) de Lima Barreto.

Outras obras de Beatriz Resende farão parte desta análise, tais como *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*, (2016), na qual é possível compreender a cidade do Rio de Janeiro na Primeira República; *Lima Barreto: Cronista do Rio* (2017b), e apreender as nuances da referida cidade entre os anos 1910 e 1920 através das lentes de Lima Barreto.

Com relação à institucionalização da loucura, é importante entender a sociedade onde Lima Barreto viveu entre o final do século XIX e início do XX. Para tanto, tomamos como base as discussões de Sidney Chalhoub em *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial* (1996) e *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle* (2001). O autor afirma que entre o final e o início dos séculos citados as pessoas pobres eram vistas como um perigo para a sociedade, sendo uma ameaça à organização do trabalho e à

¹⁶ Enquanto Cavalheiro apresentou a correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato, Resende reuniu as correspondências de Lima Barreto com outros escritores, a exemplo de Gilka Machado (1893-1980), poetisa brasileira que escrevia sobre questões socioculturais e tinha em Lima Barreto a confiança da leitura dos seus romances. A escolha por discutir as cartas apresentadas na obra de Cavalheiro é porque a comunicação entre os escritores que intitulam a obra se deu um ano antes do segundo internamento de Lima e foi até alguns meses antes do seu falecimento.

¹⁷ Em *Correspondência, Tomo II*, de Lima Barreto, tem cartas recebidas e encaminhadas pelo escritor e outros intelectuais de diversas regiões do país, alguns mais próximos do escritor e outros que estavam iniciando a carreira literária, mantiveram importante diálogo sobre o projeto literário de Lima Barreto. Obra que reúne correspondências dele, foi prefaciada por B. Quadros, pseudônimo do seu amigo Antônio Noronha dos Santos e organizada por Francisco de Assis Barbosa e outros autores. Foram analisadas a comunicação entre Lima Barreto e oito correspondentes, embora tenham sido apresentadas as cartas das respostas de Lima.

manutenção da ordem pública. Os pobres apareceram, no imaginário político da época, associados à doença contagiosa, que ao se espalhar por todos os lugares deveria ser contida. Se uma pessoa é ociosa, mas tem meios de garantir sua sobrevivência, ela não é obviamente perigosa à ordem social. “Só a união da vadiagem com a indigência afeta o senso moral, deturpando o homem e engendrando o crime”. (CHALHOUB, 2001, p. 75). As transformações sociopolíticas, ocasionadas pelo fim da escravidão e a transição do Império para a Primeira República, estiveram diretamente relacionadas com a vida de Lima Barreto.

Diante disto, as pessoas foram submetidas não apenas às ruas, mas também aos hospitais psiquiátricos. Estes tiveram a função de recolher os considerados vagabundos. Conforme Jurandir Freire Costa (2007), em sua obra *História da Psiquiatria no Brasil*, antes da Primeira República as pessoas que eram vistas como “doidas” viviam pelas ruas. Apenas quando pertenciam às famílias ricas eram bem cuidadas, do contrário, “quando nas prisões por vagabundagem ou perturbação da ordem pública loucos erravam pelas ruas ou eram encarcerados nas celas especiais dos hospitais gerais da Santa Casa de Misericórdia”. (COSTA, 2007, p. 39). Parece que havia distinção entre ser pobre e calmo, e ser pobre e agressivo, representando esses últimos uma ameaça à vizinhança, motivo pelo qual eram encaminhados para instituições carcerárias ou psiquiátricas.

Além das fontes documentais, como as cartas e parte da obra de Lima, serão de grande relevância para a presente tese alguns estudos sobre a trajetória do escritor. Os/as biógrafos/as e pesquisadores/as apresentam um Lima com suas contradições, revoltado, saudosista, nacionalista, persistente, com defeitos e virtudes, realizações, muitas frustrações, que possibilitaram conhecer mais sobre a sua vida e os seus internamentos¹⁸. Ele tem diversos adjetivos, e nos dizeres de Rogério H. Z. Nascimento (2006, p. 81),¹⁹ foi um crítico de uma “escrita livre, debochada e bem humorada”, como mostra sua obra, discutida ao longo da tese,

¹⁸ O encontro com as fontes e pesquisas sobre Lima Barreto foi essencial para as discussões aqui propostas. A inquietação para conhecer mais a vida de Lima Barreto se deu durante o mestrado em Ciências Sociais na UFCG, quando o professor Dr. Rogério H. Z. Nascimento me apresentou o romance *O Cemitério dos Vivos*; até então minha leitura sobre Lima Barreto se restringia aos romances *Clara dos Anjos* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, sem maiores aprofundamentos de leitura. Foi a partir do romance *O Cemitério dos Vivos* que outras questões me inquietaram; algumas foram apresentadas na pesquisa do mestrado, mas outras somente agora na tese pude entender melhor, em razão do tempo de leitura da obra e o próprio tema aqui abordado, internamento psiquiátrico e loucura em Lima Barreto e na República. Para o início da pesquisa da tese realizei uma pré-seleção dos documentos e, em seguida, foram traçados os objetivos enquanto caminhos indispensáveis para a sua realização. Parte do material documental se encontra disponível em acervos digitais, como da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e da Biblioteca Brasiliense Guita e José Mindlin-UPS de acesso público. Na primeira foi possível encontrar correspondências entre Lima Barreto e outros escritores. Na segunda tive acesso à parte da obra dele em sua versão original, tais como romances, crônicas e contos.

¹⁹ Tese de leitura imprescindível para a compreensão da configuração da disciplina imposta a alguns movimentos que sacudiram a Primeira República entre os anos 1907 e 1915.

as crônicas e os contos apresentam a sua sagacidade, a liberdade de pensamento para escrever sobre temáticas complexas que o incomodavam, porque parecia que a sua arte literária imitava a vida e por vezes a sua vida imitava a arte.

Além de Francisco de Assis Barbosa (1964), primeiro biógrafo de Lima, Lilia Moritz Schwarcz (2017) também se dedicou a estudar a vida do escritor, tomando informações apresentadas tanto por ele quanto pelo seu biógrafo. Com uma perspectiva problematizadora, a referida autora lança um olhar atencioso sobre a vida de Lima a partir da intensa pesquisa e análise feita em jornais, revistas, crônicas, contos e parte da obra dele. Sem perder de vista o Lima Barreto com suas angústias e inquietações, ela mostra o personagem solitário e ao mesmo tempo visionário. No artigo denominado *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914*, a partir dos documentos produzidos pelo escritor e as fichas dos internados na instituição psiquiátrica, Schwarcz (2011) oferece um itinerário de documentos possíveis para pensar a relação entre a condição das pessoas internadas nesses espaços.

Beatriz Resende (2016-2017) faz um percurso diferente de Schwarcz (2017) e de Barbosa (1964), viabiliza uma leitura sobre Lima Barreto e o seu contexto, pelo que o escritor deixou registrado sobre a cidade do Rio de Janeiro. Em pesquisa sobre estudos mais recentes de Lima Barreto, apesar de terem títulos que aparentemente se relacionavam com a proposta da presente tese, quando analisados percebeu-se que a discussão se distanciava, não relacionando vida e contexto vivenciado por Lima e o seu processo de internamento²⁰, e não tiveram a prática epistolar dele como documento importante para compreendê-lo nesta relação.

O conjunto da obra de Lima Barreto e as pesquisas realizadas sobre ele são fundamentais na problematização das temáticas e do recorte temporal desta tese, uma vez que “nada é simplesmente colhido do passado pelo historiador, como uma História dada”. (PESAVENTO, 2008, p. 53). Ou seja, é necessário, primeiramente, se inquietar e questionar a relação do contexto com o internamento psiquiátrico do escritor.

²⁰ As pesquisas foram feitas nos periódicos Capes, na Biblioteca Digital da USP, na Biblioteca Nacional no Repositório Institucional da UFSC, da Unesp, da UFU, da UFBA, da UFRN, da UFC, Repositório Digital da UFPE, nestes espaços foram encontrados teses e dissertações, artigos e projetos sobre Lima Barreto; a maioria abordou os seguintes temas: *Literatura, Política, História e Literatura*, apenas uma tese tratava da educação feminina na obra do escritor. Mesmo aquelas cujos títulos pareciam com a proposta desta tese a de entender a vida de Lima Barreto e relacionar com o internamento psiquiátrico, quando verificados sumários e resumos, as abordagens tratavam de outras temáticas, às vezes similares, mas com outras perspectivas, muitas vezes relacionadas à loucura e à doença mental sem problematizar outras questões importantes do contexto histórico que Lima Barreto viveu e sem mencionar a sua rede de sociabilidade como discussão importante neste tema.

Para Sandra J. Pesavento (2008), isso faz parte de uma construção que tem como base a experiência do passado e se realiza em todas as épocas, a história costura os acontecimentos aproximando-os da realidade. Neste caso, a aproximação será realizada pela escrita de um escritor e sobre uma determinada época. Dessa forma, “o historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta de como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão”. (PESAVENTO, 2008, p. 53).

No dizer de Pesavento (2008), tanto a expectativa de um historiador quanto de um leitor de um texto de história é de encontrar nele algo de verdade sobre o passado, assim, mesmo que um discurso histórico opere pela verossimilhança e não pela veracidade, ele elabora efeito de verdade, apresenta uma narrativa que se propõe como verídica. A história, portanto, além de dar consciência ao que se narra, participa da construção do real. Diante disso, é importante entender que o passado não é o que as fontes apresentam, precisa ser problematizado, seus acontecimentos estão interligados a diversos fatores e devem ser interrogados.

O diálogo entre literatura e história é rico por diversos fatores, um deles porque a história passou por um processo de renovação; foram abertas novas possibilidades com outros campos do saber e ampliaram-se suas temáticas de pesquisa. Com a história cultural as questões das histórias de vida, “não mais, contudo, uma história biográfica, dos grandes vultos da História, mas muito mais biografias de gente simples, da gente sem importância, dos subalternos”. (PESAVENTO, 2008, p. 56).

As experiências de Lima Barreto nos apresentam sentimentos, ideias, realidades e contradições, isto significa, conforme explica Pesavento (2008), que as realidades devem ser historicizadas e socializadas para os homens de determinadas épocas. Ou seja, a partir das vivências do escritor e dos registros em *Diário de Hospício* (BARRETO, 2004a) e *Cemitério do Vivos* (BARRETO, 2004b) é possível compreender aspectos importantes que fizeram de Lima um escritor não tão diferente dos demais de sua época, mas com algumas peculiaridades que não são encontradas em outros que, como ele, também se preocupavam com as contradições sociais do seu tempo. Eram pessoas negras, netas de ex-escravizados, se revoltaram contra as desigualdades e o preconceito, fizeram parte de uma rede de sociabilidade. No entanto, poucos escritores, do contexto de Lima, vivenciaram a experiência de um internamento em hospital psiquiátrico. Embora fosse comum a vida boêmia naquela época, cada sujeito social tem suas peculiaridades, desse modo, “escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época”. (PESAVENTO, 2008, p. 59).

Além dessa perspectiva é relevante compreender que a história passou por um processo de renovação em sua forma de lidar com as fontes, a partir da década de 1970, com a terceira geração dos Annales, repensou-se a forma de fazer a história. A nova historiografia debruçou-se em diversas temáticas acompanhando de forma mais próxima as atividades cotidianas e os sentimentos das pessoas, permitindo a entrada de outros personagens. Mudanças na abordagem e no tratamento das fontes permitiram novos diálogos entre a história e outras áreas do saber, ampliando o campo de pesquisa dos historiadores. Conforme Tânia Regina Luca (2005), isso possibilitou importantes contribuições metodológicas com a renovação temática, e também de convidar pesquisadores e pesquisadoras a repensarem sua própria concepção e análise crítica de suas fontes.

Pensando a história desta maneira é possível entender que os fatos históricos ocorrem com a participação de pessoas que compõem o tecido social e nem sempre essas estão em posições social e econômica iguais. Nesta perspectiva, tomamos como base as discussões de Giovanni Levi (1992) sobre a micro-história. Através de uma abordagem microanalítica será possível pensar a experiência do internamento na instituição psiquiátrica pela compreensão do próprio escritor. O método da micro-história possibilita pensar nas maneiras de perceber, pensar e narrar a própria experiência social vivenciada por Lima Barreto. Ao relacionar o escritor com o seu tempo, outras questões poderão ser compreendidas, uma vez que, de acordo com Giovanni Levi (1992), ao ter como perspectiva a estrutura geral da sociedade, o historiador não se preocupa apenas em compreender os significados dos fatos, mas em definir a ambiguidade do simbolismo. Neste sentido, as interpretações poderão ser plurais e o mundo visto de diversos ângulos, assim como as lutas travadas no universo dos recursos simbólicos e materiais podem ter outras interpretações²¹.

Considerando a relação entre história e literatura, é importante saber que esta última envereda pelo campo da subjetividade e da ficção, porém, esses campos devem ser observados a partir de quem e como escreveu. No dizer de Regina Dalcastagnè (2005), tanto quem escreve, quanto quem interpreta, tem um lugar de observação e está inserido, de alguma forma, em sua própria experiência, seja de classe, de gênero, de vida e, portanto, faz escolhas sobre o que ler, o que ver e o que apresenta na escrita.

²¹ Esses caminhos metodológicos podem ser verificados nos livros organizados pela pesquisadora Maíra Ines Vendrame e colaboradores, intitulados: *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração* (VENDRAME; KARSBURG; MOREIRA, 2016) e *Micro-história, um método em transformação* (VENDRAME; KARSBURG, 2020).

Para os historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (1997), em *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, é necessária atenção no tratamento das fontes e quando utilizá-las, pois na construção de textos históricos um documento porta um discurso, logo, não deve ser visto como verdadeiro na forma como se apresenta, por demonstrar interesses de quem o emitiu. Em assim sendo, os autores alertam para os cuidados que pesquisadores devem ter quando se depararem com as fontes, logo é importante observar como os contextos históricos se apresentam, pois o novo texto depende da forma do anterior e de como as palavras e os enunciados estão postos.

Para Nicolau Sevcenko (1999), na obra *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, ao ser conduzido ao interior de uma pesquisa historiográfica, o estudo da literatura preenche-se de significados peculiares; neste sentido a escrita de Lima Barreto apresenta diversas possibilidades. É importante entender o que aconteceu, tanto na vida quanto no contexto vivido por ele e como em sua escrita é registrada a relação entre história e literatura, uma vez que:

[...] a literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (SEVCENKO, 1999, p. 21).

Como afirma o autor, as duas áreas falam ao historiador sobre as possibilidades, mas é necessário questioná-las em suas múltiplas versões.

No artigo intitulado *A Hora da Estrela: a relação entre a História e a Literatura, uma questão de gênero*, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior (2005) apresenta uma discussão interessante para pensar a relação entre essas áreas, e de acordo com ele talvez a diferença entre as duas seja uma questão de gênero, no sentido de como o discurso historiográfico estaria no âmbito da cultura ocidental e se denominaria de masculino, enquanto a literatura seria definida como feminino.

A história seria discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo, do epifânico. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2005, p. 7-8).

O autor mostra como as duas áreas seriam vistas, a história assumiria o papel da razão, operaria com o que já tem nome, enquanto a literatura se aproximaria da sensibilidade e os acontecimentos podem ter “expressão de sentimentos”. Porém, ambas têm suas verdades e

podem ser interrogadas sempre que necessário. As sensibilidades registradas na escrita de Lima Barreto devem ser problematizadas a partir de outros prismas; para melhor compreensão foi organizado um itinerário para verificar as experiências do escritor e suas redes de sociabilidade.

No romance *Vida e morte de Gonzaga de Sá* (1919), Lima Barreto escreveu sobre o seu inconformismo com as contradições sociais do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. O contexto do início da Primeira República colocou o país ainda mais na vitrine da exclusão, pois aos negros libertos não foram concedidos auxílios e direitos, como acesso à terra, direito à educação e aos empregos. Com a promulgação da Lei Áurea, em 1888, ainda no Império, “passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário”. (CARVALHO, 2011, p. 52). Não apenas esse romance, o conjunto da obra de Lima relata o cotidiano de um país em transformação, mas também sobre a sua própria relação com os escritores e as experiências mais marcantes em sua trajetória, dentre estas o internamento numa instituição psiquiátrica.

Pelas pesquisas e biografias da vida do escritor não foi possível verificar uma abordagem que discutisse a relação de suas práticas, no âmbito de sua trajetória e, principalmente, no recorte temporal desta tese, com os seus episódios de internamento, considerando as informações das cartas trocadas entre ele e sua rede de sociabilidade. Logo, é relevante saber como o real – vivenciado – e a ficção - escrita imaginada – se entrecruzam em sua obra. Diante disso, apresentamos os seguintes problemas: qual a relação entre as experiências familiares, pessoais, culturais, e políticas de Lima Barreto com o seu internamento em uma instituição psiquiátrica? Como se deram as práticas epistolares e as redes de sociabilidades e o que disseram sobre o Lima Barreto escritor e o seu internamento psiquiátrico? Como loucura, racialização e alcoolismo, no contexto da Primeira República, se entrelaçam em sua escrita e em sua vida, sobretudo na obra *O Cemitério dos Vivos*? Questões problematizadas ao longo dos capítulos.

Para entendê-las é fundamental discutir, a partir das vivências familiares, pessoais, sociais e políticas, de Lima Barreto, o seu internamento psiquiátrico no contexto brasileiro entre 1908 e 1922. Portanto, nos objetivos norteadores dos capítulos buscamos apresentar a formação familiar de Lima Barreto, com ênfase na educação e nas questões sobre racialização. Analisar a prática epistolar de Lima Barreto, destacando a formação de uma rede de sociabilidade, e como se situou neste grupo e no de intelectuais negros. Como discussão central desta tese, identificar, a partir do *Diário de Hospício* (BARRETO, 2004a) e do romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), a relação entre classe social, raça e racialização, alcoolismo e loucura, com os seus internamentos psiquiátricos.

Lima Barreto e as abordagens que fez em sua obra constituem objetos de múltiplos interesses em diversas áreas do conhecimento. Sob diferentes enfoques, sua biografia, trajetória e seus escritos ficcionais e não ficcionais, que compõem romances, diários, crônicas, sátiras correspondências, entre outros, têm despertado o interesse de pesquisadores e áreas, tais como antropologia, sociologia, literatura, história e saúde.

Na obra do escritor, algumas discussões se mostraram significativas, tais como as relacionadas às questões de racialização, psiquiatria, loucura, as redes de sociabilidades, alguns nuances familiares e educacionais do escritor. Sobre Lima Barreto, é importante dizer que nem tudo foi dito, e nem se tem algo totalmente novo para se dizer. No entanto, a presente pesquisa se diferencia de outras no enfoque dado às questões elencadas e apresenta uma possibilidade de compreender como a sua vida e os internamentos foram assimilados por ele, sem que para isso o associem apenas como o escritor pobre, negro ou que enlouqueceu, é necessário dialogar e confrontar o que Lima viveu, escreveu e o que disseram sobre ele e como estava a sociedade naquele contexto.

A relevância desta tese está em tentar compreender o internamento de Lima Barreto, para além da loucura e do alcoolismo, de forma problematizada. Para tanto, priorizamos uma análise do período em que Lima Barreto intensificou sua produção literária e as práticas epistolares, pontos fundamentais para entendimento das nuances de suas internações entre 1914 e 1922. No percurso da pesquisa destacaremos a situação da população brasileira nas décadas iniciais da Primeira República, discutindo-se questões sobre psiquiatria, raça, racialização, educação, alcoolismo, correlacionando-as com as suas internações em hospitais psiquiátricos. O recorte temporal deste estudo – 1908 a 1922 – marcou a ampliação da escrita, das interações do escritor nas redes de sociabilidade e também nos acontecimentos relevantes em sua vida pessoal, tendo destaque a efervescência do seu projeto literário o processo de fragilização da saúde e as hospitalizações. Embora as experiências como escritor sejam parecidas com as de outros escritores negros de sua época, o seu internamento e como o assimilou, em *O Cemitério dos Vivos*, provavelmente, lhe fez diferente.

Tudo isso nos remeteu às memórias de pesquisa do mestrado em Ciências Sociais, junto a um grupo de egressos de hospitais psiquiátricos, em uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) e as vivências no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), enquanto assistente social. Períodos em que se ampliou o contato com a obra do escritor, sendo apresentado, pelo então orientador, Prof. Dr. Rogério Z. Nascimento, um dos principais romances de análise nesta tese *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), juntamente ao *Diário de Hospício* (BARRETO, 2004a). Naquela oportunidade, não foi possível analisar de forma minuciosa e com os devidos

cuidados que deveriam, em razão do tempo curto do curso, mas a ideia foi lapidada, levada ao doutorado que entrega uma pesquisa sobre Lima Barreto, na qual são discutidos fatores que se relacionaram aos seus internamentos, porém, tentamos desconstruir a ideia de um escritor que foi para o manicômio porque enlouqueceu. Intensificamos as discussões nas questões que antecederam o seu internamento e a partir delas problematizaram-se suas relações. As leituras proporcionadas nas formações em serviço social e história e o mestrado em Ciências Sociais foram fundamentais para discutir as questões sobre loucura e os percursos daqueles que chegaram às instituições psiquiátricas, desacreditados e classificados de forma pejorativa como doentes, loucos, e outros adjetivos que os estigmatizam. Algumas passagens do *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a), base de construção do romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), se assemelham, de alguma forma, ao cotidiano das pessoas com quem dialogamos no CAPS (como assistente social) e na pesquisa de mestrado (enquanto pesquisadora).

A inquietação inicial se deu por pensar as similitudes das pessoas com as quais dialogamos nas experiências citadas com a vida de Lima Barreto, é comum desconsiderar as vivências anteriores ao internamento dessas pessoas; parece que apenas importam as narrativas a partir do sequestro delas pela instituição psiquiátrica, e ser irrelevante o que fizeram, assim como associar loucura e internamento prevalece. Pensar no antes para entender o pós-internamento é fundamental para não cair nas armadilhas dos discursos preconceituosos e politicamente interesseiros e também para não desconsiderar as capacidades das pessoas, nem culpabilizá-las, principalmente por estarem vivendo realidades impostas, sobretudo, por uma sociedade contraditória, excludente, escravista e preconceituosa. Essas são uma das razões que justificam a realização desta pesquisa. Discutir os internamentos de Lima Barreto envolve compreender as suas experiências e discuti-las numa perspectiva de interrogação sobre as suas relações.

Pesquisa desafiante do princípio ao fim, ter como fio condutor um escritor que, além de escrever sobre a dinâmica de um hospício, conheceu de perto as suas contradições e deixou uma vasta literatura que permite incursões de pesquisas diversas. Para melhor situar e discutir cada objetivo apresentado, foi pensada uma estrutura da seguinte forma: uma introdução, três capítulos e a conclusão. Após esta Introdução, no segundo capítulo, *Lima Barreto: família e educação*, foram analisadas as mudanças sociais e aquelas experienciadas pela família do escritor. Foi discutida a educação do Rio de Janeiro e de Lima Barreto; apresentaram-se as escolas onde estudou o autor de *O Cemitério dos Vivos* e os lugares onde morou com a família,

os quais entraram em sua obra como parte de suas vivências, e também foram debatidas as questões sobre racialização.

No terceiro capítulo, intitulado *Lima Barreto: correspondências e redes de sociabilidades*, foi discutido o conceito de redes de sociabilidade a partir da análise das práticas epistolares com ênfase nas cartas enviadas e recebidas por ele, em uma obra do próprio escritor, em livros de outros pesquisadores e consultas realizadas na Biblioteca Nacional. Através dessas correspondências foi possível conhecer a inserção do escritor, enquanto intelectual negro, no grupo de intelectuais não negros e os assuntos que norteavam as cartas, desde aqueles com aspectos pessoais, mas, principalmente os profissionais. As missivas foram documentos que fizeram parte do modelo de comunicação da época e ajudam a compreender as redes de sociabilidade, as quais são importantes para entender Lima enquanto escritor e o que disseram sobre o seu internamento psiquiátrico.

No quarto capítulo, intitulado *Lima Barreto: no hospício surgiu o “Cemitério dos Vivos”*, foram realizadas discussões sobre a trajetória da loucura, considerando-se as transformações da psiquiatria, a construção dos hospitais psiquiátricos e a relação da loucura com as questões étnico-raciais no Brasil durante a Primeira República. Para a realização desta discussão, foram problematizadas as questões supracitadas, e ao mesmo tempo, confrontadas com as experiências de internamento de Lima Barreto em instituições psiquiátricas. Como *corpus* de análise, utilizamos *o Diário de Hospício* (BARRETO, 2004a) e *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), além de outros teóricos que compuseram o percurso de pesquisa e serão apresentados nos devidos capítulos conforme as temáticas forem discutidas.

2 LIMA BARRETO, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO

2.1 SITUANDO AS FONTES E O CONTEXTO VIVIDO POR LIMA BARRETO

Um dos caminhos para compreender a vida de Lima Barreto²² é pensar algumas nuances familiares e como se deu sua vivência escolar. Não se pretende, desta forma, retomar a trajetória do escritor, mas, apresentar uma nova perspectiva para entender sua passagem pela instituição psiquiátrica e relacioná-la com outros episódios de ordem familiar nos primeiros anos de vida.

Duas obras principais comporão o *corpus* central deste capítulo, *A Vida de Lima Barreto*²³ de Francisco de Assis Barbosa (1964) e *Lima Barreto: triste visionário*²⁴ de Lilia Moritz Schwarcz (2017). Serão analisadas e confrontadas algumas crônicas e romances do escritor com o intuito de compreender a relação entre família, educação e o contexto histórico com a fragilização de sua saúde com relação ao uso do álcool e às experiências de internamentos psiquiátricos nos últimos anos de sua vida. Essas obras apresentaram uma diversidade de temas e fontes, até então não encontradas em outros autores, embora outras pesquisas tenham sido importantes nesta discussão.

Na obra de Francisco de Assis Barbosa, primeira a reunir diversas informações e documentos sobre o escritor, temos acesso a temáticas tais como a formação familiar, os primeiros anos de escola, os vínculos de amizade, as primeiras publicações, a morte da mãe, a doença, do pai e do próprio Lima Barreto. Ainda que tecidas numa perspectiva jornalística, e com pouca problematização, o volume compõe uma das primeiras biografias sobre o escritor e reúne informações indispensáveis para compreendê-lo e para esta pesquisa. Embora traga bastante aspectos sobre vida e obra de Lima Barreto, é importante uma leitura atenta com relação a determinados termos utilizados, como também é necessário considerar o tempo em que a obra foi escrita e as discussões que estavam sendo debatidas na época.

Já na obra de Lilia Schwarcz, intitulada *Lima Barreto: triste visionário* (2017), encontramos tais aspectos, porém de uma forma mais historicizada. A referida autora pensa a

²² Em razão da necessidade constante de mencionar o nome de Lima Barreto nesta tese, será escrito desta forma, ou Lima, ou escritor, ou romancista, ou intelectual, algumas vezes autor seguido do título e obra dele.

²³ Como apresentado na introdução esta obra é uma das fontes principais deste capítulo. Francisco de Assis Barbosa teve uma importante relevância na publicação da obra de Lima Barreto. Os textos publicados posteriormente a morte do escritor Lima Barreto foram organizados sob a sua direção e a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Além da publicação deste livro sobre a vida de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa prefaciou outros romances do escritor, a exemplo do *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, demais livros do escritor foram prefaciados por diversos intelectuais da primeira metade do século XX, alguns amigos próximos de Lima Barreto. Fátima Maria de Oliveira (2007, p. 21)

²⁴ Esta obra é fundamental para este capítulo por ter um material com bastante discussão sobre o contexto em que viveu Lima Barreto (1881-1922) e por apresentar uma perspectiva histórica sobre a vida do escritor.

obra de Lima relacionando-a ao período da Primeira República. Traz para discussão fotografias que representam a memória de alguns acontecimentos, tanto da vida dele quanto do contexto vivenciado por ele. É uma obra com múltiplas fontes e informações sobre momentos relevantes do Brasil republicano, embora extensa foi importante verificá-la.

Além das referidas, lançamos mão do volume *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*²⁵ de Beatriz Resende (2016), porque entendemos que a autora aborda a vida do escritor através das críticas e denúncias que ele mesmo fazia sobre um Rio de Janeiro esfacelado no pós-abolição. As discussões dos autores recuperam passagens desta pesquisa e são necessárias para a compreensão dos internamentos psiquiátricos do escritor²⁶. Nesse sentido, será realizada uma análise atenta e minuciosa no intuito de compreender as complexidades da vida do escritor e sua relação com os episódios mais marcantes em sua trajetória.

Para tanto, inspiramo-nos no método da micro-história no que concerne à análise das fontes. Tal metodologia também se mostra útil por permitir refletir sobre aspectos pontuais da vida do escritor, a relação entre alguns episódios de sua trajetória, como o internamento, e como os assimilou em sua escrita. De acordo com Jacques Revel (2010, p. 7), a micro-história procura “entender a maneira como movimentos ou transformações coletivos são possíveis, mas não a partir desses movimentos em si e da capacidade autorrealizadora que se lhes imputa, e sim da parte que cada ator toma neles”.

Desta forma, o método colabora para a compreensão, nas suas contradições e complexidades, da vida do escritor ainda não discutidas de forma correlacional. Estudar Lima Barreto é situá-lo em um contexto maior; neste caso, parte da Primeira República, por diversos motivos, representou mudanças sociopolíticas significativas no Brasil. Portanto, alguns aspectos de sua vida e episódios históricos “são reexaminados com base nos deslocamentos minúsculos, às vezes contraditórios, em todo caso diversificados, dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos restritos”. (REVEL, 2010, p. 7).

A micro-história permite olhar para uma vida e acontecimentos do cotidiano, sem, portanto, deixar de relacionar aos contextos mais amplos. Lima Barreto experienciou eventos específicos, nas vivências em família, na escola, no hospital psiquiátrico, nas redes de

²⁵ Essa obra é fundamental por oferecer uma abordagem específica, tendo como foco a relação de Lima Barreto com a modernização da cidade do Rio de Janeiro e as contradições sociais tão criticadas pelo escritor. Ou seja, faz um itinerário diferente das obras apresentadas por Schwarcz e Barbosa.

²⁶ Os autores dos citados trabalhos apresentam possibilidades de relacionar a vida de Lima Barreto à experiência de hospício durante o período republicano na cidade do Rio de Janeiro. As obras foram escolhidas por apresentarem uma abordagem pouco vista antes, com relação à vida do escritor, embora não tenham tido as redes de sociabilidades e nem o hospício como foco de pesquisa, permitem pensar sobre tais questões na trajetória de Lima Barreto.

sociabilidades, na escrita e nas publicações. Neste capítulo a prioridade é a discussão sobre a formação familiar e o percurso educacional do escritor, sem deixar escapar algumas peculiaridades do Brasil da Primeira República.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2008, p. 56), em sua obra *História e História Cultural*, são manifestações condizentes “com as sensações, com o emocional, com a subjetividade”. Conforme a autora, a história enquanto ciência não deve ser tratada como total, visto não ser possível darmos conta de tudo. É necessário, desta forma, fazer recortes, os quais colaboram na compreensão das especificidades de cada pesquisa, nesta, de entender a relação do internamento com outros acontecimentos da vida de Lima Barreto. O escritor registrou os conflitos sociais, os relacionados às suas subjetividades, foi observador e sensível às contradições sociopolíticas do seu tempo, que eram também as suas realidades, viveu em um contexto em que o país oficialmente se despedia de um sistema escravocrata, marcado pela servidão, no entanto, entrava em outro mercado pela ampliação dos preconceitos e das exclusões.

Lima Barreto jamais deixou de se posicionar sobre os desarranjos políticos e as desigualdades sociais brasileira, de uma forma segura, enquanto crítico e sem poupar aqueles considerados responsáveis pelos desajustes. Sua escrita tinha pressa, as crônicas, e as cartas, enquanto fontes primárias, colaboraram na compreensão sobre um escritor que usava a ficção e a não ficção para externalizar os sentimentos, não apenas como escritor, mas enquanto sujeito, ao falar sobre intimidades de sua vida pessoal e familiar, bem como dos afetos e desafetos de uma sociedade da qual se sentia excluído. (LOYOLLA, 2014).

As informações sobre a família de Lima Barreto ajudam a compreender suas experiências, enquanto escritor, e criador das prosas ficcionais. Ele se inseriu na própria escrita, sua vida era também inspiração, embora tenha atribuído nomes fictícios aos personagens que representavam tanto os aspectos da sua vida familiar quanto os da política.

Os acontecimentos contados na narrativa ficcional são fatos passados para a voz narrativa, como se tivesse realmente ocorrido. Eles se assemelham aos fatos narrados pela História, mas se distinguem por liberar possibilidades de acontecer, não efetivadas no passado, mas nas quais o leitor se reconhece e identifica a temporalidade. (PESAVENTO, 2008, p. 36-37).

Como explica a autora, a narrativa ficcional do passado aparece como se as situações descritas tivessem ocorrido, embora nem sempre tenham acontecido tal como narrado. Em alguns romances tais como *Clara dos Anjos*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *O Cemitério dos Vivos* é possível perceber o quanto há presença tanto de cidadãos comuns quanto os mais importantes do ponto de vista político. O escritor pensava a sociedade brasileira, e se incluía

enquanto sujeito que também vivenciava os sabores e dissabores daquele período, os quais aparecem em sua escrita e, é possível entender o entrecruzamento da ficção com as experiências vividas. Como é verificado na passagem sobre o internamento psiquiátrico, quando afirma, em *O Cemitério dos Vivos*, o seguinte:

O Hospício me retemperava. Lembrava-me do plano de minha obra, dos grandes trabalhos que ela demandava, dos estudos que pedia; e, de mim, para mim, eu me prometia levá-la a cabo, empregando todos os argumentos, tirando-os de toda a parte, não só os lógicos, como os sentimentais; havia de escrevê-la, empregando todos os recursos da dialética e da arte de escrever. (BARRETO, 2004b, p. 148).

Essa descrição se assemelha com o Lima Barreto escritor questionador, inquieto e desejoso de fazer suas palavras ecoarem em outros espaços. Ele teve, em seu curto e intenso tempo de vida, compromisso com uma escrita crítica que influenciou de certa forma outras reflexões nas pesquisas atuais. O que escrevia não era apenas parte da arte literária da ficção, provavelmente acreditava naquilo que registrava em seus romances, logo, não é difícil encontrar passagens em que manifesta a relação tão próxima com a literatura e o gosto que aparentava ter por ela, possivelmente por ser através dela que poderia dizer o que não era permitido diretamente. “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que peço dela”. (BARRETO, 2004, p. 21a). Uma frase que diz muito sobre a trajetória do escritor e o seu projeto literário e também como ele interpretou as principais causas das contradições daquele contexto.

Parecia buscar, na verdade, certo nível de reconhecimento público que alçasse a sua obra ao patamar de objeto de discussão nas rodas literárias do seu tempo. Era imperativo para ele tornar-se um romancista; mas, antes disso, era mais importante ainda tornar-se uma voz importante dentro dos círculos intelectualizados do Rio de Janeiro. Imperativo, de fato, era tornar-se um Escritor. (LOYOLLA, 2014, p. 11).

Lima Barreto deixou como legado uma obra eclética, crítica, com diversos assuntos, que além de serem importantes para compreender o Brasil da Primeira República, são atuais, como política, cultura, educação, loucura, gênero, violência, desigualdade social, racial e racismo, dentre outros. Diante do objetivo proposto para o presente capítulo, é necessário problematizar e perceber o quanto as questões familiares e do contexto do Brasil da Primeira República estão relacionadas; tais temáticas foram negligenciadas nesse contexto e estiveram intimamente interligadas à trajetória de Lima Barreto.

2.2 “TODO O CIDADÃO DE COR HÁ DE SER POR FORÇA UM MALANDRO”: RACIALIZAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

O subtítulo que abre o presente subcapítulo se encontra no romance *O Cemitério dos Vivos* (2004b) de Lima Barreto. Embora a questão racial não seja central nesta tese é necessário discuti-la por alguns motivos. Primeiro, é preciso destacar que Lima era um escritor negro. Segundo, as questões raciais foram abordadas em sua obra. Terceiro, mesmo que o recorte temporal desta pesquisa seja 1908-1922, período de intensificação de sua escrita literária e as experiências de internamentos psiquiátricos até o ano de falecimento, os anos anteriores são entendidos como pilares para a compreensão das temáticas abordadas neste estudo, pois marcaram as primeiras décadas da Primeira República e, portanto, é um momento em que as questões raciais passavam por novas configurações no Brasil, uma vez que se viviam as contradições do período pós-abolição da escravidão.

Nos primeiros anos da infância, Lima Barreto presenciou alguns acontecimentos significativos, tais como os preparativos para a Lei Áurea (1888), mudanças para a Primeira República (1889) e a Revolta da Armada (1891-1894), esse último vivenciado de forma mais próxima, já estava com dez anos de idade. Quando se tornou escritor, escreveu sobre alguns momentos, abordando assuntos conforme passagem abaixo.

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço [...] havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas... (BARRETO, 1911, p. 15).

O escritor nasceu exatamente dia 13 de maio, uma data importante para ele que seria posteriormente base para sua escrita. Lima Barreto frisou as palavras ditas pelo pai, sendo as datas significativas para ele. “A partir da década de 1880, escravizados simplesmente deixavam em massa as fazendas, e era comum ver negros fugidos circulando pelas cidades, sem que nenhuma autoridade tivesse coragem de abordá-los”. (SCHWARCZ, 2017, p. 30).

A citação indica para o episódio da Lei Áurea, mesmo dia de nascimento do escritor em 13 de maio de 1881, a lei foi instaurada em 13 de maio de 1888. Segundo Schwarcz (2017), Lima Barreto era filho da professora Amália Augusta Pereira Carvalho, neto de uma escravizada alforriada, chamada Geraldina Leocádia da Conceição, filha de outra mulher escravizada, chamada Maria da Conceição. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, foi um

tipógrafo, também filho de uma escravizada, Carlota Maria dos Anjos, e de um madeireiro português que não teria reconhecido a paternidade do filho. Não foram encontradas muitas informações sobre este senhor. “Como o pai, a mãe de Lima Barreto era mulata²⁷, sendo muito simples a sua história”. (BARBOSA, 1964, p. 7). O biógrafo a chama de mulata. Sobre o termo utilizado é importante frisar que na época em que Francisco de Assis Barbosa reuniu a documentação para fazer a biografia de Lima Barreto, isso na década de 1940, contexto em que as discussões sobre as questões étnicas eram pouco realizadas, escassas pesquisas colocavam em pauta a questão da discriminação racial, embora tenhamos estudos, até a década de 1940, que reforçaram o mito da democracia racial.

Conforme Schwarcz (1999), em *Questão racial e etnicidade*, a partir da década de 1950, as evidências sobre as desigualdades entre pessoas brancas e negras mobilizaram uma série de pesquisas sobre esse tema. Para a autora, embora “os estudos de negro” tenham começado no final do século XIX, compreender “a questão racial” precisava considerar o tema da identidade e as particularidades locais; esse estudo começou a ser introduzido no Brasil a partir de 1970, ainda assim foram poucas as pesquisas que tratavam sobre “as relações raciais e desigualdades”, a maioria focava em temas voltados para “escravidão e abolição”. (SCHWARCZ, 1999, p. 12).

Esta apresentação mostra que até o contexto dessas pesquisas os termos, tais como usados por Francisco de Assis, não eram tão questionados em suas colocações. Como é possível verificar na obra de ambos, tanto escritor, que escreveu sobre a discriminação racial e preconceito, mas em alguns momentos se autodeclarava mulato, quanto o seu biógrafo, que escreveu em décadas mais recentes, ainda na primeira metade do século XX, usam o termo mulato.

Em um artigo denominado *Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português*, Liliam Gomes da Silva (2018) disponibiliza uma discussão interessante do ponto de vista da compreensão do termo mulato. Após mostrar algumas mudanças do contexto da escravidão, a autora discute a terminologia mulato/a, sobretudo com relação à versão feminina da nomenclatura, afirmando que o movimento negro brasileiro rejeita o uso da palavra e elenca dois motivos, o primeiro por questão linguística e o segundo de ordem cultural. Assim, explica:

1) Linguístico-derivação de “mulus”, do latim, atualizado por “mula”, o animal que surge da cópula de duas raças diferentes – o asno e a égua, que, no século XVI,

²⁷ O biógrafo usa a nomenclatura mulato e mulata para se referir aos pais de Lima Barreto. As discussões sobre a questão afrodescendente serão retomadas no último capítulo desta tese quando forem discutidas as questões raciais e o internamento de Lima Barreto.

derivou-se na América hispânica para “mulato” como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução; e 2) cultural a falsa impressão de democracia racial que há no país, associado à representação da mulher negra ou mestiça através do corpo branqueado e hiperssexualizado. (SILVA, 2018, p. 77).

Como visto na citação acima, tanto a derivação linguística quanto à interpretação cultural devem ser questionadas, considerando os sujeitos a quem esse termo se refere, a forma como se sentem e o que acham dessa terminologia, embora entendamos que o uso por Lima Barreto e também por seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, deve ser compreendido em seu contexto. No entanto, serve para questionarmos a naturalidade com que se falava sobre esses termos sem os questionar.

Em maio de 1888, foi declarado legalmente o “fim” da escravidão, ironicamente, um marco na história do Brasil e na vida do escritor. Primeiro, por ser um afrodescendente, estando as discussões raciais presentes no país. Segundo, por ter nascido sete anos antes da lei que aboliria a escravidão e seu aniversário (nasceu em 13 de maio de 1881) ocorrer no mesmo dia da data oficial da Abolição da escravatura. Contexto cujos acontecimentos deram continuidade a incerteza de como seria a vida depois da Lei Áurea.

Segundo o pesquisador Paulo Roberto Staudt Moreira (2019), tanto destino, quanto o lugar e o papel social, daqueles que regressavam do cativo, estavam em debate antes da promulgação da lei. O autor afirma que na mesma década, em que foi instituída, ocorreram diversos episódios de violência e discriminação, envolvendo pessoas negras. Apresentou um caso, ocorrido em Porto Alegre, de um rapaz que recorreu à justiça por ter sido agredido pelo dono de uma casa de negócios porque este se incomodava com a sua cor. Ao se deparar com o rapaz em seu estabelecimento, além de ter jogado a sua cerveja ao chão, o agrediu fisicamente. Para Moreira (1919), este caso representou, além de racismo, a prática da masculinidade, ambas atitudes se reforçavam reciprocamente naquele cenário das sociabilidades populares.

O tema sobre racialização foi abordado de forma cautelosa, pois é um estudo delicado do ponto de vista dos conceitos e mesmo com relação à densidade teórica. Há muitos pesquisadores dedicados à discussão, os quais nos oferecem informações importantes para o alcance dos objetivos desta parte da pesquisa. Para esta discussão destacamos aqui três autores: Luiz Silva (Cuti)²⁸ em *Lima Barreto* (2011), Lilian Moritz Schwarcz e Wlamyra R. de Albuquerque, citadas anteriormente, dentre outros que colaboram para compreensão dos

²⁸ “Cuti” é o pseudônimo do autor Luiz Silva.

conceitos e das diferenças entre racialização, raça, desigualdades sociais, loucura e o preconceito vivenciado pela população brasileira nas primeiras décadas da Primeira República.

Para Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, em artigo intitulado: *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república* (1996), no Brasil, nos primeiros anos da República, a população brasileira teria sido condenada pelo “estoque racial” e absolvida pelo conhecimento dos médicos higienistas. Estes mostram como os brasileiros eram percebidos pelos formuladores das teorias que justificavam a inferioridade das pessoas negras naquele contexto, “O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil seria sanear-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos”. (TRINDADE; HOCHMAN, 1996, p. 23).

Assim como outros escritores negros, Lima Barreto e sua família são de um período de intensa discriminação racial. Conforme Cuti (2011), o escritor teve uma experiência de vida difícil porque, além de ter nascido no tempo da escravidão, viveu um pós-abolição em uma sociedade racista em que os pensadores, apoiados em teorias estrangeiras, tentavam impor e provar a superioridade das pessoas brancas.

Ele sofreu não porque era negro, mas porque a sociedade era racista, ou seja os que dominavam o poder político e econômico estavam convictos de que a ausência de melanina na pele representava superioridade e de que a escravidão que se extinguiu deveria continuar em outros termos. Por isso, discriminar os descendentes dos escravizados era uma necessidade para manter o poder e a pose. (CUTI, 2011, p. 57).

Além de ter vivido em uma época em que valia mais quem possuía prestígio social e poder econômico, os que não detinham essas características sabiam bajular determinados grupos possuidores desses elementos. Lima Barreto escrevia sobre assuntos que não agradavam a elite política, mostrava as contradições políticas e a discriminação racial. Ele compunha seus romances com enredos que denunciavam as divergências sociais, além de colocar como personagens central aquelas pessoas postas socialmente à margem.

Assim fez no romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (BARRETO, 1917), cuja narrativa conta a história de um rapaz do interior que vai à cidade grande e se descobre negro, quando passou a sentir o preconceito, pelo modo como era tratado em alguns estabelecimentos na nova cidade. Essa obra apresenta pontos sobre as nuances da racialização nas relações sociais do Rio de Janeiro nas primeiras décadas da Primeira República e também marcou a vida literária do escritor. Nesta perspectiva é importante relatar brevemente a

correlação entre algumas nomenclaturas, a exemplo do termo *raça*, para enfatizar como o nome foi usado e as transformações que sofreu conforme as discussões do tema racismo aumentaram.

Wlamyra R. de Albuquerque, em *O Jogo da Dissimulação, abolição e cidadania negra no Brasil* (2009), apresenta a definição de racialização e a condição de como se deu o processo de abolição no Brasil. Para a autora, o termo racialização ganhou cunho investigativo e o uso desta palavra, em vez de *raça*, se deve ao fato de apresentar um discurso ainda em construção e dependente de cada tempo e lugar.

A noção de *raça*, ao contrário, seria uma construção ideológica e um produto histórico, estando ligada a um contexto com realidades sociais específicas. Já “a racialização das relações sociais no mundo moderno revela uma política de exclusão e acomodação, fundamentadas em premissas biológicas e na sedimentação do discurso da supremacia branca”. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 35-36). Ela marcou o processo emancipacionista brasileiro, realizou uma discussão “buscando organizá-la de modo a construir imagens de uma sociedade imersa em uma crise e, portanto, marcada por conflitos e contradições”. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 43). Diante do contexto de enfraquecimento final da escravidão e apresentação de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo viável nas tramas dos interesses dominantes, essas que começaram a adentrar fortemente no país a partir da metade do século XIX. Além dos discursos sobre a substituição da mão de obra escrava, parece que havia um desejo em determinar critérios específicos de cidadania não condizente com as realidades vividas.

Conforte Lilian Schwarcz (1998), em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade*, houve uma tentativa de se deslocar a importância biológica do termo *raça*. A autora apresenta discursos de cientistas sobre o conceito, alguns afirmavam que antes de ser um conceito biológico *raça* é uma realidade social, outros que o termo não é uma informação confiável sobre uma pessoa. Para a Schwarcz, inda que os discursos tragam verdades, não torna o tema uma falsa questão, e descreve que:

Demonstrar as limitações do conceito biológico, desconstruir o seu significado histórico, não leva a abrir mão de suas implicações sociais. De um lado, o racismo persiste enquanto fenômeno social, justificado ou não por fundamentos biológicos. De outro, no caso brasileiro, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram um racismo *à la* brasileira, que percebe antes colorações do que *raças*. (SCHWARCZ, 1998, p. 184).

O termo *raça* gerou implicações sociais que ainda não foram desconstruídas; é importante mostrar as limitações, mas também discutir suas heranças, embora a expressão não

tenha a mesma justificativa biológica que antes, ainda persiste nas relações e se apresenta de outras formas na sociedade brasileira.

No artigo *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914*, Lilia Schwarcz (2011), ao discutir sobre a experiência do escritor em sua primeira internação, apresenta, a partir das fichas contidas nos prontuários dos internos, a forma como foram interpretados do ponto de vista étnico-racial.

Existem exemplos em que o delírio se manifestava já no inquérito da entrada. Interessante é o prontuário de A. A. C., de 34 anos, classificada como branca, mas evidentemente negra. No seu diagnóstico a sentença: “psicose periódica e debilidade mental”. Sua foto revela um rosto disforme, aparentando mais idade do que os 34 declarados. (SCHWARCZ, 2011, p. 139).

A avaliação das pessoas que seriam internadas era feita antes da admissão no hospital psiquiátrico. O modo como A.A.C. foi a cor da pele é algo que demonstra o interesse por parte de quem detinha algum poder daquela instituição, possivelmente para direcionar algum tipo de tratamento; além de serem as pessoas internas, provavelmente desconsideradas, o fato de chegarem a um hospício era algo relacionado às transgressões sociais da época, era apenas mais um número diante de tantos que ocupavam o espaço. A moça da descrição acima, mesmo que supostamente negra, foi classificada como branca. Apenas quando passava pela inspeção geral registravam-se características identificadoras de algum traço que possivelmente a teria levado ao internamento “a observada é de estatura e compleição regular apresentando acentuados físicos de degeneração”. (SCHWARCZ, 2011, p. 131).

Na obra *A danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil* de Roberto Machado, Ângela Loureiro, Rogério Luz e Katia Murici (1978), os autores se empenharam na compreensão da implementação da psiquiatria do Brasil durante a construção do primeiro hospício, o Hospício Pedro II. Também questionaram o lugar que os médicos reservaram às pessoas que haviam sido escravizadas e os seus descendentes. Para os autores:

Abolir a escravatura ou, simplesmente, excluir o escravo do espaço urbano- espaço a partir do qual a medicina brasileira formula seu projeto de uma nação civilizada- são tomadas de posição que manifestam a dificuldade de compatibilizar o modelo normalizador com a realidade da escravidão. (MACHADO *et al.*, 1978, p. 354).

A presença de pessoas que foram escravizadas, que eram pretas e pobres, e outras que usavam álcool, no meio de famílias elitizadas e brancas, passou a ser vista como perigo, pois elas poderiam causar desordem e contaminar a honra do grupo. Eram vistas como se tivessem a sexualidade desregrada, doenças e vícios diversos. Ao tentar transformar esta realidade, o

discurso de higienização as interpretou como problema na formação das desejadas novas famílias sadias e perfeitas moralmente. E aqueles que, com esse grupo discriminado, compartilhassem o dia a dia seriam prejudicados não apenas na saúde, mas também na moral. Nesse sentido, “o olhar médico penetra nas senzalas para revelá-las como produtoras de doenças”. (MACHADO *et al.*, 1978, p. 362).

Com as mudanças na saúde e a submissão dos escravizados viriam as necessidades do controle da vida social, geralmente englobavam tanto o trabalho, quanto as fases da infância à morte. A medicina urbana estava preocupada com um projeto higiênico e disciplinar da cidade e não com a saúde do trabalhador, este foi pensado secundariamente, e o escravizado, poucas vezes foi levado em consideração em suas necessidades mais básicas.

Para constar do projeto médico, ele depende ou do exame crítico ao funcionamento da família branca e do efeito negativo que sua presença causa, como elemento corruptor físico e moral desta família ou da crítica médica à cidade, quando é circunstancialmente visado: ele é vendedor ambulante, em barris os dejetos das moradias para depositá-los nas praias é barbeiro e sangrador... (MACHADO *et al.*, 1978, p. 370).

Em diversas maneiras, os sujeitos escravizados eram colocados em segundo plano e quando inseridos nos discursos médicos eram de uma forma negativa. Essa breve discussão, sobre a relação das questões étnico-raciais e o internamento psiquiátrico, tem seus princípios bem antes da construção dos lugares específicos para pessoas denominadas loucas. Essas discussões nos dão a noção de como estava o contexto no momento em que ocorreu o casamento do pai com a mãe de Lima Barreto.

2.3 NOS RASTROS DA FAMÍLIA BARRETO

De acordo com Francisco de Assis Barbosa (1964), João Henriques de Lima Barreto²⁹, antes do casamento, viveu em diversos lugares na cidade do Rio de Janeiro, tais como o Largo de São Francisco de Paula³⁰, nos terrenos da Chácara da Floresta³¹. Naquele contexto foi organizada uma escola de aprendizes de tipógrafos, cujos cursos duravam três anos; ele

²⁹ Sempre que fizer referência a João Henriques de Lima Barreto, utilizarei João Henriques ou o pai do escritor.

³⁰ Uma das áreas centrais e antiga da cidade do Rio de Janeiro. Um local com praça arredondada, vistosa, ao centro uma estátua de José Bonifácio encomendada pelo IHGB. (SCHWARCZ, 2017).

³¹ Foi um espaço ressignificado na cidade do Rio de Janeiro, situava-se no mesmo espaço do Morro do Castelo, este demolido na gestão do prefeito Carlos Sampaio, em 1921, com a justificativa de higienizar e modernizar a cidade do Rio de Janeiro.

ingressou em um desses, mas, antes trabalhou no *Jornal do Comércio*, posteriormente denominado de *A Reforma*.

João Henriques é descrito por Barbosa (1964) como um rapaz qualificado, começou a trabalhar nas oficinas do referido jornal e desligou-se posteriormente porque acreditava que estava sendo injustiçado. Ao falar sobre a atitude do escritor em se demitir do emprego, sem ter outro, o biógrafo afirma ter tido um ato de coragem, sobretudo por ser um periódico de prestígio naquela época. Mas qual teria sido o motivo do desligamento? De acordo com Barbosa (1964), havia falecido um colega de João Henriques, que em razão a isso ele teria sobrado uma vaga para chefe da oficina, se sentiu merecedor de ocupá-la, mas o patrão o teria recusado.

Sobre o desligamento do trabalho, Barbosa (1964) apresenta uma entrevista da irmã de Lima Barreto, Evangelina, na qual disse ter ouvido o pai afirmar que se considerava um rapaz de sangue quente e teria escolhido deixar o emprego para não receber ordens de pessoas vistas por ele como menos competentes; em seguida candidatou-se à vaga na oficina *d'A Reforma*, outro jornal. Além de trabalhar, João Henriques era focado nos estudos. Conforme Antônio Arnoni Prado (1980), preparava-se no Instituto Comercial da Corte para ingressar na Faculdade de Medicina, porém, seguiu outros caminhos, tornando-se funcionário da Imprensa Nacional. Com a mesma intensidade com que desejava se inserir no universo das pessoas vistas como importantes, ele também almejava construir sua família.

Frequenter da casa da família dos Pereira de Carvalho, a qual possuía muitos agregados, conheceu sua futura esposa, Amália Augusta Pereira Carvalho. No registro de batismo, tem as seguintes informações da família:

Às fls. 119 do livro de batizado da paróquia do SS. sacramento da Antiga Sé do Rio de Janeiro, consta o seguinte assento: “aos 19 dias do mês de julho de 1862. Nesta matriz do Santíssimo Sacramento o Reverendo Coadjutor Manuel Dias de Couto Guimarães batizou solenemente e pôs os Santos Óleos à inocente Amália, nascida em 21 de abril do corrente ano, filha natural de Geraldina Leocádia da Conceição, e neta materna de Maria da Conceição, natural desta Côte; foi padrinho o Bacharel Tenente Manuel Feliciano Pereira de Carvalho. E para constar lavrei êste assento que assino. Pe. Coadjutor Albino Pinto Ferreira. (BARBOSA, 1964, p. 7).

Como mostra a citação, Manuel Feliciano Pereira de Carvalho era padrinho de Amália, e conforme Francisco de Assis de Barbosa, era também seu suposto avô; quando faleceu, os filhos de Geraldina ficaram sob os cuidados dos irmãos Pereira de Carvalho. Aos escravizados, de maior apreço, deram carta de alforria e o restante venderam, levando com a família apenas aqueles considerados mais próximos, como Geraldina Leocádia, a avó de Lima Barreto, mãe de Amália, que pertencia à segunda geração de escravizados do grupo familiar.

A mãe de Geraldina, bisavó de Lima Barreto, Maria da Conceição, nasceu na África e foi trazida para o Brasil nos navios negreiros. Como se percebe, a origem da família do escritor, de acordo com o biógrafo, é africana. Lima Barreto fez referência à bisavó, dizendo o seguinte:

Uma preta velha, de mais de 100 anos, com a “cabecinha pequena, empastada de cabelos brancos, tecidos como uma rama de algodão, alvejado tristemente no fundo do rosto encovado, chupado, inteiriçado, onde dois olhinhos castanhos quase sem brilho passeavam lânguidamente, dolorosamente”. (BARBOSA, 1964, p. 8).

Essas informações se complementam com outras fontes que Barbosa (1964) teve acesso. Evangelina mais uma vez teria afirmado para Francisco de Assis Barbosa que os quatro filhos da avó de Lima, Geraldina Leocádia, eram de Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, filho de um cirurgião-mor de mesmo nome e que faleceu antes do pai e que este os tratava como se fossem netos. O biógrafo afirmou que ao perder o único filho do casamento, Manoel Feliciano teria se sentido emocionalmente triste, estado que amenizava quando pensava nos filhos de Geraldina Leocádia, um deles era Amália Augusta, a mãe de Lima Barreto. Em alguns romances, o escritor deixou pistas sobre a origem de sua família, como mostrou o biógrafo na seguinte passagem:

Nas notas que deixou de um romance apenas esboçado, *Marco Aurélio e seus Irmãos*, parece fora de dúvida que ele pensava no pai ao falar do nascimento de um dos personagens, Manuel da Costa, fruto “da mancebia de uma “cabrocha” com um português, minhoto tenaz e paciente, estucador de ofício. (BARBOSA, 1964, p. 11).

Embora a menção não faça referência a um romance específico de Lima Barreto, descrições semelhantes são comuns nos livros do escritor. A exemplo do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, onde fez referência ao adoecimento de João Henriques, *Clara dos Anjos*, cuja protagonista da obra, segundo Schwarcz (2017), seria a representação da versão feminina do próprio Lima Barreto, quando abordou a questão racial e de classe. Também tem semelhança com o conto *O filho de Gabriela*, no qual representou a convivência dele com a mãe.

O escritor trouxe para a sua obra as origens da familiar e outros aspectos sociopolíticos, questionando o contexto histórico, cujos impactos lhe afetavam. Muitos dos personagens dos seus romances falam sobre aspectos similares às vivências do escritor, inclusive sobre a sua cor.

Eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de côr pronunciadamente azeitonada. Além de tudo, eu sentia que a minha physionomia era animada pelos meus olhos castanhos, que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei de meu pae. Demais, a

emanação da minha pessoa, os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade. (BARRETO, 1917, p. 25).

Como está nessa passagem, se considerava cor de azeitona, descrevia como se percebia, assim como frisava a herança da sagacidade do pai. “Em certos momentos o próprio autor se define como ‘mulato’, atraindo para si a carga de preconceitos que desenhava para seus personagens”. (SCHWARCZ, 2017, p. 424). Apesar de conhecedor de sua afrodescendência, se autodenominava de azeitonado, como apresentamos anteriormente, esses termos estão relacionados ao contexto e não havia uma discussão da representação desses nomes. Importa que Lima sabia o que significava ser negro naquele sociedade brasileiro, ele e tantos de sua origem, não apenas sofriam o preconceito, como eram discriminados de outras formas e colocados à margem social, também fez críticas sobre quem omitia a cor da pele.

2.4 CASAMENTO DOS PAIS E O NASCIMENTO DOS IRMÃOS DE LIMA BARRETO

Conforme Barbosa (1964), aos 25 anos, João Henriques casou-se com Amália Augusta Pereira de Carvalho, moça que recebeu uma educação diferenciada, por conviver com pessoas de uma condição social diferente da sua origem familiar, cujo chefe da família era supostamente seu avô. Tornou-se professora e quando completou 15 anos de idade, João Henriques a pediu em casamento. Também é válido salientar que apesar desse tipo de apadrinhamento, outras realidades eram vivenciadas, pois as comunidades negras também demonstraram resistência em várias instâncias, procuraram, autonomamente obterem educação, irmandades, e cursos que pudessem colaborar com o melhoramento de vida e amenizassem a situação de desprezo em que viviam.

Os preparativos para o casamento teriam mexido com o psicológico do noivo. “O noivado, entretanto, sacudiria os nervos à flor da pele de João Henriques, a ponto de perturbar-lhe as faculdades mentais”. (BARBOSA, 1964, p. 13). Antes mesmo da união matrimonial, a saúde mental do pai de Lima se fragilizou, tendo sido “diagnosticado, anos depois, como um primeiro surto psicótico”. (SCHWARCZ, 2017, p. 51). Isso teria acontecido em razão da preocupação com as questões financeiras do casal, a diferença econômica existente entre os noivos era grande; João Henriques não queria que a esposa tivesse uma vida diferente daquela que vivia junto da família.

A noiva vivia confortavelmente com a sua família, isso assustava o futuro esposo, que temia não poder oferecer o mesmo conforto. “Um pouco antes do casamento, o padrinho Afonso Celso, percebendo a ansiedade e o estado depressivo do noivo, internou-o às suas próprias

expensas na Casa de Saúde e de Convalescença de São Sebastião”. (SCHWARCZ, 2017, p. 51). O temor em não conseguir garantir o conforto necessário para a esposa e a expectativa da nova vida, teria sido um dos motivos que levara o pai de Lima manifestar problemas depressivos.

Depois de receber tratamento voltou para o Rio de Janeiro, e em 1878 casou-se, “mas a experiência de loucura entraria na pequena família dos Lima Barreto para não mais sair”. (SCHWARCZ, 2017, p. 51). Em apenas nota de rodapé, Barbosa (1964) apresenta algumas informações sobre o dia do casamento dos pais de Lima Barreto, por fazer parte da discussão entendemos importante trazê-las aqui. Fornece indicações de como foi o início da família.

No livro 7 de termos de casamento da Freguesia de São José, fls.125, consta o seguinte: “Aos 7 de dezembro de 1878, nesta matriz, com papéis correntes e alvará do Exmo. Juiz de Órfãos, assisti ao sacramento do matrimônio que perante mim e as testemunhas abaixo assinadas, celebram, justa Tridentinum e Constituição do Bispado, João Henriques de Lima Barreto, filho natural de Carlota Maria dos Anjos, natural e batizada nesta freguesia, com Amália Augusta, filha natural de Geraldina Leocádia da Conceição, natural e batizada na freguesia do Sacramento desta Côrte: de que fiz êste assento. O Vigário João Procópio de Natividade e Silva. Afonso Celso de Assis Figueiredo. Antônio Nunes Galvão”. (BARBOSA, 1964, p. 14).

Os termos de casamento mostram algo interessante do ponto de vista da origem familiar dos pais de Lima Barreto. Foi registrada apenas a filiação materna dos dois, não sendo mencionada no registro paroquial a paterna. Conforme Barbosa (1964), quando os noivos se casaram foram morar na rua Ipiranga, nº 18, no mesmo espaço onde funcionava o Colégio Santa Rosa, instituição destinada a meninas, e dirigida por Amália, esposa de João Henriques.

Em 1879, o casal teve o primeiro filho que foi a óbito poucos dias depois do nascimento, o segundo filho veio em seguida, com a morte do primeiro Lima foi criado como sendo o filho mais velho da família e foi batizado com o nome de Afonso Henriques de Lima Barreto, uma homenagem ao futuro padrinho, o senador Afonso Celso de Assis Figueiredo. Conferir o nome de Afonso ao padrinho foi uma maneira que o pai João Henriques encontrou de manifestar gratidão ao compadre que foi também testemunha do seu casamento e responsável por seu ingresso na Imprensa Nacional.

A vida parecia ir bem com o aumento das finanças, mas em razão dos acontecimentos do nascimento da primeira criança, a esposa teve sua saúde comprometida, passando a andar com ajuda de muletas. O primeiro filho, faleceu após o nascimento, chamava-se Nicomedes (1879), o segundo foi Lima Barreto (1881), a terceira filha, Evangelina (1882), o quarto filho Carlindo (1884) e o último Eliézer (1886).

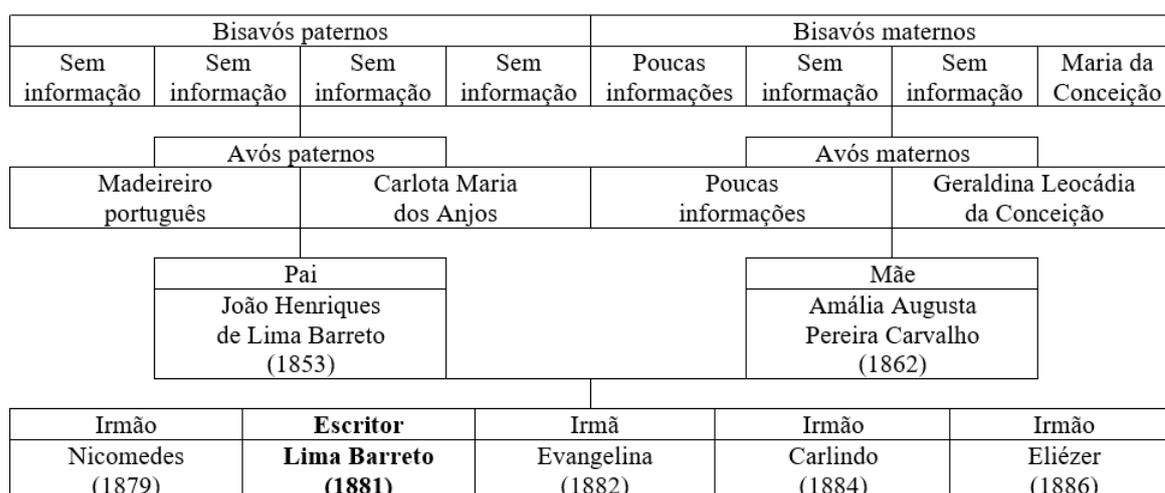
No livro 9, fls 71v., de assentamentos de batismo da Matriz de N. S. da Glória, encontra-se o seguinte: “Aos 13 dias do mês de outubro de 1881, nesta Igreja Matriz de N. S da Glória, o reverendo Manuel Lourenço Pereira de Magalhães, meu coadjutor, solenemente batizou o inocente Afonso, nascido nesta freguesia no dia 13 de maio do corrente ano, filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto fluminenses. Foi protetora N.S. da Glória e padrinho o senador Afonso Celso de Assis Figueiredo. De que fiz êste assentamento. O vigário, conêgo Manuel da Costa Honorato. (BARBOSA, 1964, p. 17).

Se na certidão de casamento do pai e da mãe constam apenas o nome das mães de ambos, no batismo de Lima Barreto tem o nome do pai e da mãe, além do nome do padrinho, Afonso Celso de Assis Figueiredo, que faria parte da família e estaria diretamente ligado à educação do afilhado.

De acordo com Barbosa (1964), aos poucos João Henriques foi se distanciando dos sonhos, inclusive o de cursar medicina. Ele passou a dedicar maior atenção aos filhos e à esposa, que perdia cada vez mais a saúde. Por conta disso, a família precisou se mudar para diversos lugares na cidade do Rio de Janeiro, alguns desses por recomendação médica. Moraram no bairro Flamengo, perto da praia, em seguida na rua das Merrecas, próximo ao trabalho de João Henriques, na Imprensa Nacional. Neste último endereço nasceu o quarto filho do casal, Carlindo. Para melhor compreender quem eram os integrantes da família Barreto, optamos por apresentar um breve esboço de uma árvore genealógica da família.

2.4.1 Esboço genealógico da família de Lima Barreto

Figura 1 – Esboço genealógico da família de Lima Barreto



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Como é possível perceber neste esboço de uma árvore genealógica (dos bisavós até Lima Barreto) há uma descendência feminina predominante, tanto do pai quanto da mãe, existindo ausência da descendência paterna de ambos, além de o pai de João Henriques aparecer nas fontes pesquisadas como o madeireiro português. Embora tenhamos encontrado informações sobre a bisavó materna, o mesmo não ocorreu com os bisavós paternos. Apenas é colocado o nome da bisavó de Lima, e como mencionamos anteriormente, apenas Francisco de Assis Barbosa apresenta informações de que Manoel Felicia seria o suposto avô de Amália. No entanto, não encontramos referências em outras fontes, portanto, permanece a suposição sobre esta paternidade, por esta razão entendemos prudente, já que não encontramos em outras fontes informações que sustentassem tal suposição, não colocar nomes da linhagem paterna de sua mãe.

Com relação ao casal foi possível encontrar mais informações sobre a família materna de Lima Barreto. Chegamos ao conhecimento sobre a bisavó do escritor, Maria da Conceição. Com relação à família paterna, soubemos apenas sobre a avó, uma mulher vinda da África de nome Carlota Maria dos Anjos. Ainda conforme Schwarcz (2017), Carlota teria morrido em 1872 aos 49 anos de idade de embolia cerebral³². O nome dela foi escrito no romance *Clara dos Anjos*, onde Lima Barreto descreve a discriminação e o racismo sofridos por mulheres afro-brasileiras.

2.5 MORTE DA MÃE AMÁLIA: O PRIMEIRO EPISÓDIO DAS TRISTES LEMBRANÇAS DE LIMA BARRETO

A família Barreto recém-formada enfrentou diversos problemas de doenças. Primeiro, antes mesmo do matrimônio, se deu o internamento de João Henriques, após o casamento veio a doença de Amália Augusta. Conforme Schwarcz (2017), Amália morreu em 1887, vítima de tuberculose, como é possível verificar no anúncio de um jornal. Na década de 1880, do século XIX, a loucura e a tuberculose eram alvo de preconceito e os grupos acometidos eram estigmatizados. Erving Goffman (1988) afirma que o estigma era percebido em sinais corporais, enquanto alguma evidência extraordinária ou representava mau status moral. Entre os gregos, as marcas feitas no corpo “avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos”. (GOFFMAN, 1988, p. 5).

³² Um coágulo de sangue que se aloja no cérebro e causa acidente vascular cerebral (AVC).

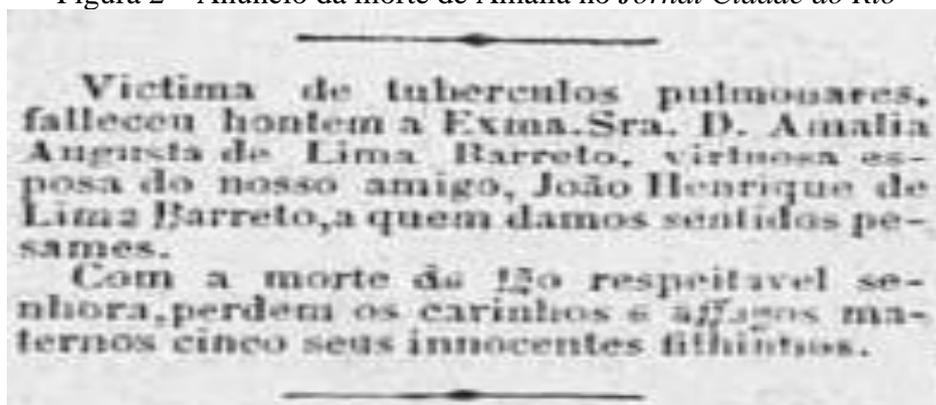
A mãe com tuberculose e o pai com os sinais atribuídos às pessoas ditas loucas, certamente eram percebidos de forma estigmatizada. A família de Lima Barreto carregava as marcas, a princípio da tuberculose e, posteriormente, da loucura, sendo a cor e descendência africana indicadores sociais que sinalizavam para uma condição estigmática no Império e na Primeira República do Brasil.

Complementa esta discussão, sobre relação cor e estigma, o artigo da pesquisadora Maíra Ines Vendrame (2020), intitulado: “*Não tinha medo dos gringos*”: *violência e crime nas regiões de colonização italiana do Sul do Brasil*, no qual a autora apresenta tais discussões a partir da morte de um homem negro na cidade de Caxias do Sul no início do século XX, por um grupo de italianos. Vendrame (2020) aponta que o objetivo em trazer imigrantes europeus brancos para o Brasil, para substituírem a mão de obra escrava na lavoura de café, estava relacionado não apenas às questões econômicas, mas também raciais. A elite brasileira, tomada pela ideia preconceituosa de inferioridade racial, procurou acelerar a vinda dos imigrantes na tentativa de que ocorresse o branqueamento da população brasileira. Esses novos trabalhadores, no final do Império e nas primeiras décadas da República, significavam progresso para o país, porque as pessoas negras e mestiças eram vistas como agentes do atraso e da indisciplina. Essa ideia de inferioridade dos negros e mestiços foi absorvida pelos imigrantes italianos.

Além dessas questões, as pessoas com algum tipo de doença, seja tuberculose, eram vistas como “agentes corruptores do meio social”. (SCHWARCZ, 2017, p. 57). Provavelmente, a família Barreto deve ter sido alvo de preconceito, devido à situação de doença em que se encontrava. De acordo com a mencionada autora, em 24 de dezembro de 1887, constou na seção de obituário uma nota de falecimento na *Gazeta de Notícias*, de Amália, informando que o esposo e os filhos³³ convidavam amigos para o sepultamento no cemitério São João Batista. Falecia a mãe do escritor, depois de sete anos de sofrimento. Outro jornal, *Cidade do Rio* (1887-1902), também noticiou a morte de Amália, conforme imagem que segue.

³³ Na mensagem do obituário menciona cinco filhos, mas eram apenas quatro, pois o primeiro chamado Nicomedes nasceu e morreu nos primeiros dias de vida em 1879 e o falecimento de Amália ocorreu em 1887. “Amália quase morrera com o nascimento do primogênito (setembro de 1879), e a criança, batizada às pressas, não durou mais que oito dias, chamou-se Nicomedes esse primeiro rebento”. (BARBOSA, 1964, p. 16).

Figura 2 – Anúncio da morte de Amália no *Jornal Cidade do Rio*



Fonte: *Jornal Cidade do Rio* (1887, p. 1).

O referido jornal³⁴ fez uma pequena nota para solidarizar-se com João Henriques e família, anunciando que a morte de Amália ocorreu por tubérculos pulmonares³⁵. Mas

[...] sua sina não foi, porém, exceção. A história da doença no Brasil datava do período colônia, e sua disseminação foi de tal monta, sobretudo entre as classes menos favorecidas, que ficou conhecida, popularmente, como a “praga dos pobres”. (SCHWARCZ, 2017, p. 56).

Ângela Porto (2007), em artigo intitulado: *Representações sociais da tuberculose: estigma e preconceito*, diz que em diversos momentos da história a tuberculose apareceu de forma ambígua. A autora denominou de sensibilidade romântica, quando na primeira metade do século XIX a doença era percebida como características de dons artísticos e intelectuais, uma virtude das pessoas intelectualizadas. A partir da segunda metade deste século, a doença tomou outros rumos, emerge como preocupação e coloca a população menos favorecida como um perigo social, assim como afirmou Schwarcz. O contato com uma pessoa com tuberculose poderia significar contaminação também do ponto de vista moral. “No final do século XIX, a morte por tuberculose numa família era estigmatizante, pois a moléstia estava associada a algum obscuro defeito hereditário, ou mesmo à pobreza”. (PORTO, 2007, p. 46).

³⁴ O acesso ao jornal foi possível a partir das informações contidas em Schwarcz (2017). Após localização optou-se por apresentar em nota de rodapé a transcrição na íntegra das informações contidas no referido jornal o qual foi arquivado pela escritora desta tese, mas, o documento é de acesso público e pode ser revisitado. As letras estão pouco visíveis, portanto foi realizada transcrição e salienta-se que não se seguiu a escrita original, foi adaptada à gramática atual. Conforme Schwarcz, em 24 de dezembro de 1887, a *Gazeta de Notícias* publicava a notícia, e no jornal consta o seguinte: “Vítima de tubérculos pulmonares, faleceu ontem a Exma. Sra. D. Amália Augusta de Lima Barreto, virtuosa esposa do nosso amigo, João Henriques de Lima Barreto, a quem damos sentidos pêsames. Com a morte de tão respeitável senhora, perdem os carinhos e os afagos maternos seus inocentes filhinhos”.

³⁵ Doença pulmonar, grave, provocada por uma bactéria que afeta o sistema respiratório.

A mãe de Lima Barreto é frequentemente representada em sua obra. No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* tem uma passagem descrevendo-a como uma mulher marcada pelo sofrimento da doença, mas a memória do escritor remete à mãe afetuosa que ela era com ele. Neste romance tem a seguinte passagem:

Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os malleares salientes, tendo pela pelle parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ella lançava-me os seus olhos avelludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao encarar-me. Supuz que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; soffrimentos e dores que a educação e intelligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de attrahir fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ella via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho. (BARRETO, 1917, p. 24-25).

Através do fragmento acima, é possível perceber nostalgia ao se referenciar à mãe, indicando também para as lembranças das marcas da doença. Ao final da vida, Amália ficou uma senhora magra, com pele e manchas escuras, algumas das características de quem estava doente. Em outras passagens, o escritor apresenta trechos cujas evidências mostram o quanto gostaria que a mãe ainda estivesse viva e acompanhasse o seu percurso na educação. No referido romance escreve:

– Olhe, mamãe, disse eu, logo que me arrume mando-a buscar. A senhora está ouvindo?
 – Sim, respondeu ela com fingida indiferença.
 – Alugaremos uma casa. Todos os dias, quando eu for trabalhar, tomarei a sua bênção; quando tiver de estudar até alta noite, a senhora há de dar-me café, para espantar o somno... Sim, mamãe?
 E me puz a abraçá-la effusivamente.
 – É bom! Estuda, Isaías, fez ella, desvencilhando-se de mim brandamente. Não te importes commgo... Estuda, meu filho! Eu já estou velha, demais...
 – Mamãe, não acredita em mim.
 – Acredito, meu filho; mas... mas não quero sahir d' aqui. (BARRETO, 1917, p. 25-26).

Lima Barreto descreveu ficcionalmente a imagem de sua mãe viva e, através da personagem, demonstra o quanto desejava voltar da grande cidade para buscá-la. Também mostra como gostaria de ser tratado por ela quando estivesse estudando, queria dedicação e carinho maternos, demonstrações que teve até os seis anos de idade, quando sua mãe faleceu.

Apesar da importância atribuída aos estudos indica que o escritor sabia que a educação era algo custoso para os pobres e comum aos ricos no período vivido por ele, embora sempre tenha sido incentivado pelos pais a estudar, afinal a mãe era professora. A saudade da mãe aparece em diversos momentos.

No dia seguinte, quando me despedi, ela deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquelle olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor.

– Vae, meu filho, disse-me ella afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós... E não acabou. O choro a tomou convulsa e eu me afastei chorando. (BARRETO, 1917, p. 26).

Como é possível perceber, Lima Barreto fala da relação que desejava ter vivido, demonstra o que gostaria que sua mãe tivesse dito. É uma referência a uma suposta despedida, de um filho, que infelizmente não ocorreu; quando Amália faleceu ele estava com apenas seis anos de idade e isso não aconteceu entre eles. O escritor deixa aparecer que esses momentos foram vivenciados por ambos, embora seja parte de uma narrativa literária e alguns aspectos passam a ser compreendidos como sendo apenas do campo ficcional.

A família de Lima Barreto realizou várias mudanças na tentativa de recuperar a saúde de Amália. Quando ficou grávida do quinto filho, novamente a família se mudou, dessa vez para Boca do Mato³⁶ (BARBOSA, 1964). Por Amália não se adaptar ao clima, mudou-se novamente para Catumbi³⁷. Foi nesse lugar que nasceu o último irmão de Lima, Eliézer (1886).

De acordo com informações fornecidas pelo biógrafo, João Henriques não mediu esforços para tentar restaurar a saúde da esposa, mas nada adiantou, Amália Augusta faleceu deixando o jovem esposo com 35 anos e os quatro filhos. Segundo Francisco Barbosa (1964), após a morte de Amália, João Henriques precisou colocar os filhos na escola, não quis ficar em Paula Matos³⁸, local onde residiam, porque recordaria da esposa. Mudou-se para outra residência na rua do Riachuelo, esquina com a rua Resende, colocando “os filhos maiores em colégios da vizinhança. Afonso foi para a escola pública de D. Teresa Pimentel do Amaral; Evangelina, para o internato de Mlle. Parret”. (BARBOSA, 1964, p. 19).

Escola e professora também estão presentes nas referências do escritor, nas diversas recordações sobre o tempo de infância. Assim, afirma “de todos, de quem mais me lembro, é da minha professora primária, não direi do A.B.C., porque o aprendi em casa, com minha mãe”. (BARRETO, 1923, p. 25).

Eu me lembro também da minha primeira década de vida, de meu primeiro collegio publico municipal, na rua do Rezende, das suas duas salas de aula, daquellas grandes e pesadas carteiras do tempo e, sobretudo, da minha professora – D. Thereza do Amaral]– de quem, talvez se a desgraça, um dia, enfraquecer-me a memória não me esqueça de todo. De todos os professores que eu tive, houve cinco que me impressionaram muito; mas é delia que guardo mais forte impressão. (BARRETO, 1923, p. 23).

³⁶ Boca do Mato bairro da cidade do Rio de Janeiro.

³⁷ Bairro situado na Zona Central do Rio de Janeiro-RJ

³⁸ Rua situada no bairro Santa Teresa na cidade do Rio de Janeiro

A escola é descrita por Lima como espaço que tem um significado importante do ponto de vista de sua formação. Além dessa referência, em *Feiras e Mafuás*, o escritor fala sobre a professora e o colégio público sem mencionar o nome.

Quando fui para o colégio, um colégio público, à rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado. A professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, a quem muito deve o meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre! (BARRETO, 1956, p. 16).

Segundo Barbosa (1964), Lima Barreto experimentou ainda na primeira infância a dureza da vida, sem os cuidados e carinhos maternos foi aos poucos se retraindo e se tornando uma criança introvertida. Embora com o passar dos anos a tristeza pela ausência da mãe amenizasse, sua escrita é marcada por forte nostalgia de momentos vividos e dos imaginados.

No conto *O filho de Gabriela*, transmite para o menino Horácio a infância feliz, sem imaginar o quanto esse estado de alegria duraria pouco, quando ficou sem a proteção materna. Assim, escreve: “A criança, durante êsse mês, viveu relegada a um, canto de estalagem, úmido que nem uma masmorra. De manhã, via a mãe sair; à tarde, quase à boca da noite, via-a entrar desconfortada. Pelo dia em fora, ficava num abandono de enternecer”. (BARRETO, 1948, p. 219). Neste conto o pequeno Horácio seria a representação do próprio Lima Barreto. Depois das desavenças entre patroa e empregada, Gabriela, mãe do pequeno Horácio, procurou trabalho em outras casas, mas quando se encontraram fizeram as pazes, e a ex-empregada continuaria trabalhando na mesma casa.

Uma tarde em que d. Laura voltava da cidade, o filho da Gabriela, que estava no portão, correu imediatamente para a moça e disse-lhe, estendendo a mão: “a bênção”. Havia tanta tristeza no seu gesto, tanta simpatia e sofrimento, que aquela alta senhora não lhe pôde negar a esmola de um afago, de uma carícia sincera. Nesse dia, a cozinheira notou que ela estava triste e, no dia seguinte, não foi sem surpresa que Gabriela se ouviu chamar. (BARRETO, 1948, p. 220).

A aceitação em ser madrinha da criança parece ter sido mais pela percepção de tristeza e menos por uma vontade da senhora Laura, e a interação entre eles parecia que estava relacionada a algo de ligação emocional para a realização deste batismo. Chamou, portanto, a mãe da criança para uma conversa e se disponibilizou, juntamente com o esposo, a realizar a cerimônia.

O menino é descrito com as características de como o autor se imaginava quando criança. A personagem Gabriela tem semelhanças com Amália, tendo também falecido quando

o filho Horácio estava com seis anos, a mesma idade de Lima Barreto quando a mãe morreu. Os primeiros anos de sua vida foram de fortes emoções, um período de enfrentamento de problemas financeiros e de doenças, seguidas da perda da mãe. As angústias vividas na infância são registradas pelo escritor nas experiências cotidianas de seus personagens nos romances, contos e crônicas. Em *Bagatelas* (1923), de forma carinhosa, Lima relembra a infância junto à mãe, com quem aprendeu as primeiras letras e deu os primeiros passos na educação. Assim, se refere:

Mas, de todos, de quem mais me lembro, é da minha professora primaria, não direi do A. B. C, porque o aprendi em casa, com minha mãe, que me morreu aos sete annos. E' com essas recordações em torno das quaes esvoaçam tantos sonhos mortos e tantas esperanças por realisar, que vejo crepítar esse matutino movimento escolar; e penso nas mil e tantas meninas que todos os annos accodem ao concurso de admissão á Escola Normal. (BARRETO, 1923, p. 25).

Embora a citação seja parte de uma escrita literária, faz jus aos acontecimentos da vida do escritor. Como apontado na narrativa, sua mãe morreu quando tinha quase sete anos de idade.

Os romances de Lima Barreto, embora ficcionais, dizem muito de suas vivências. Portanto, é necessária uma *descrição densa*, método tomado da antropologia que, segundo Pesavento (2008, p. 67), permite ao historiador descrever os mínimos detalhes de uma realidade observada.

A descrição densa da Antropologia ensinou como explorar as fontes nas suas possibilidades mais profundas. Fazendo-as falar e revelar significados. Não se trata apenas como o nome pode sugerir, de descrever o objeto minuciosamente, mas sim de aprofundar a análise do mesmo, explorando todas as possibilidades interpretativas que ele oferece, o que só poderá ser dado por meio de um intenso cruzamento com outros elementos, observáveis no contexto ou mesmo fora dele. (PESAVENTO, 2008, p. 66).

Como apresentado na citação acima, o método da descrição densa permite ao historiador verificar e mostrar com segurança os caminhos percorridos na pesquisa, desde as perguntas formuladas até as estratégias de fazer a fonte responder com sentido aquilo que se deseja descobrir. Conforme Pesavento (2008), o referido procedimento metodológico permite fazer da história uma ficção controlada. O documento se transforma em prova na argumentação do historiador, a partir das provas a história explica como foram os acontecimentos.

2.6 EDUCAÇÃO DE LIMA BARRETO E NO RIO DE JANEIRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Lima Barreto nasceu em 1881, num contexto contraditório, desigual e permeado por tensões sociopolíticas e raciais. No final do século XIX, o Brasil passava por transformações em diversas áreas, além de ser um país escravocrata estava prestes a passar por movimentos abolicionistas, “a escravidão era, de fato, uma linguagem no país, que permeava dos locais mais miúdos e privados até aqueles de maior evidência ou públicos”. (SCHWARCZ, 2017, p. 27).

Desde cedo Lima Barreto foi incentivado aos estudos, tanto pelo pai quanto pela mãe, que era professora. Isto está registrado no primeiro romance publicado por Lima Barreto: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1917). Neste livro, o escritor deixou explícito de onde vem o seu gosto pela educação, afirmando ter desenvolvido o mesmo desejo do seu pai quando decidiu ser “doutor”, embora João Henriques não tenha conseguido cursar a tão sonhada medicina.

A minha energia no estudo não diminuiu com os anos, como era de esperar; cresceu sempre progressivamente. A professora admirou-me e começou a simpatizar comigo. De si para si (suspeito eu hoje), ela imaginou que lhe passava pelas mãos um gênio [...] tinha eu então dois anos de escola e doze de idade. Daí a um ano, sai do colégio, dando-me ela, como recordação, um exemplar do *Poder da Vontade*, luxuosamente encadernado, com uma dedicatória afetuosa e lisonjeira. Foi o meu livro de cabeceira. (BARRETO, 1917, p. 2).

Na citação é possível perceber o compromisso de Lima Barreto com a educação, com a leitura e o apreço pelos livros, tanto que o presente da professora foi um livro. Para entender melhor as escolhas do futuro escritor, faz-se necessário discutir o sistema educacional no contexto da Primeira República no Brasil. Como estava estruturada a educação no contexto em que viveu Lima Barreto? A educação não era acessível aos pobres. Aqueles com melhores condições sociais estudavam na Europa, quando de posse dos diplomas retornavam para o Brasil e começavam a trabalhar. Lima Barreto “vivia constrangido com a presença ostensiva dos mais abonados, estudantes ricos que se vestiam em alfaiatarias chiques ou traziam ternos diretamente da Europa”. (SCHWARCZ, 2017, p. 24).

Enquanto os filhos das famílias mais ricas saíam do Brasil para estudarem na Europa, os das mais pobres muitas vezes nem conseguiriam estudar. Conforme Schwarcz (2017), na segunda metade do século XIX, o país convivia com um percentual de analfabetismo muito alto, era de 82,3% para pessoas de cinco anos ou mais. Esse número continuou com poucas

alterações, mesmo após o início da Primeira República, em 1889, quando o índice passou para 82,6%.

Ana Luiza Jesus da Costa (2012) discute a relação das pessoas de classes populares com a instituição escolar no Brasil. A autora mostra como se deu a obrigatoriedade da educação na segunda metade do século XIX. Analisamos especificamente o capítulo da tese intitulado: *A luta por escolarização: as classes populares reconhecem o papel da escola* (2012) no qual foi possível entender a educação na Primeira República.

Conforme Costa (2012), no Império não se discutia a obrigatoriedade escolar enquanto um direito do cidadão, mas do ponto de vista do estado, em submeter a população à escolarização. Com a Reforma de 1879 o ensino se tornou obrigatório, sendo os pais multados caso não encaminhassem os filhos à escola. No entanto, era obrigatoriedade relativa pela falta de condição do estado e da população naquele contexto. A sociedade brasileira vivia um momento instável, composta por pessoas que havia se “libertado” recentemente da escravidão, vivendo as contradições do período do pós-abolição. Além disso, a escolarização da população demandava do estado a construção de espaços, pagamento dos professores e garantia de permanência dos estudantes nas escolas. Em razão da falta desses investimentos, a escola não cumpria o papel de instruir legalmente a população.

2.6.1 Educação para poucos

De acordo com Costa (2012), em 1881, a ideia de alfabetização era também critério de cidadania, o estado imperial colocou como prioridade nos núcleos urbanos, onde havia maior concentração de pessoas. Era nesses espaços que deviam estar localizadas as escolas públicas. As áreas rurais ficaram de fora dessa organização, motivo pelo qual a população contava com aulas particulares de alguns professores, auxiliados pelo estado.

A autora frisa que as escolas no universo rural eram mantidas pela população e pelo estado, portanto, não poderiam ser consideradas como particulares, embora aparecessem nos relatórios, no início de sua atuação, como “escolas particulares subvencionadas”. (COSTA, 2012, p. 220). Em alguns casos a assistência era estendida a todas as crianças da localidade, por serem pobres, motivo que levou a mudança de nomenclatura, retiraram o nome particular e usaram apenas escolas subvencionadas.

Conforme Costa, nos estabelecimentos de educação, algumas funções eram requeridas pelos professores, uma delas era a de delegado de instrução, cargo importante do ponto de vista da educação e pouco acessível para as classes populares.

O delegado de instrução nos permite observar o grau de esforço despendido pelas classes populares no intuito de mandar seus filhos à escola, desde o momento que prescindem de seu trabalho, até a dificuldade para arranjar vestuário, mesmo simples, para que pudessem frequentar as aulas. (COSTA, 2012, p. 221).

A escola era um espaço de preocupação por parte das famílias de classes populares, embora não tivessem as mesmas condições, desejavam que seus filhos fossem bem sucedidos em termos educacionais. No dizer de Costa (2012), era comum a educação ficar a cargo de alguns professores, a exemplo do curso da professora Adelina Tatagiba, que nos anos 1880 atendia meninas da Ilha do Governador, filhas de pescadores que não possuíam condições de se manterem nas escolas. Importante frisar que Lima Barreto morou na Ilha do Governador com sua família. A atividade educacional ficava a cargo das mulheres, conforme indicado acima. A mãe do escritor foi professora primária, quem primeiro lhe educou. Além das instruções primárias, as professoras orientavam seus alunos e alunas para o trabalho.

Costa (2012) também cita que a frequência nas escolas subvencionadas era maior do que na escola pública. A autora menciona o fato de as classes populares terem tido papel ativo na difusão da educação primária, nos lugares mais distantes dos centros e pobres. A partir de 1871, as autoridades provinciais tiveram uma postura mais ativa, com relação à instrução popular, marcando a obrigatoriedade escolar para a província fluminense. Foi um ano de mudanças sociais e políticas. De acordo com a autora, com a lei do Ventre Livre, apresentava-se a nomenclatura ex-escravo, obrigando os “senhores” de suas mães educarem às crianças até os oito anos de idade, em seguida o estado ficaria na responsabilidade de encaminhá-las à educação primária. Nesse contexto, o índice de analfabetismo era alto, tanto que:

A publicação do censo de 1872 alarmou as autoridades imperiais. Os números indicavam que numa população de 456.850 almas, mais de dois terços eram analfabetos. “78.882 meninos de ambos os sexos de idade de 6 a 15 anos existiam desde então, e destes só frequentavam as escolas as escolas 19. 959, os outros 58.923 estavam fora da civilização! (COSTA, 2012, p. 236).

Costa (2012) chama a atenção para a representação desses números. Havia necessidade de mais escolas, restava saber o tipo. As discussões dividiram-se em duas, a defesa da escola pública, com crítica sobre as subvencionadas que dependiam da boa vontade dos professores, e da conveniência das subvenções. Em 1874, as escolas subvencionadas passaram a ser mantidas com verbas governamentais, principalmente nas localidades onde os alunos eram pobres e não poderiam arcar com os gastos.

A autora ressalta ainda que os relatórios do presidente da província do Rio de Janeiro, na década de 1870, interpretavam algumas situações como desculpa dos pais para não enviarem

os filhos à escola, “ao mesmo tempo, o que era entendido como ‘desculpa’ para não mandar os filhos para escola podia ser uma carência real e impeditiva”. (COSTA, 2012, p. 237). Este mesmo tipo de “desculpa” o governo provincial usava para justificar a baixa estatística na escolarização.

No artigo intitulado, *Regimento interno das escolas públicas da corte de 1883: uma síntese da educação imperial*, do pesquisador André Paulo Castanha (2012), é possível ter uma noção de como eram as escolas públicas da corte imperial e como estavam estruturadas. O autor apresenta uma análise do Regime Interno dessas escolas. Importante salientar que se trata da década de 1880 do século XIX, mesmo período de nascimento de Lima Barreto (1881).

Conforme Castanha (2012), em 1883 foi posta em decisão uma lei interna que colocava as escolas públicas no Regimento Interno das Escolas Públicas da Corte. As instituições de ensino passaram a ser obrigatórias em 1884, devendo focar nos valores morais e cívicos, bem como no controle dos docentes. Foi apresentado um projeto amplo com diversos temas, tais como liberdade de ensino, instrução obrigatória, higiene escolar, conselhos escolares paroquiais e outros. Nesta década, o sistema eleitoral e a substituição do trabalho servil tiveram relevância maior do que a questão da instrução pública, que, embora debatida, poucas ações foram realizadas.

A idade de ingresso na escola era de cinco e a saída se dava aos 15 anos, e mantiveram-se alguns critérios, tais como comprovante de vacinação e exclusão de pessoas com doenças ditas contagiosas. Devido à Lei do Ventre Livre não havia mais restrição às crianças escravizadas; era o professor quem fazia a matrícula provisória, mediante a organização de uma lista com os nomes dos alunos, e encaminhava para aprovação do delegado que autorizava a matrícula definitiva. Quanto ao conteúdo, era estabelecida a instrução moral e religiosa, leitura escrita, noções essenciais de gramática, aritmética, noções básicas de história e geografia entre outros, além de costura para as meninas.

As escolas também foram divididas em três classes. Foi instituído o sistema de exames finais. Ele se dava a partir da compreensão do professor de que o aluno estava apto para fazer os exames finais com questões escritas e orais, elaboradas por uma banca; e quando aprovados, recebiam o certificado de conclusão. Aos professores era dado menção honrosa a depender da quantidade de alunos que enviassem aos exames finais e fossem aprovados. (CASTANHA, 2012).

Afirma Castanha (2012) que era comum algumas famílias retirarem as crianças da escola antes delas completarem o curso primário. Isso ocorria em duas situações – primeiro, as famílias mais pobres aguardavam os filhos aprenderem o básico e os tiravam para que estes

pudessem auxiliar na renda familiar. Segundo, as famílias mais ricas tiravam da escola assim que eles dominavam a leitura e a escrita, submetendo as crianças ao ensino de professores particulares. Com isso objetivavam prepará-los para os exames de ingresso nos cursos técnicos, secundários e superior do Império.

O referido autor apresenta uma informação interessante para pensar os primeiros anos de educação de Lima Barreto, quando teve a oportunidade de ser alfabetizado por sua mãe, que era professora.

Os artigos 16 e 17 tratavam das possibilidades da existência de escolas mistas. O regimento apresentou duas situações novas em relação ao que vinha sendo praticado nas escolas públicas da Corte: 1ª – os meninos entre 5 e 6 anos só poderiam frequentar escolas de meninas; 2ª – os meninos poderiam frequentar as escolas de meninas até os 10 anos, no entanto, a frequência estava limitada à 1ª classe, pois segundo o texto, caso o aluno ficasse pronto para a 2ª classe, antes dos 10 anos, teria de frequentar uma escola de meninos. (CASTANHA, 2012, p. 8).

A mãe de Lima Barreto tinha uma escola voltada para meninas. Ela estava dentro do projeto de educação no contexto do final do Império em que, o jardim da infância e as escolas para o sexo feminino deveriam ser organizadas por mulheres.

Outra característica das escolas primárias, na segunda metade do século XIX, era a questão da disciplina. Era comum castigar os estudantes, além da burocracia e supervalorização de alguns professores. O professor podia punir o aluno com exposição de joelhos e braços abertos por muito tempo, naqueles casos em que não havia aprendizagem como desejado. O regimento de 1883 colocou as punições em forma mais branda.

Entre 1884 e 1889, havia 94 escolas públicas na Corte, todas em atividade; o número de alunos matriculados era superior a oito mil anualmente. Naquele espaço de tempo, somente 37 alunos foram inscritos para os exames finais, dos quais 25 foram reprovados, 4 não compareceram e, apenas 8 foram aprovados. (CASTANHA, 2012, p. 13).

Diante desta realidade, o ministro culpou professores e professoras e passou a ameaçar os direitos conquistados pela categoria docente.

2.6.2 Educação para os afrodescendentes no contexto da Primeira República

No artigo intitulado *Negros e Educação no Brasil*, de Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves (2000), há uma discussão interessante do ponto de vista da não comparação de realidades diferentes, em relação à educação de pessoas negras e brancas. O autor estudou a

situação dos negros, em tempos diversos em que tanto a infância quanto a juventude havia sido marcada por alto índice de analfabetismo no início do século XX. Neste estudo o pesquisador chamou a atenção para pensarmos três gerações, filhos, pais e avós, em estágios educacionais diferentes.

O intuito de perfazer este caminho é tanto para analisar a situação das pessoas negras no final do século XIX e início do século XX, quanto para que não seja mais associado o sucesso escolar a partir da escolarização dos pais. O autor lança uma pergunta que pode ser interessante para pensarmos a educação de Lima Barreto. “Como avós analfabetos influenciaram a pouca escolarização de seus filhos, e como estes, apesar de pouca escolaridade, têm estimulado suas gerações futuras a terem êxito na escola?”. (GONÇALVES, 2000, p. 325). Explica que não está desmerecendo o capital cultural da família, mas no caso dos negros no Brasil deve ser relativizado.

É importante frisar que a educação é um projeto que está em constante transformação, assim como está vinculado às questões políticas, cujas prioridades mudam de um governo para outro, conforme as prioridades de cada um. Independentemente da educação formal de uma geração, as condições políticas e econômicas influenciarão na educação das próximas gerações. Embora o capital cultural, como afirmam Bourdieu e Parsseron (2009), em *A Reprodução: elementos para uma teoria do Sistema de Ensino*, coloque essa questão em ambiguidade, uma vez que poderia se relacionar com a instrução primária, aquela recebida pelos pais, como também pela instrução secundária, proveniente das instituições formais de educação, neste sentido, a escola seria um espaço de exclusão quando submete às pessoas ao sistema de avaliação, alguns das classes populares são excluídos antes mesmo de chegarem a esta fase.

Ainda conforme Gonçalves (2000), havia o abandono dos negros no período do pós-abolição da escravidão, a questão colabora para problematizarmos o contexto em que viveu Lima Barreto. O escritor era neto de ex-escravizados, os quais, provavelmente, não tiveram oportunidades de escolarização. Os pais do escritor tiveram oportunidades diferentes dos seus genitores e Lima Barreto se diferenciou de muitos de sua época, por diversos fatores: na primeira infância foi incentivado pela mãe e, posteriormente, pelo pai; teve acesso a um tipo de educação destinada aos filhos de pessoas ricas, embora, tenha sido um dos poucos a conseguir a educação formal diante das condições das pessoas negras e pobres daquele contexto, que apenas com muita luta poucas conseguiam.

Conforme Barbosa (1964), a mãe foi criada e educada sob os cuidados da família de um médico; teve oportunidades de escolarização, tornou-se professora das séries iniciais e responsável pela alfabetização do filho. O pai queria ser médico, embora não tenha tido o sonho

concretizado teve uma trajetória marcada pelo contato com pessoas ligadas a setores importantes da sociedade, a exemplo do futuro padrinho de Lima, o visconde de Ouro Preto, que, além de ter colaborado para arranjar trabalho para o amigo e compadre, influenciou na educação do afilhado, Lima Barreto.

Com base nessas premissas, a educação de Lima não foi herança cultural herdada exclusivamente da família, mesmo tendo o incentivo. As relações sociais do pai, principalmente, colaboraram para a sua educação formal, além de o pai, a mãe, teve ajuda de outras pessoas. Com relação ao pai de Lima, as pesquisas realizadas não mostram que tipo de incentivo recebeu da mãe, já que o seu pai não consta na certidão de casamento, provavelmente na de nascimento também não. Em ambos os casos, os cuidados familiares ficaram por conta das figuras maternas, é o que consta na certidão de casamento de João Henriques e Amália, onde aparecem apenas os nomes das mães maternas de ambos.

A proclamação da então Primeira República não expandiu os direitos políticos e nem garantiu o acesso de todos à educação. As pessoas negras tiveram que se virar por conta própria, sem moradia, sem segurança, sem saúde e sem educação. Em relação à discussão sobre a escola primária na Primeira República, no artigo intitulado *A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929)*, Ednéia Regina Rossi (2017) aponta questões importantes. Afirma que na Primeira República foi propagado um pensamento renovador, com relação à educação, mudando-se as funções da escola primária, passando da perspectiva do instruir ao educar, com foco na formação do aluno.

Datam deste período algumas reformas, a exemplo do decreto n. 981, de 8 de novembro de 1890, o qual aprovou o regulamento da instrução primária e secundária do Distrito Federal. Em relação às escolas primárias, suas categorias e regimentos ficavam

Art. 2º A instrução primaria, livre, gratuita e leiga, será dada no Districto Federal em escolas publicas de duas categorias:

1ª escolas primarias do 1º gráo;

2ª escolas primarias do 2ª gráo.

§ 1º As escolas do 1º gráo admittirão alumnós de 7 a 13 annos de idade, e as do 2º gráo, de 13 a 15 annos. Umas e outras serão distinctas para cada sexo, porém meninos até 8 annos poderão frequentar as escolas do 1º gráo do sexo feminino.

§ 2º Nenhum alumno será admittido á frequencia das escolas do 2º gráo sem exhibir o certificado de estudos primarios do gráo precedente. (BRASIL, 1890, n.p.).

Lima Barreto com nove anos de idade em 1890, ainda na infância vivenciou parte dessas reformas, antes mesmo dessa regulamentação. Como exposto no decreto e discutido por João Cardoso Palma Filho (2005), a escola primária era dividida em dois ciclos: primeiro grau de

sete a 13 anos e segundo grau de 13 a 15 anos. Já a escola secundária, com duração de sete anos, e o ensino superior estava organizado em politécnico, de direito, de medicina e militar.

As autoras Schueler e Magaldi (2008) discutem sobre a escola primária na Primeira República, e afirmam que, embora a implantação dos grupos escolares tenha se destacado por diversas mudanças na forma de organizar a educação, a disseminação não foi total. Schueler e Magaldi (2008, p. 46) indicam que as práticas anteriores, tais como “as escolas isoladas e multisseriadas, a educação familiar e doméstica” se mantiveram em diversos lugares.

Diante desta discussão cabe aqui mensurarmos como se deram os primeiros anos da educação de Lima Barreto naquele momento de transição para a Primeira República. Como percebido, as transformações nesse contexto educacional significaram exclusões, inseguranças e preconceitos. É, portanto, necessário compreender melhor como foi a educação de Lima Barreto e como se diferenciou em suas particularidades.

2.6.3 Educação formal de Lima Barreto

De acordo com Barbosa (1964), Lima Barreto foi alfabetizado pela mãe e somente quando ela faleceu é que foi à escola pública de D. Teresa Pimentel do Amaral, na rua do Resende, nº 143-A. Dedicado ao estudo, o futuro escritor não gostava de brincar, segundo relato de sua irmã ao biógrafo e caso isso ocorresse logo se recolhia.

Em 1882, o analfabetismo começava a ser discutido, foi instituída a lei Saraiva³⁹, que excluía do processo eleitoral as pessoas não alfabetizadas. De acordo com Schwarcz (2017), o novo projeto social urbano era imperativo com a educação, tanto no universo dos barões do café, quanto para quem a educação era vista como um luxo. A partir dos movimentos de libertação, juntamente com a implantação da lei Saraiva e o alto índice de pessoas sem alfabetização, surgiram novas necessidades. Os recém-libertos começaram a refazer a própria história e exigiram novos espaços de inserção social, em uma sociedade até então dominada por pessoas brancas. A questão da cor definia os lugares sociais, e a educação aparecia como um caminho de libertação social. “A percepção difusa e pouco verbalizada parecia ser a de que não se era “negro para sempre”, até porque, muitas vezes, ascender socialmente podia significar “embranquecer”. (SCHWARCZ, 2017, p. 26).

³⁹ A Lei Saraiva (1881) promoveu uma reforma eleitoral, instituiu o título de eleitor e proibiu o voto das pessoas não alfabetizadas, excluindo, desta forma, a maior parte da população brasileira do processo eleitoral.

Em *Marginália*, na crônica intitulada: *A Política Republicana*, publicada no *A.B.C.*, em 19 de outubro de 1918, Lima Barreto critica a Primeira República, deixando entender que havia se afeiçoado com o sistema monárquico.

Foi o novo regime que lhe deu tão nojenta feição para os seus homens públicos de todos os matizes. Parecia que o Império reprimia tanta sordidez nas nossas almas. Ele tinha a virtude da modéstia e implantou em nós essa mesma virtude; mas, proclamada que foi a República, ali, no Campo de Santana, por três batalhões, o Brasil perdeu a vergonha e os seus filhos ficaram capachos, para sugar os cofres públicos, desta ou daquela forma. (BARRETO, 1918, p. 26).

Como registrado na passagem acima, Lima Barreto fala sobre o Império e a Primeira República. Seu posicionamento firme questiona a Primeira República. Desde cedo o escritor teve contato com as questões políticas, principalmente por conta do pai: “dir-se-ia que os sentimentos de João Henriques contaminariam o filho na primeira infância, educado num clima de veneração aos grandes do Império”. (BARBOSA, 1964, p. 34). Lima Barreto escreveu crônicas mostrando as contradições políticas da sua época, no entanto, discordamos de que tenha herdado a mesma percepção do pai. São nítidas as críticas feitas por ele aos representantes do poder político, independentemente ao qual sistema façam parte.

As desigualdades sociais pelas quais passou a família do escritor quando ele ainda era criança, e os caminhos seguidos por Lima Barreto na educação, estão em sua escrita, quando mostra as interferências das questões sociopolíticas em sua vida. Podemos pontuar algumas delas, desigualdades econômicas da família, embora o pai tenha lutado para sanar.

João Henriques então mudou de cenário. Partiu com a família para a ilha do Governador, onde seria administrador das Colônias de Alienados. O pai de Lima não tinha como saber que a loucura se instalaria, de vez, na sua vida, e que ele, o tipógrafo, daria fim à sua carreira repleta de êxito. (SCHWARCZ, 2017, p. 77).

Em 1890, João Henriques, por intermédio de um conhecido e militante do Partido Liberal, foi nomeado para trabalhar como administrador nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador, Niterói/RJ. Essa, provavelmente, foi a forma encontrada pelo amigo para amenizar o impacto sofrido pelo tipógrafo com o fim do Império.

No meio educacional, Lima Barreto se destacava pela inteligência, seu pai sentia-se feliz por isso, principalmente quando recebeu notícias sobre o prêmio escolar do filho. Tratava-se de um volume *d’As Grandes Invenções*, de Luís Figuiier, no qual constava uma dedicatória da professora do escritor, chamada D. Teresa de Pimentel, da seguinte forma:

Afonso, guarda esse livro como uma lembrança de quem se orgulha de ter desenvolvido um pouco tua grande inteligência, da qual muito espera nossa cara Pátria, lendo-o, procurarás imitar as virtudes e a força de vontade dos grandes vultos, que aí se apresentam, etc. (BARBOSA, 1964, p. 37).

João Henriques queria, provavelmente, ver o filho formado e que não passasse pelos mesmos problemas financeiros dele, talvez isso tenha o motivado a convidar o visconde de Ouro Preto para ser padrinho de Lima; ele custearia as despesas na formação do afilhado. Sobre esse momento, Barbosa (1964, p. 37) apresenta a seguinte passagem:

Na Col. Lima Barreto encontra-se o seguinte bilhete: “Niteroi, 4 de março de 1893. (1893) Il. Sr. Barreto. Em Cumprimento de suas ordens, mandarei seg.^a feira o meu filho ao escritório do Exmo. Sr. Visconde de Ouro Preto receber o trimestre de seu filho Afonso, meu aluno. (a). William Cunditt.” V. Correspondência, I, p. 33.

A professora comunicou a João Henriques sobre a motivação do filho dela em ir ao escritório do visconde, seria para buscar o dinheiro do pagamento da escola. Havia nesta relação preocupação com a educação do escritor por parte não apenas do pai, mas do padrinho e da professora. Essa relação de compadrio foi importante, principalmente por se tratar de uma época cuja prioridade na educação era apenas voltada aos filhos dos ricos.

Quando Lima Barreto começou a frequentar o Liceu de Niterói “o menino começaria a sentir na pele a diferença de classe e a existência de um racismo dissimulado. Vivia constrangido diante dos colegas mais abonados” (SCHWARCZ, 2017, p. 98-99), porque não era comum àquela instituição a frequência de pessoas pobres, embora tivesse algumas exceções, assim como foi com Lima Barreto.

Além da contradição socioeconômica, havia a questão do preconceito racial. Dadas as realidades financeiras e sociais, o escritor conheceu o mundo paradoxal sobre o qual viveu e escreveu. Conforme a autora, o Liceu⁴⁰ atendia aos filhos da elite, mas admitia estudantes sem condições de pagar. No caso de Lima Barreto, essa foi a maneira encontrada para o “garoto estudar numa escola famosa na capital do estado do Rio, considerada uma das melhores no seu tempo”. (SCHWARCZ, 2017, p. 98). Essa situação o fez se voltar para os livros, mesmo vivendo constrangido diante dos colegas e afastado das amizades.

⁴⁰ O Liceu Popular Niteroiense ficava localizado no largo da Memória, e foi dirigido por um escocês com fama de educador, que chegou ao Brasil por volta de 1860 e ficou reconhecido pela dedicação à educação. Lima Barreto estudou neste estabelecimento até 1894 e conheceu uma instituição educacional, onde apenas a classe rica poderia ter acesso.

No livro intitulado *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos*, de Beatriz Resende (2017a), tem uma carta de Lima Barreto para Murilo de Araújo. Consideramos pertinente apresentá-la e discuti-la aqui, uma vez que aponta as críticas do escritor sobre os conteúdos das escolas. A carta data de 26 de outubro de 1916, que em resposta a Murilo de Araújo, afirma que um poeta deveria ter emoção diante do encanto do mundo, mesmo fugindo desse tipo de sentimento.

[...] o que se pede em primeiro lugar a um poeta é a sua emoção diante do encanto do mundo, do seu transcendente mistério, a relação deste por alguma forma. Em menino, fugi sempre das coisas que tocassem em amor, em arte e emoção. Queria ser um homem enérgico, inacessível a tudo isto, engenheiros, talvez, a construir pontes, máquinas, cais ou coisas semelhantes. (RESENDE, 2017a, p. 111).

O escritor manifestava sentimento de respeito e ao mesmo tempo admiração, falava sobre questões de seu domínio. No final, recomendou a publicação do material, afirmando: “eu lhe aconselho ainda como mais velho: publique seus versos, quanto antes, sem temor, sem padrinhos, sem cirineus de qualquer natureza”. (RESENDE, 2017a, p. 111-112). Lima Barreto recomendava aos colegas escritores que fossem livres na escrita e nas publicações. Isso demonstra como o escritor não concordava com apadrinhamentos, embora quando criança, por intermédio do pai, tenha recebido ajuda na educação, foi algo de que não se orgulhava.

2.7 LIMA BARRETO E O SEU PAI: ENSAIOS DE UMA PRÁTICA EPISTOLAR

De acordo com Barbosa (1964), quando João Henriques foi promovido a almoxarife⁴¹ das Colônias de Alienados, na Ilha do Governador⁴², Lima Barreto voltava do internato todos os finais da semana. Viver junto ao pai neste lugar era algo inédito para o futuro escritor, significava distanciamento da agitação urbana e aproximação com a natureza. A casa onde a sua família foi morar é a mesma descrita no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915).

A habitação de Quaresma tinha assim um amplo horizonte, olhando para o levante, a *noruega*, e era também risonha e graciosa nos seus muros caiados. Edificada com a desoladora indigência architectonica das nossas casas de campo, possuía, porém, vastas salas, amplos quartos, todos com janella, e uma varanda com uma columnata heterodoxa. Além desta principal, sítio do <Socego>, como se chamava, tinha outras

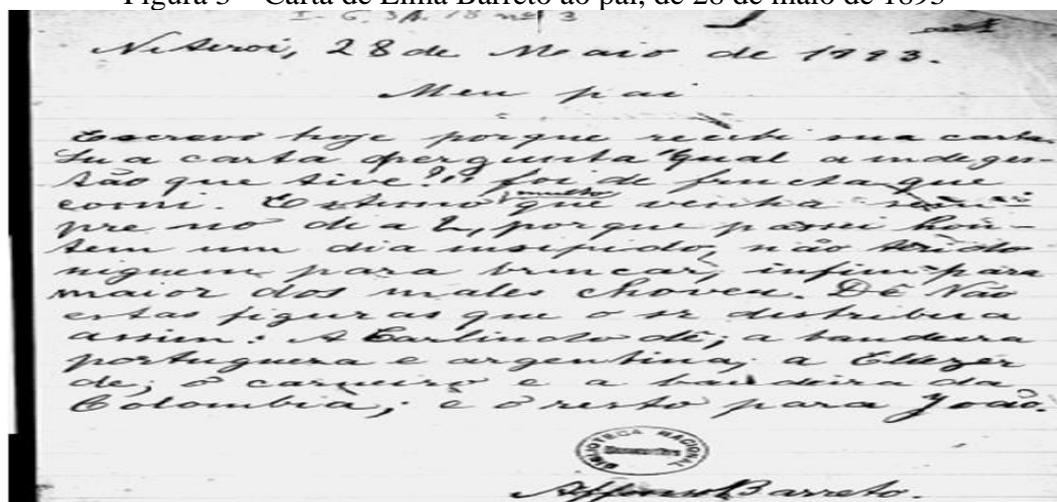
⁴¹ Como almoxarife, João Henriques controlava o material da colônia. Também fazia a fiscalização da cozinha, a prestação de contas do dinheiro empregado na compra de produtos necessários para assistência da instituição. Além da assistência moral que deveria necessariamente oferecer aos pobres enfermos. (BARBOSA, 1964).

⁴² Em pesquisa sobre a Ilha do Governador percebe-se que muitos a compreendem como um bairro do Rio de Janeiro, outros como uma região administrativa da Zona Norte da cidade. A Ilha fica localizada na Baía de Guanabara- Rio de Janeiro.

construções: a velha casa da farinha, que ainda tinha o forno intacto, e a roda desmontada, e uma estrebaria coberta de sapê. (BARRETO, 1915, p. 87).

O personagem Policarpo Quaresma seria João Henriques. Conforme Barbosa (1964), as evidências são confirmadas pelos episódios vividos por Lima e sua família. Após se mudarem para a Ilha do Governador, vieram algumas mudanças com relação à convivência familiar. O futuro escritor, que estudava em Niterói, utiliza as cartas para amenizar a saudade do pai, dos irmãos e estabelecer troca de informações sobre a saúde, uma das preocupações de João Henriques em relação ao filho.

Figura 3 – Carta de Lima Barreto ao pai, de 28 de maio de 1893



Fonte: Barreto (1893a).

Como escrito na carta⁴³ acima, Lima Barreto falou sobre o recebimento de uma correspondência do pai, na qual teria perguntado sobre a indigestão⁴⁴ e o retorno para Ilha do Governador, onde a família morava. Disse ser de costume ir buscá-lo no dia 2 de cada mês, mas naquela data não ocorreu. A missiva é uma resposta de outra enviada anteriormente pelo pai a Lima, ambas demonstram preocupação, diante dos acontecimentos daquele contexto, mas também uma vontade de se manterem próximos, embora apenas por meio das correspondências. As frases afetuosas, tanto com relação ao pai quanto aos irmãos, expressam saudade de ambos e desejo de se protegerem.

Nesta carta, como é possível perceber, a data coincide com o período de estadia da família na Ilha do Governador, mesmo contexto dos episódios da Revolta da Armada (1891-

⁴³ Esta carta foi lida várias vezes na tentativa de compreendê-la. Essa é umas das poucas correspondências que foi possível ler e compreender a maioria das palavras, nas demais que tivemos acesso não conseguimos ler, as análises foram baseadas na transcrição de outros pesquisadores.

⁴⁴ Não foi possível compreender direito se é realmente este nome.

1894), evento que teria acabado com o sossego na Ilha. Beatriz Resende (2017a, p. 65) apresenta trechos escritos por Lima Barreto sobre a revolta:

Dentre os episódios da revolta de 1893, assistidos por mim, aquele que mais me impressionou foi sem dúvidas o desembarque dos revoltosos no Galeão, ilha do Governador, onde minha família morava, em virtude do cargo que meu pai exercia por aquele tempo. Era ele então almoxarife das Colônias de Alienados que, como se sabe, estavam e ainda estão naquela ilha. Eu tinha doze anos e acabava de chegar do colégio onde era interno, depois de uma longa viagem de trem, pois começavam naquele ano os meus preparatórios no Liceu Popular, em Niterói.

Foi um momento difícil para Lima Barreto, pois voltar para casa nos finais de semana era uma libertação da rotina do colégio, mas a Revolta da Armada acabou impedindo os retornos. Desse modo, as cartas são formas para amenizarem o afastamento e a saudade. De acordo com Schwarcz (2017), Lima Barreto (1893b) descreveu os combates da Revolta da Armada em Niterói, ficou mais de um mês sem visitar a família na Ilha do Governador, a correspondência ao pai confirma os acontecimentos.

A carta, de 1893, tem a seguinte transcrição na obra de Barbosa (1964, p. 50-51):

Meu pai.

Recebi a sua carta de 25 do corrente. As aulas estão funcionando muito mal, isto é, com falta de frequência. O doutor Frutuoso não pode vir cá. No colégio, só há um professor. O marido de Miss Annie foi hoje para lá (capital). Correu boato que a Escola Naval estava lá na ilha. Como já lhe disse, o marido de Miss Annie foi para a cidade, Miss Annie não quer me deixar ir, ao princípio ela tinha o pretexto de dizer que não havia condução para ilha, hoje é porque já há aulas, as aulas que se dão muito sumárias. Eu já estou aqui há um mês sem ir lá. Se o senhor tiver alguém que venha a Niterói por necessidade, mande-me buscar. Não mande ninguém de propósito aqui, porque a viagem é cara. Diga a dona Presciliana que eu desejava vê-la aqui, para ver as balas passar e arrebentar, como eu as tenho visto daqui do Colégio. Nesta brincadeira tem morrido muita gente. As granadas rebentam por todos os lados, de Niterói, até chegar a arrebentar uma no morro que fica nos fundos do colégio. A nossa professora de piano não tem vindo.

Lembranças a todos.

Seu filho Afonso

Conforme Barbosa (1964), ao receber a correspondência do filho, João Henriques foi buscá-lo no colégio. A correspondência informa a ausência de professores e de aulas em razão da situação de guerra no Rio de Janeiro. É um registro que indica a relação afetiva entre pai e filho, baseada em cuidados e apego, principalmente da parte de Lima. Também aponta para a preocupação do menino de 12 anos de idade, que apresenta uma escrita coerente diante da pouca idade. Embora se tratasse de um assunto sério, Lima usou um teor de brincadeira na comunicação, quando fala sobre as balas próximas do colégio.

Quando a Ilha foi invadida ocorreram saques às produções agrícolas e os residentes internos da colônia ficaram assustados. Em decorrência desse fato, João Henriques se mudou com a família para o litoral da Penha⁴⁵, retornava para levar alimento aos internos da colônia de alienados da Ilha. A escrita de Lima Barreto demonstra preocupação, a exemplo de quando interrogou o pai sobre os motivos de os homens de guerra agirem daquela forma. No romance *Bagatelas*, fez críticas dizendo que “as massas de combatentes, homens simples e sem luzes, em geral, não sabem nitidamente porque dão tiros uns contra os outros”. (BARRETO, 1923, p. 195).

2.8 LIMA BARRETO: ENSINO SUPERIOR E AS SUAS CONTRADIÇÕES

Lima Barreto começava a se preparar para conhecer outras pessoas com realidades de vida diferentes da sua. Em 1897 realizou os exames preparatórios da Politécnica. Conforme Schwarcz (2017), neste período, Lima Barreto passou a morar em pensões no centro da cidade do Rio de Janeiro, com outros estudantes de condição parecida com a sua, e a intenção era cursar engenharia civil, mas, no final do ano foi reprovado em quase todas as disciplinas, exceto em física.

De acordo com Schwarcz (2017), por ser um adolescente introvertido, começou a visitar frequentemente a Biblioteca Nacional e se tornou um leitor fiel, iniciou as visitas aos cafés na companhia dos amigos⁴⁶ de faculdade. As experiências, tanto no Liceu quanto no colégio Paula Freitas⁴⁷, colaboraram para o escritor se tornar mais maduro diante das contradições que enfrentaria. Embora com pouca idade, “Lima Barreto não tinha jeito de menino. Antes parecia um velho. Não gostava de brincar. Enquanto os outros corriam pelo recreio, êle vivia metido nos cantos, com os seus livros e os seus problemas”. (BARBOSA, 1964, p. 58).

Para Barbosa (1964), José Oiticica⁴⁸, amigo do escritor, teria escrito que Lima era dedicado aos estudos do positivismo⁴⁹. Porém, depois de um tempo, desencantou-se e posicionou-se contrário aos positivistas brasileiros com bastante raiva, principalmente quando

⁴⁵ Penha é um tradicional bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro.

⁴⁶ Conforme Schwarcz, os amigos de Lima eram Antonio Noronha Santos, Manuel Bastos Tigre, Otávio Carneiro, Manuel Ribeiro de Almeida, João Luís Ferreira, José Oiticica e seu colega de quarto Nicolao Ciancio. A autora afirma que eram autointitulados “Pessoas do contra”.

⁴⁷ A escola é referência a um engenheiro brasileiro, Antonio de Paula Freitas (1843-1906), professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

⁴⁸ José Rodrigues Leite Oiticica (1882-1957), um mineiro professor, filósofo e anarquista, iniciou mas não terminou os cursos de direito e de medicina, era também catedrático do Colégio Pedro II.

⁴⁹ Enquanto interno não participou assiduamente do movimento, neste ano, 1897, o movimento se tornou forte no Brasil.

falava sobre a maneira como Floriano Peixoto, presidente do Brasil de 1891 a 1894, agiu na Revolta da Armada em 1893.

No romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (BARRETO, 1915, p. 149), Lima fala sobre o positivismo e de acontecimentos dos quais provavelmente não concordava, e registou a seguinte passagem:

Eram os adeptos desse nefasto e hypocrita positivismo, um pedantismo tyrannico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinios todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz elle, ao progresso e também ao advento do regimen normal, a religião da humanidade [...]. Os positivistas discutiam e citavam theoremas de mecânica para justificar as suas idéas de Governo, em tudo semelhantes aos khanatos e emirados orientaes. A mathematica do positivismo foi sempre um puro falatorio que, naquelles tempos, amedrontava toda a gente.

A citação acima mostra a forma como Lima Barreto pensava sobre os adeptos do positivismo, que utilizavam do discurso de manutenção da ordem para praticarem as injustiças, na maioria das vezes com violência, justificando serem necessárias para a ordem e o progresso social. Nesse momento da vida, o escritor já tinha um olhar atencioso sobre os acontecimentos sociopolíticos.

Quando ele escreve sobre a cidade do Rio de Janeiro é comum encontrar referência à rua do Ouvidor, descrita como palco de múltiplas experiências. Além disso, as pessoas aparecem em seus romances com detalhes específicos relacionados às vestimentas, aos perfumes, dentre outras observações, como anuncia no seguinte trecho.

Eu parava diante de uma e de outra, fascinado por aquellas cousas frágeis e caras. As botinas, os diapoés petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: veste-me, oh idiota! nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a belleza e o saber. Sem' nós não ha nada d'isso; nós somos, além de tudo, a magestade e o domínio! (BARRETO, 1917, p. 54).

Na citação acima, Lima Barreto faz uma crítica às vitrines; as exposições davam a entender que se as pessoas não tivessem acesso a esses serviços, consumindo provavelmente, era como se ficassem à margem da civilização. Não apenas essas lojas chamavam a sua atenção, os transeuntes, também passeavam cidadãos da política e dos negócios, pessoas simples, e outros que davam conta das últimas notícias da cidade, conforme se encontravam com “mulheres bonitas e feias, grandes e pequenas, de plumas e laçarotes, farfalhantes de sedas”. (BARRETO, 1917, p. 54). O escritor era um crítico das práticas percebidas no contexto urbano.

Era um observador da rua do Ouvidor, sofrendo com os impactos das mudanças daquele contexto. Conforme Resende (2016), após a Abolição da Escravatura e a implantação da Primeira República, a demografia da cidade passou por alterações, os desempregados e os ex-escravizados ampliaram a paisagem urbana. Sidnei Chalhoub (2001) mostra a cidade do Rio de Janeiro com uma população cuja proporção era superior às limitadas necessidades dos serviços e da indústria. Diante disso, afirma que a população de pobres, continuamente engrossada por imigrantes internos e estrangeiros, lutava com grande dificuldade para “arrumar emprego e tinha de se sujeitar a receber salários baixos que deteriorava ainda mais suas condições de existência”. (CHALHOUB, 2001, p. 61).

Além da vulnerabilidade da própria situação, a população pobre estava disputando espaço e oportunidades com os imigrantes nacionais e internacionais, grupos esses que compunham a paisagem das ruas cariocas. Os imigrantes não viviam em tranquilidade, Lima Barreto escreveu em *Diário Íntimo* (1969), que a polícia os levavam para as delegacias e os empurravam num grande pátio de forma humilhante e, posteriormente, eram encaminhados para a ilha das Cobras, onde então eram surrados.

Conforme Barbosa (1964), Lima se dedicava aos estudos de segunda a sexta, e final de semana retornava para a Ilha do Governador para ficar com a família. Iniciou na Politécnica o curso de engenharia civil, em 1897, para felicidade de João Henriques que desejava ver o filho doutor. “O ano e a aprovação representaram quase que ‘rituais de passagem e de maturidade’, pois foi então que o garoto, agora com quinze anos, passou a residir fora do internato”. (SCHWARCZ, 2017, p. 119).

Porém, a expectativa de ser doutor parecia ser apenas do pai. Enquanto estudante da Politécnica, Lima perdeu várias avaliações e obteve algumas reprovações. Segundo Barbosa, o jovem “estava na escola para satisfazer o pai, que o queria doutor, com anel de grau e pergaminho. O temperamento rebelde se acomodava, pensando na alegria que isso causaria ao almoxarife da Colônia de Alienados da Ilha do Governador”. (BARBOSA, 1964, p. 73).

Embora fosse de imensa vontade de João Henriques ver o filho formado, como mostra a passagem acima, discordamos de que o escritor não se importava com o processo de educação, pois em sua escrita, é possível perceber as críticas direcionadas às contradições existentes entre as classes e os valores atribuídos à educação. Lima criticava a forma como os professores ensinavam. De acordo com Barbosa (1964), ele trocava, geralmente, as aulas de Teoria do Pêndulo, Teoremas das áreas, para ir à biblioteca ler Kant, Spencer, Comte, dentre outros pensadores.

O gosto pela filosofia possibilitou ao escritor conhecer professores da área e nutrir sentimentos de admiração por alguns. Como foi o caso do professor da Politécnica, Otto de Alencar, para quem dedicou uma passagem na obra *Bagatelas* (1923), escrita da seguinte forma:

De todos eu queria também falar do Sr. Otto de Alencar, mas que posso eu dizer da sua cultura geral e profunda, da natureza tão diferente da sua intelligencia da nossa iritelligencia, em geral? Elle tinha alguma cousa daquelles grandes geometras francezes que vêm de Descartes, passam por d'Alembert e Condorcet, chegam até nossos dias em Bertrand e Poincaré. Podia tocar em tudo e tudo receberia a marca indelével do seu gênio. Entre nós, ha muitos que sabem; mas' não são sábios [...]. Foi o homem mais intelligente que conheci e o mais honesto de intelligencia. (BARRETO, 1923, p. 25).

Como explícito na citação, a relação de admiração do estudante com o professor foi levada à ficção. Em *Bagatelas* (1923), o autor falou sobre a inteligência deste docente, o comparou a grandes escritores franceses inspirados em Descartes, Condorcet, além de se referir ao mestre como um homem sábio. No entanto, professores como Otto de Alencar eram poucos. De acordo com Schwarcz (2017), quando Lima Barreto iniciou na Politécnica o referido professor estava com apenas 23 anos, e parece que a juventude de ambos os aproximou, além de serem contrários às ideias positivistas. No entanto, nem só de Otto era composta a instituição, de Licínio também, este gostava de reprovar estudantes, inclusive Lima Barreto foi um deles.

Durante o período de Escola Politécnica, alguns estudantes criaram a Federação de Estudantes Brasileiros, Lima Barreto participou do movimento, apesar de ser de poucos amigos e passar as horas vagas sempre na biblioteca. Quando não estava de posse dos livros, gostava de se juntar aos poucos grupos para falarem sobre política, literatura e sobre a própria escola. E, geralmente, faziam com tons irônicos.

Não se acostumava ao “ar” da Escola. Tímido mas orgulhoso, estava sempre prevenido. E via na maioria dos colegas, quase todos filhos de gente grauda, olhares de desdém. Vestia-se pobremente, ao contrário de muitos, um Guilherme Guinle, um Miguel Calmon du Pin E Almeida, um Benjamim da Rocha Faria. Êstes só faziam ternos no Rauner e ostentavam chapéu-côco, bengala de castão de ouro e polainas brancas. (BARBOSA, 1964, p. 77).

Como se percebe nesta passagem, o espaço da escola trata-se de um lugar marcado pela desigualdade dos estudantes, principalmente no que se refere à condição étnico e social, percebida através da cor da pele e como se vestiam. Lima era um estudante, filho de pais com menos condições do que os da maioria dos colegas de classe. Não que a roupa seja em todo definidora, mas, em se tratando daquele contexto, e das condições da família do escritor,

certamente ele não possuía as mesmas características de vestimentas que os filhos de famílias abastadas.

2.8.1 “Amizades”, des(encantos) e dificuldades no meio acadêmico

Conforme Schwarcz (2017), Lima Barreto não se integrou apenas às disciplinas, teve dificuldades de se relacionar com alguns estudantes ricos. Ele vivia constrangido com Guilherme Guinle, filho de família rica tradicional do Rio de Janeiro, dona das Docas de Santos⁵⁰, com Miguel de Calmon du Pin e Almeida. Parece que as diferenças sociais estavam aflorando quando ocorreu o encontro do cronista com tais rapazes.

Esses estudantes viviam a vida em abundância financeira, frequentavam diversos lugares. “Lima se queixava do menosprezo que sentiu da parte desses alunos, os quais, vindos de diversos estados do Brasil, muitas vezes pertenciam a extinta nobreza do Império e faziam pouco da descendência africana do colega”. (SCHWARCZ, 2017, p. 121-122). Ele fazia amizade com alguns estudantes, a exemplo de Antônio Noronha Santos, Nicolao Ciancio, Bastos Tigre, Manuel Ribeiro de Almeida, este desde os tempos de Liceu Niteroiense, dentre outros. De acordo com Barbosa (1964), Everardo Backheuser⁵¹ lhe concedeu uma entrevista sobre Bastos Tigre⁵², amigo de Lima Barreto, ao contrário deste, Bastos era brincalhão, comunicativo e constantemente convocado para fazer discursos.

De acordo com o biógrafo, da referida amizade nasceu o convite para o escritor ser colaborador em *d’A Lanterna*, um jornal fundado por Júlio Pompeu de Castro e Albuquerque. Lima ficaria incumbido da responsabilidade de escrever para o jornal. Pompeu perguntou, ao amigo Bastos Tigre, quem era Lima Barreto. Vejamos as respostas, tanto de Tigre quanto do próprio Lima Barreto:

- Um rapaz muito inteligente. Você vai gostar dêle. Bem, até logo. Estou com muita pressa. Tenho certeza de que você gostará do Barreto.
- E lá se foi o Tigre pela Rua do Ouvidor afora, a direção da Livraria Garnier. Dias depois aparece na redação d’A Lanterna, que figura por cima do Café Cascata, um jovem de estatura mediana, roupa simples, surrada, trazendo um artigo.
- Sou eu o Lima Barreto, colega do Tigre. Aqui tem a secção da Politécnica. (BARBOSA, 1964, p. 78).

⁵⁰ Docas de Santos foi uma empresa privada brasileira que deteve o monopólio por 94 anos das operações do porto de Santos. Para maiores informações, consultar a obra discutida ao longo do texto da autora Schwarcz (2017).

⁵¹ Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951), engenheiro brasileiro, nascido em Niterói, concedeu depoimento sobre a relação de amizade do romancista com os denominados “do contra”. (BARBOSA, 1964).

⁵² Manuel Bastos Tigre (1882-1957) foi um jornalista pernambucano e bibliotecário, morava no Rio de Janeiro e era amigo de Lima Barreto.

Como é possível observar na citação acima, o romancista fazia amizades com pessoas cujos pensamentos se pareciam. Assim, iniciava-se a formação de sua rede de sociabilidade, e “a colaboração n’*A Lanterna* vai aumentar o círculo de relações de Lima Barreto”. (BARBOSA, 1964, p. 79). Com estes rapazes realizaram-se os primeiros investimentos no campo da literatura. Porém, Lima Barreto desanimava cada vez mais com o ambiente acadêmico, além das reprovações, era composto por gente rica, mundo do qual não se sentia pertencente.

Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso. Aquella atmosphera da Escola Superior, não me agradava nos meus 16 annos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho. Todos os meus collegas, filhos de graudos de toda a sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiencia que me intimidava, que me abafava, se não me asphyxiava. (BARRETO, 1923, p. 129).

Prosseguia no curso por ser o desejo do pai de vê-lo formado e doutor. Mas, como se referiu acima, aquela escola superior não o agradava, se achava tímido, embora tivesse uma personalidade marcante, não era pertencente à uma família rica, sabia o lugar que ocupava naquele meio e as possíveis humilhações que passava, algumas vezes percebendo o quanto era desdenhado pelos colegas. Por tudo isso, segundo Schwarcz (2017), Lima Barreto não conseguiu avançar no curso superior, sendo reprovado em fevereiro de 1901, e, em abril, se matriculou outra vez no segundo ano, além de frequentar, como ouvinte, as aulas do terceiro ano.

Em março de 1902 teve mais uma reprovação, e meses depois, em agosto deste mesmo ano, sua vida passou por mais um episódio difícil com relação à família e que afetaria a sua trajetória “João Henriques enlouquece, obcecado pela contabilidade das Colônias de Alienados e por um desfalque que lhe foi injustamente atribuído. O pai de Lima Barreto recebe o diagnóstico de “neurastenia”, então um termo genérico para diversos transtornos mentais”. (SCHWARCZ, 2017, p. 604). O adoecimento do pai faria com que a não vontade de permanecer no curso aumentasse. Com relação ao desejo de João Henriques de ver o filho formado, Lima registrou o seguinte em *Bagatela*:

Fui perdendo o estímulo; mas, a autoridade moral de meu pae, que me queria ver formado, me obrigava a ir tentando..., Conjugados... Momentos... Theoria do pêndulo... Theorema das áreas... Que sei eu mais? Nada!...Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pae, tanto mais que, a bem dizer, não tinha sido reprovado (BARRETO, 1923, p. 129).

Como explicitado, essa atmosfera de desgaste e reprovações parece ter entristecido o escritor e o desestimulou para a continuidade nos estudos, colaborando para o futuro abandono,

ao menos do meio formal, que era o acadêmico. Porém, mesmo diante do desânimo, Lima continuava questionando o processo do conhecimento, talvez por não ser aquele modelo de educação que gostaria de ter tido acesso. A escrita da literatura e suas investidas, no que se refere à perspectiva de abordagem dos aspectos sociopolíticos, pareciam mais agradáveis e interessantes para ele. O embate com a própria formação se estendeu até surgir outras preocupações de ordem familiar, que o fez abandonar o curso.

Vivia eu nesse conflicto moral desde os meus dezenove annos, quando, aos vinte e um, meu pae adoeceu sem remédio, até hoje. Estava livre, mas, por que preço, meu Deus! Emfim... Não seria mais doutor em cousa alguma. (BARRETO, 1923, p. 129).

O sonho de João Henriques de ter um filho doutor estava prestes a se acabar. Em 1902, a possível loucura teria entrado de forma mais incisiva na casa da família Barreto. O filho Carlindo percebeu que o pai estava em estado de delírio, dizendo expressões sem sentido, repetindo que as contas do manicômio não estavam batendo e por isso poderia ser preso. Embora tivesse contato com a bebida alcoólica, esse, provavelmente, não foi o motivo do seu adoecimento. João Henriques que “tanto se orgulhava dos seus cadernos ‘em ordem’, descobriu uma diferença nas entradas e saídas do seu livro-caixa, e isso virou obsessão” (SCHWARCZ, 2017, p. 131), quando Lima o encontrou teria achado o pai em silêncio. Esse episódio seria um marco na família e na vida do escritor e mudaria a vida de quase todos os membros.

Segundo Schwarcz (2017), Lima estava com 21 anos, quando assumiu as responsabilidades antes atribuídas ao pai, cuidaria dos nove membros da família estendida, composta pelo pai, três irmãos, por Presciliana, segundo a autora considerada companheira de João Henriques, os três filhos dela, Manoel de Oliveira. Este fazia parte da Colônia, mas, ao se livrar do internamento teria escolhido ficar com a família Barreto. Esta seria a nova fase que marcaria a trajetória do futuro escritor.

2.8.2 Instituições escolares onde Lima Barreto estudou

Quadro 1 – Escolas onde Lima Barreto estudou

Teresa Pimentel do Amaral	Liceu Popular Niteroiense	Ginásio Nacional (Colégio D. Pedro II)	Colégio Paula Freitas	Escola Politécnica
Descreve Barbosa (1964), que Lima Barreto foi alfabetizado pela mãe que era professora pública primária, e dirigiu o colégio Santa Rosa. Quando a mãe faleceu foi para a escola pública de D. Teresa Pimentel do Amaral, na rua do Resende, nº 143. A escola ficava entre o centro e a Lapa e fazia encontro com a rua Riachuelo.	Conforme Schwarcz (2017), o Liceu era uma escola frequentada pela elite daquele contexto, embora admitisse gratuitamente estudantes que não pudessem pagar. Lima Barreto ficou entre 1893-1894. Concluindo o secundário e cursando parte do suplementar. O Liceu localizava-se no Largo da Memória, uma grande chácara.	Segundo Schwarcz (2017), em 1895 Lima prestou exame no Ginásio Nacional. Instituição reconhecida pelo bom ensino na corte e depois da República. A certidão atestava conclusão dos exames de geografia geral e do Brasil. Porém, o seu pai queria mais, queria vê-lo formado em engenharia. A primeira unidade da instituição funcionou no centro da cidade do Rio de Janeiro e continua até os dias atuais no mesmo local ⁵³ .	Afirma Schwarcz (2017) que mesmo aprovado no preparatório no Ginásio Nacional. Mas, seu pai queria vê-lo engenheiro. Passou a se preparar no colégio Paula Freitas. A instituição oferecia curso preparatório para os jovens interessados na famosa Politécnica. Segundo a autora, em 1896 teve o “preparatório final”, para o ingresso na Politécnica. A escola Localizava-se à rua Haddock Lobo, fronteira com a Afonso Pena – Tijuca ⁵⁴ .	De acordo com Schwarcz (2017), em 1897 Lima iniciou o curso de engenharia na Politécnica ficou até 1902. Teve algumas frustrações e reprovações. A Escola localizava-se no Largo de São Francisco de Paula, ficou até 1966, atualmente é o espaço onde funciona os Institutos de Filosofia e Ciências Sociais e de História da UFRJ ⁵⁵ .

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

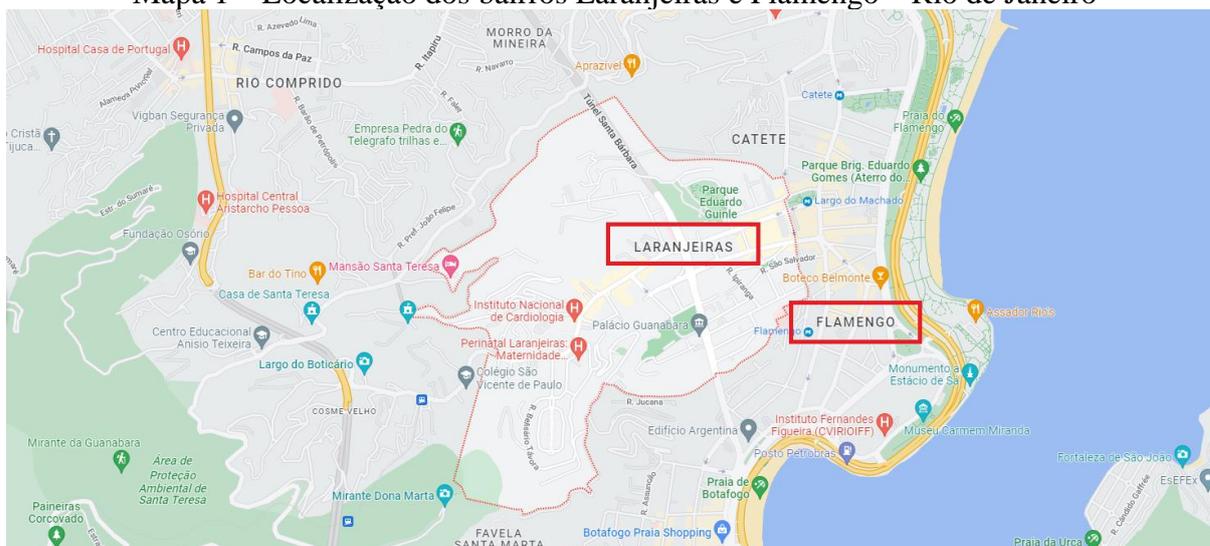
Os mapas, a seguir, mostram a localização dos bairros e ruas por onde a família de Lima Barreto morou e também onde estão situadas as instituições escolares que o escritor estudou.

⁵³ Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ocolegio/historico.htm>. Acesso em: 31 out. 2022.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.revivencias.com/2020/12/colégio-paula-freitas.html?m=1> Acesso em: 4 mar. 2022.

⁵⁵ Disponível em: <http://poli.ufrj.br/a-politecnica/historia/> Acesso em: 5 mar. 2022.

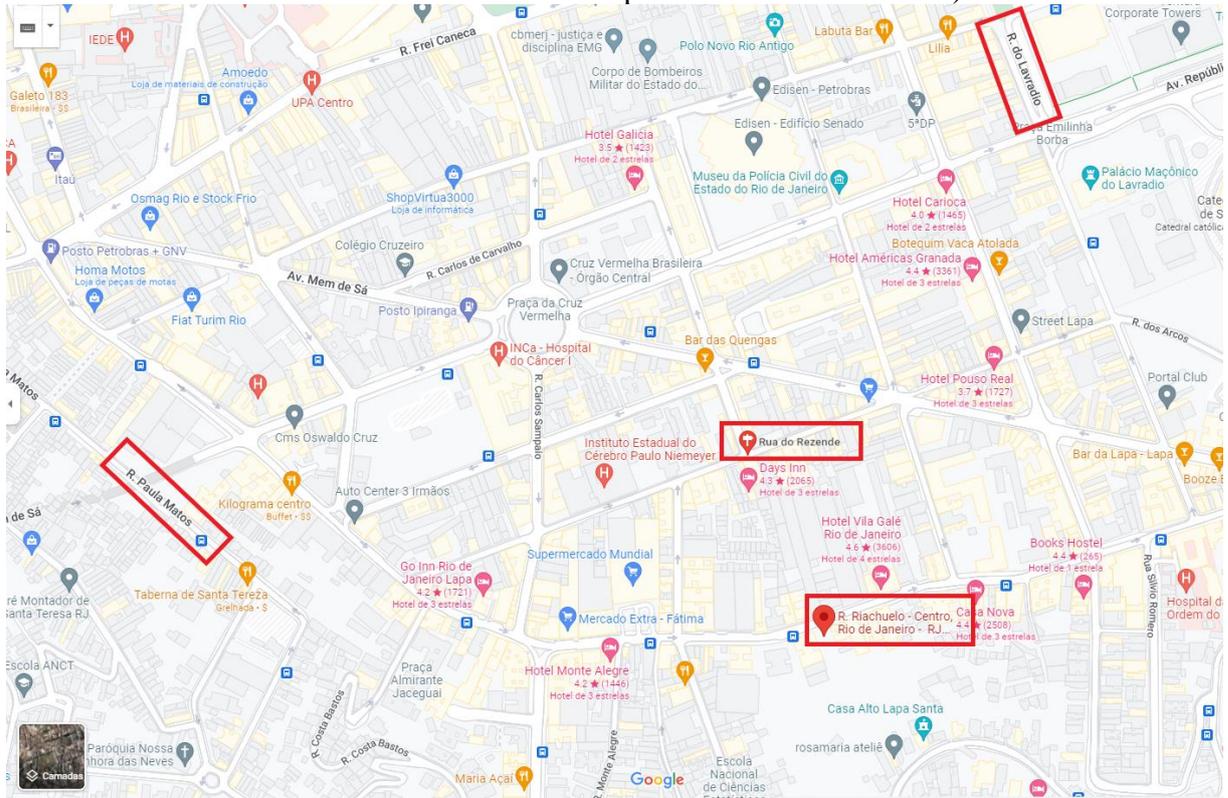
Mapa 1 – Localização dos bairros Laranjeiras e Flamengo – Rio de Janeiro



Fonte: Google Maps (LARANJEIRAS..., 2022).

A família Barreto morou em diversos lugares na cidade do Rio de Janeiro, principalmente pelo adoecimento de Amália. De acordo com Pedro Belchior (2011), quando Amália Augusta e João Henriques se casaram foram morar na rua Ipiranga, nº 18, bairro Laranjeiras, no mesmo imóvel onde funcionava o colégio fundado por Amália. Por indicação médica, mudaram-se, posteriormente, para a rua Dois de Dezembro, no Flamengo; em seguida, para a rua das Marrecas, no centro da cidade. Mais uma vez a família mudou-se para o subúrbio de Boca de Mato, permaneceu por poucas horas, necessitou retornar para o bairro do Catumbi, região Central, e depois residiu na rua Paula Matos, entre Rio Comprido e Santa Teresa.

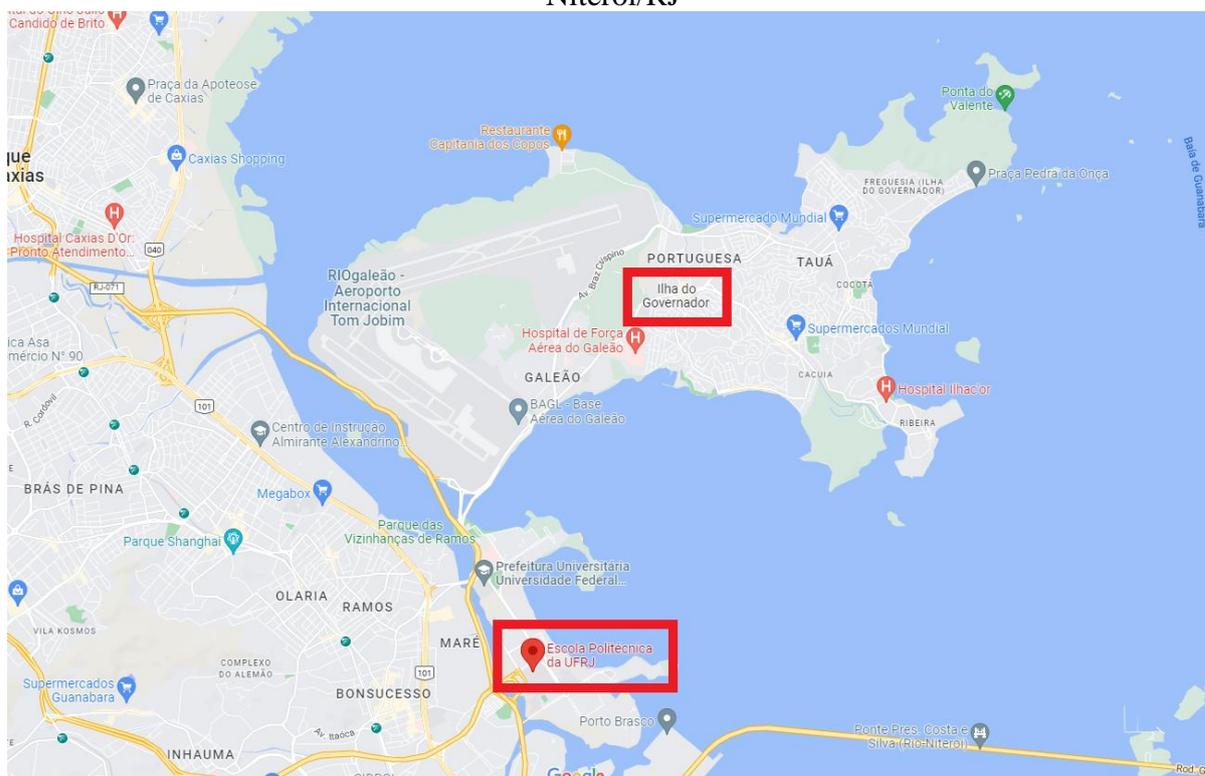
Mapa 2 – Localização das ruas do Resende, Riachuelo, Paula Matos e Lavradio (Lugares onde Lima Barreto morou após o falecimento da mãe)



Fonte: Google Maps (RESENDE..., 2022).

Com o falecimento de Amália, a família mudou-se para a rua Riachuelo, ligada à rua Resende, onde Lima continuou seus estudos até 1891. Depois matriculou-se no Liceu.

Mapa 3 – Localização da Escola Politécnica – Rio de Janeiro e Ilha do Governador, Niterói/RJ



Fonte: Google Maps (ILHA..., 2022).

A Ilha do Governador aparece em alguns romances do escritor como um lugar de paz, tendo a família se mudado para lá após a Proclamação da República, quando João Henriques passou a exercer o cargo de administrador da Colônia de Alienados. Nesse período Lima ficou entre a Ilha e Niterói, pois estudava no Liceu desta cidade.

De acordo com Barbosa (1964), o Liceu Popular Niteroiense⁵⁶ era um dos melhores espaços educacionais, frequentado pela elite daquele tempo. O escritor permaneceu na instituição até 1894, completando o curso secundário e parte do suplementar. De acordo com Neves (2016), em 1834, a cidade de Nitheroy tornou-se a capital do estado do Rio de Janeiro, uma das razões de a escola funcionar naquela localidade.

⁵⁶ Inicialmente batizado com o nome de Liceu Provincial de Niterói, criado por autorização do então presidente da Província do Rio de Janeiro, visconde de Sepetiba, no ano de 1847, como resultado da fusão da Escola Normal, a primeira de ensino público nesta categoria criada nas Américas (1835), com o Liceu de Artes Mecânicas e a Escola de Arquitetos Medidores, sendo que os dois últimos só existiam no papel. Já recebeu outros nomes, como Liceu de Humanidades de Niterói e Liceu Popular de Niterói. A atual denominação foi definida em 1931, quando foi reinaugurado com o nome do ex-presidente da República Nilo Peçanha, que governou o estado duas vezes. Durante três quartos do século XX foi considerado o melhor colégio público do estado, tendo a qualidade de ensino comparável ao Colégio Pedro II, na cidade do Rio. Disponível em: <https://www.atribunarij.com.br/liceu-nilo-pecanha-170-anos-de-referencia-em-ensino-publico/> acesso em 6 abr. 2022.

No bairro da Tijuca ficava o Colégio Paula Freitas, instituição fundada em 1892 pelo engenheiro e professor da Politécnica, Alfredo Paula Freiras⁵⁷, extinta em 1931, após o falecimento do fundador. Foi um espaço educacional importante para a época, reconhecido pelo excelente ensino e preparo dos alunos para os exames para ingressarem nos cursos superiores. A instituição ficava localizada à rua Haddock Lobo, limite com a Afonso Pena, no bairro da Tijuca. Lima Barreto se preparou neste Colégio, em 1896, para o ingresso na Politécnica.

A história da Politécnica teve início ainda no século XVIII, o vice-rei D. Luiz de Castro aprovou a criação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, base da Engenharia no Brasil. Em 1810, o príncipe Regente assinou uma lei e criou a Academia Real Militar, substituindo a anterior. Veio desta linhagem a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que teve seu nome modificado diversas vezes, primeiro para Escola Nacional de Engenharia, posteriormente para Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, Escola Politécnica da UFRJ. Ela está localizada na avenida Athos da Silveira, na Cidade Universitária, mas na época em que Lima Barreto estudou na instituição estava localizada onde hoje é o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no largo São Francisco de Paula⁵⁸.

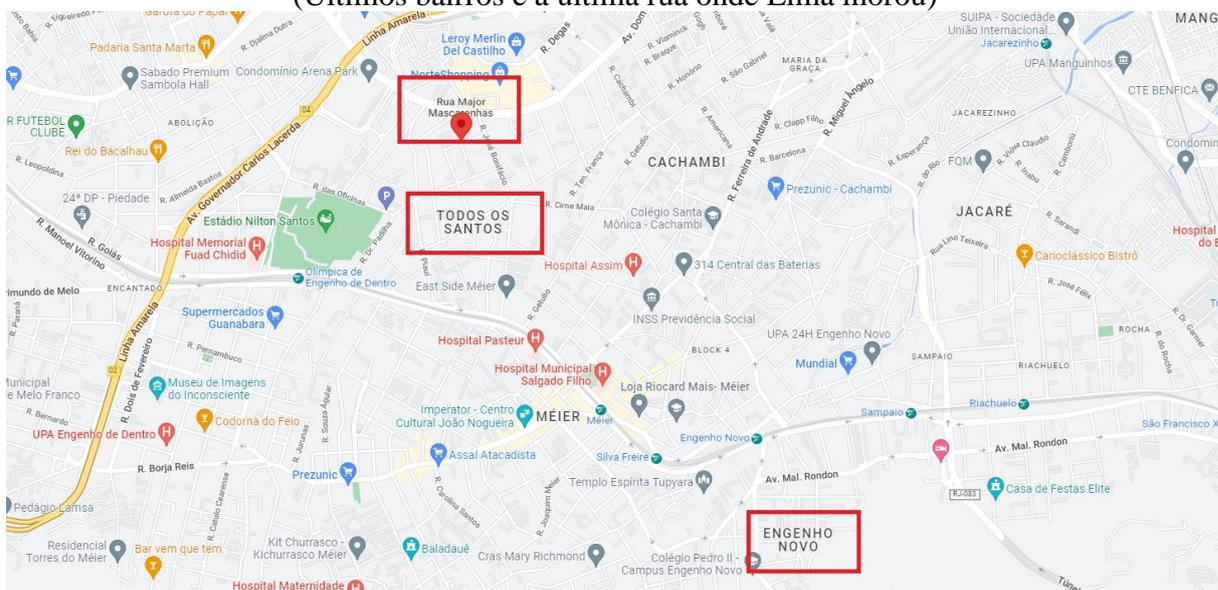
Na referida instituição, Lima Barreto ficou de 1897 a 1902, cursando engenharia civil. Neste período residiu em diversas pensões, as quais se localizavam no centro da cidade.

[...] Rua do Lavradio, 69; um quarto de pensão num velho casarão na Rua do Carmo, esquina com a Rua do Ouvidor, e a Rua das Marrecas, nº 2. Nesse período frequentou cafés, confeitarias, a Biblioteca Nacional. (BELCHIOR, 2011, p. 92).

⁵⁷ Disponível <https://www.revivencias.com/2020/12/colégio-paula-freitas.html?m=1>. Acesso em: 4 mar. 2022.

⁵⁸ Disponível em: <http://poli.ufrj.br/a-politecnica/historia/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

Mapa 4 – Localização dos bairros Engenho Novo, Todos os Santos – Rua major Mascarenhas (Últimos bairros e a última rua onde Lima morou)



Fonte: Google Maps (ENGENHO..., 2022).

A família Lima Barreto foi para o bairro Engenho Novo porque, em 1902, um médico aconselhou a se mudarem da Colônia. Conforme Belchior (2011), com o adoecimento de João Henriques, saíram da Ilha para o subúrbio, além da questão da doença do pai, a família passava por outros problemas, inclusive financeiros.

Nesse momento, Lima Barreto foi aprovado em num concurso para amanuense da Secretaria da Guerra, assumiu em 1903, quando se mudou com a família para a rua Boa Vista no bairro Todos os Santos. Em 1913, a família fez a última mudança dentro do mesmo bairro, agora para a rua major Mascarenhas. Neste último endereço, Lima Barreto viveu muitas experiências, principalmente como escritor, inspirando-se no cotidiano vivido no lugar. Em seus romances, criou momentos felizes e outros angustiantes, retratando as belezas e as contradições da sociedade carioca a partir do subúrbio e do contraste deste com o centro da cidade e os bairros mais ricos.

Lima atribuía valor à educação, se valia desse tipo de conhecimento para compreender a sociedade, mas, lamentava o fato de a condição de homem inteligente não o tornar um ser acreditado. Sobre si próprio deixou, no romance *Gonzaga de Sá*, a seguinte informação:

Tive uma pena infinda, imensa, affectuosa por aquella pobre alma orphã tantas vezes; eu tive uma imensa tristeza que aquella intelligencia não se pudesse expandir livremente, segundo o próprio caminho que ella própria traçasse... (BARRETO, 1919, p. 137).

A situação do personagem de *Gonzaga de Sá* é parecida com a vida do escritor. Afirmava sentir de si piedade, com inteligência abundante, porém com tantos pesos por algumas situações, desde a origem social e familiar, a perda da mãe, quando criança e as desigualdades sociais que o colocavam em um lugar de desvalorização. Manifesta ressentimento porque o sonho do pai era vê-lo em um lugar ainda restrito aos pobres. Ao ingressar no curso de engenharia civil na Escola Politécnica, suas repetidas reprovações atribuíram à sua qualidade de pobre e preto.

Não é possível que um lente de química orgânica, por ex., que, devido às relações que tem com o capitalista Joab Manasses, foi feito, com grandes honorários, presidente da Companhia de Docas de um porto do Mar de Hespanha, consiga do seu coração a violência de reprovar-lhe o filho. O Ephraim, o filho de Joab Manasses, vai assim correndo os anos; e, se encontra um lente honesto, procura uma escola outra para fazer o exame que não lhe querem dar. (BARRETO, 1919, p. 6).

Lima questionava as reprovações, o que jamais aconteceria com um filho de pessoas abastadas. Porém, ele, filho de almoxarife-chefe das Colônias de Alienados, que diferença fazia uma reprovação? Quase nenhuma, porque as famílias pobres não representavam prestígio, diferentemente das ricas. Interpretando desta forma, provavelmente o escritor atribuiu à sua reprovação, mais de duas vezes pelo professor Licínio, em 1902, à sua origem social pobre. Diante dessa situação, Lima Barreto (1919, p. 7) afirmou o seguinte:

O que se diz do filho de Joab, pode-se dizer de milhares de outros em toda a espécie de faculdades; e todos eles, ignorantes e arrotando um saber que não têm, vêm para a vida, mesmo fora das profissões a cujo exercício lhes dá direito o título, crear obstáculos aos honestos de intelligencia, aos modestos que estudaram, dando esse espectáculo ignóbil.

A passagem mostra que nem sempre é sobre o compreender, mas o pertencer a determinadas famílias com bom prestígio e com posição econômica elevada. Dessas colocações do escritor é possível perceber que os filhos desses grupos, entendidos como ricos, conseguiam rapidamente os melhores espaços de trabalho, o que nem sempre acontecia com os filhos de famílias pobres.

2.9 “PROTETORES SÃO OS PIORES TIRANOS”

O subtítulo deste tópico, dito por Lima Barreto, mostra como o escritor percebia aqueles que, de alguma forma, eram vistos como protetores e como percebeu essa proteção na trajetória de sua educação. Com relação ao seu padrinho, é importante frisar que, segundo Barbosa

(1964), a amizade entre João Henriques e o visconde de Ouro Preto estava enfraquecendo depois deste ter convidado o compadre João Henriques para cuidar de uma fazenda em Minas Gerais e ele ter recusado, a princípio a relação de compadrio ficou fragilizada e, em seguida, a esse episódio teria acabado.

Com o passar do tempo, Lima Barreto não se lembrava mais do padrinho, apenas ouvia o pai falar sobre a visita e para ele tomar a bênção. Porém, conforme Barbosa (1964), as lembranças dos encontros não eram agradáveis, porque não teriam sido bem recebidos. Em uma breve passagem, em seu *Diário Íntimo*, Lima citou o padrinho fazendo a seguinte menção: “E os dez mil-réis do tal visconde! Idiota. “Protetores são os piores tiranos” (BARRETO, 1969, p. 4), esta passagem provavelmente dedicada ao padrinho, embora não se saiba se o presente foi verídico, mostra que o afilhado não se afeiçoava com aquele que o pai escolheu para ser seu padrinho e, de certa forma, o seu protetor no que se refere aos custeios em parte da educação.

De protegido, no sentido financeiro, Lima Barreto passou a ser um afilhado distante, até a morte do Visconde em 1912. Neste dia, “o escritor recortou a notícia do jornal, pregando-a num dos seus cadernos de retalhos, onde costumava escrever as suas notas e tomar os seus apontamentos”. (BARBOSA, 1964, p. 96). No romance *Gonzaga de Sá*, escreveu a seguinte frase, simbólica, mas, de grande profundidade diante da fragilidade da vida, “Não pode levar o até o fim. Ao encetar o pequeno o curso de preparatórios, logo por ahí, foi quando elle colheu a flor, e caiu, e morreu...”. (BARRETO, 1919, p. 200).

Schwarcz (2017) escreve que, com o adoecimento do pai, a situação financeira pioraria. Em 1903, Lima Barreto se inscreveu no concurso para uma vaga de amanuense da Diretoria de Expediente da Secretaria de Guerra e, em junho deste mesmo ano, saiu o resultado, classificou-se em segundo lugar. No mês de outubro foi nomeado e tomou posse, abandonando na sequência a Politécnica, também começou a dar aulas particulares. Segundo a autora, com o salário deste trabalho, juntamente com a aposentadoria de João Henriques, alugou uma residência e foi morar no subúrbio de Todos os Santos, na rua Boa Vista, nº 76. “A residência dos Lima Barreto passaria a ser conhecida na vizinhança como ‘a casa do louco’”. (SCHWARCZ, 2017, p. 605). A continuidade dessa discussão dar-se-á no capítulo 3 da presente tese, quando serão discutidos os caminhos da loucura e problematizados os motivos relacionados ao internamento psiquiátrico no Brasil da Primeira República.

No presente capítulo buscamos analisar a família de Lima Barreto, o casamento dos pais, o adoecimento e morte de Amália, bem como os aspectos ligados à educação do futuro escritor. Assim, foi possível entender algumas mudanças do então contexto histórico que marcou o nascimento de Lima nos anos 1881, década marcada pelo acontecimento de dois

episódios diretamente ligados à sua vida: a transição do Império para a Primeira República, e a administração do pai na Colônia de Alienados na Ilha do Governador, em Niterói-RJ, o que ocasionou a mudança para esta localidade.

A memória afetiva em relação à mãe, a origem familiar de afrodescendentes, os vínculos com a família, o processo educativo e a figura do visconde de Ouro Preto, foram aspectos importantes para compreensão de algumas nuances da vida de Lima Barreto, discutidas nesta tese. A partir dessas reflexões e do conjunto de sua obra, a escrita de Lima não deve ser entendida como imaginária apenas. Para composição da literatura usou a criatividade, mas, teve como fonte de inspiração as realidades vividas e vistas por ele próprio que esteve presente como cidadão, jornalista, escritor, boêmio e intelectual interessado nos acontecimentos políticos e nas transformações pelas quais passava o Rio de Janeiro naquele momento.

Nas interações com amigos e colegas intelectuais, Lima Barreto deixou um vasto legado, não visto na escrita de outro escritor, porque suas experiências foram peculiares, sua vida breve foi intensa, narrou dramas reais, muitos deles vividos por ele mesmo ou familiares. Um escritor negro, cuja trajetória foi marcada por sonhos, perdas, superações, realizações, frustrações e críticas, que sentiu devido a sua origem social, étnica e familiar, bem como pela existência de demarcadores raciais, todas as contradições de uma época.

3 LIMA BARRETO: CORRESPONDÊNCIAS, REDES DE SOCIABILIDADES E INTELECTUAIS

3.1 O QUE AS CORRESPONDÊNCIAS DIZEM SOBRE O LIMA BARRETO ESCRITOR?

E, escuta, meu caro Lima Barreto, escreve-me mais vezes; escreve-me cartas longas contando-me dos teus trabalhos, da tua vida, dos teus futuros romances. Sê meu amigo e não me abandones como me fizeram a maioria-nestes dois anos d'Inglaterra. Vê se consegues me enviar logo os teus dois livros. (ENÉIAS FERRAZ, 1921 *apud* BARRETO, 1956, p. 238).

A citação que abre este capítulo diz muito sobre Lima Barreto. Tanto os colegas residentes no Brasil, quanto em outros países foram fundamentais em seu processo de escrita literária. Para compreendermos a interação de Lima com os seus correspondentes, ao ler as cartas, enviadas e recebidas, pelo escritor, temos a oportunidade de saber, por outro ângulo, a respeito de sua representação naquele contexto. A citação é parte de uma carta encaminhada ao escritor, por José Enéias Marcondes Ferraz Filho, diretamente da Inglaterra.

José Enéias Marcondes Ferraz Filho nasceu em São Paulo em 1896, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda jovem, conforme B. Quadros (1956), recebeu influência literária de Lima Barreto; trouxe para sua escrita traços do escritor, inclusive publicou um artigo descrevendo a sua cerimônia funeral.

Nessa parte da tese, as discussões voltaram-se para a compreensão da vida do escritor por meio das cartas e das redes de sociabilidade. Pesquisamos para entender o que os contatos interpessoais representavam para Lima Barreto e o que dizem sobre as suas vivências, especificamente sobre o internamento no hospital psiquiátrico.

Lilia Moritz Schwarcz (2019), no artigo *Lima Barreto e a escrita de si*, afirma que o escritor teve uma voz intensa e ativa no contexto da Primeira República, e muitas vezes ecoava sozinha. A forma como colocava no papel as suas ideias incomodava a muitos, em sua época, e continua incomodando por se tratar de acontecimentos reais relacionados às contradições sociopolíticas, de preconceito e de exclusões, ainda presentes na sociedade brasileira.

Para esta discussão foram escolhidas três obras as quais contêm cartas enviadas e recebidas por Lima Barreto: *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*, de Beatriz Resende (2017a), *A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, de Edgard Cavalheiro (2017) e *Correspondência, Tomo II*, de Lima Barreto (1956), organizada por Francisco de Assis Barbosa com colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença, prefaciada por B. Quadros. O primeiro livro apresenta diversas correspondências encaminhadas

entre 1906 e 1922, mas apenas uma foi destinada a Lima; nesta obra, predominaram as cartas enviadas por ele a diferentes escritores, contendo assuntos variados de suas críticas à cidade do Rio de Janeiro, também ficaram em evidência as leituras que Lima Barreto realizava das obras que recebia dos jovens colegas escritores. Já o segundo foi escolhido por trazer missivas emitidas e recebidas por ele e um único colega, Monteiro Lobato, dentro de um período significativo 2018 a 1922, momento em que ocorreram alguns dos internamentos do escritor, sobretudo em 1919 no Hospital de Nacional de Alienados. O último livro contém correspondências dele, entre 1917 e 1922, e de pessoas que estavam fora do país e também de diversas regiões do Brasil; esta obra foi fundamental para a compreensão da dimensão dos vínculos de sociabilidade de Lima Barreto.

As cartas foram organizadas de modo a apresentar a continuidade na comunicação dos escritores, ajudando a perceber como o assunto sobre o internamento de Lima Barreto foi introduzido na comunicação entre eles. Além de indicarem outros escritores, que fizeram parte da rede de sociabilidade de Lima Barreto, apresentaram informações sobre a publicação de suas obras⁵⁹. Também foram utilizadas cartas localizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBND).

A vida de Lima Barreto foi estudada por diversos pesquisadores⁶⁰, mas, como afirma Jaques Revel (2010), outra história é possível, tendo como partida um ponto de vista diferente. Esta tese discutiu, a partir da obra de Lima Barreto e outras pesquisas, as primeiras vivências familiares e de estudante do escritor, sua rede de sociabilidade e sobre a sua experiência de internação psiquiátrica. Logo, é possível apresentar aspectos novos a partir de outros prismas, sejam relacionados às suas hospitalizações, seja com relação ao contexto histórico que antecedeu esse momento na vida do escritor. Diante disto, compartilha-se da percepção de que “variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama”⁶¹. (REVEL, 2010, p. 5).

Neste prisma, para pensar a vida de Lima Barreto, enquanto sujeito social central nesta pesquisa, tomamos como base as reflexões do historiador Alexandre Karsburg (2015), em seu artigo intitulado *A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias*

⁵⁹ Além das cartas contidas nos livros serão apresentadas outras que estão disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional. As informações e documentos dessas duas obras ajudam a interpretar melhor as originais, uma vez que a caligrafia de Lima Barreto é de difícil compreensão.

⁶⁰ Alguns desses compõem a escrita desta tese, tais como: Barbosa (1964), Schwarcz (2017), Resende (2016, 2017b), Corrêa (2016), Botelho (2021), dentre outros pesquisadores.

⁶¹ Esse recurso metodológico é o da micro-história, partindo de uma análise aproximada e densa de aspectos particulares. Para o entendimento da perspectiva micro analítica, ver os textos de alguns dos principais expoentes da micro-história italiana publicados em: Vendrame (2016) e Vendrame e Karsburg (2020).

(2015). Neste escrito são apresentadas as contribuições sobre a forma de narrar da micro-história, método utilizado pelo autor para fazer a reconstrução da trajetória de um italiano que veio para o Brasil nas primeiras décadas do século XIX.

Apresentamos pontos importantes que atravessam os estudos de trajetória, ao escolher como perspectiva de interesse a vida de um escritor, a partir de sua escrita e a relação com determinados episódios de seu percurso, como o internamento em hospital psiquiátrico. As reflexões de Karsburg foram fundamentais para entendermos que Lima Barreto foi além do que propuseram os escritores de sua época. Embora tenhamos outros intelectuais daquele período, com características similares às de sua vida, as críticas de Lima Barreto eram desafiadoras, ainda mais por se tratar de um escritor negro em um contexto de pós-abolição em um país que manteve a exclusão e o preconceito racial. Olhamos, sim, para as suas peculiaridades e também para os aspectos semelhantes entre ele e outros sujeitos, cumprindo uma das etapas desse pensamento, como afirma o citado autor:

Um trabalho de contextualização tem a capacidade de trazer qualquer indivíduo de volta ao seu tempo, e, uma vez feito isso, devemos procurar captar semelhanças e diferenças entre os indivíduos de um mesmo período, principalmente quando há um contexto comum que os condiciona. (KARSBURG, 2015, p. 36).

A partir dessa reflexão, o autor infere que através desse procedimento metodológico é possível trazer para a trama da pesquisa outros sujeitos e perceber que entre aquele, sobre o qual se escreve, e os demais de seu contexto, havia semelhanças, as diferenças serão percebidas na forma como serão comparadas, porque nelas surgem as singularidades de cada um.

Karsburg (2015) chama a atenção para uma questão fundamental nesse tipo de procedimento, de semelhanças e diferenças, e afirma que é importante o pesquisador ficar atento ao estabelecer certa analogia dos seus sujeitos com outros símeis, para não correr o risco de entender que o grupo, onde o sujeito está inserido, explicaria a existência do particular. Acreditar na similitude ou na assimetria, sem os devidos questionamentos, seria impor o indivíduo ao grupo, retirando-lhe a capacidade de liberdade e de imaginação e, portanto, desconsideraria as suas peculiaridades. Pensando a perspectiva de Lima Barreto, embora o escritor tenha tido contato com ampla rede de sociabilidade e com ela tratado de assuntos relacionados à sua obra, e das publicações, cada um tem suas particularidades e ele também se assemelha em aspectos relacionados à produção literária e intelectual, porém é um sujeito diferente dos demais, a começar por sua trajetória, como explicamos no capítulo anterior.

Comparado Lima Barreto a outros intelectuais e artistas, que viveram entre os séculos XIX e XX e passaram pela realidade de internamentos psiquiátricos, desconsiderando suas produções intelectuais e artísticas, é possível perceber semelhanças no que se refere ao modo como foram desacreditados em uma sociedade cujas bases de inclusão e exclusão eram também provenientes dos discursos ditos científicos, usados para punir e inferiorizar pretos, pobres e outros que não satisfaziam os desejos das classes detentoras do poder e do saber.

Como explica Michel Foucault (1987), em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1987), não se adequar aos moldes de um determinado contexto é de certa forma ser comparado a um criminoso, que ao romper um acordo seria inimigo de toda a sociedade, e o menor crime cometido a afetaria inteira. “Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual: de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos”. (FOUCAULT, 1987, p. 83).

Desta forma, Lima e provavelmente outros escritores e artistas dos citados contextos sofreram a punição de determinados poderes, intelectuais e científicos, seja quando divergiram de um modelo de sociedade, quando agiram em desarmonia com tais poderes, seja quando se viram institucionalizados em hospitais psiquiátricos, como veremos no próximo capítulo.

As cartas⁶², enviadas e recebidas, não devem ser deslocadas da obra de Lima Barreto; são documentos que fazem parte de um contexto e fontes importantes para compreender a sua escrita; tais registros indicam para o tipo de relação mantida entre ele e os seus correspondentes e apresentam importantes informações sobre as suas práticas literárias, as suas amizades, o seu reconhecimento ou não, enquanto escritor, a fragilidade de sua saúde e os seus internamentos psiquiátricos.

Conforme Schwarcz (2019), no artigo intitulado *Lima Barreto e a escrita de si*, no Brasil, no período de pós-emancipação, os textos de homens e mulheres literatos estavam ficando conhecidos, pois romperam com os cânones da época e colocaram no mercado uma literatura atravessada pelo testemunho. Apropriando-se das reflexões do escritor Michel Foucault, a autora ressalta o surgimento de uma “escrita de si”.

Os escritores desta época usavam a história pessoal para comporem as suas obras. Desta forma, surgem tudo de uma vez, os assuntos se misturam, “como se esses escritos cumprissem o papel de ‘etnografias de época’. Pois não são, a despeito de, muitas vezes, esses textos

⁶² Nas primeiras incursões de pesquisa, foram encontradas cartas indispensáveis para compreender a comunicação de Lima Barreto com outros representantes políticos e intelectuais do Brasil na Primeira República. Mas, deram maior sentido à pesquisa à medida que foram interrogadas e relacionadas ao contexto de escrita e aos temas de interesse desta tese.

dialogarem com seus contextos”. (SCHWARCZ, 2019, p. 137). Esse modo de registrar as experiências se apresentava de diversas formas, merecendo ser discutidas e confrontadas com outros textos.

Expressas sob a forma de trocas epistolares, diários ou novelas, com enredos e personagens ficcionais que mal escondem seus autores por detrás deles, essas obras literárias representam uma expressão individual, mas também coletiva, uma vez que pautadas por uma experiência de grupo, pela busca pela inclusão social, pela denúncia da exclusão e da discriminação, pela luta por promoção da igualdade e da efetiva liberdade. (SCHWARCZ, 2019, p. 137).

Lima Barreto teve essas preocupações que a autora descreveu acima. Construiu sua produção literária bastante ampla, composta por cartas, sátiras, artigos, diários, contos e romances. Deixou como legado não apenas a forma como escrevia, mas como percebia as realidades e como se colocou em sua escrita, apresentando as dificuldades que eram também de outras pessoas em mesma situação social que a dele.

Até os dias de hoje, Lima Barreto continua sendo visto como um crítico literário, não camuflou as desigualdades do seu tempo e nem o racismo quando escreveu os seus romances, embora tenha sofrido a exclusão de ter sido um escritor autêntico, tanto nas críticas quanto na escrita. “O escritor jamais negou que fazia ‘literatura de si’. As histórias escritas por Lima Barreto acabavam por ‘se confundir’ com sua vida privada” (SCHWARCZ, 2019, p. 138). Ao mesmo tempo em que narrava uma história de si, apresentava a história do Brasil, aquela que se projetou nas promessas de uma sociedade melhor, como foi durante o processo de abolição, no entanto, se transformou em exclusão, como bem coloca a autora.

Confunde-se, ainda, com sua obra sem ser um resumo dela. Lima poderia ser reconhecido em cada um de seus personagens, bem como passaria a viver como seus personagens. Ele era Isafias Caminha, Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos, Vicente Mascarenhas, e vivia assombrado por todos eles. Na verdade, eles eram seus fantasmas prediletos. (SCHWARCZ, 2019, p.138).

Para a autora os “fantasmas prediletos” de Lima não o abandonaram, ao menos em sua escrita, pois continuou colocando-os em diversas situações de sua vida, desde a infância até a vida adulta. Tais fantasmas fizeram parte de sua trajetória e estavam presentes em seus romances, como, provavelmente, o desejo do escritor de retratar o que vivia e sentia.

3.2 CARTAS E REDES DE SOCIABILIDADES

A análise de práticas epistolares pode colaborar na compreensão de um contexto e a relação mantida entre quem recebe e envia cartas. Nesta parte da pesquisa, a discussão sobre correspondências entre Lima Barreto e outros escritores têm o intuito de compreender a rede de sociabilidade e o espaço ocupado por ele dentro do grupo de intelectuais e o que disseram sobre o seu internamento psiquiátrico.

Para tanto, é fundamental conceituar redes de sociabilidade, reconhecer suas potencialidades, na análise da relação entre os sujeitos e suas dinâmicas, discutir as nuances dos grupos de intelectuais negros, como se dava a comunicação entre eles e quais perspectivas podemos inferir com relação ao internamento do escritor. Embora o conceito de rede seja discutido por pesquisadores de diversas áreas, nesta pesquisa, para analisar as cartas e entender as redes de Lima, recorreremos, dentre outros, a Georg Simmel (1983), autor do livro *Sociologia*, Ângela Maria de Castro Gomes, autora dos livros *Escrita de si, escrita da história* (2004) e *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre* (2005).

Quando uma carta é enviada, além de cumprir o objetivo da comunicação, carrega os interesses pessoais dos correspondentes. Por exemplo, quando Lima Barreto recebia uma correspondência de jovens escritores⁶³, solicitando que lesse suas obras, talvez fosse uma prática comum entres os pares, mas, é provável que houvesse interesses particulares motivadores da comunicação. Lima Barreto era referência para eles e também atencioso, porque sabia da importância de ter resposta sobre as próprias produções literárias, e se sentia bem em ser procurado para esta finalidade. Como veremos adiante, as missivas envolvem interesses de ambas as partes, cada um cumpre um papel dentro de um determinado contexto.

Nesta pesquisa procuramos entender em que medida o diálogo entre as pessoas, através das cartas, fez parte das redes de sociabilidade dos intelectuais. A partir da teoria relacional na obra *Sociologia*, de Georg Simmel (1983), é possível entender os aspectos da interação dos indivíduos. Sugere o autor que tais contatos surgem de impulsos ou com base em alguns objetivos. Pensando a relação de Lima Barreto com outros escritores, podemos inferir que havia um propósito na troca de correspondências. Para Simmel (1983), a importância dessas trocas está relacionada à capacidade dos indivíduos em formarem uma unidade, ou mesmo uma “sociedade”, seja uma relação baseada em impulsos, interesses ou propósitos. Para o autor,

⁶³ Gilka Machado, Albertina Berta, Murilo Araújo, dentre outros escritores brasileiros com quem se comunicava através de cartas.

Desse modo, a sociedade é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas. (SIMMEL, 1983, p. 165).

Conforme passagem, é possível compreender as cartas como um elo entre intelectuais, mantido nos grupos onde estão inseridos, com interesses particulares. Sejam quais forem os objetivos não devem ser vistos fora da base que se formam as relações humanas. Para Simmel, seria o sentido de discutir o processo de formação de uma sociedade e suas relações de interesses. Pelo gesto de enviar e receber uma carta esperava-se algo, portanto, havia uma relação recíproca. “Cartas são necessariamente escritas para um destinatário, seja uma única e particular pessoa, seja um conjunto maior de leitores, conhecido ou não pelo remetente, que também pode ser um indivíduo ou um coletivo”. (GOMES, 2005, p. 7).

Desta forma, há pretensão por parte de quem escreve, de emitir e de receber resposta da pessoa ou grupo que enviou. Essa prática de trocar correspondências não é tão simples como parece, há um contexto e interesses de ambas as partes e marcou as relações sociais de determinados grupos. As epístolas fizeram parte de uma época em que eram uma das vias de comunicação mais eficazes entre as pessoas e contemplavam diversos assuntos, a exemplo dos familiares, políticos, literários, negócios e amorosos.

Gomes (2005), em sua obra *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, apresenta a comunicação entre dois escritores brasileiros, Manoel de Oliveira Lima e Gilberto Freyre, que mostra as circunstâncias em que ocorreu a interação. A forma como a autora conduziu a discussão é importante ser observada nesta pesquisa para a análise da obra que contém cartas entre Lima Barreto e outros escritores, inclusive entre Lima Barreto e Oliveira Lima. Esse tipo de correspondência, além de ser uma forma de comunicação, se constitui em memórias afetivas dotadas de sentidos.

Helena Maria Bousquet Bomeny (2003), em sua obra intitulada *Os intelectuais da educação*, mostra uma reflexão interessante para pensar o papel das cartas ao longo do tempo e afirma que foram diversos os meios utilizados para que os intelectuais se comunicassem e tornassem públicas as suas ideias, sendo assim:

Os encontros nos bares, a boémia, os espaços sociais de manifestação de opiniões, a imprensa, as universidades, os eventos culturais, tudo isso alimenta a troca de pontos de vista, a confirmação de convicções, as disputas e o brilho da constelação. (BOMENY, 2003, p. 38).

As missivas eram escritas nos encontros casuais, nos bares, ou mesmo nas universidades, espaços comuns, em sua maioria públicos. Não obtinham respostas imediatas, no entanto, havia uma expectativa do seu recebimento. Conforme a autora, antes da progressão telefônica e, em seguida, da informática, as cartas foram os principais meios de comunicação entre as pessoas, configurando-se em:

[...] documentos mais íntimos, revelam o que Monteiro Lobato quis chamar de “irmandade” entre os que se afinavam pessoalmente. Disputadas, esperadas com ansiedade, as cartas são confissões de crenças, desabafos de sentimentos. Mas são igualmente uma fonte documental inestimável. (BOMENY, 2003, p. 38-39).

O processo de envio e de recebimento de cartas era aguardado com muita ansiedade, sendo um meio pelo qual se expressavam diversos tipos de sentimentos. Elas têm valor afetivo, por isso podem ser guardadas ou destruídas para que outros leitores, para além dos destinatários, não consigam vê-las. Para Gomes (2005), correspondências são ao mesmo tempo objeto de memória e, se lidas por pessoas a quem não foram enviadas, pode significar invasão de privacidade. Mas, nem sempre a carta é de cunho privado, podendo ser enviada e recebida por instituições.

Ainda de acordo com a autora, é importante perceber que a circulação e a acessibilidade do que era escrito estava relacionada à popularidade dos intelectuais daquele contexto, e o uso desse tipo de comunicação pela imprensa fazia a diferença, além de ser critérios de hierarquização. Muitos dos intelectuais, dessa época, eram cronistas e suas produções foram reunidas posteriormente e viraram livros.

Várias crônicas assumiram a forma de correspondência, estabelecendo o pacto e dirigindo-se diretamente ao leitor ou a um destinatário fictício (ou não) com o qual o leitor pudesse se identificar: mães, tias, amigos etc. Enfim, cartas que são crônicas, crônicas que são cartas, crônicas e cartas em série que podem ser lidas como folhetins ou diários. (GOMES, 2005, p. 9).

A produção que circulava, mesmo em formato de crônica, cumpria um papel importante de informar, um tipo de comunicação que agradava as pessoas, mantendo-se semelhantes crônicas e cartas. Assim como outros intelectuais, Lima Barreto manteve essa prática, escrevia para jornais e revistas, nas primeiras décadas do século XX, ampliando esse exercício nos anos que antecederam seu internado da primeira vez e o manteve durante e posterior ao segundo. “Também se serviu (e como!) dos jornais, tanto como suporte material (em vários sentidos), quanto como forma de inspiração, quer para os seus romances, quer para suas crônicas”. (GOMES, 2005, p. 9).

Conforme Fátima Maria de Oliveira (2007, p. 19), em *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*, o próprio Lima Barreto descreveu o que significava para ele a prática epistolar na interação com outros escritores:

Escrever uma carta é para mim um sacrifício. É um gênero de literatura que não conheço, ou antes, em que ainda não percebia bem a medida. Várias vezes tenho ensaiado com amigos que estão fora. Escrevo uma; sai-me cheia de 'histórias, de efes e erres, pedante em suma; rasgo. Tenho outra; acabada que é, leio-a; acho-a desfrutável, cheia de efusões de sentimentalidade. Depois (já eu queria escrever uma teoria da carta!...).

A carta não era apenas uma prática de comunicação, havia uma preparação para a escrita desse documento, o conteúdo filtrado, nem sempre era encaminhado em sua primeira versão, a versão encaminhada passava, antes de tudo, por uma escolha planejada do que ficava e do que prosseguia. Ou seja, uma prática cuidadosa que deve ser compreendida como um importante documento para entender as relações e determinados contextos, por mais que queiramos ler como se fosse uma fonte despreziosa, é importante saber que não é, é necessário fazer os devidos questionamentos e observar os mínimos detalhes. As respostas não estão prontas e algumas questões não são tão óbvias, portanto, é um tipo de documento importante, se bem utilizado.

Segundo Schwarcz (2011), o *Correio da Noite* havia contratado Lima Barreto para escrever uma crônica diária; durante e após a internação de 1914 a coluna foi mantida. O escritor colaborava desde 1912, antes mesmo do internamento, na *Gazeta da Tarde*, espaço que publicou alguns dos seus escritos, a exemplo da sátira política representada em *Numa e a Ninfa* (1950), transformada em romance posteriormente. Lima Barreto era inteirado com os principais meios de comunicação do seu contexto. Conforme a autora, o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, edição de 1909, deu-lhe notoriedade, mas, ao mesmo tempo, custou-lhe caro em razão das:

[...] críticas, que fazia ao racismo vigente no país e, sobretudo, das denúncias ao lobby da imprensa: segundo ele, o “4º poder da República”. Em *Isaías Caminha*, o escritor tratava dos bastidores do jornal *Correio da Manhã* (trocando o nome do periódico para *Globo*) e, sem um pingão de ingenuidade, afirmara na ocasião: “Eu não tenho inimigos, mas meu livro os terá”. (SCHWARCZ, 2011, p. 126).

A obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, antes de 1909, havia sido publicada em forma de folhetim, em 1907, nos únicos quatro números da revista *Floreal*⁶⁴ em que o

escritor era o principal editor e um dos donos. Na pesquisa de tese realizada por Rogério Humberto Zeferino Nascimento (2006), intitulada: *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*, é possível perceber a importância da revista, tanto na circulação de ideias, ousadas e corajosas, quanto em sua representação para os intelectuais integrantes que poderiam, com liberdade, elaborar pensamentos e publicá-los, sem outras interferências, cumprindo papel importante na circulação de um determinado tipo de conhecimento literário.

Para Nascimento (2006, p. 111), a iniciativa da formação desta revista foi importante para o tipo de críticas que faziam, no entanto, apesar de ser um campo de experimentos livres, seus componentes estavam sujeitos a eventuais riscos:

No cenário do jornalismo e dos impressos literários, *Floreal* fora apresentada enquanto revista que concretizava a trajetória de vida e de existência tanto dos que instauraram a iniciativa como de outros que poderiam ser por ela contagiados.

A *Floreal* marcou um tipo de escrita, os editores, empolgados com acontecimentos atraentes, registraram em seus escritos subjetividades e inquietudes. (NASCIMENTO, 2006). O autor sustenta tais ideias a partir das leituras realizadas em publicações de Lima Barreto e os demais integrantes na própria *Revista* que, atentos ao formato de uma sociedade preconceituosa, punitiva e excludente, entregavam conteúdos polêmicos na época.

Também afirma que era um espaço cuja escrita apresentava subjetividades, os editores poderiam aflorar seus pensamentos com a liberdade que os escritores deveriam ter. Na revista o então editor, Lima Barreto, confirmou a liberdade de expressão, quando descreveu a escolha dos amigos em colocá-lo à frente de sua direção. “O seu engano não foi ‘total, penso eu; na época de vida que atravesso, o inquieto pôde bem vir a ser o lutador e o combatente, taes sejam as circunstancias que o solicitem”’. (BARRETO, 1907, p. 4). Essa passagem mostra os sentimentos de Lima Barreto, naquele contexto de mudanças e ao mesmo tempo de incertezas relacionadas às futuras publicações de suas produções literárias.

A *Floreal* foi um meio de comunicação importante para circulação de ideias novas de pessoas críticas que não precisavam passar pelo crivo de outros avaliadores. “Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pae livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só ha um meio de se chegar ao editor-é o jornal”. (BARRETO, 1907, p. 5).

Era a materialização de um sonho acalentado por um jovem de 26 anos: dirigir a sua própria revista e fazer dela um instrumento de intervenção na sociedade em que vivia.

Floreal tinha como editor, diretor e mentor intelectual Lima Barreto. Mas um Lima Barreto que ainda não conseguira inscrever seu nome entre os literatos da época e que ainda não tinha um romance sequer publicado. (BOTELHO, 2005, p. 150).

Embora não tivesse o alcance desejado, a *Revista* representava a realização de um sonho dos amigos intelectuais, de verem a circulação de suas ideias, preocupados com diversas questões, principalmente as mais inquietantes, comumente, não discutidas por seus pares. Para Nascimento (2006), o escritor deve proporcionar aos seus leitores provocações e constantes inquietações. “Nada de enquadramento nem concerto, ao literato caberia instaurar ebulição e desconcerto, problematizando e não doutrinando”. (NASCIMENTO, 2006, p. 120). O conhecimento é construído a partir dessas provocações e das ideias divergentes apresentadas e debatidas pelos intelectuais ao longo de uma produção literária.

Em 1911, Lima Barreto publicou em folhetim o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, no *Jornal do Comércio*, edição vespertina, durante dois meses, e contou a história completa em 52 folhetins. A obra que retratava as questões políticas do governo de Floriano e as experiências de sua família na Ilha do Governador.

Seus escritos expressavam realidades vividas pela sociedade naquele contexto, demonstrando a lucidez de um cronista a partir de acontecimentos reais, não se desobrigando de denunciar aquilo que lhe incomodava, muitas de suas insatisfações eram também de interesse coletivo de tantos outros que viviam semelhantes realidades.

No exercício da crônica, do artigo de ideias e do folhetim os intelectuais perseguem diversos objetivos, todos, entretanto, relacionados ao poder da imprensa, isto é, a seu alcance social: ao número de leitores que ela permite atingir e ao retorno que isso pode oferecer. (GOMES, 2005, p. 10).

Como visto, as ideias dos escritores, independente da forma como estavam expressas, tanto tinham objetivos particulares, quanto estavam relacionadas ao poder da imprensa. De acordo com a autora, embora tenham criticado tais produções nesses periódicos, considerando-as de menor valor. Tal circulação se impôs e passou a ser reconhecida como fundamental. Nesta pesquisa foram importantes por trazerem abordagens relacionadas à trajetória de Lima Barreto, a de outros intelectuais e dos acontecimentos de suas épocas.

Nesta tese as cartas foram documentos fundamentais para entender a comunicação entre Lima Barreto escritor e outros intelectuais de sua época e, principalmente, porque a carta “é um documento – uma fonte – para contextualizar sua produção, fornecendo informações sobre questões que tem a ver com a criação, a circulação e a recepção de sua obra”. (GOMES, 2005,

p. 12). Mas, isto se sofisticou com o crescimento cultural e a história dos intelectuais e da leitura, no momento em que a correspondência se transformou, além de fonte, em objeto de pesquisa.

Nesses documentos estão os registros que retratam um Lima Barreto escritor preocupado com as divergências sociais de seu país, e informaram a fragilidade e a fortaleza dos laços de amizade e de negócios que duraram até os seus últimos dias de contato. Embora tenham indicado as raras vezes que a doença e as internações do escritor foram noticiadas, quando eram, as informações apareciam de forma breve, ocupavam poucas linhas nas missivas.

Ainda de acordo com Gomes (2005), a escolha de trabalhar com cartas não é tão fácil, visto serem fontes dispersas e, geralmente, fragmentadas, que necessitam de uma análise em série, a leitura nem sempre é fácil, sobretudo se forem de fontes manuscritas, além dos cuidados necessários com tais documentos.

A prática epistolar estabelece assim uma espécie de circuito retroalimentado de significação, sendo importante reter que, depois de escrita, a carta já não é mais de quem a escreve (de seu autor, o remetente), mas de quem a recebe, o destinatário, que se torna seu “proprietário”. (GOMES, 2005, p. 14).

A carta é, portanto, um meio possível de se observar as circunstâncias em que foi escrita por quem e para quem. Nesse meio de comunicação observa-se para além do teor escrito, visualiza-se o lugar social de quem escreveu, a posição que os comunicadores ocupam no contexto em que o documento foi escrito e os interesses dos correspondentes.

No caso de Lima Barreto e Monteiro Lobato, uma das obras analisadas nesta pesquisa, havia entre os dois escritores uma ajuda mútua com relação à escrita e publicação de suas obras. Enquanto Monteiro Lobato era dono de uma editora, poderia publicar os escritos de Lima Barreto, fazendo-os circular, em contrapartida Lima Barreto comentava os textos de Monteiro nos principais jornais, uma prática importante para Lobato, pois teria as informações de sua obra circulando em mais espaços, já que o jornal era um dos meios de comunicação mais utilizados na época, responsáveis por levar à população as interpretações desses intelectuais sobre diversos acontecimentos no país.

3.3 INTELLECTUAIS: QUEM SÃO? ONDE E QUANDO SURGIRAM?

Norberto Bobbio (1997), em sua obra *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, apresenta discussões importantes sobre a

categoria dos intelectuais. Quando surgiram a função que ocupavam na sociedade, suas particularidades e como foi entendida historicamente a sua origem é

[...] como se ela não tivesse sempre existido, embora com outros nomes, é como se ela só tivesse nascido quando, no final do século XIX, com o *affaire* Dreyfos⁶⁵, difundiu-se o uso da palavra, primeiro na França e depois em todo o mundo civilizado. (BOBBIO, 1997, p. 10-11).

Para o autor, os intelectuais de hoje, em outras épocas foram denominados de sábios, escritores e sacerdotes. Isso indica que sempre existiram em todas as sociedades aqueles que expressaram suas ideias e repassaram seus ensinamentos através do uso da palavra.

As reflexões de Bobbio (1997, p. 67) perpassam toda esta pesquisa ao mencionar “sintome como uma criança que, despejando um copinho d’água no mar, acreditava estar aumentando o seu nível. Diante do oceano de escritos sobre o tema, esse meu texto é um copinho”. Assim também se pensou durante a construção desta pesquisa, pois diante de tantas outras, interrogou-se o que essa ofereceria de diferente? Uma pesquisa que teve como ponto de partida o internamento psiquiátrico de um escritor e que ao longo do seu desenvolvimento outras nuances surgiam que nos remetem a pensar quem foi o escritor Lima Barreto e o que as práticas epistolares disseram dele e de seus internamentos. Ou seja, não é mais uma pesquisa sobre o seu internamento apenas, mas sobre isto e sua rede de sociabilidade, sua obra, tendo as cartas como documentos importantes nesta discussão. Portanto, oferece a oportunidade de conhecer um Lima Barreto a partir de sua escrita, das práticas epistolares e de sua rede de sociabilidade.

No entanto, ao dialogar com outros pesquisadores, que fizeram um percurso parecido com abordagens dessemelhantes, percebemos que a diferença estava na forma de cada pesquisador conduzir a pesquisa e no ponto de partida que envolve diversos fatores, desde a formação de quem pesquisou, a seleção das fontes e a priorização do que será discutido. Neste percurso, compreendemos que as fontes apresentaram questões que não foram elaboradas anteriormente em outras pesquisas, não com os objetivos propostos para esta pesquisa.

A discussão sobre intelectuais é importante para pensar o lugar de Lima Barreto enquanto escritor brasileiro que escreveu sobre si, questionou e apresentou ideias sobre a sociedade, tendo em vista que é “um intelectual, isto é, alguém que não faz coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, alguém cujos instrumentos de trabalho

⁶⁵ Sobre *Affaire Dreyfos*, não será discutido aqui, porém, Norberto Bobbio (1997) menciona uma obra em nota de rodapé em que o tema poderá ser visto.

não são máquinas, mas ideias”. (BOBBIO, 1997, p. 68). É importante entender Lima a partir do intelectual que foi e a forma como pensou e vivenciou as questões do seu tempo.

Os intelectuais para Bobbio (1997) têm um modelo ideal de conduta. Eles deveriam ser caracterizados pelo imenso desejo de participarem das lutas políticas e sociais do seu tempo sem se alienarem. Por último, apresentamos uma das reflexões indispensáveis do autor para pensar o escritor Lima Barreto e o lugar que ocupava, enquanto intelectual no Brasil, nas primeiras décadas do século XX.

As relações entre intelectuais e poder nunca foram relações pacíficas. E não foram pacíficas precisamente porque os homens do poder sempre tiveram consciência da diversidade dos fins que o filósofo e o político perseguem, e procuraram ou subordinar os intelectuais ou, quando se encontram diante da oposição deles, impedi-los de causar prejuízo, segundo a famosa máxima maquiavélica de que os inimigos devem ser suavizados ou eliminados. (BOBBIO, 1997, p. 93).

Com base nessa passagem é fácil de compreender os rumos que Lima tomou, por ser um intelectual que incomodava com suas críticas; o esforço que fazia para que suas ideias circulassem era enorme e nem sempre teve a recepção que julgava merecedor. Neste caso, em se tratando de perceber o escritor como um conhecedor das divergências sociais e políticas, suavizar suas críticas não era por certo o caminho. Eliminar a apreciação de suas ideias e outras formas de engajamento do escritor, ou seja, restringir sua participação social, e isso ocorreu, em parte, quando Lima Barreto se reclusou em um hospício, embora não seja total seu isolamento, visto que o seu projeto literário não parou, de dentro da instituição psiquiátrica continuava praticando uma literatura crítica.

Antonio Gramsci (1982, p. 7), por sua vez, em sua obra *Intelectuais e a organização da cultura*, apresenta uma reflexão interessante para se pensar os intelectuais. Ele diz o seguinte: “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”. O autor discorre sobre essa frase argumentando que ao pensar em intelectuais e não intelectuais, a referência está direcionada à função social da categoria, considerando o peso maior que recai sobre a atividade profissional específica, seja na elaboração intelectual ou no esforço muscular. Ele faz essa comparação para explicar que os não intelectuais é uma definição que não existe, porém, esclarece que há diferença na “relação entre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso, existem graus diversos de atividade específica intelectual”. (GRAMSCI, 1982, p. 7).

Essa discussão se faz necessária para podermos entender a diferença entre os intelectuais e os assim não considerados, uma vez que, conforme o autor, fora da profissão todo homem desenvolve alguma atividade cultural e tem conduta moral consciente, o que colaboraria para modificar a concepção de mundo e desenvolver outras formas de pensar. Se todo homem está ligado à arte, o que então tem de diferente os considerados intelectuais? que demonstra gosto e interesse pronunciados pelas coisas da literatura. Gramsci apresenta a seguinte definição para essa questão:

O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e conseguindo-se que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Assim, Gramsci (1982) explica que a relação entre a nova camada de intelectuais consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual em cada grau de desenvolvimento. Para ele, historicamente, as categorias especializadas para o exercício cultural estruturam-se em união com todos os grupos sociais, mas especificamente com os mais importantes e passam por elaborações mais complexas com o grupo social dominante.

Temos também as discussões de Ângela Alonso (2002), em sua obra *Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império*, que apresenta o movimento intelectual surgido no Brasil nos anos 1870. Importante obra para esta pesquisa por ter a geração de 1870 como foco, em um momento em que o Brasil se preparava para se despedir do Império e iniciar as mudanças da Primeira República. Sobre a geração de 1870 pela

[...] a acusação de ter se interessado mais em edificar novos sistemas filosóficos que interpretar a realidade nacional, ignorando solenemente, salvo honrosas exceções, como Joaquim Nabuco, os problemas cruciais da sociedade brasileira, sobretudo o da escravidão. (ALONSO, 2002, p. 21).

O que justifica essa acusação de pouco interesse da geração dos anos 1870 sobre a realidade nacional? Conforme Alonso (2002), os estudos sobre intelectuais no Brasil agrupam-se em duas vertentes. A primeira, de uma perspectiva cognitiva, julga o movimento a partir de seu poder de gerar teorias sociais colocando-o no plano da história das ideias. Enquanto a segunda, vista como prática, considera o movimento como gerador de ideologia modernizadora destinada a novos grupos sociais, de modo especial uma nova classe média.

Para a autora, uma linhagem dominante demarcou o movimento intelectual oitocentista como um modelo brasileiro de ideias europeias, passando a explicá-lo em termo de desenvolvimento de “doutrinas” ou “escolas”. “O movimento intelectual aparece como feixe de réplicas nacionais de linhas de pensamento europeu, compondo ‘escolas de pensamento’”. (ALONSO, 2002, p. 23). Para ela é possível perceber traços comuns a alguns membros desse movimento no final do Império, tais como a elaboração de projetos de reforma do Brasil, a referência de filósofos e literatos e a colaboração nos debates públicos, os quais foram apresentados como produtos de mentes com privilégios.

No Brasil da segunda metade do século XIX não havia um grupo social cuja atividade exclusiva fosse a produção intelectual. A existência de uma única carreira pública centralizada do Estado, incluindo desde empregos no ensino até candidaturas ao parlamento, fazia da sobreposição de elites política e intelectual a regra antes que a exceção. (ALONSO, 2002, p. 30).

A autora chama a atenção para a divisão da geração 1870 em um grupo de cientistas pouco interessado nas questões nacionais, e outro de pensadores empenhados politicamente, para ela é uma compreensão considerada ultrapassada. Esse entendimento foi resultado de uma interpretação não bem conduzida que escolheram as características intelectuais e não as políticas.

No entanto, os grupos se identificavam em diversos termos, fossem conjunto de outras ideias não políticas, ou por posicionamentos políticos. “Se ainda se quiser falar de duas esferas, seria preciso incluir em ambas as mesmas pessoas”. (ALONSO, 2002, p. 31). Pois, autores de “obras filosóficas” e políticos realizavam atividades em ambos os campos.

Sobre os intelectuais desse contexto, Lilian Moritz Schwarcz (1993), em sua obra: *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*, apresenta alguns pontos importantes para pensar os objetivos de se criar uma classe de intelectuais no Brasil. A autora menciona a criação de duas grandes faculdades de direito e afirma que esses estabelecimentos nasceram vinculados à dinâmica que marcou a independência política do país. “Pareciam responder à necessidade de conformar quadros autônomos de atuação e de criar uma *intelligentsia* local apta a enfrentar os problemas específicos da nação”. (SCHWARCZ, 1993, p. 141).

Conforme a autora, com a formação em direito os novos juristas estariam em parte responsáveis por apresentar uma nova imagem do Brasil, procurando outros modelos para uma nação que acabava de se desobrigar do estatuto colonial. “Era necessário provar “para fora e para dentro” que o Brasil imperial era de fato independente”. (SCHWARCZ, 1993, p. 141).

Desta forma, para a autora, antes de formarem técnicos especializados, mestres de erudição incontestáveis, pretendia-se formar uma elite independente que não se relacionasse com os laços culturais da metrópole europeia.

A ideia era substituir a hegemonia estrangeira – fosse ela francesa ou portuguesa – pela criação de estabelecimentos de ensino de porte, como as escolas de direito, que se responsabilizariam pelo desenvolvimento de um pensamento próprio e dariam à nação uma nova Constituição. (SCHWARCZ, 1993, p. 141-142).

Esses cursos foram pensados para que o Brasil tivesse suas próprias ideias e se desvinculasse de outras nações que, de certa forma, ditavam sua dinâmica cultural. Para a autora, os primeiros iniciaram em 1828, cujos centros jurídicos se estabeleceram em São Paulo/SP e Olinda/PE, posteriormente, em 1854, foi transferido para Recife-PE, e com tais cursos os bacharéis se tornavam cada vez mais estimados, “prestígio advinha, no entanto, menos do curso em si, ou da profissão *stricto sensu*, e mais da carga simbólica e das possibilidades políticas que se apresentavam ao profissional de direito”. (SCHWARCZ, 1993, p. 142).

Essas faculdades formaram grandes políticos, tais como ministros, senadores, governadores, deputados, que, nos dizeres da autora, foram pensadores que articularam os destinos do país. “Convertia-se o bacharel no grande intelectual da sociedade local, chamando atenção o ecletismo das ideias e o pragmatismo em sua definição”. (SCHWARCZ, 1993, p. 142). Grupo presente no cenário político brasileiro, quase dois séculos depois, e continua decidindo o rumo do país.

O sociólogo Marcos Cesar Alvarez (2014), em seu artigo intitulado *Do Bacharelismo Liberal a Criminologia no Brasil*, afirma que uma das particularidades do Brasil, com relação às faculdades jurídicas, foi que a dinâmica dos intelectuais do direito protelou-se ainda com a Primeira República. Embora o ensino tenha passado por algumas renovações no final do século XIX, principalmente com a reforma Benjamin Constant, 1981, a qual colocaria fim no privilégio existente entre Recife e São Paulo e tornaria viável a criação de faculdades livres em outros estados do país.

A partir do final do século XIX, com a Abolição e a República, diferentes grupos passaram a disputar a primazia da construção da nova sociedade – que na autoimagem das elites se pretendia civilizada, urbana e industrial. A medicina, a educação, a engenharia e mesmo a literatura da geração “especializada” de 1920 irão ganhar visibilidade na construção do novo paradigma moderno. (ALVAREZ, 1993, p. 14).

De acordo com Schwarcz (1993, p. 143), neste contexto a figura do intelectual que começa a se formar é a do pensador eclético que encontrou base nos debates, possibilitados

pelo material encontrado nos jornais e nas revistas das duas faculdades, “locais próprios para a legitimação e publicidade de novos grupos intelectuais, as revistas cumpriram, também nestes centros, papel destacado”.

3.4 LIMA BARRETO E OUTROS INTELECTUAIS NEGROS

É importante saber como estavam inseridos na discussão os intelectuais negros do final do século XIX e início do século XX. Para tanto recorremos a algumas reflexões que nos dão luz na compreensão desta questão e especificamente para entender Lima Barreto enquanto escritor negro. Ele não foi o único, como ele havia outros escritores com trajetórias semelhantes, postos em outras categorias profissionais, porém em alguns aspectos se parecem.

Ao trazer essa discussão queremos mostrar que Lima Barreto foi um escritor cujas percepções sobre a realidade social diante da realidade em que o país vivia se diferenciou de muitos outros sujeitos intelectuais do seu tempo. É importante frisar esta questão, pois as experiências dos intelectuais negros daquele contexto são múltiplas e mesmo com suas peculiaridades algumas são comuns. Lima Barreto deve ser considerado um intérprete do Brasil partindo da ótica da negritude e de suas experiências, sejam como intelectual negro, seja como alguém que vivenciou as contradições do país desde os seus antecedentes.

Ao nos conectarmos com esses escritores devemos entender que viveram em uma época em que as estruturas da sociedade brasileira estavam pautadas na supervalorização de uma cultura europeia, no que se refere aos escritos sobre questões sociais e étnicas. Sendo assim, ao colocarmos os intelectuais negros do final do século XIX no mesmo patamar de análise é possível visualizarmos o que os faziam diferentes aos seus semelhantes. Percebermos que havia grupos que se pareciam e mesmo se destacando, de alguma forma, continuavam estigmatizados no mesmo espaço e de exclusão.

Norbert Elias (2000), em sua obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, colabora no entendimento dessas diferenças e sobre a posição que ocupavam os intelectuais negros no Brasil, uma vez que eles pertenciam a uma categoria social que se distanciava das discussões sobre as questões raciais daquele contexto.

Para explicar os estigmas de um grupo sobre o outro, o autor partiu da análise de uma comunidade de periferia na qual ocorria uma divisão entre um grupo, estabelecido num determinado local há muito tempo, e outro composto por novos residentes. Esses, por sua vez, eram tratados pelo grupo anterior como outsiders, ou seja, aquele que não tem as mesmas

características dos estabelecidos. Havia entre eles uma rivalidade, os estabelecidos estigmatizavam os outsiders como pessoas cujos valores seriam menores que os seus.

Assim, encontrava-se ali, nessa pequena comunidade de Winston Parva, como que em miniatura, um tema humano universal. Vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se autorrepresentam) como humanamente superiores. (ELIAS, 2000, p. 19).

Esse tema humano universal, do qual se refere o autor, serve também para pensarmos outras situações em que ocorre a relação dos vistos como estabelecidos e aqueles que não são. Nesta pesquisa, especificamente, podemos pensar a relação entre Lima Barreto e outros escritores do seu contexto, sobretudo aqueles reconhecidos como brancos. Quais diferenças havia entre o escritor e eles? A resposta a esta pergunta encontra-se nos escritos do próprio Lima, principalmente em *Diário Íntimo* onde está registrada uma passagem que podemos entender a diferença através da seguinte afirmação: “o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo”. (BARRETO, 1969, p. 15).

O escritor mostra nesta passagem que independente do quanto fosse um bom jornalista e literato, apenas o seu vínculo enquanto servidor público seria referenciado, ele, como se autodenomina, mulato ou negro, não teria o mesmo reconhecimento direcionado aos brancos. Lima Barreto sabia diferenciar o que estava acostumado a vivenciar, o preconceito e a relação entre brancos e pretos naquela sociedade. Em sua escrita tem passagens que demonstram isto, quando externaliza sua insatisfação em forma de crítica dizendo que “a capacidade mental dos negros é discutida *a priori* e a dos brancos, *a posteriori*”. (BARRETO 1969, p. 20).

O escritor fala sobre o preconceito que ele e outras pessoas afrodescendentes sofriam naquela sociedade pregadora do branqueamento como solução das desigualdades e outras condições. Ele questionava situações que continuam atuais “se a feição, o peso, a forma do crânio nada denota quanto a inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, porque excomungará o negro?”. (BARRETO, 1969, p. 21). Questionamentos importantes de quem sabia das barreiras impostas às pessoas negras, no entanto, embora a sua escrita relatasse tais assuntos, suas palavras não teriam o mesmo peso que as de outros escritores consagrados, pelo menos não para a elite política daquele contexto. Em diversos momentos ele demonstra essa percepção sobre a diferença entre negros e brancos.

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei. É triste não ser branco. (BARRETO, 1969, p. 57).

A mensagem nos leva a inferir que havia a exclusão do escritor por ser negro, porém, não apenas por isto. Comparado a outros intelectuais de sua época, Lima pode ser considerado os *outsiders*, conceito cunhado por Norbert Elias para exemplificar a diferença existente entre o grupo dos estabelecidos. Considerando a discussão do ponto de vista do grupo dos intelectuais negros e dos não negros, o escritor estava inserido no primeiro e por muitas vezes teve sua produção intelectual desconsiderada.

Em razão da sua postura de denunciante das divergências sociais e políticas, ele foi ignorado por intelectuais e teve sua produção literária rejeitada nos veículos de circulação escrita. Seja por origem étnica, ou por concepções textuais, havia divergência entre os intelectuais do período em que Lima Barreto viveu. Alguns escritores da época são postos como contrários a ele no que concerne ao modo de abordar os temas sociais daquele momento, possivelmente pela forma como externalizava as contradições, as quais não partiam de suas reflexões apenas, mas de suas experiências também.

No artigo intitulado *Lima Barreto e a crítica literária*, Haydée Ribeiro Coelho e Maria do Carmo Lanna Figueiredo (1992, p. 11) procuram mostrar a posição ocupada por Lima Barreto na literatura nacional e as diferenças entre ele e outros escritores, reconhecendo a forma crítica com que fazia a literatura de sua época ao mostrar que, “a partir de novos parâmetros, conectados a diferentes modos de percepção e de expressão – a literatura dos subúrbios, a expressão de um bloco de camadas médias urbanas da população da Primeira República”. As autoras apresentam alguns dos escritores contrários à perceptiva literária de Lima Barreto.

O escritor vai-se estabelecer literariamente em oposição aos modelos de Machado de Assis e de Coelho Neto. A tentativa de expressar-se de forma contundente, contrariando o projeto literário de sua época, vai atingir diretamente o que ele considera como linguagem "distante e aristocrática": a solução estética machadiana para desmistificar a ideologia subjacente à sociedade brasileira de então. (COELHO; FIGUEIREDO, 1992, p. 11).

Conforme as autoras, a oposição de Lima Barreto, com relação a esses escritores, estava na forma como assumiu sua própria linguagem, cujo “fazer literário como atividade militante e de denúncia, também se opõe à retórica de um Coelho Neto e de um Rui Barbosa, que considera repassadas por um ‘formalismo vazio’”. (COELHO; FIGUEIREDO, 1992, p. 11). Os escritores

citados se preocupam com a formalidade da literatura e Lima mais em aproximar as narrativas com as realidades vivenciadas.

Machado de Assis e Coelho Neto aparecem citados em uma carta pública de Austregésilo de Ataíde de 1921, para Lima Barreto (1956); em *Correspondência, Tomo II*, ele afirma na missiva que Lima e Coelho Neto, apesar de chamarem a atenção dos estudiosos das letras, eram muito diferentes em suas literaturas. Sobre Machado de Assis disse que, embora tenham comparado a literatura de Lima com a dele, percebia dois escritores com estilos diferentes, enquanto Machado se mostrava ser um intelectual desapiedado, e observador de gabinete, Lima apresentava personagens que eram filhos de sua alma, fartos das experiências de misérias que os afligiam, diferente de Machado que não passou as dificuldades que Lima e, no entanto, seus personagens viviam o pessimismo das situações que o seu criador não vivenciou.

Segue um trecho da carta resposta de Lima Barreto (1956, p. 256) a Austregésilo, na qual escreveu o seguinte:

*Todos os Santos, 19 de janeiro de 1921.
Saudações.
Agradeço-lhe muito a bondade que tive, dirigindo-me a carta aberta que a Tribuna publicou, em 18 último.
[...] Gostei que o senhor me separasse de Machado de Assis. Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre achei no Machado muita segura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet -vá lá; mas Machado, nunca! Até em Turguênieff, em Tolstói podiam ir buscar modelos; mas em Machado, não!" Le moi"...
Machado escrevia com medo do Castilho e escondendo o que sentia, para não se rebaixar; eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto [...].*

Lima Barreto demonstrou satisfação em não ser comparado com Machado de Assis, que embora consagrado praticava uma literatura que não servia de inspiração para Lima Barreto, para ele, Machado escrevia sem simpatia com os seus personagens, pouca emoção, uma das características elogiadas por Lima Barreto nos escritores.

Celi Silva Gomes de Freitas (2005), em artigo intitulado *Lima Barreto, um intelectual negro na "Avenida Central"*, discute sobre a posição ocupada por Lima Barreto enquanto um intelectual negro, mostra a troca epistolar entre ele e Manoel de Oliveira Lima (1867-1928). É importante frisar que Manoel Oliveira Lima já era um escritor consagrado e mantinha comunicação com outros mais jovens, a exemplo do que nos mostrou Ângela Gomes (2005), quando da correspondência entre ele e Gilberto Freyre (1900-1987), e agora a troca epistolar

com Lima Barreto (1881-1922), também mais jovem. Essa prática indica que as cartas cumpriam papel importante de ligação entre os jovens escritores e os mais experientes.

Celi Freitas (2005) afirma que a comunicação entre Manuel de Oliveira e Lima Barreto ocorreu de 1916 a 1920. Manoel de Oliveira Lima publicou artigos sobre as produções de Lima Barreto, o primeiro no *Estado de São Paulo* de 13-11-1916, reproduzido como prefácio de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o segundo sobre Numa e a Ninfa de 18-8-1917. Na obra *Correspondência, Tomo II* (1956) encontramos as correspondências dos dois escritores, em uma delas Lima Barreto (1956, p. 37-38) escreveu o seguinte:

[Minuta]
 1-9-17.
 Meu caro senhor Oliveira Lima.
 Acabo de ler o seu artigo no Estado de São Paulo. Não sabe como lhe agradeço a benevolência e a animação que me dá.
 Acabo também de rever as provas da segunda edição do meu Caminha. Hei de mandá-lo, logo aos primeiros exemplares, pelo fim do mês.
 Sou seu confrade e admirador muito grato.
 Lima Barreto.

A carta mostra que o assunto versava sobre a produção literária de Lima Barreto e o quanto ele era reconhecido por esta prática, até mesmo por aqueles mais consagrados; a missiva representa respeito e admiração entre ambos.

Posteriormente, foi a vez de Lima Barreto receber uma carta do escritor potiguar na qual os assuntos se dividiram, como podemos ver:

Parnamirim, 13 de março de 1919.
 Meu caro amigo:
 Muito lhe agradeço a sua delicada cartinha de 1º do corrente a remessa do exemplar do seu novo romance, que vou ler com o interêsse e gôsto com que leio tudo quanto escreve. Senti não o ter visto por ocasião da nossa viagem ao Rio, mas a estadia foi muito curta. Estimei que haja liquidado satisfatoriamente a sua aposentadoria.
 Desejando-lhe a melhor saúde e todas as felicidades, aqui fico, aguardando suas notícias, até setembro próximo.
 Creia-me sempre, com a maior estima e apreço, seu admirador confrade obrigado.
 M. de Oliveira Lima.
 (BARRETO, 1956, p. 38).

Como possível verificar, a centralização do assunto foi o ofício literário, embora seja citado o quanto Oliveira Lima gostava de ler os romances de Lima Barreto, demonstrando admiração pelo escritor carioca. Falou sobre a saúde de Lima Barreto, e é importante frisar que nem com este interlocutor e nem com os demais, o assunto sobre a sua saúde ocupava grandes espaços. No entanto, Oliveira Lima demonstrou preocupação quando se referiu à aposentadoria, solicitada por Lima Barreto ao serviço público em decorrência de sua frágil saúde. Finaliza

desejando saúde, mas, ao que parece, não foi apenas um desejo de considerações finais de uma carta, indica que o escritor, Oliveira Lima, provavelmente sabia da situação do amigo que havia se internado recentemente, em 1918, no Hospital do Exército, para tratamento da clavícula quebrada em decorrência do alcoolismo. Como Oliveira Lima ficou sabendo da solicitação da aposentadoria e a saúde de Lima, não tivemos acesso, nem nesta obra e nem em outras pesquisas realizadas.

Mas a comunicação deles não parou por aí, Lima Barreto sempre recorria a Oliveira Lima para tirar dúvidas sobre assuntos abordados e publicados por ele nos jornais, como consta na missiva abaixo, Lima escreve o seguinte:

[Minuta]

Todos os Santos (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1919.

Meu caro Senhor doutor Oliveira Lima.

Muita saúde, em companhia de sua excelentíssima senhora.

Acabo de ler o seu artigo no A.B.C. Ele me suscitou dúvidas que, sem ter a pretensão de que o senhor mas esclareça, me julgo, contudo, obrigado a submetê-las ao seu esclarecido espírito. [...]

A minha tenção era perguntar-lhe, ao senhor, mais esclarecido e inteligente do que eu, mais culto e mais viajado do que eu, conhecendo bem a evolução das idéias e a sua transformação em sentimentos, a ditar atos quase automáticos – se eu, homem de cor, mulato, etc. etc., posso e devo concorrer de alguma forma para reforçar a influência ou o predomínio, no Brasil, dos Estados Unidos; e, também, se não é minha obrigação de modesto homem da pena combater de todas as maneiras essa influência? [...].

Lima Barreto.

(BARRETO, 1956, p. 38-39).

Com esta carta é possível entender o lugar ocupado por Lima no grupo dos intelectuais. Sobre questões intelectuais, apoiando-se na escrita de Lima Barreto, Celi Freitas aponta críticas importantes que o próprio escritor direcionava aos “doutores”. Fundamentando-se na trajetória educacional dele, Freitas (2005) faz algumas observações que devem ser discutidas, a exemplo do diploma que não obteve, tão desejado pelo seu pai, na Escola Politécnica. Para ela esse teria sido um fato que marcou sua trajetória, a ausência desse diploma pode ser interpretada a partir de duas perspectivas.

A primeira é de que Lima Barreto teria se frustrado em não ter se tornado engenheiro, expressando por isso sua amargura através da produção de uma quantidade e de excelência, de escritos diante dos “doutores”. A segunda deve ser lida de forma mais cuidadosa, pois, se trata de “um caso emblemático de ‘violência simbólica’ que negros e pobres sofriam e ainda sofrem quando buscavam e buscavam romper a hierarquia dos lugares marcados na sociedade”. (FREITAS, 2005, p. 6).

Lima Barreto escrevia não para agradar e nem para ser aceito, mas para mostrar as contradições da sociedade brasileira nas décadas iniciais da Primeira República, esta que foi representada, basicamente, pelos brancos intelectuais políticos. Embora fosse um intelectual, não era branco e não se tornou político. Na “posição de intelectual-negro, não apenas viveu como soube relatar sua trajetória de negro em um ambiente intelectual que se constituía branco”. (FREITAS, 2005, p. 9).

Conforme Maurício Silva (1999), em *Lima Barreto e Coelho Neto: divergências literárias na literatura brasileira da passagem do século*, Coelho Neto não julgava o fato histórico, apenas expunha os acontecimentos, enquanto Lima Barreto analisava os acontecimentos de forma crítica, na visão literária, mas sobretudo social e política, assumindo um tom de denúncia àquilo que estava escrevendo.

Enquanto no ambiente literário volátil da Belle Époque as obras de Lima Barreto tinham uma aceitação limitada e restrita, as de Coelho Neto emergiam como verdadeiro sucesso de público e de crítica, fazendo desse romancista uma das figuras de destaque da literatura nacional. (SILVA, 1999, p. 13).

O autor ressalta que enquanto Coelho Neto, após a morte, foi elevado à categoria de importante escritor, integrado a oficialidade literária, Lima Barreto não recebeu o mesmo reconhecimento. Passou aos olhos do público como um ilustre desconhecido pelos seus pares; Embora “tal posição inverteu-se com o passar do tempo, situando Lima Barreto entre as principais figuras de nosso panteão literário e fazendo de Coelho Neto um autor de importância apenas episódica, sem maiores reconhecimentos posteriores”. (SILVA, 1999, p. 13). No entanto, é importante frisar que Lima Barreto foi reconhecido por outros escritores consagrados ainda em vida, como mostraram as correspondências dele e de Oliveira Lima e de outros escritores tão reconhecidos quanto este, naquele contexto. O fato de ter apresentado divergências literárias, ou não ter tido a publicação de todas as suas obras em vida, não quer dizer que tenha sido desconhecido.

Os intelectuais do seu tempo, talentosos tanto quanto Lima Barreto e consagrados, tais como Capistrano de Abreu (1853-1927), José Veríssimo (1827-1916), Manoel Bandeira (1886-1968), Graciliano Ramos (1892-1953), Sergio Buarque de Holanda (1902-1982), Di Cavalcante (1897-1976), dentre outros, reconheceram a literatura questionadora de Lima Barreto. Eles entendiam a sociedade e a crítica que Lima apresentava em sua escrita. Embora tenha conseguido publicar pouca coisa em vida, deixou uma ampla obra escrita, a qual apenas na década de 1940 foi reunida, prefaciada por importantes intelectuais, e publicada. Ele construiu

ampla rede de sociabilidade, espalhada por diversas regiões do Brasil, inclusive fora deste, que indica o seu prestígio enquanto escritor.

Maurício Silva também afirma que Coelho Neto e Lima Barreto cumpriram com a atividade que se propuseram e ocuparam posições diferenciadas na literatura e na sociedade da *Belle Époque*. Alguns escritores negros ocupavam uma posição diferenciada daquela de Lima Barreto, provavelmente, pela forma como se posicionavam em sua escrita. Nessa relação percebemos Lima Barreto como um *outsiders*, embora estivesse falando dos problemas que afetava a mesma sociedade, suas colocações divergiam daqueles que falavam a partir de outras perspectivas, muitas vezes desconsiderando problemas sociais importantes.

Na produção intitulada: *Lima Barreto personagem de João Antônio*, de Antonio Arnoni Prado (2012), mostra um Lima Barreto, cujas dificuldades enfrentadas, desde a doença do pai, lhes fizeram um escritor sensível às causas sociais e políticas. “Fugido da própria casa e atirado às incertezas da rua, onde não raro a fome agravava as humilhações do preconceito Lima Barreto vai registrando os conflitos de uma existência à margem”. (PRADO, 2012, p. 3).

A escrita de Lima Barreto deveria servir para mudanças, de modo que as pessoas enxergassem o mundo com as suas contradições. Desta forma, conforme Prado (2012), Lima Barreto foi um intelectual que se preocupou em escrever para libertar os oprimidos, agindo assim, foi solidário ao aprimoramento dos sentimentos humanos, o que colaboraria para melhorar a convivência entre as pessoas. Uma escrita necessária e que deveria ser posta em prática urgentemente.

Em artigo intitulado *Homens de Letras: intelectuais negros no Brasil imperial*, Adilson Ednei Felipe (2016) discute o envolvimento de homens e mulheres negras que usaram de algumas estratégias no século XIX para a produção gráfica, além de evidenciar representantes da elite intelectual negra. A assimilação do conhecimento, através da leitura e da escrita, propiciou outras oportunidades, em especial com o desenvolvimento da impressão gráfica no Brasil, uma vez que o progresso do comércio da venda desse tipo de material se intensificou na segunda metade do século XIX.

A liberação de instalações tipográficas no Brasil, ou seja, o fim do monopólio da Typographia Nacional, desencadearia o surgimento de uma concorrência, ainda que restrita a alguns felizardos, estrangeiros em sua quase totalidade, principalmente franceses, na produção de impressos no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, onde se situava a corte. (FELIPE, 2016, p. 3).

Concomitantemente ao contexto editorial apareceu o mercado no ramo da imprensa, o qual receberia homens negros em sua composição, muitos dos quais tiveram seu nome

reconhecido como os primeiros editores do Brasil e incentivariam novos escritores brasileiros. De acordo com Felipe (2016), Francisco de Paula Brito foi um desses; homem que fugia dos conflitos políticos, amigo de D. Pedro II, juntamente com ele fundaria a Typographia Dous de Dezembro, cujo nome seria em alusão à data de nascimento de ambos.

Ana Flávia Magalhães Pinto (2006), ao tratar dos processos de construção identitária de pessoas negras livres, em dissertação intitulada: *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1883-1889)*, apresenta um debate sobre a formação e a elevação de redes negras, a partir da tipografia fluminense na primeira metade do século XIX. É importante recuperar a discussão sobre a tipografia, especificamente nesse contexto, por dois motivos específicos.

Primeiro porque, conforme Ana Flavia M. Pinto (2006), havia entre os homens negros livres, neste período, a formação de uma rede de solidariedade entre si, o que é possível inferir que a união entre essas pessoas foi importante no posicionamento diante de uma sociedade escravocrata, preconceituosa que deixava às margens, e continua deixando, mulheres, negros, pobres e outros grupos inferiorizados naquele contexto. Segundo, através dessa discussão, a autora recupera nomes específicos de sujeitos sociais que marcaram a formação da rede de intelectuais negros, possibilitando compreender a relação de Lima Barreto, enquanto intelectual negro, com o universo das letras e da informação, uma vez que foi seu pai quem o desbravou primeiro. Apresentaremos algumas peculiaridades desses homens que se relacionam de alguma forma com a trajetória do pai de Lima Barreto, João Henriques e do próprio escritor.

Ana Flávia M. Pinto (2006) apresenta alguns nomes que fizeram parte dessa rede de intelectuais negros, tais como Martinho Pereira de Brito, Silvino de Almeida Brito, Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, Joaquim Maria Machado de Assis e Francisco de Paula Brito. É sobre este último que a autora estende as suas discussões as quais são fundamentais na compreensão sobre quem eram os homens negros que formaram as primeiras redes de intelectuais no Brasil na primeira metade do século XIX.

Francisco de Paula Brito nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1809, filho de mãe provavelmente negra e de pai carpinteiro com poucas condições. “A figura decisiva na vida de Paula Brito foi seu avô materno e não seu pai ou sua mãe”. (PINTO, 2006, p. 51). Seus pais teriam saído do Rio de Janeiro e somente ele retornou em 1824, com apoio desse avô (Martinho Pereira de Brito)⁶⁶ que faleceu em 1830.

⁶⁶ Sobre quem foi Martinho Pereira de Brito, consultar a dissertação aqui utilizada da autora Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) na qual apresenta mais informações a partir do diálogo estabelecido com a autora Eunice Ribeiro Gondim.

Em 1824, Paula Brito se tornou aprendiz de arte gráfica na *Tipografia Imperial e Nacional*, em seguida passou por outras tipografias e “ocupou os postos mais elevados – compositor, diretor das prensas, redator, tradutor e contista”. (PINTO, 2006, p. 52). Posteriormente, em 1831, adquiriu maquinário próprio e instalou uma tipografia na praça da Constituição, além de ter lançado o periódico *A Mulher do Simplício*, e de ter feito outras publicações. Assim, estabelecido, “dispôs de seus bens para orientar os primeiros passos de outros jovens como ele. No início da década de 1840, recebeu em sua tipografia o cabo-friense Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. (PINTO, 2006, p. 52).

Francisco de Assis Barbosa (1964), na biografia *A vida de Lima Barreto*, falou sobre os primeiros passos profissionais de João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor Lima. De acordo com Barbosa (1964), em 1869, começou a circulação do primeiro número do jornal *A Reforma*⁶⁷, que recebeu críticas de *O jornal do Comércio* pela sua inovação, e em 1870 o jornal adquiriu sua própria oficina.

Não se sabe se antes ou depois disso, já ali trabalhava João Henriques de Lima Barreto. O certo é que, tido e havido como excelente profissional o jovem tipógrafo passara-se da oficina do Jornal do Comércio para a d'A Reforma, aos 19 anos de idade, pouco mais ou menos. (BARBOSA, 1964, p. 4).

Segundo Barbosa (1964), o pai de Lima, ao entrar no jornal *A Reforma*, era um simples aprendiz que havia saído do Imperial Instituto Artístico, local onde tinha aprendido o ofício e que no Instituto trabalhavam excelentes profissionais gráficos, compositores, gravadores e impressores, tornando-se o mais adiantado da época com relação à tipografia, local onde fez a sua iniciação técnico-profissional. Desligou-se posteriormente por entender que estava sendo injustiçado.

Ainda conforme Barbosa (1964, p. 6-7), João Henriques seguia fielmente as orientações dos mestres admirados por ele, teve sua base de estudos de humanidades no Instituto Comercial, aprendeu francês e se preparava para entrar na Escola de Medicina, “diplomar-se, fazer-se “doutor”, respeitado e admirado por toda a gente”. Ou seja, assim como Francisco de Paula Brito, se inspirou no avô, Lima Barreto, possivelmente, se inspirou, em alguns pontos, no pai.

Luiz Silva (Cuti), em sua obra *Literatura negro-brasileira* (2010), aponta três percursores da literatura negra brasileira, Luiz Gama (1830-1882), Cruz e Sousa (1861-1898) e Lima Barreto (1881-1922). O autor afirma que esses três registraram em seus textos o

⁶⁷ Jornal em forma de folheto que circulava as principais notícias políticas do Império, na cidade do Rio de Janeiro, teve início a partir dos anos 1869. Para mais informações, consultar Barbosa (1964).

desconforto do preconceito racial nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. No entanto, esses registros se deram de forma isolada, pois não havia uma organização coletiva que tivesse o mesmo sentido.

Luiz Gama e Cruz Sousa atuaram em prol da abolição da escravatura ao lado de branco liberais. Lima Barreto aproximou-se de correntes de esquerda que iniciavam suas atividades no Brasil. Entretanto, do ponto de vista literário, foram solitários, em especial no empenho de sua afirmação racial ou crítica ao racismo. (CUTI, 2010, p. 63).

Embora tenham atuado em prol de outras causas, do ponto de vista literário foram sozinhos, em relação à crítica que fizeram ao racismo naquele contexto. Os referidos escritores tiveram como ponto de partida, para os questionamentos sobre a própria experiência, as discriminações que possivelmente passaram, realidade que marcou a vida de muitos outros, embora nem sempre o preconceito tenha sido registrado.

Os citados autores, com base em suas experiências de serem racialmente discriminados, desenvolveram textos nos quais deixaram transparecer um posicionamento diferenciado pela constituição de um sujeito étnico negro. No interior do texto, portanto, percebe-se que o ponto de emanação do discurso reivindica para si a identidade com os discriminados e não com os discriminadores. (CUTI, 2010, p. 63).

Os escritores Luiz Gama, Cruz e Sousa e Lima Barreto relatam a forma como se percebiam e se inseriam no âmbito da temática étnico-racial, ao mesmo tempo questionavam a sociedade onde estavam inseridos e se constituíam enquanto intelectuais entendedores do papel que cumpriam enquanto escritores negros.

Cuti (2010) apresenta textos nos quais os citados escritores registraram a identidade poética negro-brasileira, tais como os versos de Luiz Gama: *La vai verso, meus amores*; os de Cruz e Sousa: *Caveira, Emparedado*, e as passagens nas obras de Lima Barreto onde se mostram em situações em que se compreenderam as sutilezas da discriminação racial. A exemplo de *Diário Íntimo*, em cuja passagem é descrito o sentimento de tristeza diante da seguinte situação narrada

[...] um vazio n'alma, um travo amargo na boca, um escárnio interior. Que seria? Entretanto, eu o quero atribuir ao seguinte:
Na estação, passeava como que me desafiando o C. J. (puto, ladrão e burro) com a esposa ao lado. O idiota tocou-me na tecla sensível, não há negá-lo. Ele dizia com certeza:
— Vê, “seu” negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático. (BARRETO, 1969, p. 11).

A partir desses e de outros registros, entendemos que os escritores negros deixaram legados importantes com relação às questões étnico-raciais, bem como sobre a formação dos intelectuais brasileiros no século XIX e na primeira do século XX. Enquanto intelectuais negros, buscaram compreender e criticar, a partir de suas experiências, as desigualdades e injustiças existentes naquele contexto.

Assim, para Luiz Gama e Cruz e Sousa e também Lima Barreto não interessava o silêncio, o acobertamento de sua psique, porque o silêncio abafa e impede a realização das funções básicas da literatura: a catarse, e, no caso, a catarse do povo negro, que encontra também na literatura um caminho aberto para reconhecer a si mesmo, por meio da purgação da histórica humilhação sofrida e do expurgo de seus fantasmas criados pela discriminação racial. (CUTI, 2010, p. 74-75).

Embora nem sempre tenham sido apresentados assim, ou percebidos como integrantes do grupo de intelectuais, o fato é que “antes da Abolição, editores e homens de letras descendentes de escravos desempenharam papel social importante”. (PULS, 2016, p. 80). Com tais palavras, Maurício Puls (2016) inicia um artigo sobre a *Intelectualidade negra no Império*, no qual fala sobre a formação, integração e a importância desse grupo no final do século XVIII e início do século XIX. Conforme Puls (2016, p. 80), essa intelectualidade negra era composta por:

Figura como o jurista Antonio Pereira Rebouças e o político Francisco Jê de Acaiaba Montezuma, o Visconde de Jequitinhonha. São filhos e netos de escravos que se afastaram do cativo, ascenderam socialmente e ocuparam cargos em áreas que vão da medicina até o jornalismo e a política.

Lima Barreto, neto de pessoas escravizadas, negro, pobre, assim como seu pai, teve contato com o universo das letras, ascendeu intelectualmente, além de escritor, com diversos romances publicados em vida e outros póstumos, trabalhou como jornalista, foi editor lançando seu próprio periódico, a revista *Floreal*; também ocupou cargo no funcionalismo público. Uma significativa representação diante da sociedade brasileira, do século XIX, que era e continua sendo preconceituosa, excludente e desigual, como bem pontua Puls (2016, p. 51-82):

A integração dos afrodescendentes à elite cultural do Império nunca foi fácil, pois o preconceito fechava muitas portas. Na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, diversos professores (como Avellar Brotero e Veiga Cabral) não escondiam suas tendências racistas – tanto assim que foi apenas em 1879 que um negro, José Rubino de Oliveira, conseguiu se tornar professor da instituição. A resistência, contudo, foi diminuindo com a expansão do estrato de afrodescendentes livres.

Integrar-se a uma sociedade escorada no preconceito, na exclusão e na relação de favores, não era fácil, entretanto, “uma vez inseridos em redes de sociabilidades, intelectuais negros conseguiam abrir caminho para outros”. (PULS, 2016, p. 82). Embora formassem uma rede, os intelectuais enfrentavam críticas por suas decisões diante daquela sociedade. Muitos não partiam para o embate como fez Lima Barreto que, além de denunciar as contradições sociais, trouxe à tona o posicionamento ou a falta deste, por parte dos veículos de comunicação da época.

Denilson Botelho (2011), em artigo intitulado *Lima Barreto e o “engenhoso aparelho de aparições e eclipses”*: reflexões sobre a história da imprensa, afirma que o escritor pagou um preço alto por ter feito uma sátira de um dos maiores jornais em sua primeira obra publicada, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* em 1909.

Sabe-se que o escritor carioca pagou um preço elevado pela ousadia de satirizar um dos jornais cariocas de maior popularidade naquele tempo. A partir desse episódio, seu nome foi proscrito das páginas do Correio da Manhã, por ordem de seu proprietário, Edmundo Bittencourt. (BOTELHO, 2011, p. 1).

Nem todos os intelectuais de sua época agiam assim, alguns observavam os interesses dos que detinham o poder. Somente a partir do abolicionismo, que possibilitou juntar intelectuais de diferentes tendências, porém, o sistema republicano teria silenciado os resquícios da escravidão, e isto colaborou para a perda de espaço da intelectualidade negra.

Petrônio Domingues (2007), em *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*, discute a luta desse movimento, no período republicano, para a inclusão social do negro e o combate ao racismo. Ele debate sobre a definição do movimento negro e a identidade racial. Os apontamentos do autor são importantes para compreender como ficou a população negra no pós-abolição em 1888, um ano depois ocorreu a Proclamação da República. Para o autor “o novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra”. (DOMINGOS, 2007, p. 103).

Para reverter a marginalização, imposta aos ex-escravizados e aos seus descendentes, foram criados diversos grupos para mobilização negra, e paralelamente surgiu “o que se denomina *imprensa negra*: jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões”. (DOMINGOS, 2007, p. 105). Nesse mesmo contexto apareceram jornais em diversas cidades do país, com objetivos semelhantes aos da referida imprensa, reivindicando soluções para as desigualdades e a falta de acesso da população negra aos serviços básicos de educação, saúde, dentre outros, além de denunciarem

[...] o regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas. (DOMINGOS, 2007, p. 106).

Ser um intelectual com instrução formal no Brasil, onde a educação foi prioridade para ricos, não era difícil, se a pessoa fosse branca e pertencesse a uma família abastada, era mais comum, do contrário, raras vezes as pessoas negras ascenderam social e intelectualmente e ocuparam espaços ocupados geralmente por homens brancos e ricos. Alguns, apesar de pobres e negros, conseguiram, a exemplo de Lima Barreto, que teve acesso a escolas que apenas a classe rica tinha. Isso ocorria em razão dos apoios, como o do padrinho o visconde de Ouro Preto, amigo político do pai de Lima, que custeou parte da educação do futuro escritor.

3.5 LIMA BARRETO: UM ERUDITO E AS TRILHAS INTELECTUAIS

A relação do pai e da mãe de Lima Barreto com a educação demonstra que havia por parte deles o desejo de que os filhos seguissem o processo e tivessem uma profissão. O futuro escritor teve um percurso educacional considerado bom para o seu contexto; ao chegar à juventude não deixou para trás o gosto que adquiriu por se dedicar ao estudo das condições que de alguma forma lhe atingiam.

Continuou com seu hábito de ler, como fazia na Biblioteca Nacional, lia não apenas a literatura brasileira, mas também a estrangeira. Era leitor de produções de outros escritores. No início dos seus 20 e poucos anos escrevia para jornais e revistas da cidade do Rio de Janeiro.

Luciana da Costa Ferreira (2011), no artigo *Os percursos literários do leitor Lima Barreto*, discute os caminhos que colaboraram para a definição do projeto literário do escritor. Para ela, Lima seria o resultado das leituras realizadas ao longo de sua trajetória e diferentemente do que já se chegou a afirmar sobre a simplicidade de sua escrita. Havia, por trás disso, um grandioso estudo da arte literária, que para além da preocupação de ler, escolhia cuidadosamente quem lia, organizava a própria escrita e guardava os recortes de jornais, os quais contemplariam suas críticas na extensa obra escrita que deixou organizada em sua *Limana*, biblioteca particular.

Lima Barreto se preocupou em “arquivar recortes de revistas e de organizar a sua biblioteca chamada pelo próprio escritor de ‘Limana’” (FERREIRA, 2011, p. 2). Ainda segundo a autora, o escritor guardava as correspondências que recebia e o rascunho das que enviava, com esse gesto parecia presumir que as questões sociais e políticas, até hoje não resolvidas, não

eram realidades daquele contexto apenas, seus registros e suas críticas ficariam para a posteridade. Este material foi entregue ao seu primeiro biógrafo em 1945, quando publicado possibilitou a realização de diversas pesquisas e mostrou a dedicação dele com o seu projeto literário. O “quarto do romancista tinha suas paredes tomadas por recortes de revistas e jornais como se tecesse um grande livro em sua volta. Muitos desses recortes de revistas e jornais eram colados em um caderno que chamou de ‘Retalhos’”. (FERREIRA, 2011, p. 3).

No entanto, conforme Fátima Maria de Oliveira (2007), na obra: *Correspondência de Lima Barreto: À roda do quarto, no palco das letras*, outra parte do material foi perdida, infelizmente não chegou ao nosso alcance, como aquele organizado por Francisco de Assis Barbosa, que recomendado pelo editor Zélio Valverde, em 1945, publicou as obras de Lima Barreto. De acordo com a autora, mais ou menos 600 volumes da biblioteca particular do escritor não foram preservados, uma perda irreparável.

Entregues a José Mariano Filho, amigo da família que custeou o enterro, os livros foram amontoados e esquecidos no porão de uma chácara em Jacarepaguá e tornaram-se, sem eufemismo, “arquivo morto”. Os livros foram destruídos completamente por traças e cupins, insetos que não escolhem, nem amam, ou detestam os textos que roem, apenas roem. (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

Esse desaparecimento, de parte do material que compunha a *Limana*⁶⁸, deixou diversas lacunas, tanto ao que se refere à memória da cultura brasileira, quanto ao próprio Lima Barreto, uma falta que, segundo Oliveira (2007), não foi maior porque o dono do material era cuidadoso e fez o *Inventário* dos livros em 1917. A sua biblioteca particular representava também a sua formação intelectual, era composta, além da própria produção, por autores franceses, portugueses, russos e brasileiros, entre romancistas, historiadores, sociólogos, teóricos do socialismo e do anarquismo, filósofos, biógrafos etc.

Além disso, foi atencioso com escritores com quem se correspondia. Tornou-se leitor de outros colegas que tinham por ele admiração e reconheciam o seu prestígio intelectual.

Apesar da decadência e do cansaço físico, Lima fazia questão de manter vasta correspondência com seus pares, especialmente escritores de gerações mais novas, espalhados por vários estados. Muitos deles continuam a enviar-lhe cartas e originais, à espera de sua avaliação-e quem sabe, bênção-, e nunca ficava sem resposta. (SCHWARCZ, 2017, p. 432).

⁶⁸ Nome dado por Lima Barreto a sua biblioteca particular. Na obra referenciada, Fátima Maria de Oliveira (2007) apresenta informações importantes sobre a organização da obra de Lima Barreto, que foi publicada em edição completa com 17 volumes, através da editora Brasiliense em 1956. Material organizado pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa, que contou com a colaboração de diversos prefaciadores. Outras informações, consultar a autora e a obra citadas.

Era vasta a rede de contatos de Lima Barreto. Seu acervo pessoal, segundo a referida autora, é prova disso. Ele recebia cartas de “Agripino Grieco, Mário Sette, Leo Vaz, Gastão Cruls, Murilo Araújo, Adelino Magalhães, Alberto Deodato, Olívio Montenegro, Carlos Sussekind de Mendonça, Pascoal Carlos Magno, Ranulfo Prata e tantos outros”. (SCHWARCZ, 2017, p. 432). É importante frisar que além da durabilidade da comunicação e da amizade com Antônio Noronha Santos, Lima se comunicou com outros correspondentes por longos períodos, assim foi com o amigo, também próximo, Carlos Sussekind de Mendonça e com Monteiro Lobato, cuja comunicação com este durou de 1918 a 1922.

As cartas mostraram que apesar de serem amigos e de se comunicarem com frequência, não se viam com a mesma periodicidade com que escreviam. O assunto das missivas era quase sempre literário, raras vezes Lima dava sinais de que estava triste, com a saúde fragilizada e até mesmo desiludido com algumas questões da vida. Lima Barreto não enfatizava a saúde/doença, às vezes que anotou algo aparecia no início ou no final da carta, quando o assunto principal já teria sido explanado. De forma que não chamava a atenção ou deixava o correspondente preocupado, propositalmente, visto que a carta é um documento público, o escritor não quis que as suas fragilidades se sobrepusessem ao seu projeto literário.

Comunicava-se com um grupo de intelectuais amplo, respondia com sinceridade sobre o que escreviam os escritores. Um exemplo disso pode ser conferido na carta que segue.

*Em 26 de outubro de 1916
 Meu caro sr. Murilo Araújo.
 Peço-lhe mil perdões pela demora do seu livro nas minhas mãos.
 Não foi tanto a falta de tempo que a motivou, mas a minha completa desorganização em matéria de método, desorganização que nunca me dá tempo para coisas proveitosas como foi a leitura dos seus originais.
 Eu tenho o senhor, após a leitura que fiz, como um poeta muito original, muito comovido, poeta sem os artifícios habituais de palavras e acrobacias métricas ou riqueza de rimas de ouro falso.
 Não digo que isso tudo seja vão, mas o que se pede em primeiro lugar a um poeta é a sua emoção diante do encanto do mundo, do seu transcendente mistério, a revelação deste por alguma forma.
 O senhor tem ainda indecisa, vaga, essa sensação do mundo e das coisas, doente e triste, é verdade, mas tem-uma.
 É o julgamento geral que posso fazer do seu livro, por quanto, do que toca à técnica do verso, do ofício propriamente, eu nada sei. Não lhe posso, portanto, dizer nada a respeito da combinação da estrofe clássica e da metrificação livre, nem tampouco sobre a deslocação das tônicas, simetricamente, de verso em verso, nos decassílabos.
 [...]
 Faça uma coisa, eu lhe aconselho ainda como mais velho: publique seus versos, quanto antes, sem temor, sem padrinhos, sem cireneus de qualquer natureza. Vá para adiante, e só!
 Do seu
 Lima Barreto.
 (RESENDE, 2017a, p. 110-112)*

A resposta nesta carta mostra que Lima Barreto se preocupava com os escritores que encaminhavam para ele seus escritos. Lima era leitor, mas não era qualquer leitor, havia uma confiança de quem o delegava a tarefa de ler e opinar sobre o que escreviam. Embora não dispusesse de tanto tempo para fazer as coisas que mais gostava, o de ler, demonstrava atencioso com quem o procurava para esta função.

O escritor relatou sobre o encanto por poetas que se comoviam diante do mundo, como também era sincero sobre o que não dominava, e ao mesmo tempo aconselhava tais escritores a publicarem sem apadrinhamentos. Embora Lima tenha tido parte de sua educação custeada pelo padrinho visconde de Ouro Preto, situação que não o agradava, tanto que orientava aos escritores iniciantes não permitirem “cireneus”, ou seja, não permitissem ajuda.

Lima Barreto também escreveu à Albertina Berta. Nesta carta falou sobre seu ofício como funcionário de repartição pública. Fez uma breve crítica às questões burocráticas as quais lhes tiravam o tempo e a vontade de escrever. No entanto, mesmo que tardiamente, não deixava de responder e emitir suas impressões sobre o que escreviam os escritores principiantes, que confiavam a ele seus escritos.

[minuta]

Todos os Santos, 31-12-16

Minha senhora.

De há muito tinha lido o seu livro, mesmo antes de receber o exemplar, que tão bondosamente me ofereceu. Aqui fica registrado o meu alto reconhecimento.

A gentileza da oferta fez-me de novo lê-lo e com muito prazer reli-o vagarosamente. Se só agora lhe escrevo, dando-lhe rapidamente as minhas impressões de leitura, é porque certas vezes dá-me tal ódio da pena e do papel que nem mesmo um “aviso” sou capaz de copiar.

Creio que a senhora sabe o que é um “aviso” é um solene papel burocrático, que um ministro assina. “Aviso” é ofício de ministro, e “ofício” é correspondência de toda outra qualquer autoridade oficial.

Depois dessa pequena digressão pelas cousas de secretaria, eu tentei dizer o que em síntese o que penso do seu romance. Ele é belo de linguagem, é mesmo sobrecarregado de beleza no que toca em efeitos verbais. (...)

Com todo o respeito e acatamento, subscrevo-me da senhora confrade e admirador
Lima Barreto.

(RESENDE, 2017a, p. 113-114).

Além desses correspondentes, apresentados na obra da autora Beatriz Resende (2017a), outros foram localizados nas missivas contidas na *Correspondência, Tomo II* (BARRETO, 1956). As cartas desta obra datam de 1917 a 1922 e a escolha por apresentá-las foi baseada em dois critérios. O primeiro colocamos em evidência as cartas enviadas antes do seu último internamento (1919). O segundo procuramos apresentar algumas epístolas enviadas após este período, especialmente no último ano de vida do escritor (1922). O intuito foi saber quem eram

as pessoas com quem Lima se comunicava, quais temas foram abordados, e se houve alguma mudança de conteúdo dentro desses recortes.

Quadro 2 – Cartas da obra *Correspondência Tomo II*, de Lima Barreto

Missivas antes do internamento (1919) enviadas e recebidas por Lima		Missivas depois do internamento (1919) enviadas e recebidas por Lima	
Oliveira Lima	1917-1919	Austregésilo de Ataíde	1921
Veiga Miranda	1917	Rocha Pombo	1921
Artur Mota	1917	Paulo de Magalhães	1922
Luzia O. Costa	1917	Olívio Montenegro	1922

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As cartas de Oliveira Lima e de Austregésilo de Ataíde foram apresentadas anteriormente; as duas trataram das obras literárias de Lima Barreto, e a de Oliveira Lima mencionou a aposentadoria do escritor e ao final desejou saúde, demonstrando que havia conhecimento do estado de saúde dele. As demais serão discutidas a partir de agora. João Pedro da Veiga Miranda (1881-1935), literário do *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo, foi um dos leitores de Lima Barreto, embora simpático, às vezes excedia na sinceridade. (BARBOSA, 1964).

A comunicação entre os dois se deu em função da publicação dos escritos de Lima Barreto, em uma delas Veiga Miranda diz o seguinte:

*Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, 20 janeiro 1917.
Meu ilustre confrade Senhor Lima Barreto.
Saudações cordiais.
Por ter-me ausentado de São Paulo no começo do mês, recebi com muito atraso sua prezada carta.
Houve engano da parte de Múcio Teixeira, na informação que lhe deu. Faço a seção bibliotecária do Jornal do Comércio (edição de São Paulo), ocupando-me das obras enviadas à redação. Não tive ocasião de escrever sobre o seu último livro, mas todo o prazer o farei-desde que o remeta ao jornal.
Com muita simpatia, seu admirador e patrício
Veiga Miranda.
(BARRETO, 1956, p. 19-20).*

Missiva breve, apresentou mais de um assunto, porém o principal é sobre a obra de Lima Barreto, avisando que ainda não havia comentado o livro do escritor, mas faria em breve.

A esta carta Lima encaminhou a seguinte resposta,

*[Minuta]
Rio, 20 de março de 1917
Meu caro Senhor Veiga Miranda.
Agora mesmo, acabo de ler o seu artigo a respeito do meu Policarpo, pois só hoje recebi daí o exemplo do Jornal em que êle veio.*

Agradeço-lhe muito as generosas palavras que teve para o meu livro; e creia-me, Senhor Veiga Miranda, que farei os maiores esforços para continuar a melhorar, embora não me atenha ao Camilo.

[...]

Lima Barreto.

(BARRETO, 1956, p. 20-21).

Lima Barreto além de cordial parecia agradecido com quem interagira; nas cartas demonstrava interesse, mesmo, aparentemente, sabendo que a recepção com relação aquilo que desejava, que era a divulgação de sua obra, não saísse quando ou da forma que esperava. Na resposta agradeceu a Veiga Miranda pelo artigo em que comentou sobre Policarpo Quaresma.

Lima Barreto enviou uma carta para Artur Mota falando sobre Veiga Miranda, o que demonstra que alguns da rede de sociabilidade do escritor se conheciam e sabiam da comunicação entre os demais. Artur Mota (1879-1936) nasceu no Rio de Janeiro e morava em São Paulo, conheceu Lima Barreto na Politécnica, era formado em engenharia civil. Na missiva o escritor relatou o seguinte:

[Minuta]

[Sem data].

Meu caro Mota.

Mais uma cacetada.

Mando hoje ao Veiga Miranda um exemplar do meu Numa. Não o queria mandar, pois o livro está como o autor-pouco apresentável; mas como Veiga teve a bondade de referir-se ao Quaresma da forma que fez e tenha saído aqui notícias do Numa, podia parecer que eu fiz pouco caso da crítica dele ou me havia agastado com a que fizera do meu penúltimo bouquin. [...] Como estas aí e segues de perto a vida da Paulicéia, eu pedia que tu fizesses o favor de mandar-me, caso o Veiga queira fazer, a notícia que ele der do meu desgracioso livro. [...].

Lima Barreto.

(BARRETO, 1956, p. 25-26).

A preocupação de Lima não era apenas para publicar ou divulgar sua obra, desejava saber como estava sendo recepcionada e comentada. A rede de sociabilidade do escritor parecia ter diversas funções, embora quase todas as cartas se referissem, na maioria das vezes, ao projeto literário dos correspondentes.

A esta carta Artur Mota respondeu dizendo o seguinte:

São Paulo, 19 de março de 1917.

Meu caro Barreto.

Saudações afetuosas.

Recebi a tua carta e só hoje o teu romance, que vou ler com apetite intelectual aguçado, pois já conheço as iguarias dêsse mestre Cook ou melhor dêsse Brillat-Savarin, [...].

Providenciarei imediatamente em dar cumprimento às tuas ordens (e tenho o prazer de enviar-te hoje um exemplar do Jornal do Comércio de 4 do corrente, com a crítica do Veiga Miranda).

Não faças caso da qualidade do papel nem do feitio dos volumes e prossegue no teu trabalho de dispersão do talento em prol das letras do Brasil.

Quem mereceu os artigos de Oliveira Lima, Afonso Celso, como foram escritos em relação ao Triste Fim de Policarpo Quaresma, não tem o direito de descansar.

[...]

Recebe um abraço saudoso do teu amigo, colega e admirador

Artur Mota.

(BARRETO, 1956, p. 25-26).

Na escrita contém não apenas conhecimento entre os componentes da rede de sociabilidade, como mostra o tom de cada uma, algumas se referiam às publicações, outras sobre a preocupação em relação a estas. Foi percebido também que havia mais intimidade com uns do que com outros, em algumas cartas mencionavam amigos mais próximos e até faziam algumas solicitações pessoais, no caso desta, Lima pediu um favor, para que Artur Mota lhe enviasse o que Veiga Miranda comentaria a respeito de sua obra. Lima Barreto se preocupava como as pessoas entenderiam o que ele escrevia, e por se tratar de comentários de críticos conhecidos, provavelmente era importante saber como os leitores seriam guiados por esses comentários. Confiava a missão de mantê-lo informado a um amigo que também o admirava e reforçava o quanto ele estava bem entre os demais escritores, por ter recebido comentários de alguns consagrados, como Oliveira Lima e Afonso Celso. Além de amigo confiável, Artur Mota era um incentivador do projeto literário de Lima Barreto.

A seguir trechos das cartas enviadas entre Lima Barreto e Luzia de Oliveira Costa:

[Minuta]

Rio, 21-3-17.

Minha Senhora.

Li o seu pequeno livro Mágoas Secretas, cuja oferta muito me desvaneceu.

Aprecei muito a candura do seu estro, a sinceridade de suas emoções-coisa de surpreender em poeta, e, sobretudo, em poetisa dos nossos dias, [...].

Convém ampliar as suas emoções, as suas observações e procure guardar a sua simplicidade de dizer, de imagens e de efeitos, que são as suas primordiais qualidades poéticas.

Sou, minha senhora, em admirador e confrade.

Lima Barreto.

(BARRETO, 1956, p. 29-30).

Como mostra a carta, Lima Barreto representava papéis diversos no universo da literatura, havia a preocupação de escrever e publicar a sua obra, mas também de orientar os jovens escritores iniciantes; às vezes era Lima quem necessitava de conselhos dos mais experientes, outras ele era esta representação. Luzia, ao que parece, era uma escritora iniciante.

A esta carta a escritora respondeu o seguinte:

Rio, 10-4-1917.

Ilustríssimo Senhor.

Saudações.

Recebi uma cartinha do senhor, datada de 21 dêste, que só agora tive oportunidade em responder.

Agradeço sinceramente a lembrança que teve do meu obscuro nome para lisonjear e elogiá-lo de um modo tão gentil e cativante [...].

*Com muita consideração, subscrevo-me de Vossa Senhoria, erda muito grata
Luzia de Oliveira Costa.*

(BARRETO, 1956, p. 29-30).

A resposta da missiva indica que a correspondente o admirava e era grata ao escritor, sobretudo pela gentileza da resposta e pelos conselhos emitidos por Lima Barreto orientando que ela deveria seguir se aperfeiçoando no ofício de poetisa.

Em 1921, Lima Barreto recebeu uma carta de José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933) romancista e historiador paranaense; na missiva constava o seguinte:

Rio, 14-11-1921

Meu caro doutor Lima Barreto.

*Posso enfim dar-lhe hoje a lembrança destas linhas para agradecer-lhe o exemplar, que me ofereceu, do seu último livro *Histórias e Sonhos*. Li-o e meditei-o com vagar, e com a atenção que sempre me merece; e a à medida que o lia, tinha o meu espírito cada vez mais empolgado pelo seu grande talento. Por mais que esteja acostumado a sentir em tudo que o senhor escreve as altas qualidades de notável escritor, devo dizer-lhe que neste volume encontrei ainda muita coisa que admirar. Não é só o escritor feito, que aí se reafirma, o que julgo mais extraordinário; mas a sua capacidade de psicólogo, o seu poder de análise, a sua profunda intuição das coisas, e sobretudo essa técnica de artista consumado com que projeta nas suas telas, perfeitas e vivas, as suas figuras e cenas, as suas paisagens e os seus dramas. [...].*

Abraça-o com toda efusão de alma o

Rocha Pombo.

(BARRETO, 1956, p. 259-260).

Algumas questões devem ser discutidas a partir dessa missiva. Rocha Pombo era um escritor experiente, sua primeira publicação data de 1881, mesmo ano de nascimento de Lima Barreto. Quando Lima Barreto começou sua carreira literária, o historiador havia publicado grande parte de sua obra. A comunicação se deu para o agradecimento do livro encaminhado por Lima Barreto ao historiador; a missiva foi enviada em 1921 e o livro *Histórias e Sonhos* foi publicado em 1919. É uma carta de um escritor experiente, que tecia elogios para outro também reconhecido e demonstrava admiração por Lima Barreto. Rocha Pombo não economizava nos elogios, reconhecia a capacidade de escrita de Lima Barreto, demonstra conhecimento de sua obra, provavelmente encaminhada por Lima, porque também havia um desejo deste de ser lido e reconhecido pelos escritores, tanto os estreantes quanto os consagrados. Rocha Pombo se coloca como amigo do escritor. Nesse contexto, Lima Barreto já havia passado pela última internação psiquiátrica; a saúde piorava cada vez mais, mesmo assim mantinha sua rede de sociabilidade e se preocupava com a circulação de sua obra, fazendo chegar em diversos lugares

do país, indicando também que havia interesse de sua parte em manter seu reconhecimento, ou mesmo de não ser esquecido.

A penúltima carta, da obra *Correspondência, Tomo II*, traz a data 26 de setembro de 1922, menos de dois meses para o dia da morte de Lima Barreto:

*Todos os Santos, em 26 de setembro de 1922.
Meu prezado confrade Paulo de Magalhães.
Saúde.
Só agora pude ler a sua interessante peça-Vícios Modernos-que o senhor teve a bondade de oferecer-me.
Creia, meu caro Senhor Paulo de Magalhães, que a li com muito interesse e cuidado, tanto o assunto é atraente como o senhor soube desenvolvê-lo de forma a prender a atenção do leitor
[...]
Sem mais, sou etc. etc.
Lima Barreto.
(BARRETO, 1956, p. 261-262).*

Em menos de dois meses para o dia 1º de novembro de 1922, Lima Barreto continuava ativo no envio e recebimento de cartas. Embora não estivesse bem de saúde, com o corpo fragilizado, as ideias continuavam boas, demonstravam o escritor preocupado que foi desde as primeiras comunicações, sempre interessado na escrita dos jovens escritores, e incentivando como de costume fazer, repassando confiança àqueles que seguiam os complexos caminhos literários.

E a última missiva do ano de 1922 que consta na obra em análise foi de Lima Barreto a Olívio Bezerra Montenegro, crítico literário e professor, paraibano nascido em 1896. Na carta está escrito:

*Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1922.
Meu Caro confrade Senhor Montenegro⁶⁹.
Saúde.
Acabo de ler com curiosidade e prazer o seu romance *Os Irmãos Marçal*. Creio que é um livro de estréia – o que se vê pelas hesitações que se encontram aqui e ali. É verdade que, dizia não sei quem, nós todos, escritores, estamos sempre a estrear em cada livro que publicamos, Isto, porém, não vem ao caso. [...].
É pena que a revisão e a tipografia tenha sacrificado tanto o seu livro, mas que quer, meu caro senhor? – todos nós somos vítimas desses dois flagelos. Eu sou uma das que eles mais torturam.
[...]
Escreverei, dagora em diante, na Careta, que é imprópria para dar certas notícias que valham a pena! O senhor está môço, muito, e há de estranhar essa minha resolução, mas, quando chegar à minha idade, depois de lutas e desgostos de toda a ordem, verá como tenho razão.*

⁶⁹ “A carta é reproduzida de acordo com a publicação feita em *Dom Casmurro*, Recife, ano II, nº 12, de 15 de janeiro de 1923”. (BARRETO, 1956, p. 267).

Aproveite, portanto, a sua mocidade e escreva livros como o que me deu a honra de ofertar, para não ser surpreendido, aos quarenta anos, com o desânimo e a desesperança.

É o que deseja um seu admirador e confrade obscuro.

Lima Barreto.

(BARRETO, 1956, p. 265-266).

Olívio Montenegro publicou o seu primeiro romance no mesmo ano em que Lima Barreto enviou esta carta, 1922, embora fosse um livro de estreia, na concepção de Lima estava bem escrito. Na missiva, Lima Barreto mostra que não havia valorização de alguns escritores, por parte da tipografia, neste primeiro livro não teve, Olívio Montenegro, a importância merecida, teriam feito com o jovem escritor o que sempre fizeram com ele, a não valorização na publicação dos seus romances. Também explicou para o jovem escritor que estava publicando apenas na *Careta*, decisão tomada recentemente por algumas razões pessoais.

Outro ponto que chamou a atenção nesta carta foi a mensagem de cansaço que Lima Barreto repassou, disse que a decisão de não publicar em outros veículos se dava após lutas e desgostos de toda ordem, que somente seriam compreendidas quando o colega chegasse aos 40 anos de idade. O desânimo mais uma vez é percebido, quando finalizou a carta pediu para que o escritor aproveitasse a mocidade e escrevesse livros para não ser pego pelo desânimo e pela desesperança.

O objetivo em trazer trechos dessas cartas, além de mostrar como Lima Barreto era visto, pelos escritores com quem se comunicava, naquele contexto, é apresentar sua rede de comunicação e as questões literárias, sempre preocupado com as suas e as publicações dos colegas. As últimas cartas mostram que em menos de dois meses de sua morte, com a saúde fragilizada, o escritor demonstrava coerência na escrita, além de se dedicar até o fim dos seus dias à literatura.

As cartas também indicam uma prática de aprimoramento intelectual, além de divulgação das obras dos escritores que as faziam circular e também serem comentadas. Ele manteve-se conectado a escritores nacionais e internacionais. Nesta prática demonstrava atenção e cuidado, embora fosse sobrecarregado com o trabalho e nos últimos anos estivesse com a saúde comprometida, não deixou de se empenhar na escrita literária.

Lima Barreto teve acesso ao conhecimento de outras literaturas, pois manteve contato com escritores europeus. Ainda conforme Luciana da Costa Ferreira (2011, p. 4), ele sabia ler em inglês e francês e recebia material da Europa através de amigos, a exemplo de Noronha Santos, jornalista que ao retornar de suas viagens trazia as publicações de Paris para o amigo. Lima Barreto “teve contato com periódicos como Figaro, Rêveu Bleu, Mercure de France,

Nouvelle Revue Française, Journal des Débats e Rêveu des Deux Mondes”. Esta aproximação com outras realidades fez dele um escritor com visão múltipla sobre determinados assuntos relacionados não apenas ao Brasil, mas a temas que afetavam outras realidades. O escritor lia também autores russos tais como Dostoiévski. A opção em

[...] realizar uma escrita autobiográfica provém desses estudos, dessa procura do “segredo de fazer” uma literatura de qualidade. Será, por exemplo, na leitura do modelo da narrativa russa que buscará inspiração para a construção de sua visão de arte. (FERREIRA, 2011, p. 5).

Conforme a autora, a escrita de Lima também se baseada na literatura russa, inspirava-se em Dostoiévski e como este escritor observou seu país. Há também algumas similitudes entre os dois escritores. Ambos perderam as mães nas primeiras décadas de vida, Lima aos seis anos de idade e o escritor russo aos 16 anos. Lima nasceu no mesmo ano que Dostoiévski morreu, e ambos registraram as experiências que tiveram em *instituições totais*⁷⁰.

Lima esteve em uma instituição psiquiátrica sobre a qual escreveu *O Cemitério dos Vivos* e Dostoiévski em uma instituição presidiária, escreveu *Recordações da casa dos mortos*. Ambas as obras relatam o cotidiano e as relações de convivência e também de poder estabelecido em suas dinâmicas.

Personagens loucos, doentes e criminosos ilhados pela sociedade ganham as páginas dos dois autores. Lima Barreto, seguramente, vê em Dostoiévski um modelo de narrativa adequado para denunciar todos os males derivados da exclusão social vivida em seu tempo. (FERREIRA, 2011, p. 6).

Os escritores utilizaram as próprias experiências nessas instituições para denunciarem, através de suas escritas, as contradições sociais do período.

Lima leu outros escritores russos, Liev Tolstói, por exemplo, além de alguns franceses, tais como Jules de Gaultier, também o teriam influenciado em sua escrita. Principalmente quando abordava temas como sociedade, poderes, morte, e quando criava os “seus personagens pobres, suburbanos e com vestimentas esbodegadas, propositalmente, destoavam nessa ‘cidade cenário’ construída pela elite”. (FERREIRA, 2011, p. 6-9).

Como visto nas cartas analisadas até o momento, Lima Barreto foi leitor e escritor, enviava e recebia missivas de diversos escritores do país e fora deste. Sua produção era lida por colegas até mais consagrados do que ele na época, a exemplo de José Veríssimo, Oliveira Lima.

⁷⁰ Conceito cunhado por Erving Goffman (1987) para designar espaços fechados destinados à internação de um grupo de pessoas em tempo integral. Eram lugares voltados para atividades específicas, como presídios, escolas, hospitais, dentre outros.

No entanto, também cumpria o papel de intelectual mais conhecido, quando comparado aos escritores mais jovens e iniciantes, como mostram as correspondências enviadas para Gilka Machado, Albertina Berta, Jaime Adour da Câmara⁷¹ e tantos outros em início de carreira. A prática epistolar era também uma forma de apoio aos jovens para se integrarem ao grupo dos intelectuais mais reconhecidos naquele contexto.

Lima Barreto foi um escritor emblemático, sua escrita é sarcástica e crítica, suas confissões em diários, contos e crônicas apresentam questões importantes sobre a sociedade de sua época. Ele partia de um ponto pouco comum para a maioria dos escritores, tomou a própria trajetória, trazendo para sua obra as contradições sociais que lhe afetavam enquanto negro, morador do subúrbio, conhecedor do prejuízo das mazelas presentes na sociedade do período.

No romance *Recordações do escrivo Isaias Caminhas* (1917) foi narrada a vida de um jovem negro, cujo sonho era se tornar “doutor”, mas as dificuldades enfrentadas por conta de sua cor o impediram. O escritor relatou a forma como a sociedade republicana, mesmo com a abolição, tratava as pessoas negras.

Quantas prerogativas, quantos direitos especiaes, quantos privilégios, esse titulo daval Podia ter dois e empregos apesar da Constituição; teria direito á prisão especial e não precisava saber nada. Bastava o diploma. Puz-me a considerar que isso devia ser antigo... Newton, Cesár, Platão e Miguel Ângelo deviam ter sido doutores! (BARRETO, 1917, p. 24).

Nessa passagem mostrou como o “doutor” era reverenciado naquela sociedade, com tantos privilégios, embora o conhecimento não estivesse na mesma altura de veneração do título. Acreditava que nem sempre o conhecimento levava à tamanha admiração, se assim o fosse, intelectuais de outras épocas deveriam ser denominados de “doutores”. Este grupo “era uma outra casta, para a qual eu entraria, e desde que penetrasse n'ella, seria de osso, sangue e carne diferente dos outros”. (BARRETO, 1917, p. 24). Ele reconhecia que a educação formal era um meio custoso, e em razão da sua cor e origem social sempre seria considerado diferente dos demais.

Portanto, as missivas apresentam questões importantes que devem ser analisadas, não apenas o teor contido nelas, mas quem enviou/para quem. Precisam ser problematizadas para entender o escritor e suas relações. As cartas são instrumentos importantes “que permitem

⁷¹ As cartas desses últimos escritores constam na obra organizada por Beatriz Resende (2017a), intitulada *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*, mais uma obra que ajudou na compressão de uma rede de intelectuais prestativa e atenta entre os principais escritores e acontecimentos das primeiras décadas do século XX. Além de haver uma preocupação comum entre os integrantes, de manterem-se informados e ao mesmo tempo divulgarem as suas criações literárias.

delimitar um ritmo próprio à correspondência, bem como refletir sobre suas razões e seus temas preferenciais, sejam eles mais intelectuais ou mais pessoais”. (GOMES, 2005, p. 14). Elas representavam o tipo de ligação existente entre os intelectuais, mas também cumpriram papel importante na manutenção das ideias e do fortalecimento intelectual da posição que ocupavam. Uma leitura cuidadosa dessas fontes possibilita acompanhar a relação entre Lima Barreto e outros intelectuais, bem como os temas centrais da comunicação. Também possibilitam compreender como os escritores eram vistos e como suas obras eram tratadas. “Eu não tenho inimigos, mas meu livro os terá”. (SCHWARCZ, 2011, p. 126). Escrevia sobre assuntos polêmicos sem romantizar ou ignorar o jogo político daquele contexto e, portanto, teve as divergências, que segundo ele, eram apenas literárias.

3.6 LIMA BARRETO: PRÁTICA EPISTOLAR E REDE DE CONTATOS

Tanto era comum encaminhar e receber cartas⁷² como também fazia parte do trabalho próprio de escritores divulgarem suas produções. Ângela Gomes (2005) apresentou a correspondência entre dois intelectuais que construíram uma amizade, cujo início se deu a partir da orientação intelectual de um para com o outro. A troca de cartas entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre, em meados dos anos 1917, durou dez anos de envios e recebimentos.

Na obra *Escrita de si, escrita da história*, Ângela Maria de Castro Gomes (2004) mostra que para o desenvolvimento da arte de um intelectual é necessário o seu envolvimento no entorno da sociabilidade, por permitir compreender o mundo político, social e cultural do seu tempo. A interpretação é necessária para entender as cartas, as motivações e os interesses do emitente e do destinatário. Tomando como base o contexto vivenciado por Lima Barreto, é importante entender como sua rede de contatos se constituiu e se manteve. Sobre isso a autora diz o seguinte:

Por isso afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita. (GOMES, 2004, p. 51).

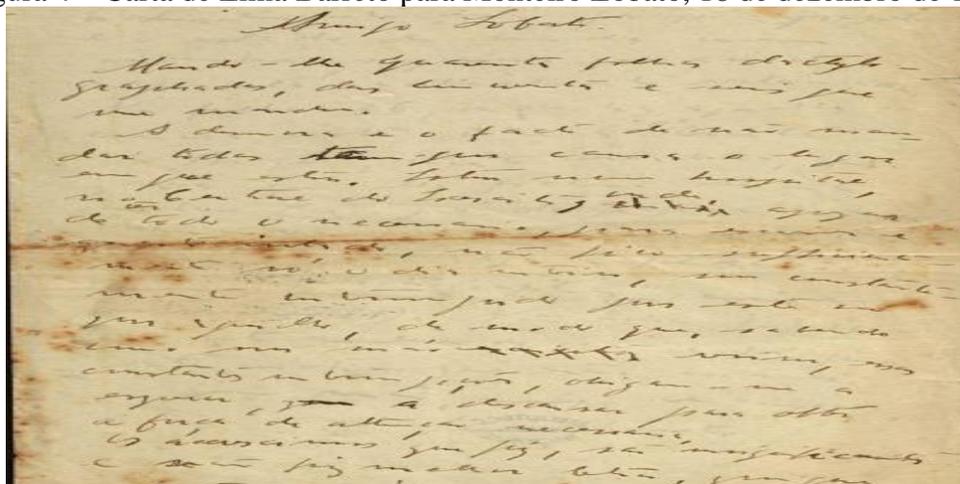
⁷² Não se teve a preocupação de verificar a estrutura em si das cartas, mas as datas, os correspondentes e os assuntos abordados.

A passagem acima nos leva a algumas reflexões sobre a condição de Lima Barreto, enquanto um intelectual que teve apoio de pessoas distantes e próximas do seu convívio. Essas fariam parte do grupo composto por colegas intelectuais escritores, a exemplo de Schettino⁷³ e de Monteiro Lobato⁷⁴. Lima Barreto era colaborador em diversos meios de comunicação⁷⁵, o que facilitaria a divulgação de algumas obras dele e de outros escritores. E tem o grupo dos leitores que acompanhava suas publicações, com quem a manutenção do contato era importante para tornar suas ideias conhecidas, logo, as cartas cumprem o papel de ligação nessas relações. Segundo Gomes (2004, p. 51):

Pode abarcar tanto os intelectuais reconhecidos como sociáveis, quanto aqueles cuja preferência é a vida mais reclusa dos gabinetes de estudo e pesquisa. As cartas são, pois, uma prática de escrita que integra a produção de textos de muitos intelectuais, especialmente aqueles que viveram até meados do século XX, quando outros meios de comunicação, como o telefone, ainda não estavam disponíveis.

Além das cartas serem um elo entre os grupos, fazem parte da produção intelectual de muitos escritores. Em Lima Barreto são parte do conjunto de sua obra, indicam a rede de sociabilidade, mas também os sonhos, os objetivos profissionais e alguns episódios pessoais, a exemplo da missiva que recebeu de Oliveira Lima, sobre a aposentadoria e a que foi enviada por Monteiro Lobato sobre seu internamento no hospital Central do Exército.

Figura 4 – Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato, 18 de dezembro de 1918



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional (2021).

⁷³ Amigo de Lima e dono de uma livraria.

⁷⁴ Colega de correspondência e dono de uma editora. Foi um escritor paulista, uma de suas obras é o *Urupês*.

⁷⁵ Colaborou no *Correio da Manhã*, como repórter, publicou no *Jornal do Comércio*, escreveu para a *Gazeta da Tarde*, *Correio da Noite*, colaborou e escreveu artigo para *Revista Careta*, exerceu a função de secretário na *Revista Fon-Fon*. Fundou a *Revista Floreal*, sendo diretor e mentor intelectual. Essas publicações se deram na primeira década do século XX, antes da escrita de seus primeiros romances (FANGUEIRO, n.d.).

Como é possível perceber, a caligrafia de Lima Barreto é de difícil compreensão, ele mesmo assume, um dos motivos que nos levaram a pesquisar as cartas publicadas e apresentá-las.

A carta acima, escrita em 18 de dezembro de 1918, diz o seguinte:

Amigo Lobato,

Mando-lhe quarenta folhas datilografada das cinquenta e seis que me enviou. A demora e o fato de não mandar todas têm por causa o lugar em que estou. Acho-me em um hospital, No Central do Exército, onde, apesar de ter todo o necessário para escrever e quarto isolado, não o fico suficientemente só, pois a todo momento, por este companheiro, ou melhor vizinho ou por aquilo, sou constantemente desviado do trabalho que estou fazendo.

Como me sei péssimo revisor, depois dessas interrupções, procuro descansar para obter a força de atenção necessária, o que me faz perder tempo.

Os acréscimos que fiz são insignificantes e não os escrevi com melhor letra, porque não me foi possível, já por tê-la naturalmente má, já pelo papel e o estado de um dos meus membros superiores que não está de todo restaurado.

Na folha 36, onde há aquela curiosa e verdadeira nota sobre a Revista do Brasil, julgava que esta ficaria melhor no pé da página impressa, chamando-se atenção do leitor com um “asterisco” posposto à frase de Gonzaga que termina: “e mais fotografias”. Não acha? V. decidirá como lhe parecer melhor e foi por isso que não indiquei a emenda.

Sem mais,

Lima Barreto.

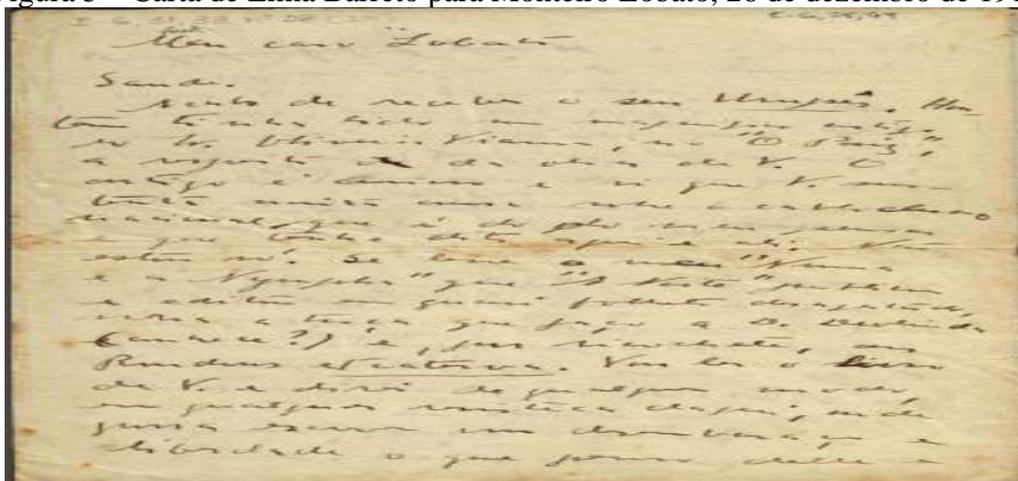
(CAVALHEIRO, 2017, p. 44-45).

Essa é uma das poucas correspondências em que Lima Barreto fala sobre internamento⁷⁶. Embora não seja sobre hospital psiquiátrico. Conforme Gomes (2004), a escrita de uma carta não é apenas para tratar de projetos profissionais, é um espaço de troca de ideias, compartilhar angústias, expor interesses, assuntos pessoais e sensíveis. Desta forma, é “uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas”. (GOMES, 2004, p. 52)

O diálogo epistolar é importante para compreensão do papel de cada agente. Os circuitos e frequências das escritas estão relacionados com os recursos de encurtamento das distâncias e grau de aproximação entre os correspondentes. A maneira como Lima Barreto iniciava as missivas, embora não tenhamos analisado essa parte, diz muito sobre o grau de consideração que havia entre os correspondentes. Na carta abaixo, inicia-se a escrita da seguinte maneira: “Meu caro Lobato”, em outras utilizava apenas “meu caro” ou “meu caro e querido”.

⁷⁶ Conforme Cavalheiro (2017), o escritor estava internado no Hospital Central do Exército devido à clavícula quebrada numa crise de alucinação provocada pelo uso do álcool.

Figura 5 – Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato, 26 de dezembro de 1918



Fonte: Cavalheiro⁷⁷ (2017, p. 47).

A carta acima diz o seguinte:

26-12-1918

Meu caro Lobato:

Saúde e boas festas.

Acabo de receber o seu Urupês. Ontem tinha lido um magnífico artigo do Sr. Oliveira Viana⁷⁸, no O País, a respeito da obra de V. Vi, por ele, que V. sustenta muita coisa sobre nosso sestro nacional caboclisto, muita coisa que é de minha opinião. Se V. tivesse lido o leu Numa e a ninfa que A Noite publicou e editou em quase desprezível folheto, encontraria lá uma descabelada troça às musas de D. Deolinda⁷⁹ (conhece?) e, de ricochete, a Rondon et caterva. Vou ler o livro de você e falarei de qualquer modo sobre ele, em uma revista aqui, onde posso escrever com desembaraço e liberdade o que penso dele e o que ele me sugerir pensar dos nossos e das nossas coisas. Fico agradecido.

Tenciono, assim que puser em bom caminho a minha aposentadoria, pois eu com 37 anos de idade, me aposento, contando mais ou menos 16 de serviço; tenciono, dizia, ir a São Paulo e aí nos encontraremos.

Não se assuste você com essa minha precoce aposentadoria. Eu ando sempre depressa nessas coisas oficiais e depressa elas me aborrecem.

Matriculei-me com menos de 16 anos na Escola Politécnica e não sou doutor em coisa alguma-graças a Deus!

Mandei a você os últimos originais datilografados e emendados e também retalho do O País com o artigo do O.V.

No mais, amigo sempre agradecido,

Lima Barreto.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 47).

⁷⁷ Para Cavalheiro (2017, p. 47), a carta seria apenas um rascunho da original, iniciando com a palavra “saúde”, como uma forma de desejar inicialmente algo bom para o amigo. “Mas no manuscrito teria dito: saúde e boas festas”.

⁷⁸ Conforme Cavalheiro (2017), Oliveira Viana era professor de direito, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), era também escritor, publicou obras em diversas áreas do conhecimento, especialmente sobre o Brasil.

⁷⁹ Cavalheiro (2017) afirma que Deolinda de Figueiredo Daltro (1895- 1935) era uma sufragista e indigenista baiana. Em 1910, junto a Gilka Machado e outras mulheres, fundou o Partido Republicano Feminino. Em 1917, liderou uma passeata solicitando direito ao voto feminino.

Havia entre esses dois escritores uma troca de favores, enquanto Lobato publicaria os romances de Lima Barreto, este lia a obra de Lobato e comentaria em jornais; neste contexto o escritor era engajado na revista *Careta*.

Felipe Botelho Corrêa (2016), em *Sátira e outras subversões*, chama a atenção para um fato interessante sobre Lima Barreto com relação a esse contexto, após ser aposentado do cargo que ocupava no Ministério da Guerra, final dos anos 1918, o escritor teria ganhado mais liberdade para as suas publicações com seu nome ou suas iniciais em trabalhos mais ousados.

No entanto, as novas circunstâncias, de vida, supomos que se refira àquelas relacionadas aos seus internamentos psiquiátricos; nesse período a primeira internação já havia ocorrido, teria aberto espaço para que abordasse assuntos para além da vida política do Rio de Janeiro. Também teria mais tempo para se dedicar à leitura de obras de outros escritores e para se dedicar ainda mais ao seu projeto literário.

Uma característica da escrita de Lima é a forma crítica como se referiu a determinadas situações; nesta carta falou sobre a burocracia que há em determinadas instituições e, por isso justificou que havia se adiantado na solicitação da aposentadoria.

Na obra organizada por Beatriz Resende (2017a), intitulada *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*, foram analisadas nove cartas, apenas uma foi recebida por Lima Barreto. Quem enviou foi Carlos Sussekind de Mendonça, amigo próximo. Na análise das missivas algumas perguntas foram elaboradas e discutidas para melhor situá-las em seus contextos: Quem escreveu? Para quem? Quais assuntos?

Quadro 3 – Cartas na obra de Beatriz Resende

	Quantidade de cartas	Assunto predominante
De Lima Barreto para		
C. Bouglé	1	Sobre o pouco conhecimento de escritores estrangeiros que tratavam sobre as questões étnicas do Brasil. Apresentação de escritores negros.
Redator de A Estação Teatral	1	Crítica ao luxo e exigências do teatro municipal.
Gilka Machado	1	Sobre a solicitação que recebeu para ler um livro da escritora.
Murilo Araújo	1	Sobre a solicitação que recebeu para ler um livro do escritor.
Albertina Berta	1	Sobre a solicitação que recebeu para ler um livro da escritora.
Jaime Adour da Câmara	1	Sobre a solicitação que o potiguar fez de um romance de Lima.
Francisco Schettino	1	Sobre o recebimento de cheque, livros e as dificuldades financeiras.
Carlos Sussekind de Mendonça	1	Sobre comentários feitos na revista <i>Careta</i> , relacionados à obra de Lima que falava sobre <i>football</i> .
Total de cartas enviadas	8	
Para Lima Barreto		
Carlos Sussekind de Mendonça	1	Esta correspondência foi enviada em uma data triste, dia da morte de Lima Barreto. O amigo falava sobre saudade e cobrava a sua presença. 01.11.1922.
Total de cartas recebidas	1	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A primeira análise epistolar da obra organizada por Beatriz Resende diz respeito a uma carta⁸⁰ enviada a C. Bouglé⁸¹, em 1906. Lima começou a escrita dizendo que é ousado por escrever para este senhor depois de ter lido o seu livro, e assim escreve:

Sou mulato também, jovem, 25 anos, tendo estudado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e deixado de continuar meu curso (engenharia civil) para me dedicar à literatura e ao estudo de questões sociais. Hoje sou redator de duas pequenas revistas do Rio, onde nasci, e trabalho na Secretaria da Guerra. (RESENDE, 2017b, p. 49).

O trecho mostra como Lima Barreto traz as questões raciais em suas comunicações. Autodenominando-se mulato, deixou assim entender que o elemento *cor* era algo que também

⁸⁰ A correspondência está sem dia e mês. Os temas das cartas eram voltados às desigualdades, às injustiças sociais, sobretudo às questões raciais. O que em nada diferencia do conjunto de sua obra.

⁸¹ Célestin Charles Alfred Bouglé foi um filósofo francês (1870-1940) com quem Lima Barreto se comunicava. Disse que o objetivo da missiva era repassar informações sobre as atividades dos mulatos no Brasil.

aproximava as pessoas e, naquele contexto, provavelmente, marcava o grupo dos intelectuais negros.

Lima Barreto disse que o autor do livro estava bem informado sobre os acontecimentos da Índia, mas pouco sabia do Brasil, sobretudo com relação aos afrodescendentes, os quais tiveram, e ainda têm, grande representação na literatura. Assim, afirma: “Lendo seu belo livro, notei que você está a par das coisas na Índia e que pouco sabe sobre os mulatos do Brasil”. (RESENDE, 2017b, p. 49). Na carta, Lima Barreto apresentou um grupo de escritores⁸² e artistas brasileiros denominados por ele de mulatos, como na citação abaixo.

O maior poeta nacional, Gonçalves Dias, era mulato; o músico mais habilidoso, que vem da Palestrina, José Maurício, era mulato; os grandes nomes atuais da literatura—Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto são mulatos. O mulato de hoje existe há um século e meio desde Caldas Barbosa (1780-1800) e Silva Alvarenga (1749-1814) até Bilac, Neto e o sr. de Assis. Tivemos grandes jornalistas mulatos: José do patrocínio (também romancista) Ferreira de Meneses e Ferreira de Araújo, estudiosos, engenheiros, médicos, advogados, acadêmicos, juristas etc. (RESENDE, 2017b, p. 49).

Despede-se pedindo desculpa por escrever o francês errado, mas fez algo que o deixava feliz. Explicou a alguns juízos falsos a que o mundo dito civilizado teria submetido os homens negros. No final da missiva, em forma de apelo, escreve o seguinte: “espero, sr. Bouglé, que você conseguirá ver nesta carta um desejo muito puro de verdade e justiça, oriundo de uma pequena alma sofrida”. (RESENDE, 2017b, p. 50).

A correspondência apresenta diversas questões, que Lima Barreto se comunicava com escritores estrangeiros e não se importava de expressar suas percepções. Mostrava aos demais artistas e intelectuais estrangeiros que apesar da negação brasileira aos intelectuais, vistos naquele contexto como mulatos, eles eram bons e escreviam com criticidade sobre a real situação étnica e outras questões sociais brasileiras.

A segunda análise se refere à uma carta-resposta do escritor sobre uma pergunta feita pelo redator de *A Estação Teatral*⁸³ sobre qual teatro Lima preferia. Cheia de comparações e metáforas, a missiva dizia o seguinte:

Suponha sr. Redator que sou convidado para um five o'clock (às cinco horas), de uma dama qualquer binocular e essa dama é feia, cacete, pedante, cheia de prosápias. Vou,

⁸² Além desses escritores, Lima Barreto mantinha contato com jornalistas, engenheiros, médicos, advogados, acadêmicos e juristas que considerava mulatos. Ao fazer essa apresentação, o escritor pergunta se o destinatário da carta gostaria de receber mais detalhes sobre essas questões, se sim, ele poderia enviar outra carta com mais informações.

⁸³ *A Estação Teatral* foi um jornal semanário dirigido por Renato Alvim, Carlos Leite e Gastão Pereira. Para mais informações consultar: Maciel e Schwarcz (2019).

chego lá e vejo a criada, que é uma moça bonita, analfabeta e calada. A quem devo cortejar? A dama pimenteliana ou a criada? Decerto, a criada. É assim o meu gosto. (RESENDE, 2017b, p. 65-66).

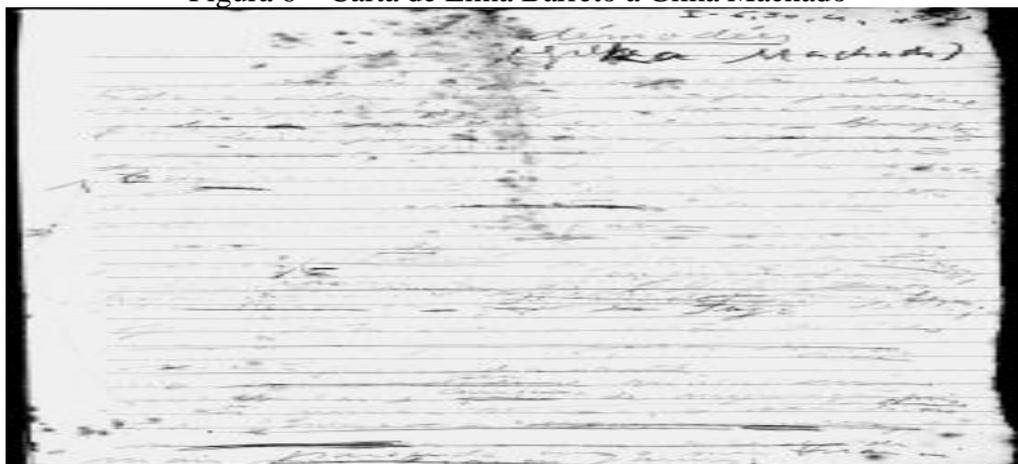
Na enquete levantada pelo redator de *A Estação Teatral*, Lima Barreto disse que, assim como outros assuntos, se sentia indeciso sobre a questão. No entanto, disse que o teatro não havia razão de ser, o livro parecia mais útil, poderia ser comprado e lido no conforto da casa, sem ter que aguentar os luxos alheios e desnecessário. Emitindo uma crítica às transformações destes espaços, afirmava que o teatro não era o lugar ideal para as “satisfações estéticas”. “O Teatro Municipal! É horrível. A razão é simples: é muito grande e luxuoso”. (RESENDE, 2017b, p. 71).

Diante das desigualdades que o país vivia naquele contexto da Primeira República; para Lima Barreto se tratava de uma forma de deixar à margem pessoas que não poderiam ir ao teatro. Os teatros estavam a serviço de um público restrito, que exalava glamour, não sendo, portanto, condizentes com a condição social da maioria da população que ficava de fora por não poder ostentar o luxo que o espaço demandava. Nesse sentido, ao invés de ser um lugar de elevação da cultura era um local de exclusão.

Na Carta à Gilka Machado, escritora brasileira, Lima explicou sobre a demora na resposta do livro *Cristais Partidos*. Afirmou ter realizado pouca leitura de versos de poetas com mais ou menos sua idade, por um motivo específico,

[...] com raras exceções, vivem a esconder a falta de emoções, de élan artístico, num *fatras* de termos rebuscados, empregando[?] mezinhas poéticas) talvez legítimas em França), mesmo quando eu me converta aos mais perfeitamente *démodés* dos nossos dias. Fujo deles para não me embotar de todo no seu malabarismo vocabular e ausência de imaginação. (RESENDE, 2017b, p. 106).

O escritor prezava por emoções e imaginação na escrita, algo que é uma das características do conjunto de sua obra. Abaixo segue uma carta ilegível, mas foi possível acessar seu conteúdo através da obra de Resende (2017b). Nela, a forma de tratamento aponta para uma relação de respeito, sendo iniciada com a seguinte referência: “Minha senhora”.

Figura 6 – Carta de Lima Barreto a Gilka Machado⁸⁴

Fonte: Beatriz Resende (2017b, p. 106).

A carta acima foi escrita da seguinte forma:

[Minuta]

[sem data]

Minha senhora.

Devido a preocupação de toda a ordem, não me foi possível senão agora fazer alguma coisa sobre seu lindo livro-Cristais partidos.

Leio pouco versos, especialmente os dos poetas mais ou menos da minha idade, pois, com raras exceções, vivem a esconder a falta de emoção, de élan artístico, num fatras de ternos rebuscados, empregando [?] mezinhas poéticas (talvez legítimas em França), mesmo quando eu me converta aos mais perfeitamente démodés dos nossos dias. Fujo deles para não me embotar de todo no seu malabarismo vocabular e ausência de imaginação.

[...]

Quero crer que há nos seus versos novidades, novidade de pensamentos, de emoção diante das cousas e dos angustiosos problemas do nosso destino. E se o meu fraco e desautorizado juízo é verdadeiro, não há como não lhe dar os parabéns pela estreia, pois num autor o que se pede, sobretudo o que se pede, é novidade.

Acredite-me, minha senhora, confrade e admirador

Lima Barreto.

(BARRETO, 19-- , n.p.).

As cartas relatam que Lima Barreto era atencioso com os escritores ainda não reconhecidos; era sincero sobre a análise das obras, tecia comentários sobre a forma independente da escritora escrever, não se preocupando com as formalidades impostas na escrita e nem com o que julgavam importante dizer, o conteúdo que deveria ser relevante.

No livro de Gilka encontrou algo diferenciado, o temperamento da escritora fugia dos comumente direcionados para agradar às velhas práticas de escritas poéticas. Assim se expressa

⁸⁴ Por estar ilegível, optou-se por apresentá-la na íntegra, conforme transcreveu Beatriz Resende (2017b). Também é uma forma de mostrar as condições do documento, que cumpriu papel importante entre os escritores, mas se não recuperados, e nem bem preservados dificultam a realização das pesquisas.

Lima Barreto, “admirei muito de sua inspiração, a sua completa independência de moldes, dos velhos “cânons”, e a sua audácia verdadeiramente feminina”. (RESENDE, 2017b, p. 106).

Lima Barreto respondeu a uma carta de Albertina Berta em relação a um livro que a escritora enviou para ele. Disse que era belo de linguagem, com muitos efeitos verbais, mas a forma como se referiu à natureza, por exemplo, se distanciava dos sentimentos. Lima gostava de uma escrita emotiva, que pudesse envolver o leitor no enredo de preferência que fosse a partir de vivências reais, como quase sempre fez no conjunto de sua obra. Ressaltou que Berta se colocava a parte de um mundo real, considerando apenas uma única dor, a de amar, mas, se aquela era sua realidade, era compressível que pensasse assim. Um trecho da carta para entendermos como se referiu:

Nada tenho a condenar o limite do direito de amar que a senhora defende. Se há quem tenha a respeito teorias mais radicais sou eu; mas, minha senhora, a literatura é um perpétuo sacerdócio, diz Carlyle, e desde que li isso, eu não me sento na minha modesta mesa para escrever sem que pense não só em mim, mas também nos outros. O que há de pessoal nos meus pobres livros (vou adiante da objeção) interessa a muita gente e isso, penso eu, me desculpa. (RESENDE, 2017b, p. 114).

A crítica indica para a honestidade do interlocutor e leitor, no caso Lima Barreto, em relação à autora do romance, mostrou que em sua escrita não fugia das realidades que as pessoas viviam, principalmente sobre situações que afetavam não apenas a ele, assim como fez em sua obra *Recordações do escrivo Isaias Caminhas* (BARRETO, 1917), ao tratar da vida de um rapaz pobre, negro que veio à cidade grande em busca de outras oportunidades e também para superar a pobreza por meio da educação e se descobre negro, momento em que se sentiu humilhado.

As reflexões das pesquisadoras Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016), presentes na obra *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, colaboram para entender essas correspondências. Embora considerado de difícil definição, as referidas autoras apresentam algumas para o conceito de intelectuais mediadores.

São homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10).

Como mostra a citação, os intelectuais mediadores são pessoas que produzem conhecimento ao mesmo tempo em que elaboram ideias, podem ser tratados como sujeitos

estratégicos, embora ocupem posição de reconhecimento variável socialmente. A partir desta definição podemos compreender Lima Barreto enquanto um intelectual mediador e reconhecido, que ocupava um papel definido quando se comunicava com outros escritores. Em sua prática epistolar, pode ser considerado esse intelectual, porque estabelecia uma relação de interação com outros escritores, cujos projetos se entrelaçavam entre o cultural e o político.

Na carta para Jaime Adour da Câmara, Lima Barreto iniciou dizendo que havia recebido o pedido do amigo e em breve encaminharia o romance *Recordações do escrívão Isaias Caminha* (1917). A comunicação é direta, embora seja uma carta longa.

Rio, 30 de março de 1919.

Caro confrade Adour da Câmara.

Recebi ontem a sua amável carta e, se não segue com esta, o exemplar do Caminha, é pelo simples fato de já estar o livreiro que os tem fechado, no momento em que recebia sua missiva, e ser eu obrigado a fazê-lo amanhã, segunda feita.

Eu lhe agradeço muito a espontaneidade afetuosa do seu gesto e creia que ele me é obrigado por toda a vida

Já me haviam dito que aí, em Natal, pessoas de gosto e saber apreciavam benevolentemente as minhas tentativas literárias. Falaram-me até muito no sr. Henrique Castriciano, como uma delas. Apesar de me dar grande prazer, quis duvidar um pouco, para não me envaidecer. Vejo agora, pela sua carta, que os meus amigos não me queriam lisonjear e tornar-me ridículo de pretensão. É verdade.

Li o seu folhetim. Está muito bom e, pela maneira, adivinhei que o senhor muito moço. Continue e estude, como parece fazer com afinco, pois essa a impressão que me deu o seu trabalho.

Aqui no Rio, já não há mais preocupação boba de “escolas” e a tal tolice de estilo, no ponto de vista do falecido Artur Dias, que só julga isto o escrever à moda de Rui; será enterrada com o Coelho Neto.

[...]

Escreva-me sempre, sobretudo quando receber o Caminha que porei no correio amanhã.

Renovo os meus agradecimentos e sou sempre seu amigo e admirador.

Lima Barreto

Major Mascarenhas 26

Todos os Santos

Rio de Janeiro

N.B.- Nada deve omitir no endereço.

L.B.

(RESENDE, 2017b, p. 151-152).

O objetivo de transcrever a carta na íntegra é para mostrar que Lima Barreto foi um intelectual comprometido com a literatura e com os colegas escritores. Iniciou a missiva chamando Adour da Câmara de caro confrade; se remetia a uma pessoa que considerava próxima, da mesma categoria intelectual. Conforme Antonia Cristina de Alencar Pires (1996), em *Cartas de escritor: notas sobre a correspondência de Lima Barreto*, Adour era um admirador de Lima Barreto, e iniciaram a comunicação mais ou menos em 1919; é possível perceber o quanto a obra de Lima era lida para além do Rio de Janeiro. Assim escreveu Adour, em relação ao escritor que admirava.

Aqui (em Natal), pelo menos, [...] o seu nome é acatado e admirado por todos. É raro intelectual ou simples leitor que não conheça o maravilhoso “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, - que não cita em “rodas de palestra, a todo tempo, como modelo real, perfeito, um ou outro personagem de suas produções. (PIRES, 1996, p. 113).

Havia uma relação de cumplicidade entre os correspondentes, Lima considerava Adour tanto quanto era considerado por ele; ajudou-o no amadurecimento enquanto escritor, recomendando a ele a literatura russa. “Enviou-lhe livros e fez-lhe recomendações. Aconselhou-lhe a leitura dos autores russos, os seus prediletos (ainda pouco lida no Brasil)”. (PIRES, 1996, p. 113).

Era comum enviar e receber cartas, perto ou distantes geograficamente, as pessoas mantinham a comunicação através deste veículo. É importante frisar que as missivas, além de manter a interação entre os intelectuais tornavam-se canais de encomendas e de vendas de suas produções. Representavam o laço de amizade que havia entre elas, serviam para manter viva a memória de famílias que viajavam para outros lugares, e de aproximação quando a distância geográfica as separava e de manutenção de laços de afetividades, são documentos que servem de memória daqueles que partiram para o plano espiritual.

Lima Barreto demonstrava satisfação em saber que pessoas de lugares distantes apreciavam sua obra, entre as quais estava Henrique Castriciano⁸⁵ (1874-1947). Embora não seja possível mensurar o grau de amizade entre os dois, na carta, em alguma medida, percebe-se a amplitude da rede de sociabilidade do escritor, que se expandia para além do Rio de Janeiro. A composição de ampla rede de contatos mostra que naquele contexto ele já era apreciado, conhecido e respeitado por escritores próximos e de outros lugares do país. Na carta a Jaime Adour da Câmara citou alguns nomes de escritores de quem não era tão próximo, a exemplo de Coelho Neto⁸⁶.

Parece que havia uma necessidade dos intelectuais, com quem Lima se correspondia, de receberem sua avaliação. Dando a entender que a percepção do escritor era diferenciada com relação ao que lia e escrevia. Conforme Schwarcz (2017, p. 191), Lima transitava e conhecia de perto várias realidades.

Embora tivesse uma rede de amigos próximos, Lima não abria mão de se distinguir deles. Com frequência se escudava em sua condição mais remediada, por vezes era a origem afrodescendente que explicava sua situação distinta; em outros momentos, o fato de residir nos subúrbios lhe dava argumentos para se “aproximar” da população dessas vizinhanças, apartando-se dos demais escritores.

⁸⁵ Foi um escritor e político do Rio Grande do Norte.

⁸⁶ Segundo Schwarcz, esse escritor era um dos rivais (dentro da literatura) de Lima Barreto.

Como visto, a rede de amizade de Lima Barreto era ampla, bem como a confiança e o reconhecimento entre outros escritores. Sobre o grupo de pessoas mais íntimas do escritor, finalizaremos a análise desta obra com mais duas cartas, as quais têm sentidos importante no que se refere à amizade e aos últimos meses de vida de Lima Barreto.

A correspondência se deu entre Lima Barreto e o amigo Carlos Sussekind de Mendonça. Este que foi um ensaísta, jornalista e criminologista nascido no Rio de Janeiro (1899-1968), participou da vida política do país, e, assim como Lima Barreto, escreveu livros e artigos para diversos jornais. Conforme Adriana Sussekind de Mendonça (2013), Carlos Sussekind Mendonça não foi uma pessoa comum daquele período, havia uma distinção, era filho de um escritor e ministro do Supremo Tribunal Federal e de uma pintora chamada Anita Sussekind de Mendonça.

A primeira carta foi Lima Barreto quem enviou, em junho de 1922. Embora fossem amigos o escritor foi breve nas palavras. Neste período, ele estava com a saúde bastante fragilizada, mas ativo na escrita. Ele continuou escrevendo até os últimos dias de vida, e mesmo cansado e doente, demonstrava preocupação com a sua produção literária e com a manutenção do seu grupo de amizade e pouco falava sobre a saúde.

A carta enviada de Lima Barreto a Carlos Sussekind de Mendonça está escrita da seguinte forma:

12-6-1922

Meu caro Mendonça.

Muita Saúde.

Não sei se você leu o que, a respeito da obra que você escreveu sobre o football, eu perpetrei na Careta.

A notícia estava encalhada na minha cabeça. Mas, recebendo de Porto Alegre uma carta de um velho amigo, dr. Afonso de Aquino, pedindo-me um exemplar do trabalho de você, logo ela se safou do meu bestunto e foi parar na careta.

Julgo que você não se aborreceu, pois a fiz com máxima ternura e simpatia.

Do amigo agradecido, imensamente agradecido, que se apelida

Lima Barreto

(RESENDE, 2017b, p. 339).

A missiva enviada a Lima Barreto, por Carlos Sussekind de Mendonça, com data de 1º de novembro de 1922, é uma epístola que denota amizade entre os dois escritores. É emblemática, foi escrita exatamente em um dia de despedida, sem saber o amigo de Lima que estava se despedindo. Foi enviada em uma data marcante, dia da morte do romancista, apesar de curta, simbolizou tanto a ligação afetiva e de respeito entre os amigos, quanto a nostalgia de um tempo que não existia mais. As palavras de Sussekind Mendonça foram registradas assim:

Rio, 1º de Novembro de 1922.

Meu querido Amigo.

Um bilhete apressado, apressadíssimo, de quem não quer roubar aos outros o tempo que também lhe é pouco e raro. Mas o dia de Todos os Santos reavivou-me sua lembrança e, com ela, a minha saudade. A sua ausência inquieta-me. Será doença? Tanto você me habituou àquele abraço de todas as tardes que a sua falta já se me afigura um roubo...

Mande-me notícias suas ou me vejo forçado a apelar para a polícia.

Teu de sempre,

Mendonça.

(RESENDE, 2017b, p. 340).

É uma carta de tom triste e com traços de uma amizade sem interesses, mas cheia de saudade. Fala sobre abraços, ausência e afeto de um amigo que sentia a falta do outro. Mostra assim o distanciamento social, em um período que a doença era contínua, impedindo os encontros pessoais como de costume. Apesar do afastamento físico, não deixaram de se mostrar presentes na vida um do outro através da troca epistolar.

As missivas mostram que sua rede se fortalecia nas relações de amizade, e se protegia nos prosseguimentos literários. Nesse sentido, como vimos, as epístolas eram além de um meio de comunicação eficaz, significavam a mediação nas relações entre os intelectuais. Elas expressavam sentimentos diversos, de afetividade, de negócios, de fortalecimento e aproximação dos grupos intelectuais, dos mais consagrados e dos aspirantes.

Assim iniciou a comunicação na carta enviada ao amigo Francisco Schettino⁸⁷, datada de 21 de abril de 1921.

21-4-21

Meu caro Chico.

Recebi hoje, pela manhã, as tuas duas cartas e a fatura. Estou inteirado do negócio. Já deves estar de posse do cheque. Eu, porém, ainda não recebi os livros. A razão é simples: a agência do correio, do governo federal, fica a duas e meia de onde estou. É preciso ir lá para saber se há livros e outros registrados. Vai-se de automóvel, mas é caro: 6 mil-réis, ida e volta, de forma que eu não posso ir frequentemente. [...]

Barreto

(RESENDE, 2017b, p. 233-234).

Esta carta⁸⁸ demonstra maior intimidade entre Lima e o amigo, além de falar da realidade financeira dele, que era também a de muitos da época, mostra um Lima Barreto sem bens

⁸⁷ Schettino foi um grande amigo de Lima Barreto, e um dos maiores incentivadores do seu trabalho, autor da única coletânea de contos publicada pela editora *Gianlorenzo Schettino*. Consultar a obra de Luciano Correa de Moraes Junior (2020).

⁸⁸ A carta enviada a Schettino é longa, nela Lima Barreto apresenta um dos seus dissabores de não ter feito parte da Academia Brasileira de Letras. Segundo Pedro Belchior (2011), ele havia tentado entrar várias vezes, desistindo na terceira, depois de sua última internação no hospital psiquiátrico em 1919. Para Antônio Arnoni Prado (1980), ele havia oficialmente se candidatado para a vaga de Emílio de Meneses e, depois, na de João do Rio, mas, não conseguiu se eleger.

materiais, que para buscar objetos vindos pelos correios dependia de recursos, os quais eram escassos. Isso indica que o escritor assumia o papel de um intelectual comprometido com as questões sobre as diversas realidades sociais, mas não teve a devida recompensa monetária. Embora as dificuldades financeiras do escritor fossem uma realidade, o reconhecimento dele enquanto crítico literário parecia mais importante para ele.

Quando a correspondência se dava entre amigos parece que Lima Barreto se sentia à vontade para falar sobre estas dificuldades. É importante frisar que a comunicação através de cartas e de jornais era um dos meios mais usados no período, embora o telefone já tivesse chegado ao Rio de Janeiro desde 1877, funcionava apenas através de centrais telefônicas.

Lima Barreto possuía posicionamentos firmes, sobretudo, frente à resistência das editoras em publicar seus romances, mas também era contraditório em alguns de suas opiniões. Apesar disso, não deixou de colocar no papel o que lhe angustiava. Suas críticas continuam atuais, uma de suas características, enquanto escritor, é a de possuir “uma escrita mais direta, voltada para a conscientização ‘do povo’, menos ‘binocular’, era o lema dos rapazes da Floreal, e continuaria sendo a bandeira de seu colaborador mais assíduo”. (SCHWARCZ, 2017, p. 209).

As cartas e demais partes de sua obra mostram a diversidade de temas, tais como desigualdades sociais, relações étnico-raciais e de gêneros. Sobre a relação entre a vida e a obra de Lima Barreto, Eliete Marim Martins (2008, p. 63) diz o seguinte:

A atitude de Lima o afastou da academia e dos grandes literatos da época. Participar dos dois lugares – o do esquecimento e o da pompa – deu ao escritor um olhar mais aguçado das contradições brasileiras, mas não deixou de provocar uma atitude um tanto ingênua do escritor que acreditou vencer os grandes de sua época ao dismantelar as picardias sociais pela literatura. Sendo assim, investigar o homem e o escritor Lima Barreto, é deparar-se com muitas contradições ao mesmo tempo averiguar uma constante de sua vida e obra – de fato um homem de letras.

O caminho escolhido por Lima Barreto, para apontar as contradições sociais, os preconceitos e os apadrinhamentos, lhe rendeu travessias diversas que podem ser revistas em sua própria obra e nas pesquisas sobre o escritor. Sensível às desigualdades do contexto da Primeira República, ele arrumou uma forma de amenizar a angústia sendo escritor e através da literatura. A partir dos romances, sátiras, cartas, diários e outras produções, e das redes de sociabilidades que o escritor divulgou seus relatos mais íntimos, se constituía um intelectual, mas sobretudo um ser social que fazia parte dos universos que ele mesmo abordava. Colocou-se como protagonista de sua escrita, conviveu com seus personagens, e denunciou através deles. Assim, “Ele era Isaías Caminha, Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos, Vicente Mascarenhas, e vivia

assombrado por todos eles. Na verdade, eles eram seus fantasmas, prediletos”. (SCHWARCZ, 2019, p. 138).

No dizer de Schwarcz (2019), Lima Barreto estava presente em seus personagens e, mesmo que o conjunto de sua obra seja apresentado como ficção, acabou ganhando nele as realidades que descrevia. Mostra assim alguns de seus romances em que os personagens eram o próprio escritor.

Não por coincidência, Isaías Caminha era jornalista como ele, funcionário público como Lima, e se desilude com o Rio de Janeiro de inícios do século. Vicente Mascarenhas, personagem central de *Cemitério dos vivos*, obra que Lima deixou inconclusa, bebia muito, foi internado em um hospício e o resto não sabemos mais, pois a narrativa se encerra por aí. Gonzaga de Sá era um personagem andarilho nas ruas da capital do país, irônico diante dos estrangeirismos, e que morre como Lima Barreto, ou com certeza será o oposto, pois o escritor não tinha como prever que criador e criatura fossem “enganados pela morte” e de forma tão semelhante. (SCHWARCZ, 2019, p. 138).

Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (BARRETO, 1917) e em outros romances, os personagens representam a vida de Lima Barreto, ficção e realidade se entrelaçavam. Neles é possível verificar as semelhanças com o seu criador, eram as aflições do escritor se manifestando nas vidas fictícias que criava. Lima trouxe em sua escrita um passado que insistia em incomodá-lo. Cada personagem o representava e trazia questões que o afligiam. Assim, em muitos deles é possível perceber a forma de ser e de viver naquela sociedade excludente do contexto da Primeira República. Como Isaías, outras figuras centrais em seus romances carregavam características idênticas às suas. Mesmo em *Clara dos Anjos*, que apesar de ser uma personagem feminina, a moça traz a questão das desilusões com a sociedade, refletindo o que o próprio escritor sentia.

Para Schwarcz (2019, p. 138), Lima não tinha como prever que a sua vida teria o fim parecido com o que teve seus personagens, ao afirmar que:

Os seus personagens Gonzaga de Sá era um personagem andarilho nas ruas da capital do país, irônico diante dos estrangeirismos, e que morre como Lima Barreto, ou com certeza será o oposto, pois o escritor não tinha como prever que criador e criatura fossem “enganados pela morte” e de forma tão semelhante. Nesse universo feito de tantas coincidências consentidas, de tanta narrativa de si, não haveria como privilegiar um tipo de material. Afinal, O Diário do hospício escrito por ocasião da internação do escritor no Hospício Nacional é, a um só tempo, peça de não ficção, como Lima descrevendo seu dia a dia nessa instituição.

Lima Barreto colocou sua vida para dentro da ficção, como uma forma de se fazer perceber. Os seus personagens se transformam em memória sobre quem ele foi e o que pensava,

através dos quais o escritor questionou a sociedade, afirmando que paralelamente aos desfavorecidos e postos à margem econômica, política, cultural e social, estavam os grupos de prestígios e de condições favoráveis, os endinheirados, como definia o escritor.

Se na ficção poderia dar o fim que quisessem aos seus personagens, o mesmo não poderia fazer com suas experiências. Certamente a questão do próprio destino era algo que o afligia, talvez não com relação ao que o álcool possivelmente provocaria, mas quanto às contradições das questões sociais e políticas. O tratamento que os discursos biologizantes davam à questão racial e à loucura foi assunto que atravessou sua escrita.

Na obra de Beatriz Resende (2017b), foram apresentadas as cartas que Lima Barreto enviou para colegas escritores; o assunto principal eram as obras dos correspondentes, além das orientações aos iniciantes foi possível perceber um Lima Barreto frustrado e desiludido, inclusive no universo da própria literatura. Nem todos poderiam publicar por falta de dinheiro e alguns donos de editoras não se importavam com o conteúdo das obras, mas com a capacidade do escritor em pagar por sua publicação.

3.7 LIMA BARRETO E MONTEIRO LOBATO: PARCERIA E NEGÓCIOS?

A terceira obra de análise está intitulada *A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, de Edgard Cavalheiro (2017), na qual foram analisadas 53 cartas, sendo 27 destas enviadas por Lima Barreto a Monteiro Lobato, e 26 deste para Lima Barreto. A obra contém cartas apenas entre os dois escritores. A comunicação entre eles teve início em 2 de setembro de 1918, no intervalo entre os dois internamentos mais conhecidos de Lima Barreto, que foi o de 1914 e o de 1919, embora em 1918 tenha ocorrido outro no Hospital do Exército, teve fim com a última carta de Lima a Monteiro em 1922⁸⁹.

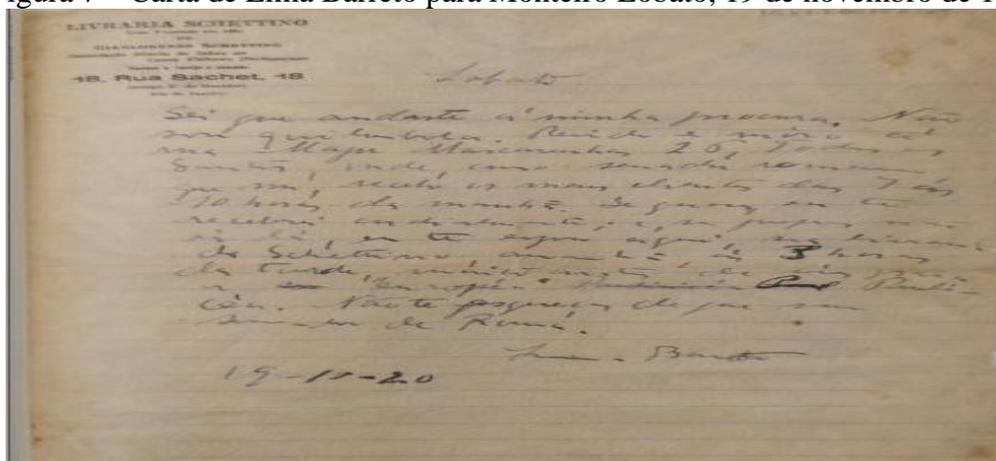
Nas cartas é observado que Lima Barreto interagiu com intelectuais de diversas compreensões literárias, independentemente das divergências ou convergências da sua forma de interpretar as situações, isso era importante diante de um contexto de dificuldade na circulação de ideias, e de publicação. Sua comunicação apresenta um escritor cuidadoso com o tratamento, não deixava de dizer o que pensava de forma crítica, embora fosse visto por grupos de intelectuais da época como um escritor de uma literatura fora dos padrões.

⁸⁹ Conforme consta na Biblioteca Nacional, Monteiro Lobato iniciou sua carreira pelos jornais em 1918. Ano em que começou a comunicação com Lima Barreto, se tornou editor da *Revista do Brasil*. Dentre os primeiros convidados para a revista estavam Godofredo Rangel, Martim Francisco, Paulo Setúbal e Lima Barreto. É importante dizer que as 53 cartas serão apresentadas nos próximos gráficos a partir dos temas e constância.

A escolha por analisar essa obra, diante de tantas outras, se deu por dois motivos. O primeiro, as cartas foram enviadas dentro do contexto de seu segundo internamento no Hospital Nacional de Alienados, que ocorreu de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920. Logo, buscou-se verificar se as questões de saúde e o internamento apareceram nesta comunicação e de qual forma. O segundo, a partir dos nomes citados nas missivas e o assunto abordado seria possível perceber se a internação em um hospital psiquiátrico interferiu em suas relações profissionais.

Raramente foram as vezes que Lima Barreto saiu do Rio de Janeiro, embora tenha ficado evidente a ampla rede de contatos. A comunicação com Monteiro Lobato sempre foi por cartas, apesar de morarem em cidades relativamente próximas. Em carta, assim se expressou Lima.

Figura 7 – Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato, 19 de novembro de 1920



Fonte: Cavalheiro (2017, p. 89).

Na carta acima consta o seguinte:

19-10-1920

Lobato:

Sei que andastes à minha procura. Não sou quilombola. Resido e moro à rua Major Mascarenhas, 26, Todos os Santos, onde como senador romano que sou, recebo os meus clientes das 7 às 10 da manhã. Se queres, eu te receberei cordialmente; e se preferes não ir lá, eu te espero aqui, na livraria do Schettino, amanhã, às 3 horas da tarde, muito antes de ires para a Europeia Pauliceia. Não te esqueças de que sou Senador Romano.

Lima Barreto.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 89).

Uma carta breve, mas significativa, pois Lima Barreto falava sobre quem não tem onde morar, mas não era um quilombola, fazendo referência a esse grupo que continua negligenciado; possuía um endereço e pontualmente recebia os amigos em sua casa. Mesmo

tendo enviado o endereço, demonstrando interesse em estar com o colega, o encontro dos correspondentes não teria ocorrido. Conforme Schwarcz (2021) e Cavalheiro (2017), Lima e Lobato nunca se encontraram pessoalmente.

Lobato respondeu dizendo que havia recebido o bilhete a tempo, mas teria adoecido e ficado no quarto do hotel no último dia em que estava na cidade. Terminou a carta com a seguinte frase:

*Espero, porém, que os fados afrouxarão suas leis férreas, e um belo dia, quando menos esperarmos,
– Ó Lima!
– Ó Lobato!
e ferraremos esse abraço encruado.
Adeus,
Lobato.
(CAVALHEIRO, 2017, p. 90).*

Aparentemente faltava interesse por parte de Lobato em encontrar Lima Barreto. O editor parecia não demonstrar o mesmo apreço que Lima expressava por ele, ficando evidente quando Lobato teve a oportunidade de encontrá-lo, mas não o fez. Afirma Cavalheiro (2017, p. 91), que o escritor paulista chegou a ver o escritor carioca, mas pelo estado em que se encontrava, referindo-se aos sinais do alcoolismo, naquele dia preferiu não se apresentar.

Nas correspondências entre Lima e Monteiro Lobato, apesar da amizade, havia também interesses profissionais. Não se referiam à uma comunicação de amizade apenas, pois os temas abordados se voltavam para a divulgação da obra de ambos, no entanto, havia um apelo por parte de Lobato. Como afirma Edgard Cavalheiro (2017), Monteiro Lobato usava de um artifício interessante, do ponto de vista de convencimento, deixando o escritor Lima Barreto em situação de não recusar suas propostas. Em uma das cartas escreveu dizendo que a *Revista do Brasil*⁹⁰ queria Lima como um dos seus colaboradores, conforme podemos conferir em trecho da carta abaixo.

*Ninho de medalhões e pérolas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade dos nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mais à moda do Policarpo Quaresma, da Bruzundanga etc. A confiança é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo.
(CAVALHEIRO, 2017, p. 40).*

⁹⁰ Rebatizada, a revista passou a se chamar Monteiro Lobato & Cia. Depois de algumas transformações com relação ao maquinário e à tipografia, contou com novos autores e inovação na distribuição dos livros.

Ele se referiu a uma escrita que o povo gostava, acreditando que Lima assim faria. O escritor paulista sabia da capacidade de compreensão e análise crítico-social de Lima Barreto que o almejava como colaborador de sua revista, confiando que assim teria maior visibilidade e lucratividade. Essa atitude demonstra que Lima Barreto tinha prestígio intelectual, e quando faleceu, era visto, provavelmente, como um escritor de referência, embora tenha passado por uma tentativa de apagamento de sua memória pós-morte, tendo sua obra recuperada e publicada mais de 20 anos depois. O seu comentário sobre a escrita de alguém ou a sua colaboração em um jornal ou revista significaria muito naquele universo dos escritores intelectuais consagrados.

Na carta, Monteiro Lobato afirmou que os romances e contos deveriam ser à moda do romance *Triste Fim Policarpo Quaresma*. Finalizou dizendo que aguardava ansiosamente a resposta do escritor, e frisou não querer qualquer resposta, gostaria de que fosse favorável, deixando a seguinte observação: "P.S. pelo amor de Deus, leia e rasgue isso". É nítida a forma apelativa com a qual Monteiro Lobato escreveu, a mesma impressão não foi observada em outras cartas, cuja escrita se referia às respostas de perguntas feitas por Lima ao editor, Monteiro Lobato.

Em 2 de dezembro de 1918, Lima Barreto escreveu outra carta sobre o recebimento dos 800 mil réis, bem como uma das vias do contrato com a *Revista do Brasil*. Pediu desculpas por não ter escrito antes e justificou dificuldades em escrever, por conta de um aparelho que tinha no braço. Em 04 de dezembro de 1918, Monteiro Lobato respondeu para Lima dizendo que havia mandado passar à máquina o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, e recomendava cuidadosa leitura, principalmente na parte gramatical.

Como se percebe, as missivas se referiam à escrita e à publicação de suas obras. Ambos tinham interesses particulares, Lima em publicar e Lobato o de vender as obras. Mas, nem todas as cartas trouxeram como preocupação central essas questões. Fizeram referência a apenas um dos internamentos de Lima Barreto.

A demora e o fato de não mandar todas têm por causa o lugar em que ainda estou. Acho-me em um hospital, no Central do Exército, onde, apesar de ter todo o necessário para escrever e quarto isolado, não o fico suficientemente só. (CAVALHEIRO, 2017, p. 44-45).

As missivas, desta forma, mostraram que mesmo internado, com a sensação de que estava perdendo tempo, hospitalizado, não se desligava de seus afazeres literários. Mesmo com a saúde fragilizada, preocupava-se com a escrita, mostrou desta forma, que, provavelmente, a doença não o tirou do foco literário, conviveu com o alcoolismo da forma como foi possível.

Ele não se culpava por estar doente, mas se sentia triste pelo que não havia feito, talvez por esperar um impacto maior com a sua escrita, que não obteve as publicações como gostaria. A necessidade de externar o que pensava, sobre as contradições sociopolíticas, étnico-raciais e demais situações que lhe incomodavam, parecia mais importante do que se colocar na condição de doente. Não negava a decadência em sua saúde, muitos dos seus registros literários tratam sobre esta condição, mas também não permitiu que ganhasse centralidade em sua vida e nas suas correspondências.

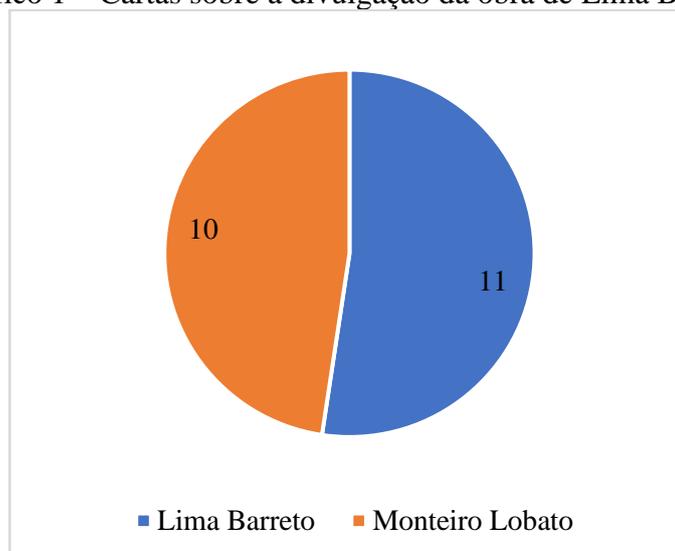
3.7.1 Temas das missivas entre Lima Barreto e Monteiro Lobato

Seguindo o itinerário de análise da obra de Edgard Cavalheiro (2017), foi possível compreender a rede de sociabilidade comum entre Lima Barreto e Monteiro Lobato, pelo tema tratado e a relação entre ambos. Após leitura das referidas correspondências desta parte do capítulo, optamos por apresentá-las em eixos temáticos específicos. Sobre o hospital psiquiátrico foram apresentadas algumas cartas na forma como Cavalheiro as trouxe, por entender que assim mostraríamos aspectos peculiares sobre a internação do escritor.

O conteúdo analisado a partir das correspondências a seguir serve para facilitar a compreensão da circulação das missivas⁹¹.

⁹¹ Algumas cartas se repetirão na análise, porque na mesma correspondência continham assuntos diferentes e os gráficos foram representados por temáticas afins, como intitulado; foi necessário analisar uma mesma correspondência mais de uma vez.

Gráfico 1 – Cartas sobre a divulgação da obra de Lima Barreto



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Das 53 cartas analisadas Lima Barreto encaminhou 11 correspondências e recebeu dez de Monteiro Lobato, nas quais o assunto predominante foi a preocupação dos autores com relação à divulgação das obras, sobretudo os escritos de Lima Barreto; neste quesito particularmente foi verificado certo equilíbrio nas emissões entre ambos, referindo-se predominantemente às críticas e aos romances de Lima Barreto.

Tabela 1 – Romances mencionados nas cartas entre Lima e Lobato

Romances	Veze citados
Urupês	4
Triste Fim de Policarpo Quaresma	2
Numa e a Ninfa	2
Isaias Caminha	2
Gonzaga de Sá	2

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com relação aos romances, jornais e revistas, mencionados nas 53 missivas analisadas, é possível perceber, na tabela, o elo da comunicação e o predomínio de alguns nomes, a exemplo do romance *Gonzaga de Sá*, de Lima, que foi bastante citado por ambos, seguido do livro de Monteiro Lobato *Urupês* e a *Revista do Brasil*. Os demais são referenciados com menor frequência. Na comunicação entre Lima Barreto e Monteiro Lobato havia interesse mútuo, desejando o primeiro que sua obra circulasse e fosse lida por outras pessoas fora do Rio de Janeiro e o segundo de que houvesse compra dessas obras, inclusive da sua, no entanto é possível observar que havia parceria entre os escritores.

Monteiro e Lima eram leitores um da obra do outro, em algumas cartas Lobato elogiava o conteúdo abordado por Lima, falou sobre o romance *Recordações do escrivão Isaias de Caminha* (BARRETO, 1917), disse que havia lido *Numa e a Ninfa* (BARRETO, 1950) e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (BARRETO, 1915), destacando que o Rio de Janeiro teria sido apresentado em suas contradições nessas obras. Lima também era leitor das obras de Lobato.

As cartas também falavam sobre a forma como os comentários eram emitidos sobre as obras de Lima Barreto. Monteiro Lobato citou os jornais paulistas, afirmou que esses meios de comunicação não haviam se manifestado quanto ao romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* de Lima Barreto, o aconselhou a arrumar publicação em *O Estado*, enquanto Lima se expressava sobre o conteúdo e as publicações de suas próprias obras.

Tabela 2 – Jornais e revistas mencionados nas cartas

Nomes	Vezes citados
Livraria Garnier	1
Revista do Brasil	4
Revista Contemporânea	3
A Noite	2
O Estado	1
A Notícia	1
Correio da Manhã	2
Rio A,B,C	2

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Algumas cartas mostraram a relação dos escritores com os principais meios de comunicação da época. No total foram citados oito jornais e revistas na tabela acima, e tiveram maior frequência a *Revista do Brasil* e a *Revista Contemporânea*. Mostram também que o escritor acompanhava as principais informações destes veículos bem como, provavelmente, desejava a circulação de sua obra; reclamava, às vezes, da forma como alguns jornais tratavam seus livros. Assim, afirmou Lima, “o meu *Numa e a Ninfa* que *A Noite* publicou e editou em quase desprezível folheto”. (CAVALHEIRO, 2017, p. 47).

3.7.2 Intelectuais citados nas correspondências de Lima e Lobato

No quadro abaixo, é possível verificar nomes dos correspondentes que apareceram nas missivas de ambos os escritores, o que permite conhecer a extensão da rede de sociabilidade, sobretudo de Lima Barreto.

Quadro 4 – Nomes de intelectuais citados nas cartas entre Lobato e Lima

Nomes citados por Lima	Nomes citados por Lobato
Belo Sobrinho	Eça
Assis Cintra	Branner
Capistrano	Schenttino
Brenner	José Maria de Albuquerque Bello
Leo Vaz	Hilário
João Luiz	Machado
Toledo, vulgo: Hilário Tácito	
Afonso Taunay	
Paussilippo	
Mário Sette	
Oliveira Lima	
Plínio Barreto	
Ferdinando Bola	
Conde Afonso Celso	
Astrojildo César	
João do Rio	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Esses foram alguns dos nomes que apareceram com mais frequência, principalmente nas cartas de Lima Barreto para Lobato. Observa-se que é uma quantidade ampla de pessoas que integrava diversos grupos, intelectuais, políticos, escritores estrangeiros, amigos do escritor residentes no Rio de Janeiro e em outros estados do Brasil. Foi possível perceber que nas cartas de Lima Barreto para Monteiro Lobato foram citados vários nomes e nas de Lobato para Lima foram pouco mencionados. Talvez indique a menor interação do escritor paulista com outros intelectuais e que a rede de Lima era ampla.

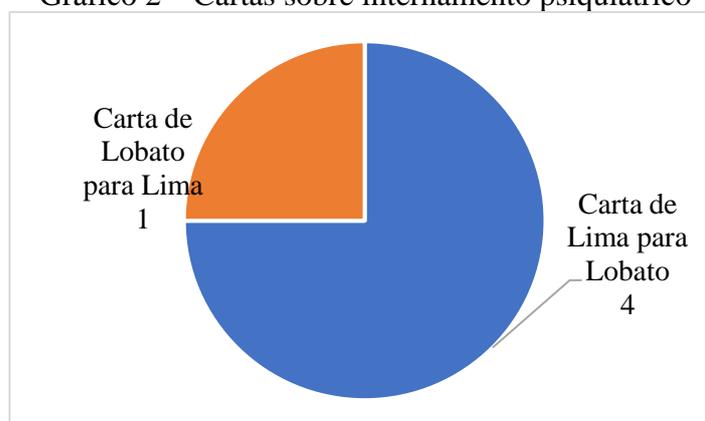
Os nomes mencionados nas cartas enviadas e recebidas por ambos os escritores são de pessoas com quem se comunicavam e estavam de alguma forma relacionadas à produção literária deles. Eram intelectuais, comentadores ou representantes de alguma editora, uns eram apenas leitores, outros residentes em outros lugares para além de São Paulo e Rio de Janeiro. Também é importante mencionar que havia nessas correspondências informações sobre as desavenças pessoais de Lima Barreto com outros escritores. Temos como exemplo João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921), conhecido como Paulo Barreto, e pelo pseudônimo literário João do Rio. Ainda nas cartas foi possível perceber outros nomes de pessoas conhecidas naquele contexto, tais como Rui Barbosa (1849-1923) (ROCHA, 2010),

José Maria Belo (1885-1959)⁹², José Maria de Toledo Malta, vulgo Hilário Tácito⁹³, Tales de Andrade (1890-1977)⁹⁴, John Caspar Branner (1850-1922)⁹⁵, Honório de Abreu (1853-1927)⁹⁶. Dentre outros que, embora não fizessem parte da rede de sociabilidade de Lima Barreto, eram citados de alguma forma, embora alguns nomes não tenham aparecido no quadro acima.

Nesta rede de sociabilidade, alguns nomes eram de pessoas conhecidas dos escritores, outros conheciam apenas por correspondências. Tem um nome que não consta no quadro, mas ocupou um papel importante na vida de Lima Barreto, trata-se de Ranulfo Hora Prata (1896-1942), escritor e médico sergipano, estudou medicina na Bahia e depois se mudou para o Rio de Janeiro. Era amigo próximo de Lima Barreto, sua amizade permitiu tentar ajudá-lo a se distanciar do uso do álcool, ainda conseguiu, mas por pouco tempo. Os dois se conheceram no Hospital do Exército, relato do próprio Ranulfo Prata, que também confirmou a amizade com o escritor, além de se encontrarem em Mirassol/SP se correspondiam por cartas.

3.7.3 Como o internamento psiquiátrico apareceu nas cartas entre Lima e Monteiro?

Gráfico 2 – Cartas sobre internamento psiquiátrico



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

⁹² Pernambucano, mudou-se para o Rio de Janeiro, cursou direito, foi senador e deputado, foi eleito governador do Estado de Pernambuco, embora não tenha assumido, dedicou-se ao jornalismo e à escrita historiográfica sobre diversas perspectivas brasileiras.

⁹³ Mais informações em Do Carmo (2003), obra que trata sobre a sociedade paulista do início do século XX, com inspirações baseadas na Belle Époque e seu conservadorismo.

⁹⁴ Nasceu em Piracicaba, escritor de contos infantis e sobre o homem rural, neto de professores e também sitiantes, se tornou professor e dedicou-se à literatura. (DELA VALE, 2012).

⁹⁵ Sobre a referência a Branner, de acordo com Cavalheiro (2017), foi um geólogo norte-americano, presidente emérito da Stanford University, teria enviado um telegrama para Capistrano de Abreu, no qual fez elogios ao romance *Gonzaga de Sá* de Lima Barreto. Conforme o autor, Lima fez a reprodução do telegrama em *Diário Íntimo*.

⁹⁶ Historiador cearense, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi responsável por uma significativa renovação na investigação e interpretação das fontes historiográficas.

O Gráfico 2 mostra que durante o período de correspondência dos escritores, de 1918 a 1922, embora houvesse determinados interesses de ambas as partes, havia certa admiração entre eles o que permitiu, conforme Valéria Lamego (2017), a manutenção da prática epistolar por mais tempo. No entanto, durante o período de quase quatro anos pouco falaram sobre a saúde e a hospitalização de Lima Barreto. Esse fato chamou a atenção por ter sido o contexto em que o escritor passou por duas internações, uma no Hospital do Exército e a outra no Hospital Nacional de Alienados, e ambas pelo alcoolismo. Nas cartas analisadas, em apenas uma Lobato tocou no assunto de internamento, e Lima Barreto se referiu quatro vezes.

Para esta parte da análise, optamos por apresentar as cartas como estão na obra de Cavalheiro (2017), uma vez que trazem as raras informações sobre as hospitalizações de Lima Barreto.

Quadro 5 – Cartas e datas que se referiram aos internamentos de Lima Barreto

Cartas de Lima e Lobato sobre os internamentos psiquiátrico de Lima Barreto	
Lima Barreto para Lobato	Lobato para Lima Barreto
Carta 1 – 13.02.1920	Carta 1 – ?.02.1920
Carta 2 – 24.02. 1920	
Carta 3 – 30.06.1920	
Carta 4 – 16.04.1921	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A primeira carta desta parte do capítulo foi escrita logo após a saída de Lima Barreto do Hospital Nacional de Alienados, em fevereiro de 1920, indicando que a comunicação, em curso desde 1918, não parou com o seu internamento, mesmo de dentro da instituição a atividade literária de Lima Barreto foi mantida e ao sair deste espaço intensificou sua escrita. Por meio da missiva do dia 13 de fevereiro de 1920, enviada por Lima Barreto, apresenta as seguintes informações:

Rio, 13-2-20.

Meu caro Lobato.

Não tenho tido notícias tuas. Estou bem e em casa. Podes desmentir todas as notícias em contrário. Mando-te um retalho do O Estado, de 13-2-20, em que saíram umas palavras minhas sobre O professor Jeremias. Podia ter dito mais, porque o livro me agradou sobremaneira, mas sou um grande preguiçoso. Podes dizer ao autor que tudo que há no artiguete é sincero. É um livro e tanto. Li o meu conto na Revista. Agradeço o cuidado da revisão.

Espero que não repares o papel, nem a “blaque” final do artigo. Não estou ainda totalmente “Spartacus”.

Adeus.

Lima Barreto

P.S. O Estado é um jornal de Niterói e o de mais circulação no Estado do Rio. Não deve ser muito grande, mas serve para o fim que (ilegível). Não acha? - L.B.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 77).

Como visto, a data em que a carta foi escrita havia se passado apenas 11 dias que Lima Barreto tinha deixado a instituição psiquiátrica, onde ficou 38 dias internado, de 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920. Embora ainda estivesse em recuperação, possivelmente sua saúde continuava fragilizada, o escritor não queria se distanciar da literatura. A carta apresenta diversos assuntos, sobre o gosto pelas obras, as sugestões sobre outros críticos literários, agradecendo por Lobato ter revisado a sua obra. O que não era comum e aparentou pouca relevância, e por isso chamou a atenção nesta carta, foi como o escritor a iniciou, dizendo que não havia mais recebido notícias de Lobato. Extravio das missivas? ou ausência da escrita de Lobato, por falta de interesse? seria necessário aprofundarmos nas questões para obtenção de respostas, que neste momento da tese fogem aos seus interesses.

Notamos também certa preocupação por parte de Lima Barreto em afirmar que estava bem e ligeira informação sobre o afastamento social para cuidar da saúde; adentra nos assuntos relacionados às obras, não apresentando detalhes sobre o internamento.

Para Cavalheiro (2017, p. 77), havia rumores sobre a vida íntima de Lima Barreto em São Paulo o que é possível verificar na carta, a seguir, e o escritor parece que estava apreensivo, chegou a escrever para Lobato dizendo o seguinte: “Meu caro Lobato, não tenho tido notícias tuas. Estou bem e em casa. Podes desmentir todas as notícias em contrário”. Foi neste período que ele recebeu alta do seu segundo internamento psiquiátrico. Lobato escreveu para Lima.

[fevereiro de 1920]

Amigo Lima,

Ora graças! Não imaginas como nos deixou tristes e apreensivos a notícia de tua entrada para o hospício. Felizmente soubemos pelo J.M.Bello que lá foste parar não pelo motivo que leva aos outros, mas a título de descanso, para “assentar” o organismo agitado. Já saíste. Pois muito bem e muitos parabéns.

E muito obrigada pela boa notícia que deste da revista. Não te mandei provas porque temos um bom revisor que suou a tua infamíssima letra, mas deu conta do recado. Se adotasses a datilografia merecerias uma apoteose, e estou certo de que contribuíram para ela todos os linotipistas e revisores do Brasil.

Vou dar ao Leo a tua crítica, e ele ficará muito contente, porque visivelmente és sincero ali. Tenho dois livros a mandar-te, mas só o farei com exemplares à 2ª edição, no prelo já, porque a revisão claudicou bastante na primeira.

Segue uma vale-postal com uns cobres magérrimos; não te magoe nem te rale a mesquinhez da nossa tarifa: nós não temos como o Laje e tesouro de São Paulo às ordens. Praticamente a imbecilidade de ser honesto num país onde só a crapulice dá dinheiro.

Adeus, meu caro Lima, e sê sempre amigo da revista que ela o merece. Do Lobato. (CAVALHEIRO, 2017, p. 78-79).

A carta mostra que, embora a relação fosse norteadada por interesses de ambas as partes, sendo Lobato mais preocupado com o financeiro, havia uma breve apreensão com o

internamento do escritor. Pelo relato existia contato entre colegas do mesmo ciclo de comunicação. A notícia da hospitalização chegou a Lobato pelo deputado José Maria de Albuquerque Bello⁹⁷. Ao tempo em que informou da triste notícia sobre o episódio, disse o motivo que o consolaria, “la fostes parar não pelo motivo que leva aos outros, mas a título de descanso, para “assentar” o organismo agitado. Já saístes. Pois muito bem e muitos parabéns”. (CAVALHEIRO, 2017, p.78-69). Não lamentou e nem se espantou, a notícia parece que foi recebida com serenidade, possivelmente por saber que o amigo estava necessitando e por acreditar que internado cuidaria melhor da saúde.

Essa passagem nos inquieta por dois motivos. Primeiro a tranquilidade com que Lobato relatou o motivo do internamento – em não ser o mesmo que geralmente acomete boa parte das pessoas, possivelmente se referindo às questões de saúde mental. Embora se tratasse de um hospital psiquiátrico a internação estava relacionada à vida boêmia. O internamento do escritor estava atrelado à necessidade de descanso de um “organismo agitado”. São palavras de quem sabia da vida que Lima Barreto levava, principalmente sobre o uso de bebidas alcoólicas.

Monteiro Lobato não se alongou no assunto do internamento e já partiu para os negócios. Agradeceu sobre os comentários de Lima na revista e comunicou sobre o envio de um vale postal, terminando a carta com um apelo para que o escritor fosse sempre amigo de sua revista, demonstrando a importância e um dos interesses da comunicação entre ambos.

No mesmo mês, Lima Barreto respondeu a esta carta de Lobato, dizendo o seguinte:

Rio, 24-2-20

Meu caro Monteiro Lobato

Saúde.

Recebi carta, vale, dinheiro e muito obrigado. Esta é escrita no dia do aniversário da Constituição, que o que tem de bom, a vagabundagem dos políticos, quer por força desmoralizar e suprimir jesuiticamente. Este José Maria Bello é engraçado. É visto em toda parte menos no Rio de Janeiro, onde reside. Há muito tempo que não o vejo, embora já tenha ido ao centro da cidade várias vezes. Estive fora da agitação ouvidoreana dois meses, mas mesmo antes não o encontrava. Dê-lhe lembranças, já que o vês com frequência.

Nada mais tenho a dizer-te senão que estou bem e espero assim fique muito anos até minha morte.

Adeus.

Lima Barreto.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 80).

Na presente missiva relatou brevemente sobre as publicações, as críticas das obras e elo mediador entre os escritores. Diferentemente das outras, nesta Lima Barreto falou sobre sua

⁹⁷ José Maria de Albuquerque Bello (1885-1959) foi um deputado estadual de Pernambuco no ano de 1927 e autor das seguintes obras: *A margem* (1922), *História da república* (1940) e outros. (CAVALHEIRO, 2017).

ausência da cidade, durante dois meses, referindo-se ao afastamento social, mencionando uma das ruas bastante frequentada naquela época no Rio de Janeiro, a que aparece também em seus romances, quando escreveu que esteve distante da “agitação ouvidoriana”, referência à rua do Ouvidor. Despediu-se afirmando que estava bem e esperava ficar assim por muito tempo antes da morte.

Percebemos também um tom de tristeza em suas palavras, foi uma escrita breve, não se referiu aos romances e nem ao internamento. Sempre atencioso, embora com a saúde abalada, não deixou de manter contato com a sua rede de interlocutores. Conforme Pires (1996), o escritor foi um grande epistológrafo, pois respondia a todas as cartas de seus correspondentes, quase ao mesmo tempo em que chegavam em suas mãos.

O que importa assinalar é que, apesar da vida desregrada que levou, não deixou de realizar uma grande obra, de trabalhá-la conscientemente. Estava longe de ser o desorganizado que aparentava. Não jogava nada fora. Guardava até mesmo rascunhos, pequenos bilhetes, tudo. (CAVALHEIRO, 2017, p. 80-81).

Os escritos de Lima Barreto permitem entender o seu cuidado com a literatura, com a organização dos registros produzidos, o que possibilitou que seu primeiro biógrafo pudesse ter acesso a material bastante amplo e organizado, entregue por sua irmã na década de 1940, o que não teria sido possível se o escritor não tivesse organizado em vida a sua Limana.

A próxima carta de Lima a Lobato foi emitida quatro meses após a anterior; nesta ele remete ao internamento. Antes dela, porém, será apresentado um trecho de outra missiva de Monteiro, o intuito é mostrar como ele se referia ao escritor carioca.

São Paulo, 31 -05-1920.

Amigo Lima.

Estive uns dias aí e procurei onde havia possibilidade de encontrar-te: freges, botequins e... casas de garapa. Cheguei a espiar embaixo de certas mesas...Mas nada do Lima. Todos informaram-me que é difícil agarrar-te à unha, que és ubíquo, e moras em Todos os Santos pró-forma etc. etc. És horrivelmente caluniado” Em agosto volto, a ver o rei e você.

[...]

Adeus, que começo asnear

Abraços do

Lobato.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 87).

O início desta missiva aparenta um tom de brincadeira, mas são palavras ao mesmo tempo irônicas. Embora fossem próximos, ao menos na troca de correspondências, se referiu a Lima dizendo que ele era ubíquo, fazendo referência aos diversos lugares frequentemente visitados por ele na cidade do Rio de Janeiro. Outra passagem desta carta mostra o quanto Lima

Barreto era conhecido, “todos informaram que é difícil agarrar-te a unha”, informações, provavelmente, ditas por pessoas que conheciam o escritor e sabiam minimamente de suas vivências nas ruas daquela cidade.

De acordo com Belchior (2011), após sua aposentadoria, em decorrência dos problemas de saúde causados pelo alcoolismo, o escritor permanecia mais tempo em sua residência, em seu quarto que era o mesmo onde trabalhava, dedicando-se intensamente à literatura. No entanto, não deixava de ir ao centro da cidade e de frequentar os lugares que sempre gostou, tais como os bares e cafés. A sua produção intelectual neste período se ampliou e conseguiu colaborar com mais frequência nos jornais.

Passado um mês, Lima Barreto responde à referida carta, com os seguintes dizeres:

30-06-1920

Meu caro Lobato:

Recebi há dias uma carta tua.

Pela leitura dela, vi que havia lido o que escrevi na Gazeta sobre Mme. Pommery. Também do Toledo Malta, recebi uma carta de agradecimento sobre o que disse a respeito do interessante livro.

Admira-me como não me houvesse encontrado nas tascas centrais. É verdade que há dias seguidos em que me deixo ficar em Todos os Santos. Tudo o que disseram a respeito dos meus modos ambulatórios é verdade; mas o que não é verdade é que [trecho ilegível] em Todos os Santos. Resido, moro, durmo em Todos os Santos; mas só me encontro em casa de manhã. Isto, no geral.

Quando quiseres poderás lá ires que me encontrarás, até dormindo...

Espero-te em agosto, se o João Luís⁹⁸ não me favorecer a minha ida para o Piauí, onde ele vai ser governador.

Queira recomendar-me aos amigos Neiva, Leo Vaz e Malta; e eu fico.

Lima Barreto.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 88).

Esta é uma das poucas correspondências que mencionou brevemente ao internamento, embora o escritor não deixe de comentar sobre a estadia no hospital psiquiátrico, não é para esse assunto que sua atenção é direcionada. Mantém a cordialidade de sempre, mas, foca naquilo que sustenta a ligação entre ele e Lobato que é falar sobre as publicações e os meios de divulgação das obras. Aparentemente, nenhum dos dois enfatizam o estado de saúde de Lima Barreto, esta pauta ocupou pouco espaço nas missivas entre Lima e seus correspondentes.

A última carta que se refere, de alguma forma, à fragilidade da saúde de Lima Barreto, foi escrita quando ele esteve em Mirassol, cidade localizada no interior de São Paulo. O escritor viajou para o lugar em fevereiro de 1921 a convite de um amigo para cuidar da saúde. O amigo,

⁹⁸ João Luís Ferreira foi um colega de Lima Barreto, da Politécnica, em 1920 foi eleito governador do Piauí. Conforme Cavalheiro (2017), ele convidou Lima Barreto para ser diretor da Imprensa Oficial do Piauí, porém o escritor, embora tenha gostado da ideia, não se afastou do Rio de Janeiro. Também, conforme o autor, Lima teria dedicado o romance Triste Fim de Policarpo Quaresma a ele que foi amigo de mocidade.

que era médico, pediu para que o escritor fosse passar uns dias em sua casa, na tentativa de reestabelecer sua saúde e Lima aceitou o convite, o que demonstra que apesar de não mencionar informações sobre a sua saúde, os sinais de doença, em decorrência do alcoolismo, lhe preocupavam.

Mirassol (Rio Preto), 16-4-1921

Meu Caro Lobato:

Recebi os livros e o cartão. O garrafão da de Ó, se aqui chegasse, seria logo confiscado pelo meu hospedeiro (será assim), que não me deixa pôr o pé em ramo verde, no assunto. Ele é meu médico e meu médico, assim como o de Sancho Pança, quando se sentou à mesa farta de iguarias, depois de ser governador da Ilha de Baratária. Isto aqui é uma delícia de vida roceira com os toques mais feios da vida urbana. Há bordéis e há cinemas. Fundei uma Academia de Letras, em Mirassol, para a qual já entraram três médicos, tal-qualmente com o que acontece com praia da Lapa. Graças a Deus, nenhum deles escreve clássico! Demoro-me ainda muito-é esta a minha tensão.

Sem mais, pedindo que me recomendes aos amigos digo simplesmente

Adeus, Lima Barreto.

(CAVALHEIRO, 2017, p. 92).

Lima Barreto (1921), em crônica denominada *Até Mirassol*, publicada na *Careta em 24 de abril de 1921*, narrou a experiência do deslocamento da cidade do Rio de Janeiro à Mirassol. Disse: “A CONVITE de meu amigo e confrade Dr. Ranulfo Prata, clínico nessa localidade de Mirassol, que fica nos confins de S. Paulo, atraído também pelo seu nome pitoresco, embarquei para ela, na Central, em 1 de abril”. (BARRETO, 1921, p. 9). Ranulfo Prata, segundo Cavalheiro (2017), clinicava na cidade paulista, tentou ajudar Lima Barreto com relação aos sintomas do alcoolismo. “A conversa entre o doutor e o paciente transcorreu solta, e o tema logo deixou de ser a saúde para se concentrar na literatura”. (SCHWARCZ, 2017, p. 433).

Para a referida autora, a ideia do amigo era retirar Lima Barreto, temporariamente, do Rio de Janeiro, uma tentativa de afastá-lo dos costumes que o levava ao consumo do álcool. O escritor se animou com a viagem e até se preparou comprando coisas novas, também praticou sua literatura em trânsito, descrevendo paisagens e pessoas. Na pequena Mirassol foi recebido como um escritor conhecido. Após a recepção, Ranulfo começou a colocar em prática o seu plano de restaurar a saúde do amigo escritor, o que incluía uma vida disciplinada, ar puro e boa alimentação. A princípio, Lima atendeu ao amigo, mas ao ser convidado para proferir uma palestra naquela cidade, ficou nervoso e novamente recorreu à bebida e não compareceu ao lugar que se apresentaria.

Em *Correspondência, Tomo II* (BARRETO, 1956, p. 239) foi localizada uma carta de Lima ao amigo Enéias Ferraz que fala da estadia dele em Mirassol, a missiva traz as seguintes palavras:

Mirassol (Rio Prêto-São Paulo), 4 de maio de 1921.

Meu caro Ferrazinho.

Muito me enterneceu receber neste extremo povoado do Brasil a tua carta de Cardiff. Estou aqui há um mês, depois de uma viagem por três ou quatro estrada de ferro, viagem que dura em suma trinta horas. Sou hóspede de um jovem médico, o doutor Ranulfo Prata, que muito me admira a literatura e muito me preza. Não que eu beba. Ora, Ferraz! Tu sabes bem a que nós somos levados à bebida. Eu sou só e tímido e bôbo e idiota e selvagem e doente de imaginação. É preciso um derivativo e esse derivativo é... Imagine tu que essa viagem tão penosa só me aborreceu, porque senti no olhar dos políticos, dos doutores e aventureiros que goram meus companheiros, desprezo e desdém por mim. Talvez seja maluquice... Manda as tuas ordens [...].

Com lágrimas, despeço-me

Lima Barreto.

Mesmo que esta carta não esteja na obra de Cavaleiro, apresentá-la neste momento foi necessário, por dois motivos específicos. Primeiro, porque se trata de uma correspondência com um tom diferente daquele que consta entre ele e Lobato e demais correspondentes analisados. O amigo com quem se comunicou estava na Inglaterra e ambos conversavam sobre pautas literárias, no entanto, ao falar de assuntos pessoais com ele, Lima parecia mais à vontade. Disse que estava na casa de um amigo médico, em Mirassol e, de forma brincalhona, citou a bebida, justificando os motivos pelos quais a ingeria. Segundo, pela referência que ele fez à forma como era tratado por políticos, doutores e até colegas, afirmando que estes o tratavam de forma insignificante e com desdém. Confirmando os estigmas que experienciava e o quanto se sentia triste por isto.

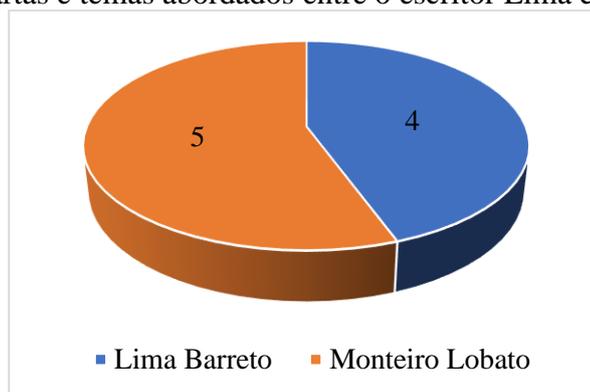
Essas experiências de afastamento de suas atividades habituais, para cuidar da saúde, foram citadas poucas vezes nas cartas, apenas quando se tratava de uma comunicação com amigos mais íntimos, mesmo assim não era uma missiva apenas para falar sobre a situação, a motivação originária era a prática literária. Apesar de não ser o assunto principal na escrita de Lima Barreto, havia, de certa forma, uma preocupação com a sua saúde. Ao mesmo tempo em que se valia desses momentos para ampliar seu leque de repertórios para suas narrativas literárias, o que dá a entender que, além da inquietação, o escritor não fazia da doença assunto central em suas correspondências e nem em sua obra. Lidava com o estado de saúde fragilizado, mas não o colocava como sendo mais importante do que a literatura.

As cartas mostraram que estando internado, ele encontrou motivos para registrar como se sentia e como era a vida no hospital psiquiátrico. O que escreveu durante o internamento resultou no romance inacabado *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b). Este livro será analisado no último capítulo desta tese, quando retomaremos à discussão da passagem do escritor pelo hospício. Lima Barreto foi um dos poucos escritores que vivenciou a experiência

do internamento e sobre esta situação pode escrever, o que confere à sua obra uma peculiaridade.

3.7.4 O fim estava próximo: amizade e (des)encontros entre Lima e Lobato

Gráfico 3 – Cartas e temas abordados entre o escritor Lima e o editor Lobato



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como mostra o Gráfico 3, em nove cartas, do total de 53 cartas analisadas, na citada obra, o assunto principal era sobre as obras de ambos, quatro dessas foram enviadas por Lima para Lobato e cinco destas de Lobato para Lima Barreto. Foi observado que Lima se mostrava mais pretencioso com relação à difusão de suas ideias, de que modo seriam interpretadas e quem leria seus romances. Nestas cartas, tanto Lima quanto Lobato, comentavam sobre a recepção editorial e o que a ideia principal da obra, ambos se elogiavam. Além disso, noticiavam os comentários de outros escritores sobre as suas obras, e citavam nomes importantes da literatura com quem se comunicavam.

Os escritores pareciam sinceros nas críticas sobre a obra um do outro. Lima Barreto inclusive comentou em uma das cartas “custa-me a dizer o que sinto sobre o teu, porque tenho vexame de parecer lisonjear-te. O que acho é que rescendes muito o patriotismo e pretendes criar de uma assentada muitas coisas nestes Brasis”. (CAVALHEIRO, 2017, p. 81).

Afirma Pires (1996) que as cartas entre o editor paulista e o escritor carioca serviam para discutir questões literárias, bem como para fechar negócios e encaminhar recortes de jornais. Dessa relação saiu a publicação de uma das obras de Lima Barreto, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, com o escritor em vida. De acordo com a autora, Lobato foi um dos poucos nomes importantes em sua época na área literária a perceber que Lima Barreto havia iniciado uma nova forma de romance, reconhecendo a grandiosidade de sua escrita.

Lobato, ao convidá-lo para ser colaborador na *Revista do Brasil*, demonstrou o quanto gostava do estilo do escritor, permitindo a este a publicação de alguns contos, “essas foram as únicas publicações com as quais Lima Barreto obteve algum dinheiro”. (PIRES, 1996, p. 114). Ganhou financeiramente com a publicação de *Gonzaga de Sá*, editado pelo escritor paulista.

Dessa forma, atesta, que Lima Barreto não era um escritor qualquer, foi reconhecido por outros escritores que de alguma forma interferiam na divulgação de suas ideias, provavelmente, percebiam nele a maestria com as palavras e a dedicação com a literatura e a forma como abordava determinadas questões daquele contexto. Talvez isso justifique alguns laços de amizade, a exemplo dele e Lobato, cujas correspondências tratavam de negócios e raramente de questões relacionadas à saúde, ou algo mais pessoal.

Como foi possível perceber, o envio e recebimento de cartas se fez muito presente na vida de Lima Barreto. Foi sempre atencioso com quem se comunicava, independente da relação existente entre os correspondentes. A circulação de missivas não era apenas um meio de comunicação dos intelectuais e amigos, era uma maneira de passar informações e orientações diversas. As cartas representavam a manutenção de uma rede de interesses entre os correspondentes, foram presentes na vida de Lima Barreto desde cedo. “Desde menino revelou-se amante da correspondência. Adulto, cultivou vigorosamente o hábito, ainda que a maioria das pessoas com quem se correspondeu vivesse na mesma cidade que ele”. (PIRES, 1996, p. 107). Embora, perpassassem este tipo de relação, havia a manutenção da amizade.

Lima Barreto era conhecido de outros intelectuais, tais como José Veríssimo (1857-1916). Em *Diário Íntimo* Lima fala sobre o encontro deles e a alegria de ser referenciado por um escritor reconhecido. “Com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetuosamente”. (BARRETO, 1969, p. 54). Havia uma expectativa sobre quem e como realizavam a leitura das obras que os escritores publicavam, que poderia deixá-los apreensivos e felizes.

Nas editoras da época era mais fácil publicar aqueles autores considerados consagrados. Os novos precisavam de ajuda de outros com certo reconhecimento. Com Lima Barreto, não foi diferente, embora fosse contrário ao apadrinhamento, não dispensou a sua apresentação através de carta para poder publicar seu primeiro romance. Para a publicação de sua obra de estreia *Recordações do escrivão Isaias Caminha* (1917), contou com a ajuda do velho amigo, Pereira Barreto, que se disponibilizou a escrever uma carta de apresentação para um editor português, que foi levada à Europa por outro amigo próximo do escritor, Antônio Noronha Santos.

No contexto de lançamento de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1917), Lima sofreu a crítica de José Veríssimo que, segundo Barbosa (1964), através de uma carta, escrita em 5 de março de 1910, teceu elogios iniciais, mas emitiu sua opinião reafirmando o que outros críticos, como Alcides Maia Medeiros, haviam dito, sobre a existência de um “excessivo personalismo” na obra. Na carta, Veríssimo disse as seguintes palavras:

Riachuelo (Vinte e Quatro de Maio 227), 5 de março de 1910.

Senhor Lima Barreto.

Não me foi de todo possível agradecer-lhe há mais tempo a remessa do seu livro Recordações do Escrivão Isaías Caminha e as generosas expressões de que o acompanhou. Eu não queria lhe agradecer sem ter lido o livro, e só agora pude acabar de lê-lo. Tão absorvente tem sido nestes últimos tempos as minhas ocupações.
[...]

“Sincera e cordialidade felicito pelo seu livro. Há nêle o elemento principal para fazer superior, talento [...] há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalíssimo. É pessoalíssimo, e, o é pior, sente-se demais que o é. [...] a sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra demais no seu livro, tendo-lhe faltado a arte de a esconder quando talvez a arte o exija. E será mais altivo não a mostrar tanto.”
[...]

Seu confrade e obrigado

José Veríssimo.

(BARBOSA, 1964, p. 172-173).

A carta emitida por Veríssimo a Lima Barreto, embora trouxesse críticas, significou muito para Lima Barreto que esperava os comentários do romance pelos principais intelectuais. Segundo Barbosa (1964), Lima Barreto sofreu o boicote da grande imprensa, os jornais continuaram em silêncio sobre a sua obra, com isto ele se sentiu incompreendido e frustrado.

As cartas representavam um meio de comunicação comum entre os intelectuais do século XIX e início do XX⁹⁹. Elas mostraram principalmente o alcance da rede de sociabilidade de Lima Barreto, que não se restringia apenas ao sudeste, mas a outras regiões do país, tais como Sul, Norte e Nordeste.

Foi possível perceber que mesmo com os amigos mais próximos, a exemplo Antônio Noronha dos Santos, Carlos Sussekind de Mendonça e Francisco Schettino, Enéias Ferraz, as cartas não centralizaram informações sobre a fragilidade de sua saúde, pouco disseram sobre o

⁹⁹ Conforme Ângela Gomes (2005), nesse contexto, eram estabelecidos critérios que hierarquizavam a produção intelectual, e os intelectuais que se expressavam através da imprensa foram identificados como “menores”, mesmo assim usaram os jornais como meio de comunicação que lhes conferiam a oportunidade de propagar os seus pensamentos. Gomes cita alguns intelectuais dessa época (José de Alencar, Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Monteiro Lobato), os quais recorreram aos principais jornais (*Diário do Rio de Janeiro*, *Garnier*, *O Globo*) para publicarem seus romances. Afirmo que o escritor “Lima Barreto também se serviu (e como!) dos jornais, tanto como suporte material (em vários sentidos), quanto como forma de inspiração, quer para seus romances, quer para suas crônicas”. (GOMES, 2005, p. 9).

seu internamento psiquiátrico. Voltavam-se, em sua maior parte, às questões literárias, as publicações das obras, às vezes sobre as questões financeiras, além de mencionarem os nomes da rede de sociabilidade dos correspondentes. Com poucas exceções de alguns amigos, ou escritores, cuja comunicação era duradoura, as poucas vezes que falaram sobre saúde e internamente se deu de forma breve.

Os assuntos principais seguiam naturalmente, ou a ausência de convívio fazia com que não soubessem informações mais íntimas das pessoas naquele contexto, ou também é possível inferir que as cartas representavam um tipo de documento público, sendo assim, os emissores registravam aquilo que poderia vir a público, sem que se sentissem constrangidos, escondendo as informações que não desejavam compartilhar coletivamente. Havia demora e até extravios na entrega das cartas. Logo, as informações, às vezes, chegavam tardiamente, isso talvez explique a pouca ênfase sobre o estado de saúde de Lima Barreto.

As missivas mostram que mesmo com a saúde vulnerável, Lima Barreto se manteve intensamente atuante enquanto escritor questionador, conservou a comunicação com a sua rede de sociabilidade, dando continuidade aos seus projetos literário e de publicação. Manteve uma escrita consciente e crítica, o que não é comum perceber em alguém internado com os sinais atribuídos à doença mental. Embora estivesse a saúde fragilizada, as cartas mostraram que a literatura foi quem ocupou a vida de Lima Barreto até os últimos dias de sua vida.

No capítulo seguinte, discutiremos as questões relacionadas à loucura, com ênfase nas relações étnico-raciais, psiquiátricas e no processo de internação de Lima Barreto em hospitais psiquiátricos. Utilizaremos como fonte principal o *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) e *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b) de Lima Barreto.

4 LIMA BARRETO: DO HOSPÍCIO SURTIU O “CEMITÉRIO DOS VIVOS”

Quando, pela primeira vez, me recolheram ao Hospício, de fato a minha crise era profunda e exigia o meu afastamento do meio que me era habitual, para varrer do meu espírito as alucinações que o álcool e outros fatores lhe tinham trazido. (BARRETO, 2004b, p. 154).

A epígrafe de abertura deste capítulo apresenta mensagens fundamentais para a próxima discussão. Em poucas linhas, Lima Barreto se refere à uma instituição psiquiátrica, ao estado de saúde, ao afastamento social e aos sinais do alcoolismo. Embora o uso do álcool geralmente seja apresentado como uma das causas do seu internamento psiquiátrico, ele próprio reconheceu que havia outros fatores, os quais devem ser problematizados.

Neste capítulo, a análise se centra nos romances *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) e *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b). Nesse último, póstumo, é narrada a vivência de Lima Barreto no hospício. Temos como objetivo principal discutir as experiências do escritor no hospital psiquiátrico, a partir do romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b) e os registros de *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) e identificar a relação entre classe social, raça, racialização, alcoolismo e loucura com o internamento psiquiátrico. A fim de perceber como os aspectos relacionados à loucura apareceram no contexto da Primeira República e em sua vida, e de que modo foram assimilados.

Além dessa obra e diário, dialogamos com autores cujos conceitos contribuíram para o entendimento dos referidos assuntos e da vida do escritor. Foram pesquisas fundamentais na discussão sobre loucura, internação e poder psiquiátrico, questões sociais, raciais e racialização, degeneração, classes perigosas e estigmas.

Compõem o *corpus* bibliográfico desde capítulo pesquisas e autores que se complementam e dão sustentabilidade às reflexões sobre Lima Barreto e o contexto da Primeira República¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Sidney Chalhoub (1996): *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*; Nádia Maria Weber Santos: *Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1970)* (2005) e *Narrativas da loucura & Histórias de sensibilidades* (2008); Magali Gouveia Engel (2001): *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*; Roberto Machado, Ângela Loureiro, Rogério Luz e Kátia Muricy (1978): *Danação da norma: A medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*; Jurandir Freire Costa (2007): *História da Psiquiatria no Brasil*; Michel Foucault (1997): *História da Loucura na Idade Clássica*; Maria Clementina Pereira Cunha (1986): *O espelho do mundo, Juquery, a história de um asilo*; Pietra Diwan (2015): *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*; Erving Goffman: *A representação do eu na vida cotidiana* (1985); e *Estigmas: Notas sobre a identidade deteriorada* (1988); Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e George Vigarello (2020): *História das Emoções*; Francisco de Assis Barbosa (1964): *A vida de Lima Barreto*; Yonissa Wadi (2002): *Palácio para guardar doídos*; Lilian Moritz Schwarcz: *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* (1993); e *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914* (2011); Luciana Hidalgo (2008): *A loucura e a emergência da escrita*; Luiz Silva Cuti (2011): *Lima Barreto*; Denilson Botelho (2021):

Diversas pesquisas sobre Lima Barreto e sua obra foram importantes na construção desta tese, no entanto, cada estudo tem suas peculiaridades que envolvem enfoques metodológicos, teóricos e de escrita. Escrever sobre Lima Barreto é ter dupla sensação, a de que já foi dito muito, e aquela de que tem muitas questões ainda não discutidas. Foram 41 anos de vida intensa, que resultou na produção de uma vasta obra deixada pelo escritor.

A vida de Lima Barreto está relacionada a algumas discussões sobre a população brasileira no final do século XIX e início do XX, portanto, foi necessário correlacionar contexto, discursos sobre loucura e psiquiatria e as experiências do escritor. Abordagem necessária para melhor compreender a conjuntura social brasileira quando se deu os seus internamentos psiquiátricos. Embora outras questões tenham sido discutidas, pois, nas primeiras incursões de leitura no conjunto da obra do romancista, percebemos relatos sobre as condições de vida naquele período. As anotações do escritor nos levaram a entender que não foram apenas as impressões sobre os acontecimentos pessoais vividos por ele, mas também as vivências de outras pessoas e contextos históricos.

4.1 COMO LIMA CHEGOU? A PRIMEIRA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA DE LIMA EM 1914

Como Lima chegou? Essa pergunta faz uma analogia ao conto de Lima Barreto “*Como o homem chegou*”, no qual o escritor narrou os percursos de um personagem levado à prisão no carro forte, “sem lel-o até, assignavam e ia com essa assignatura um sujeito para a cadêa, onde ficava aguardando que se lembrasse de retiral-o de lá a sua mão distraída e ligeira”. (BARRETO, 1915, p. 339). Na ficção, o personagem vai à prisão, na vida não ficcional o escritor foi para o hospício, assim como está na narrativa, ele também foi levado no camburão pela polícia ao hospital psiquiátrico. Descrito no conto da seguinte forma:

Assim era; e foi sem dificuldade que atendeu ao pedido de Cunsono no que toca ao carro forte. Promptamente deu as ordens para que fosse fornecida a seu collega a masmorra ambulante, peor do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma cousa ainda de meiguice, meiguice de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, ha a inexorável antipathia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados. (BARRETO, 1915, p. 339).

A pátria que quisera ter era um mito: História, literatura e política em Lima Barreto; Diário do Hospício (2004a) e O Cemitério dos Vivos (2004b), de Lima Barreto, estes utilizados como fontes primárias, além de outras pesquisas que complementarão as discussões.

Não apenas descreveu como foi levado ao manicômio, mas mencionou como a polícia tratava as pessoas em situação similar. “A polícia da República, como toda a gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes que dela necessitam; e, sempre, quer se trate de humildes, quer de poderosos, a velha instituição cumpre religiosamente a lei”. (BARRETO, 1915, p. 333).

A vida de Lima Barreto foi registrada por ele em sua obra; os episódios que marcaram experiências boas, e nem tão boas assim, foram anotados em diários, nos contos, nas crônicas, nos romances e cartas. Esses momentos podem ser discutidos a partir do ponto de vista das emoções, uma vez que as suas vivências foram marcadas por diversos sentimentos que não devem deixar de ser registrados nesta pesquisa. Interessa discutir a questão para mostrar que em se tratando de Lima Barreto é importante entender as nuances atreladas ao pessoal, e às transformações sociais daquele contexto. A escrita de Lima Barreto é embalada por diversas emoções. Em algumas passagens de sua obra podemos percebê-las como parte de suas vivências familiares, estudantis, de escritor, de internamento, e também aquelas mais pessoais que fizeram parte de sua breve trajetória.

Para essa discussão específica, elencamos alguns tipos de sentimentos que foram vivenciados em sua trajetória pessoal e de escrita, tais como as emoções relacionadas à morte, à nostalgia, à doença, ao medo, à tristeza, à depressão, à humilhação, ao estranhamento e ao amor, experimentadas e demonstradas em *Diário Íntimo*, *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a), *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b) e nos demais escritos de Lima Barreto. Para entendermos tais sentimentos, tomamos como base alguns artigos da coletânea *História das Emoções*, do volume 1 intitulado: *Da Antiguidade às Luzes* e volume 3: *Do final do século XIX até hoje*, organizados por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e George Vigarello (2020, p. 9), que definem as emoções da seguinte forma:

As emoções pertencem à humanidade. Elas a acompanham. Elas se reconhecem, se compreendem, tão evidentes que parecem existir fora do tempo. Elas aproximam as épocas, os lugares, sugerem experiências comuns, reações aparentemente compartilhadas: a dor pela morte de um ente querido, o transtorno após algum perigo, o amargo após um revés, a alegria após algum prazer.

Os autores abrem o volume 1 da citada coletânea com reflexões que ajudam a compreender Lima Barreto. Os exemplos apresentados, conforme explicam os autores, são universais e atemporais, no entanto podem ser vivenciados em outras épocas e culturas. Lágrimas, por exemplo, são compreendidas como a expressão de um sentimento que, embora possa significar alegria, em sua maior parte remete a algum tipo de tristeza, mesmo assim em

épocas, espaços e contextos diferentes sabem identificar esse tipo de emoção, pois “o medo, a vergonha, a cólera, a alegria seguramente atravessam o tempo, e parecem compreendidos, ‘entendidos’ de uma época à outra, mas eles variam segundo os indivíduos, as culturas, as sensibilidades”. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020, p. 10).

A história das emoções mostra que a gestão dos sentimentos se dá conforme o tempo e o espaço, de tempos em tempos as pessoas são convidadas a controlarem os seus afetos, evitando desta forma, os possíveis transtornos. É necessário conter seus gestos, semblantes e inclusive o que falarão, nem sempre devem mostrar um semblante do que realmente estão sentindo.

Inserido na referida coletânea, apoiamo-nos nas discussões de Anne Carol (2020), no artigo denominado: *Decadências corporais: diante da doença e da morte*, a autora contundentemente diz que as emoções se expressam pelo corpo que emite sinais através dos gestos e das reações fisiológicas, mas questiona sobre quais emoções nasceriam em um corpo posto em situações limites. As situações limites seriam aqueles momentos em que o corpo romperia o silêncio, a neutralidade, a ordem das convivências sociais, e as ultrapassaria, pensando desta forma, em um corpo devastado pelas intempéries da vida no que diz respeito à idade, às doenças, à morte. A autora fala sobre os sentimentos diante do corpo disforme, e mostra exemplo daqueles mutilados em guerra e os acometidos por doenças genéticas, também afirma que sobre eles são projetados sentimentos de vergonha e de humilhação.

As pessoas sofrem com os olhares alheios e temem a rejeição, a repugnância, inclusive por parte da família e de pessoas próximas. Para entender a aparição e, em seguida, o afastamento dessas pessoas do convívio social, a autora apresenta o caso dos denominados “caras quebradas”¹⁰¹ na França. Embora tenha havido sobre esses corpos exposição em espaços públicos, essas pessoas tenderiam a se recolher em comunidades próprias que as protegeriam do olhar do outro. As práticas de se fecharem socialmente foram “iniciadas no hospital, onde eles estão reunidos em salas particulares e protegidos do exterior, essas comunidades se prolongam em formas de sociabilidade e em instituições que os mantêm a distância”. (CAROL, 2020, p. 396).

Também o complexo jogo de emoções sobre os corpos se dá pelas doenças sociais, principalmente quando são investidas de moral, a exemplo de algumas infecções que estavam associadas a vidas ditas desregradas, por exemplo. A autora mostra como a tuberculose, que entre os flagelos sociais não causa mais tanto impacto e não é mais carregada da moralidade do

¹⁰¹ A autora afirma que essas pessoas com as faces mutiladas eram batizadas na França de *gueules cassées*, que significa “caras quebradas”.

século XIX, afetava a elite e o povo com baixo poder aquisitivo, alternadamente esses dois grupos seriam culpados e vítimas ao mesmo tempo. Essas reflexões colaboram para pensarmos o lugar de Lima Barreto nas primeiras décadas do século XX, período em que o alcoolismo e o internamento psiquiátrico transformavam as pessoas em sujeitos estigmatizados¹⁰².

Alguns episódios chamam a atenção na escrita de Lima Barreto por apresentarem pistas sobre a tristeza que sentia. Em *Diário Íntimo*, registrou um momento angustiante quando se sentiu desamparado diante do falecimento da mãe. Com apenas seis anos, teriam o acusado de furto. A calúnia despertou nele a primeira vontade de se suicidar, como registrou em *Diário Íntimo* (1969)¹⁰³:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante. (BARRETO, 1969, p. 59).

Como é possível perceber, nesta e em outras passagens, a escrita de Lima contém emoções variadas, de tristeza, de injustiça, de desprezo, de cuidado, de medo. Diante desses sentimentos recorreremos a algumas definições sobre as emoções, e, neste momento da pesquisa, tomamos como base as discussões de Davi Le Breton (2009), em sua obra *Paixões ordinárias: antropologia das emoções*. O autor explica que as emoções não são apenas fenômenos fisiológicos ou psicológico, elas estão relacionadas a outras situações vivenciadas pelas pessoas. Neste sentido, “as emoções nascem de uma avaliação mais ou menos lúcida de um acontecimento presenciado por um ato provido de sensibilidade própria”. (LE BRETON, 2009, p. 12).

É importante tomar essa reflexão para entender as emoções de Lima Barreto ao escrever sobre o que sentia diante dos desafios impostos pela vida desde a infância. Sua escrita expressa sentimentos que devem ser entendidos a partir de duas perspectivas, das experiências do escritor e da sua própria sensibilidade. Le Breton (2009) afirma que a emoção representa as circunstâncias que ressoam nos indivíduos, ao mesmo tempo que é uma construção cultural e social, pode inclusive ser um fato pessoal atendendo ao modo próprio de cada pessoa.

¹⁰² Sobre estigma realizamos essa discussão a partir do autor Erving Goffman (1988) na obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, quando apresentamos alguns aspectos da internação de Lima Barreto no hospital psiquiátrico.

¹⁰³ Esta obra foi escrita por Lima Barreto entre 1900 e 1920, porém só foi publicada postumamente, pela primeira vez em 1953 pela editora Mérito e depois pela editora Brasiliense. Encontra-se também em domínio público.

É possível verificar as diversas passagens em que Lima Barreto apresenta outro momento de tristeza a respeito de uma situação na escola. A atitude de retornar para casa sem comunicar à instituição e nem ao pai teria aguçado a vontade de cometer suicídio pela segunda vez. Sobre isso, o escritor escreve na obra *Diário Íntimo* o seguinte:

Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze anos ou doze, quando fugi do colégio. Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. Nesse tempo, eu me acreditava inteligente e era talvez isso que me fazia ter medo de dar fim a mim mesmo. (BARRETO, 1969, p. 59).

As passagens presentes no livro (diário) são parte de uma confissão do escritor sobre suas subjetividades e a motivação ao suicídio. Os registros mostram que a vontade de se suicidar quando criança era real e parece não ter mudado com o passar dos anos. Como é possível verificar, em outras obras, sentimentos parecidos quando fala sobre a morte, embora metaforicamente. Em *Marginália* (1918), na crônica *Elogio da morte*, registra o seguinte: “gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida todos nós somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos [...] pelas nossas boas qualidades”. (BARRETO, 1918, p. 9).

As emoções marcam os registros de uma pessoa sensível. Os sentimentos familiares demonstram excesso de preocupação, que desde a morte de sua mãe passou a marcar as experiências do escritor. Suas dores e a indignação com o social, as inquietações e o sentimento de justiça ou de injustiçado, tão presentes em sua obra, demonstram sensibilidade em sua vida que se interliga entre o pessoal e o ficcional. Certas vivências em sua infância, perdas, e problemas familiares, bem como as contradições do contexto em que viveu, parecem se relacionar com a experiência de internamento na instituição psiquiátrica.

Conforme Pesavento (2008), quando a história se encontra com outras áreas do conhecimento, tais como a literatura, não deve ter uma comunicação hierarquizada, devendo ter objeto comum de estudo. As especificidades de cada área são fundamentais e colaboram para que os acontecimentos sejam analisados diferentemente a partir do *métier* de cada profissional, o historiador, por exemplo,

Vai realizar, sem dúvida, uma incursão ou vôo por outros territórios, armado talvez de novos conceitos, armazenando também novos conteúdos, de acordo com a serventia que terão para resolver as suas perguntas. Mas não terá de ser, sem dúvida, psicanalista, crítico de Arte ou da Literatura, pois seu trabalho é no campo da História (PESAVENTO, 2008, p. 109).

A literatura mostra caminhos a serem confrontados com outros documentos, à luz da história, possibilitando a compreensão sobre o passado e a dimensão da sensibilidade dos escritores, esses que são integrantes do contexto onde viveram, sentiram e escreveram. As vivências de Lima Barreto são bem compreendidas quando analisadas a partir dessas áreas do conhecimento.

Magali Gouveia Engel (2001, p. 184), em sua obra *Os delírios da razão*, afirma que até o início da década de 1920 não havia espaços próprios, na cidade do Rio de Janeiro, para os percebidos como loucos que cometiam crimes, a partir desta década começaram a construir o primeiro Manicômio Judicial do Brasil. Assim, “é possível supor que a possibilidade de os enviar às “casas para eles destinadas” referia-se, de fato, à sua reclusão na Santa Casa da Misericórdia ou nas cadeias e casas de correção”. Eventualmente algum dito louco era levado à prisão por se inserir nos crimes do art. 280, referente às ofensas da moral e dos bons costumes, bem como nos arts. 295 e 296 sobre a vadiagem e a mendicância.

Afirma Engel (2001) que, em 1830, os médicos promoveram uma campanha contra a livre circulação dessas pessoas, através do código de posturas, elaborado pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que justificavam os aspectos de limpeza das ruas e praças, e determinavam providências contra divagação dos ditos loucos e embriagados. Naquele momento, os vistos como loucos não puderam ser identificados como criminosos, foram associados ao alcoolismo. A presença deles em espaços públicos representava uma ameaça à ordem, à integridade física e moral da população. Segundo Engel:

O estado de embriaguez era, assim, aproximado ao estado de loucura, na medida em que ambos se caracterizavam pela ausência de consciência nos atos praticados. Nesse sentido, o Código Criminal de 1830 reconhecia o estado de embriaguez como circunstância atenuante na prática dos crimes nele prescritos. (ENGEL, 2001, p. 184).

Nesta perspectiva, o alcoolismo estava diretamente associado à loucura, portanto no final do século XIX e início do século XX era comum as pessoas que faziam uso de bebida alcoólica serem internadas em hospitais psiquiátricos, por serem interpretadas como ameaça à sociedade.

O alcoolismo levou muitos à internação em instituições psiquiátricas. Lima Barreto não foi diagnosticado como louco, mas como pessoa que fazia uso do álcool. Quando o escritor foi levado ao Hospital Nacional de Alienados, afastando-se do convívio social, significou, provavelmente, para a família preservá-lo de alguma ação que ele poderia cometer ou sofrer.

Ao encaminhá-lo ao manicômio, possivelmente buscavam colocá-lo em um lugar que acreditavam ser seguro para ele. No entanto, tratava-se de um espaço onde as pessoas eram vigiadas e controladas, por um conjunto de instâncias, “o controle da loucura passava a ser assegurado pela submissão à autoridade coercitiva da família, da justiça, da polícia, dos administradores, dos médicos e dos enfermeiros dos hospitais”. (ENGEL, 2001, p. 189).

Sobre o álcool, há um posicionamento de Lima Barreto, na crônica *Uma simples nota*, que é pertinente apresentá-lo, em razão de como o escritor pensava a respeito das críticas sobre aqueles que usam bebida alcoólica. Nesta crônica afirmou que o *Jornal A.B.C.* ao mesmo tempo em que noticiou sua obra, teria emitido uma informação ao seu respeito que fugia das questões literárias, “deu-se ao amável trabalho de achar uma classificação para a minha vida; e taxou-me de um ‘enranciné’ do romantismo, certamente por causa da bohemia que elle me attribue”. (BARRETO, 1956, p. 171). O escritor reagiu ao rótulo dizendo que não se incomodava que o associassem aos românticos boêmios, mas não gostaria de ser comparado a um ladrão, bajulador e nem desleal, características de pessoas que ele criticava. Também chamou a atenção para o fato de o alcoolismo fazer parte de um cotidiano de diversas sociedades há muito tempo:

E não diria nada, tanto mais que se trata de camaradas do “A. B. C.”, se não fora ter de ha muito notado que, das innumeras “idéas-feitas”, com que os jornaes são fabricados, uma delas é que a vida irregular de certos escriptores e artistas, denominada ultimamente bohemia – é uma sobrevivência do romantismo. Se os autores e propagadores de semelhante affirmativa reflectissem e consultassem um simples dictionario biographico, veriam que muito antes do romantismo havia bohemia, e das mais desregradas, ás vezes mesmo, criminosa. (BARRETO, 1956, p. 171).

Em suas palavras, o álcool fazia parte da sociedade e o seu uso não estava relacionado à vagabundagem ou à insuficiência de ideias, visto que os jornais eram organizados a partir da ligação do romantismo e do alcoolismo. Segue afirmando:

Os nossos autorisados sabedores de cousas literárias, hão de concordar que, antes do romantismo, houve bohemia artística e literária ; e que haverá depois, por motivos que a própria arte explica nas exigências que faz a certos temperamentos, caracteres e intelligencias, quando attrahidos por ellas. O que é difficil de explicar, apesar de ter existido, de existir e haver de existir, é literatos lacaios, cavadores de propinas, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos de um proxenetismo torpe, a grandes notabilidades munificentes, á custa do Estado. (BARRETO, 1956, p. 173).

As críticas de Lima são categóricas quanto à explicação sobre o uso do álcool, que continuaria existindo por motivos explicados pela própria arte, porém, seria difícil de explicar a existência de literatos cavadores de propinas e gratificações. Em suas reflexões, tanto a

literatura quanto os literatos deveriam se ocupar de outras coisas, e não da certeza de determinados assuntos, sem antes conhecerem o que de fato afirmam. Finalizou o conto com mais um posicionamento expresso da seguinte maneira: “‘A horrível mania da certeza’, de que fala Rénan, leva mais a enganos do que a duvida systematica. Quem quer acertar, deve duvidar antes, durante e depois...”. (BARRETO, 1956, p. 174).

A questão do alcoolismo ganhou diversas interpretações na obra *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*, de Pietra Diwan (2015). Essa autora afirma que os discursos sobre alcoolismo e o machismo andam de mãos dadas, por afirmarem que o consumo do álcool colocaria a família em risco, sujeitando a figura feminina à incumbência de cuidar da casa e dos filhos, sem a presença do marido. Esta suposição, conforme Diwan, não incluiria a mulher que formou a sua família sem a presença masculina.

Tais discursos reforçavam a ideia de que as questões morais e individuais estavam associadas ao álcool, desconsiderando a relação deste com as questões sociais. “O alcoolismo também foi considerado um problema relacionado à produtividade no trabalho. Visto como agente de degeneração, deveria ser normalizado e disciplinado”. (DIWAN, 2015, p. 132). Esse tipo de pensamento colaborou com as discussões sobre a regeneração da “raça”. Resolver o dito problema somente seria possível como branqueamento da sociedade.

Considerando as colocações de Pierre Henri Castel (2020), percebe-se que Lima Barreto viveu na era de ouro, do individualismo liberal, tempo de transformações que inevitavelmente mudariam o estilo de vida das pessoas e requeriam novas formas de agir. As mudanças se referiam “à urbanização, à modernização dos estilos de vida (o declínio relativo das dependências tradicionais), ao elogio da iniciativa pessoal, da autonomia e do controle de si” (CASTEL, 2020, p. 447).

Contudo, entre as maneiras de “se sentir mal” mais comum antes da Primeira Guerra Mundial, certos estados complexos de abatimento moral, de perda de confiança em si, de angústia, de cansaço (ligados muitas vezes, mas nem sempre, à noção em plena expansão de “esgotamento intelectual”), de queda da libido, e de um cortejo extravagante (para nós) de dores inexplicáveis, mas às vezes muito incapacitantes, ocupavam claramente o centro do palco. (CASTEL, 2020, p. 447).

Como mostra o autor, havia naquele contexto, antes do primeiro internamento psiquiátrico de Lima Barreto, diversas formas de passar mal, as quais davam a sensação de perda de confiança em si, de aumento da angústia, além da discriminação. O escritor provavelmente experimentou essas sensações em diversos momentos de sua vida; algumas

fotografias mostram seu semblante como se a tristeza fosse uma companheira permanente, embora já estivesse com a saúde comprometida.

Figura 8 – Foto de Lima Barreto em sua primeira internação no hospital psiquiátrico em 1914



Nome: Affonso Henriques de Lima Barreto
Idade: 33
Cor: branco
Estado civil: solteiro
Nacionalidade: brasileira
Profissão: empregado público
Entrada: 18-08-14
Diagnóstico: alcoolismo
Tratamento: purgativo, ópio

Fonte: Schwarcz (2011, p. 119).

A foto, que está na primeira página do artigo: *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio*, de Schwarcz (2011), tirada em preto e branco, remete à primeira internação do escritor no Hospício Nacional de Alienados, em 18 de agosto de 1914. No período, o romancista estava com 33 anos. Como podemos entender o que Lima Barreto estava sentido naquele momento? Seu semblante transparecia sensações de tristeza, de revolta ou desilusão? Provavelmente todas essas. Aparentemente sério, mas também tímido, uma de suas características. Para Schwarcz (2011), isto simbolizava o seu estado, nos últimos tempos, em razão dos sintomas provocados pelo álcool.

Conforme Schwarcz (2011), Lima Barreto era um interno diferente dos demais, não apenas por ser um escritor e por ter ligação com alguns jornais, mas pela sua postura diante dos olhares estabelecidos naquela instituição, desde a sua entrada, quando passou pelo diagnóstico para admissão.

Não esconde o rosto ou vira-o de lado, evitando o olhar; nem ao menos usa de qualquer subterfúgio, como tapar o rosto com as mãos, ou com outro objeto. Está lá, de corpo inteiro, diferente da imagem do dândi em começos do século ou do ativista literário, que frequentava o Café Papagaio e questionava a “panelinha literária” da Academia Brasileira de Letras, ou mesmo do escritor engajado, que atuara na acirrada campanha eleitoral para a presidência entre 1909-10. (SCHWARCZ, 2011, p. 125).

Lima Barreto parece ter se planejado para a foto, não se envergonhou daquela situação, se mostrou para o mundo e para a posteridade, bem como deixou registros valiosos. No entanto, aparece de modo como quem desejava mostrar e enfrentar os compassos e descompassos da vida.

É possível supor as emoções sentidas por ele que conhecia bem os problemas sociais e políticos da sua época, através da sua obra se apresentou como um escritor crítico. Encontrar-se internado em uma instituição psiquiátrica, condição que poucos escritores de sua época vivenciaram, deu a ele, provavelmente, a sensação de desânimo e incertezas, tanto da vida quanto ao sair aquela instituição, uma vez que sabia o que representava para os seus pares, familiares, amigos, colegas de trabalho e demais pessoas com quem se relacionava. Ele que, apesar de se demonstrar autêntico em sua forma de pensar, não queria ser visto como alguém desacreditado, como geralmente são percebidas as pessoas internadas em hospitais psiquiátricos.

4.1.1 Vergonha e autovigilância durante o internamento psiquiátrico

Naquele turbilhão de acontecimentos, Lima Barreto parecia triste e, talvez, até humilhado, principalmente por algo que não conseguiu mais evitar, ele e tantos outros passaram a ver na ingestão do álcool uma fuga para as inquietações e as tristezas vividas. Sobre humilhação, tomamos como base as abordagens de Claudine Haroche (2020) em artigo: *O sentimento de humilhação: degradar, rebaixar, destruir*, por ajudarem a entender como funcionavam as possíveis emoções de Lima Barreto nos episódios de internamento.

Para Haroche (2020, p. 466), a humilhação acontece de diversas formas, oculta, recalçada, silenciosa, por gestos, de posturas, de um olhar submisso, pela ausência de consideração por parte de quem decide humilhar o outro, “que nasça da afronta ou da indiferença, infligida deliberada ou involuntariamente, a humilhação sentida coloca em questão o orgulho, a honra, a dignidade”. Conforme a autora, a humilhação foi construída a fim de proteger as pessoas; essa construção se deu através das etiquetas, regras de protocolo, leis de guerras, estruturada para deixar de lado ou limitar e codificar a humilhação dessas pessoas. Este sentimento estaria relacionado aos costumes, e seria sentido por ambos os lados, quem praticou a ação e quem a sentiu.

Diante de algumas situações, a vergonha é detectada pelos gestos e também pelo semblante. Com pouca expressão na fotografia, é possível que Lima estivesse sentindo apenas vergonha. “Aquele que sente vergonha enrubesce, a vergonha fica estampada no rosto, ele abaixará a cabeça, calar-se-á, esconder-se-á, resignado, ou então levantará a cabeça, mostrando e coragem em relação à sanção”. (HAROCHE, 2020, p. 467). O gesto facial de quem sente esse tipo de sentimento pode aparecer de duas formas, baixar a cabeça e esconder-se, ou a erguer e

demonstrar coragem diante da punição. Na foto, Lima olhou firmemente com a cabeça levantada.

A atitude do escritor em erguer a cabeça e mirar na câmera foi embalada por um breve sentimento, uma vez que “a vergonha pode ser experimentada passageiramente ou de maneira contínua, como a consequência de condições de vida degradantes, por causa da precariedade, da vulnerabilidade, da miséria”. (HAROCHE, 2020, p. 468).

Similar à humilhação, algumas vezes a vergonha é confundida, fica impregnada internamente na pessoa. O escritor poderia esquivar-se desta emoção voltando-se para si através do silêncio, ou possivelmente da revolta, “o eu vergonhado, ferido, encontrará um refúgio onde entrever uma esperança. Quando o humilhado não tem para onde se refugiar, é o eu que é visado e pode ser destruído”. (HAROCHE, 2020, p. 468). Tanto a vergonha quanto a humilhação estão relacionadas a um momento específico na vida de uma pessoa, e para superá-las recorrem a alguns artefatos para administrar os sentimentos.

Ainda sobre vergonha, Norbert Elias (1990), em sua obra *O Processo Civilizatório, formação do estado e civilização*, diz que a vergonha é uma das características do processo civilizador, assim como a racionalização, se tornou cada vez mais percebido na composição do homem ocidental após o século XVI.

O sentimento de vergonha é uma exaltação específica, uma espécie de ansiedade que automaticamente se reproduz na pessoa em certas ocasiões, por força do hábito. Considerado superficialmente, é um medo de degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas. Mas é uma forma de desagrado ou medo que surge caracteristicamente nas ocasiões em que a pessoa que receia cair em uma situação de inferioridade não pode evitar esse perigo nem por meios físicos diretos nem por qualquer forma de ataque. (ELIAS, 1990, p. 140).

Desta forma, a vergonha provoca outro sentimento – o medo. Medo sobre o que pensarão e como reagirão. É como se fosse uma tentativa de evitar determinadas situações entendidas, por quem as vivenciam, como inferiores. Conforme o autor, a forma de expressar a vergonha é específica, nunca é apresentada com gestos que remetam à violência. Ela se manifesta em pessoas que têm receio de praticar algo que desagrade a outras a quem de alguma forma estão ligadas.

O conflito expressado no par vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente: seu próprio comportamento colocou-o em conflito com a parte de si mesmo que representa essa opinião. É um conflito dentro de sua própria personalidade. Ele mesmo se reconhece como inferior. Teme perder o amor e respeito dos demais, a quem atribui ou atribuiu valor. (ELIAS, 1990, p. 140).

Relacionando essa passagem com a reação de Lima Barreto ao chegar à instituição psiquiátrica, é possível mensurar que, provavelmente, os medos eram diversos, de estar repetindo a história do pai, de ser discriminado mais uma vez e de parar o seu projeto literário. Além do medo e da vergonha é importante frisar o processo de controle que é praticado e exercido.

De acordo com Stuart Walton (2007), o medo é um tipo de emoção que independente de gostarmos ou não, ele vai existir. O mundo está cheio de medo de diversas espécies e em todo tempo as pessoas são rodeadas de possibilidades de que sejam acometidas por algo que não gostariam. Logo, o medo cumpre o papel de anúncio de que algo ruim está prestes a acontecer. Para o referido autor, há uma complexidade na dinâmica emocional da vergonha. Ao ser pego cometendo um suposto erro moral ou jurídico e sentir sua intensidade prejudicial, quem pratica a ação se sentiria duplamente culpado, primeiramente por ser ele o dono do ato e por tentar escondê-lo.

Durante os internamentos, Lima Barreto parece ter experimentado alguns dos sentimentos mencionados, como medo, vergonha e culpa, ao mesmo tempo em que buscava manifestar certo autocontrole em relação às suas emoções.

4.2 CAMINHOS DA LOUCURA, DA PSIQUIATRIA E DO PODER

A história da loucura é cheia de perspectivas, sendo um tema instigante porque não se deve pensá-la sozinha, mas a partir de um emaranhado de questões de cunho social, cultural, político, estrutural, econômico e étnico. Para Foucault (1997, p. 110):

O fato de a loucura ter sido bruscamente investida num mundo social onde encontra agora seu lugar privilegiado e quase exclusivo de aparecimento; de lhe ter sido atribuído, quase da noite para o dia (em menos de cinquenta anos em toda a Europa), um domínio onde todos podem reconhecê-la e denunciá-la-ela que foi vista perambulando por todos os confins, habitando sub-repticiamente os lugares mais familiares; o fato de se poder, a partir daí, e em cada uma das personagens em que ela se materializa, exorcizá-la de vez através de uma medida de ordem e precaução de polícia.

Esse lugar privilegiado, citado pelo autor, está relacionado à forma como a loucura foi vista e tratada. Em muitos casos denunciada, em outros classificada, foi uma andarilha, com diferentes recepções, desde as mais familiares até o isolamento e exclusão da convivência. Nomeada de tempos em tempos por grupos que ganharam o poder de diagnosticar, curar e até punir. O referido autor frisa que “seria absurdo procurar sua causa no internamento, pois é

justamente ele, com suas estranhas modalidades, que indica essa experiência no momento de sua constituição”. (FOUCAULT, 1997, p. 110). O isolamento é, para Foucault, uma punição, não apenas dos desatinos, mas daqueles que foram considerados um perigo social.

Afirma Foucault (1997) que o século XIX foi também da vigilância e tudo deveria ser observado – instituições buscavam impor controle com sistemas de arquivo, com fichas individuais, estabelecimento do panóptico. “O panoptismo, a disciplina e a normalização caracterizam esquematicamente essa nova investida do poder sobre os corpos, efetuada no século XIX”. (FOUCAULT, 1997, p. 42).

As reflexões de Foucault (1997), em relação ao poder psiquiátrico, são importantes para entendermos as transformações da loucura, que foi interpretada diferentemente em cada sociedade e época. De acordo com o autor, “há sem dúvida, uma correlação histórica entre dois fatos: antes do século XVIII, a loucura não era sistematicamente internada; ela era essencialmente considerada como uma forma do erro ou da ilusão”. (FOUCAULT, 1997, p. 47). As pessoas que foram, com o desenvolvimento da psiquiatria, consideradas loucas, viviam junto às demais e só eram separadas quando representavam perigo. Os lugares de recuperação da saúde delas não eram os hospitais psiquiátricos, recomendavam-se os tratamentos terapêuticos, tais como a natureza, prescreviam-se viagens e repouso.

Conforme o autor, o hospital psiquiátrico do século XIX surgiu com a função do diagnóstico e da classificação, cujas doenças eram repartidas na instituição por ambientes, para cada uma havia um pátio que se configurava em um espaço de luta. Dessa forma, no campo institucional, ocorriam vitórias e submissões. Segundo Foucault (1997), o grande médico, aquele que tomou para si o domínio da transformação da loucura em doença mental, poderia tanto dizer a verdade sobre a doença, a partir do saber que detinha, quanto produzir a doença com este mesmo saber, e com isso submeter o doente ao que desejava.

Para Foucault (1997), as técnicas ou procedimentos nos hospícios do século XIX, desde o isolamento, o interrogatório privado ou público, as entrevistas de cunho moral, a disciplina, o trabalho obrigatório, tinham como objetivo maior fazer do personagem médico o “mestre da loucura”. O médico fazia aparecer a loucura através da sua verdade, mesmo quando as similitudes ainda eram silenciosas.

Lima Barreto, em *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a), quando foi internado no Hospital Nacional de Alienados, na cidade do Rio de Janeiro, mostrou como se dava a relação entre médico e internado. Assim, descreveu o encontro da personagem Mascarenhas com o médico.

Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. (BARRETO, 2004a, p.22).

Nesta passagem, com o que se percebe, Lima Barreto fez uma análise sobre o poder médico no hospital psiquiátrico. Narrou de forma similar ao que ocorreu décadas posteriores, quando o saber era utilizado para demonstrar poder. “Nossa ciência nos permite chamar de doença a tua loucura e, desde então, somos, nós médicos, qualificados para intervir e diagnosticar em ti uma loucura que te impede de ser um doente como os outros: serás, portanto, um doente mental”. (FOUCAULT, 1997, p. 56). Esse mesmo saber sofreu abalos tanto no final do século XIX, quanto no final do século XX, quando foram colocados em questão os efeitos produzidos nos internados.

Conforme Roberto Machado, Ângela Loureiro, Rogério Luz e Kátia Muricy (1978), em *Danação da norma: A medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*, o conceito de polícia médica, no século XIX, deu à medicina um estatuto político. A medicina social atuava numa perspectiva de controle e vigilância sobre a pessoa “o médico não é apenas alguém que possui uma técnica, conhece os grandes tratados teóricos, observa e, portanto, detém um saber. É uma autoridade, alguém que intervém: decide, executa, fiscaliza e pune”. (MACHADO *et al.*, 1978, p. 258). Ou seja, o médico poderia controlar a pessoa vista como doente, através de suas classificações e determinações.

4.3 NEGROS, POBRES E LOUCOS: CAMINHOS PARA O HOSPÍCIO BRASILEIRO

Maria Clementina Pereira Cunha (1986), em sua obra *O espelho do mundo, Juquery, a história de um asilo*, apresenta uma pesquisa realizada no hospital psiquiátrico do Juquery, cujo objetivo foi mostrar como se davam as relações que definiram o perfil da psiquiatria em São Paulo, nas últimas décadas do século XIX e início do XX. A autora mostra a marginalização de pessoas negras, as suas condições após a abolição da escravidão, e como a psiquiatria classificava tais pessoas no contexto da Primeira República.

Degredados demais para serem facilmente incorporados à força de trabalho industrial, resistentes às práticas senhoriais do antigo sistema, confinados aos redutos da extrema pobreza que a cidade define desde seus primeiros momentos de expansão, e vivendo em grande parte do subemprego, do biscate, quando não da contravenção. Para estes a psiquiatria reservou as designações “inferiores” da degeneração, categorias próximas da animalidade ou dos estágios mais primitivos da evolução humana. (CUNHA, 1986, p. 31).

A maioria das pessoas negras no pós-abolição não tinha instrução formal, elas viviam sem moradia, mergulhadas na extrema pobreza, sobreviviam com trabalhos sem garantias, julgadas e vivenciando as desigualdades acompanhadas de racismo.

De acordo com Maria Clementina Pereira Cunha (1990), em *Cidadelas da ordem*, nas ruas ou integradas à dinâmica da população das cidades, era construída a figura ameaçadora das pessoas tomadas por loucas, que passavam a preocupar parcelas específicas da sociedade.

Como argumenta Cunha (1990, p. 29), os alienistas da segunda metade do século XIX, tais como Morel ou Maudsley, deixaram de lado a definição da loucura como uma mudança da razão, para atribuir-lhe uma classificação “orgânica e hereditária, e para conferir ao enfrentamento da doença um caráter não apenas de cura e assistência ao “doente”, mas de profilaxia e proteção da sociedade contra seus inevitáveis “detritos”. Para a autora, a psiquiatria da degenerescência marcou o início de prática de controle social.

[...] a degeneração previa etapas crescentes de manifestação através das gerações, e devia ser barrada antes mesmo que completasse seu ciclo. A nova figura imposta por esta concepção médica era o “*demi-fou*”, indivíduo a caminho da loucura, depositário de seus germes, capazes de contaminar todo o tecido social sem que, em sua própria conduta, a “insânia” estivesse claramente configurada. (CUNHA, 1990, p. 29-30).

A autora frisa que a loucura passou a ser perseguida e os degenerados foram identificados por critérios morais e sinais físicos, eximindo o alienista de realizar uma leitura dos sintomas a partir dos usos da razão. Desta forma, afastava da loucura a percepção instantânea dos olhos dos leigos, retirando do dito louco a validade de sua própria fala, oferecendo-lhe o silêncio e a condição de “paciente”.

Lima Barreto, no romance *O Cemitério dos Vivos*, apresenta algumas questões importantes a serem discutidas; para ele a loucura se revestia de diversas formas, embora os estudiosos a tenham reduzido a algumas classificações, para os ditos leigos representava uma porção de variedades. “Uma generalização sobre o seu fundo pecaria pela base. Choques morais, deficiência de inteligência, educação, instrução, vícios, todas essas causas determinariam formas variadas e descontraídas de loucura; e, às vezes, nenhuma delas o é”. (BARRETO, 2004b, p. 190). Explica Lima que se recorria até para a hereditariedade, no entanto se esta fosse exercer seu poder, não existiria pessoas com juízo. Afirmava o escritor que a explicação da loucura pela hereditariedade poderia ser cômoda, mas era pouco lógica.

Yonissa Marmitt Wadi (2006), em artigo intitulado *Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre, RS, 1884-1923)*, afirma que desde a fundação do hospício São Pedro, em Porto Alegre, de 1888

até a década de 1920, a quantidade de homens internados era maior que a de mulheres; a partir dos últimos anos dessa década ocorreu o contrário, o número de mulheres internadas aumentou. A idade dessas pessoas internadas naquela instituição variava de 21 a 40 anos.

Foram narrados fragmentos da vida de algumas mulheres internadas neste hospício e há uma relação similar entre elas, “eram todas, além de pobres, também ‘pretas’ ou ‘pardas’. Carregavam, pois o estigma da cor, da raça ou da mistura negativa de raças”. (WADI, 2006, p. 75). Havia uma semelhança na forma de tratar as pessoas ditas loucas nas diversas instituições psiquiátricas brasileiras.

Certamente no Hospício São Pedro, como em outros hospitais psiquiátricos brasileiros naquela época, os indivíduos de cor preta – como também os de cor parda, que os médicos chamavam esta “mistura duvidosa entre o branco e o preto” –, embora constituíssem uma razoável parcela de sua população – conforme se identificou no manicômio de Porto Alegre – mereciam pouca atenção e despertavam pouco interesse científico “na medida em que portariam por nascimento “traços de degeneração”. (WADI, 2006, p.75).

Para essas pessoas, tanto o tratamento quanto o diagnóstico foram parecidos; não eram percebidas em suas singularidades, apenas como pessoa preta ou parda, que traziam as características de degeneração, não despertavam, portanto, o interesse científico¹⁰⁴.

Pietra Diwan (2015) discutiu como algumas teorias se estruturaram no Brasil do final do século XIX e início do XX. Uma dessas é do pensamento do eugenista Renato Kehl, que nos anos 1917 iniciou o discurso sobre a necessidade de uma sociedade composta por pessoas lindas, saudáveis e civilizadas. Para que houvesse progresso no país seria, portanto, necessário padronizar as pessoas, tanto nas semelhanças, quanto nas diferenças. Porque a ideia de civilizado estava ao mesmo tempo relacionada à saúde, e se as doenças se sobressaíam naquele contexto, era um sinal de preocupação e deveriam, desse modo, buscar meios para estancar a incivilidade, demonstrada através do que consideravam ser fealdade. O discurso eugênico colocou a fealdade como ponte para criar novos homens e mulheres ditos/as civilizados/as.

De acordo com Diwan (2015), as teorias eugenistas, assinaladas por Renato Kehl no Brasil, vieram através dos filhos da elite republicana que viajavam à Europa. Esse pensamento

¹⁰⁴ Daniela Arbex, em *O holocausto brasileiro* (2013), afirma que no início do século XX não havia critérios médicos para os procedimentos de internações, o que existia era a padronização dos diagnósticos. São comuns os relatos sobre a situação das pessoas que em diversos contextos foram internadas nos hospitais psiquiátricos, vistas como indesejadas, deveriam ocupar o espaço do distanciamento e do enclausuramento, realidade que fez parte dessas instituições até meados da segunda metade do século XX, quando ocorreu a reforma psiquiátrica brasileira, movimento que, segundo Paulo Amarante, em *Loucos pela vida* (1995), além de se fundamentar na avaliação conjuntural da saúde mental, direcionou críticas estruturais ao saber e às velhas instituições psiquiátricas no âmbito do contexto da redemocratização do país.

reafirmava que o país não progredia em razão da promiscuidade racial em decorrência da miscigenação, a qual representava o seu atraso. Para os “cientistas da época, “o mestiço era um degenerado. Não tinha as mesmas qualidades do branco, nem as do índio ou mesmo as do negro. Era um ser inferior”. (DIWAN, 2015, p. 89).

Difundiu-se a “ideia de que cada um é responsável por si e pela saúde da coletividade, o que se traduz nas práticas que visam identificar o indivíduo feio como sinônimo de inapto ao trabalho, anormal, monstruoso, doente, degenerado e incivilizado”. (DIWAN, 2015, p. 138). Baseada nas discussões de Foucault, sobre a categoria “anormal”, a autora frisou que o feio, associado a um monstro, foi transformado em objeto de estudo médico, que do ponto de vista mental foi rotulado como anormal. “A partir do século XIX, há uma suspeita, sistemática de monstruosidade no fundo de qualquer criminalidade. Todo criminoso traria em si um monstro, assim como para Renato Kehl todo doente seria um monstro, um anormal”. (DIWAN, 2015, p. 138-139).

Seria necessária a superação da sociedade de monstros, vista como incivilizada, pois os discursos higienistas atestavam que tais problemas estavam associados à origem genética ou hereditária. Mas, conforme a autora, configurava-se em uma política sutil de controle social, julgando e punindo aqueles que fugiam às regras de uma sociedade vista como superior.

Para Diwan (2015), nesse contexto, o Brasil, embalado no lema *Ordem e Progresso*, inspirado no positivismo de Augusto Comte, pregava uma reforma nacional, com visão laica e disciplinar. Para os médicos da primeira Faculdade de Medicina do país, a miscigenação impedia o progresso, ideia reforçada por Nina Rodrigues que, como eles, acreditava na inferioridade racial, somando-se à propagação dos discursos sanitaristas que afirmavam viver a Primeira República em um estado de ignorância, com fartura de doenças.

Conforme Sandra Caponi (2012), em *O conceito de degeneração na história da psiquiatria moderna*, para os degeneracionistas, as pessoas que ocupavam o manicômio eram consideradas incuráveis. Por esta razão, seria necessário definir e classificar os possíveis desvios de comportamento que apontavam para uma futura patologia irreversível que pudesse causar sérios danos. Nesta perspectiva, a psiquiatria criou um saber capaz de agir dentro e fora do hospício.

Richard Negreiros de Paula (2019), no artigo intitulado *O pensamento psiquiátrico na primeira república: formulações psiquiátricas sobre a criação de uma identidade nacional*, afirma que os textos psiquiátricos apontam forte predominância da ideia de inferioridade do negro e do indígena. Assim, “a mestiçagem, seria um sério fator que contribuiria para a

degenerescência da raça ‘brasileira’ se o elemento negro e indígena fosse predominante na mistura”. (PAULA, 2019, p. 7).

As intervenções no social e na família, dos considerados degenerados, poderiam detectar as patologias menores o que evitaria as “doenças mentais” graves e, conseqüentemente, os distanciariam do internamento. Nesse sentido, “a degeneração parece unificar a todos e transformar casos evidentemente distintos em assemelhados: raças mistas apresentam vários estigmas comuns e todos eles condenam à loucura”. (SCHWARCZ, 2011, p. 139). De acordo com Caponi (2012, p. 525), “O tratamento ideal era aquele que tomava como alvo a sociedade em seu conjunto. As estratégias higiênicas e eugênicas, a educação das massas ou as regras de puericultura possibilitariam a gestão das populações e a racionalização do espaço social”.

Percebemos, assim, que não eram os cuidados individuais, mas, sobre os grupos que as ações foram direcionadas, as quais serviriam para manter as estratégias higiênicas, sejam as práticas eugênicas ou mesmo a educação. Segundo Cunha (1986, p. 22), a teoria da “degenerescência” teve rápida aceitação e possibilitou à psiquiatria um potencial no controle social. Ela colocava o alienismo em outro patamar teórico e prático, ao mesmo tempo que conferiu ao asilo um ramo autônomo de especialistas. Conforme a autora, a partir da observação dos pobres e proletários parisienses foi formulada a teoria da loucura como resultante da degeneração, e apresentava-se a justificativa de que a doença era repassada em graus crescentes através das gerações.

Não será difícil de perceber o quanto essa teoria foi bem aceita no contexto da Primeira República no Brasil, principalmente por ter sido esse contexto marcado por transformações urbanas nas grandes cidades, como no Rio de Janeiro e São Paulo. Com isso é possível compreender que “o regime republicano encontrou nas teorias da degenerescência um eficaz instrumento de controle social”. (CUNHA, 1986, p. 24).

Mais uma vez, recorremos a Maria Clementina Cunha (1990), para a compreensão sobre a loucura no decorrer do século XIX, a qual assumiu um tratamento diferenciado assim que as concepções de modernidade se espalharam no Brasil. Alguns especialistas da medicina chamaram para si o domínio desta área, determinando, inclusive, novos espaços para a prática da psiquiatria. A autora discute a questão da loucura na Primeira República numa perspectiva social, mostrando determinados marcos na psiquiatria e como alguns grupos foram controlados e tornaram-se alvo das transformações. Era necessário o enfrentamento da degeneração como meio de viabilização do regime republicano “a questão social, afinal, era mais que um caso de polícia”. (CUNHA, 1990, p. 36). Desse modo, as ações para enfrentar as novas questões deveriam ser destinadas a um público específico.

Iniciativas que tinham destinatários muito precisos: os negros egressos da escravidão, objeto de temor crescente durante o século XIX; os imigrantes em busca de oportunidades e de fortuna, que não falavam a mesma língua que as elites locais; os proletários crescentemente inquietos e reivindicadores, armados de bandeiras anarquistas ou de descontentamentos cada dia mais evidentes. (CUNHA, 1990, p. 36).

O trecho acima demonstra um discurso de fiscalização dos negros, dos imigrantes, dos proletariados e de outros grupos para que ocorresse o progresso naquele contexto. Além disso, a elite agrária não queria perder o status nem o controle sobre a população.

Ainda citando Cunha, o alienismo¹⁰⁵ conseguiu reverter em apoio e aceitação de suas afirmações quando atribuiu à loucura origem hereditária, com isso conseguiu deixar as famílias com vergonha e desejosas de esconder da sociedade seus “defeitos congênitos”. Ao procederem dessa forma, as famílias tornaram-se cúmplices da medicina mental, quando permitiram o internamento dos seus parentes, atendendo a uma determinação médica. Segundo Cunha (1990, p. 38), “Cumplicidade facilitada pela transformação que o alienismo empreendia na concepção da loucura: ao transformar o desatino, o desvio ou a diferença em uma “doença” como qualquer outra, o alienismo retirava-lhe a dimensão da culpa e abria-lhe a possibilidade da “cura””.

Por outro lado, com as novas configurações urbanas, as pessoas viviam imersas no trabalho, faltavam-lhes tempo para cuidar dos seus familiares. Desta forma, eram poucas as alternativas de evitar um internamento. Não poderiam se dedicar ao “vesânico”¹⁰⁶, pela jornada extensa de trabalho de mais de 12 horas diárias. Ter um dito alienado na família era motivo de vergonha, assim como também era constrangedor vê-lo solto e submetido à truculência policial, que, muitas vezes, enviava os que consideram desordeiros aos hospícios. Esse tipo de controle e violência, contra os que não tinham emprego e os considerados desordeiros, aumentou com o advento da Primeira República no Brasil.

Essa situação nos remete a uma questão importante nesta pesquisa, sobre a família de Lima Barreto e, às vezes, que o próprio escritor, no romance *O Cemitério dos Vivos*, não atribuía à doença mental a responsável direta por seu internamento no hospício. Havia preconceito para com as pessoas que ocupavam as instituições psiquiátricas, por estarem internadas e por serem pessoas que, de alguma forma, já sofriam preconceito antes mesmo de entrarem na instituição.

De acordo com Francisco de Assis Barbosa (1964), Lima Barreto foi nomeado para ocupar o cargo público em 27 de outubro de 1903, mesmo período que foi morar com a família na rua Boa Vista; neste local seu pai viveria distante dos ouvidos que o reprimia quando gritava

¹⁰⁵ O termo surgiu no final do século XVIII e início do XIX, no território francês, como um estudo da ciência médica sobre a loucura.

¹⁰⁶ Adjetivo utilizado pela autora que, segundo o dicionário online de português, significa doido, louco, alienado.

pedindo socorro ao filho. “Os gritos reboavam morro abaixo, sacudindo a quietude suburbana. E por isso o povo da redondeza deu de chamar ‘a casa do louco’ à pequena morada no alta da Rua Boa Vista, em Todos os Santos”. (BARBOSA, 1964, p. 111). Uma denominação que, provavelmente, levou a família a sentir vergonha, num contexto em que havia preconceito com quem apresentasse hábitos diferentes dos ideais impostos pela sociedade da época, principalmente se fossem associados aos ditos loucos, mas não apenas naquele contexto, atualmente o sentimento de vergonha continua presente, embora nem todos compreendam as reações que pode provocar, porque assim como outros sentimentos, este têm suas ambivalências.

Como também não era apenas ter medo da polícia, mas vergonha de passar pelo constrangimento de ser retirado do convívio social e ser levado a uma instituição presidiária ou mesmo psiquiátrica. Barbosa (1964, p. 100) apresenta o contexto familiar onde ocorreu o adoecimento de João Henriques, momento em que ele entrou em desespero com medo da polícia:

Por entre as frases desconexas que proferia, percebia-se que o pobre homem, alucinado, estava pelo pavor de ser prêso. Era a loucura! Não deixem a polícia entrar! Não deixem! – gritava e chorava, ao mesmo tempo. Então, acenderam todas as luzes da casa. Presciliana trouxe copo d’água com açúcar, a ver se acalmava o companheiro. Mas João Henriques continuava imerso no delírio e só via pela frente o delegado e os soldados de polícia, armados até os dentes, e todos queriam levá-lo de qualquer jeito para a cadeia.

É possível retirar dessa passagem duas questões. A primeira é sobre as palavras do pai de Lima Barreto, demonstrando medo da polícia, e a segunda diz respeito à narrativa do autor, quando se refere à loucura e ao delírio, de forma afirmativa. Daniela dos Reis Crespo (2005), no artigo *O cotidiano da repressão policial no Rio de Janeiro da Belle Époque (1902-1906)*, destaca alguns pontos sobre a ação policial na cidade do Rio de Janeiro, na primeira década do século XX. O ano em que ocorreu a situação, narrada por Barbosa, com João Henriques, coincidiu com o segundo ano do mandato do prefeito do Rio de Janeiro, o engenheiro Pereira Passos que colocou em prática os planos reformistas traçados para esta cidade, contando com a ação policial. “A ‘missão’ da polícia era ser defensora da modernidade, vigiar, reprimir e controlar a massa pobre e incivilizada que deveria fazer parte do teatro da Belle Époque somente para fornecer mão-de-obra abundante e barata”. (CRESPO, 2005, p. 6).

Esse período é discutido por José Murilo Carvalho (1987), em *Os bestializados*. O autor relata o momento em que a polícia atuava em diversas instâncias, na desinfecção das ruas e residências para combater as doenças, remoção de casas e de doentes, tendo como alvo certo as

áreas mais pobres “para prevenir resistências dos moradores, as brigadas faziam-se acompanhar de soldados da polícia”. (CARVALHO, 1987, p. 94).

Quanto à narrativa de Barbosa, também é apontado para este contexto descrito por Carvalho (1987), mas com um dúbio sentido, afirmava que João Henriques estava imerso no delírio, no entanto, termina a frase mostrando que ele imaginava ver a sua frente “o delegado e os soldados de polícia, armados até os dentes” (BARBOSA, 1964, p. 100), os quais manifestavam o desejo de levá-lo à cadeia, uma prática comum no Rio de Janeiro nesse contexto. Diante dessa repressão, a população vivia assustada com o poder do estado, talvez isso justifique o medo que o pai de Lima Barreto demonstrou ter da polícia naquele dia que ficou conhecido como o do seu adoecimento mental.

Lima Barreto vivia diversas situações nos primeiros anos da década de 1910, a carreira literária não prosperava como desejava, a doença do pai, as críticas e o desânimo diante dos sinais que o alcoolismo lhe apresentava. Quando tudo parecia mais difícil que o habitual, Lima recorria à sua rede de sociabilidade e aos amigos mais próximos. Em trecho de uma carta entre Lima Barreto e o amigo Ranulfo Prata, apresentada por Barbosa (1964), o escritor é questionado: “Seu pai não tem apresentado melhora alguma? De conformidade com o que você me diz sobre ele, imagino a sua casa transformada num quarto de hospício”. (BARBOSA, 1964, p. 324). A comunicação com o amigo, que era médico, se estendeu à situação do próprio escritor, tendo Lima aceitado o convite para passar uns dias cuidando da saúde na cidade de Mirassol-SP.

4.4 CLASSES “POBRES E PERIGOSAS” NA MIRA DOS DISCURSOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Conforme Cunha (1990), para as classes populares os cuidados médicos tendiam parecer proteção, pois retiravam da paisagem urbana as pessoas que perturbavam a ordem social. Desta forma, tanto a periculosidade, com a qual foi compreendida a loucura neste período, quanto a degeneração, agravavam-se juntamente com a imagem amedrontadora do “contágio psíquico”. A psiquiatria permitiu uma classificação social hierarquizada que justificava as desigualdades e o preconceito, colaborando com as práticas disciplinadoras e de controle social direcionadas às classes populares. Tais ações se concretizavam com “a destruição dos cortiços, a perseguição a práticas da cultura popular, a higienização das cidades em suas várias modalidades, a repressão policial, o internamento”. (CUNHA, 1990, p. 40).

Já não se tratava da internação dos loucos furiosos, dos delirantes, daqueles capazes de serem identificados pelo senso comum como ameaças. Tratava-se agora da internação de todo um amplo conjunto de “degenerados” capazes de pôr em risco a ordem social, as normas higiênicas, a disciplina, a moral familiar, a cultura dos brancos das elites, o progresso da nação, a paz social, a ética do trabalho. (CUNHA, 1990, p. 45).

Como visto, o internamento nos hospícios, especificamente em São Paulo, não era apenas para os considerados furiosos, destinava-se a um grupo que poderia colocar em risco a ordem social. Ao fazerem isso, estavam, portanto, seguindo os fundamentos da teoria da degenerescência.

Sobre o perigo que alguns grupos representavam no contexto da Primeira República, utilizaremos as abordagens de Sidney Chalhoub (1996), na obra *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*, fundamental para discutir a questão de classes, classes pobres e classes perigosas. O autor inicia o texto narrando a destruição do mais famoso cortiço da cidade do Rio de Janeiro no século XIX, questiona o motivo da demolição repentinamente, sem as devidas providências para acomodar os seus moradores.

Em seu ponto de vista, o episódio foi um dos marcos iniciais da gestão das diferenças sociais nas cidades, e para exemplificar indicou que a forma de lidar com a diversidade urbana seria a partir de uma ideia de que uma cidade poderia ser gerida a partir de critérios técnicos unicamente ou científicos. O autor menciona que a demolição do cortiço mais famoso do período estava relacionada à escravidão. Expulsar os negros dos centros urbanos era também uma tentativa de os desarticular.

Com relação à definição dos conceitos de classes pobres e perigosas, e de acordo com Chalhoub (1996), a expressão “classe perigosa” surgiu na primeira metade do século XIX, e foi utilizada pela escritora inglesa Mary Carpenter. Para ela, classes perigosas eram formadas por pessoas que haviam passado pela prisão e decidiram obter o sustento próprio e da família através de furtos. Chalhoub explica de onde veio a expressão e como era utilizada para justificar que, em suas reflexões, a expressão será restrita às pessoas que escolheram uma estratégia de sobrevivência que as colocavam à margem da lei.

Para o referido autor, no Brasil, o conceito de classes perigosas foi encontrado como um eixo de debate parlamentar em maio de 1888, em que estava em pauta um projeto de lei sobre a opressão da ociosidade. Os deputados brasileiros tiveram como base a pesquisa de um francês que falhou em sua análise na França, quando tentou explicar as diferenças entre as classes pobres e as perigosas. O pesquisador francês mostrou a definição ao afirmar que as classes pobres e viciosas foram e sempre serão as perigosas, pois “mesmo quando o vício não está

relacionado ao crime o perigo aumentaria à medida que o pobre danifica a sua condição através do vício e da ociosidade”. (CHALHOUB, 1996, p. 21). Embora, nem sempre as condições que colaboraram para o desenvolvimento dos denominados vícios sejam discutidas, ou consideradas por quem classifica a condição das classes pobres, apenas sua condição de doente, ou de outras relacionadas à periculosidade são colocadas em pauta.

Nos debates parlamentares sobressaia a ideia de que o gosto pelo trabalho era a maior virtude do cidadão. Ao trabalhar, as pessoas poupavam dinheiro que se transforma em conforto, logo aquele que não conseguia economizar e vive na pobreza era, portanto, considerado um preguiçoso. Os discursos exprimiam que faltando a virtude do trabalho sobravam os vícios. Nesta perspectiva, surgiram as expressões “classes pobres e viciosas” as quais teriam o mesmo significado para os parlamentares. Segundo Chalhoub (1996), a pobreza era vista como o suficiente para tornar uma pessoa malfeitora em potencial e teve consequências para o país, por ser um dos fundamentos da atuação policial nos grandes centros urbanos, desde o início do século XX.

No mesmo período histórico em que foi adotado o conceito de “classes perigosas” no país, as pessoas negras se tornaram suspeitas, e diante da discussão sobre a repressão à ociosidade de 1888, a preocupação dos deputados era de como seria a organização do mundo do trabalho. Assim, negros se transformaram em “suspeitos preferenciais também devido àquilo que os ex-senhores e atuais patrões imaginavam ser o caráter dos indivíduos egressos do cativeiro”. (CHALHOUB, 1996, p. 24).

Os discursos dos parlamentares eram marcados pela ideia de o estado ter o dever imperioso de agir no controle dos trabalhadores, porém, ao mesmo tempo eram contraditórios ao afirmarem que os “vícios das pessoas negras” se deviam à condição de vida no cativeiro e por estes motivos não eram preparados para a vida em liberdade.

Insinua-se aqui, sem dúvida, as famigeradas teorias racistas, que se tornariam mais influentes nas décadas seguintes; e a consequência disso é que os "defeitos" dos negros podem ser pensados como insuperáveis, tornando-se eles, assim, membros potencialmente permanentes das classes perigosas. (CHALHOUB, 1996, p. 25).

As pessoas negras também estão inseridas nas classes dos pobres e estes foram vistos como perigosos. Conforme Chalhoub (1996), entrou no imaginário político do final do século XIX, o medo de uma questão vista como doença contagiosa, e como solução pensaram em reprimir os hábitos do não trabalho e cuidar da educação das crianças, para que assim não repetissem os costumes dos pais. Os médicos emitiram diagnósticos afirmando que os hábitos

de moradia dos pobres eram prejudiciais à sociedade porque as habitações coletivas eram focos de epidemias e de outros vícios.

Assim, para entender as mencionadas colocações de Chalhoub (1996), é importante trazer para esta discussão o pensamento do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), registrado na obra *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (2011). Considerando o contexto em que suas análises foram realizadas, final do século XIX e início do XX, e a forma como o médico, amparado no mecanismo científico, analisou algumas pessoas de diversos grupos étnicos.

Para Nina Rodrigues, a capacidade cultural das pessoas que compunham tais grupos estava relacionada às fases de seu desenvolvimento, um determinado tipo de “raça” apresentava incompatibilidade com o nível intelectual de outras civilizações vistas por ele como superiores.

Não só, portanto, a evolução mental pressupõe nas diversas fases do desenvolvimento de uma raça, uma capacidade cultural muito diferente, embora de perfectibilidade crescente, mas ainda afirma a impossibilidade de oprimir a intervenção do tempo nas suas adaptações e a impossibilidade, portanto, de impor-se, de momento, a um povo, uma civilização incompatível com o grau do seu desenvolvimento intelectual. (RODRIGUES, 2011, p. 2).

O médico Nina Rodrigues comparava as civilizações colocando uma em superioridade a outra e sustentando a ideia de que era necessário que os grupos, vistos por ele como inferiores, seguissem as conjecturas daqueles ditos superiores. Formulou tal pensamento quando se referiu aos povos americanos do México e do Peru. As análises do médico tendiam a colocá-los como culpados por situações provocadas por sua formação. Assim, Rodrigues (2011, p. 3) afirmou: “O que é feito hoje das civilizações bárbaras brilhantes, complexas e poderosas que, ao tempo da descoberta da América, ocupavam o México e o Peru? Dissolveram-se, desapareceram totalmente na concorrência social com a civilização europeia, muito mais polida e adiantada”.

Incisivamente o médico afirmou que os povos europeus eram superiores aos indígenas americanos, esses denominados de selvagens e incapazes de se desenvolverem se não tivessem se juntado, pela miscigenação, a outras civilizações. “A verdade é que apenas pela mestiçagem se pode ele incorporar à nossa população, incapaz como estava socialmente, de receber e adotar por si a civilização europeia importada com os colonizadores”. (RODRIGUES, 2011, p. 3). Para o médico, estudar as denominadas raças inferiores possibilitaria à ciência exemplos sobre as suas incapacidades organizacional e cerebral. Com esse argumento, ele elaborou o discurso de que não seria possível penalizar e nem julgar os inferiores e incivilizados; para ele negros e mestiços, da mesma forma que fariam com os ditos superiores e civilizados, os brancos.

O negro crioulo libertou-se dos labores embrutecedores e das misérias degradantes do seu congênera africano, adquiriu algum verniz pelo atrito com elementos étnicos superiores; melhorou, mas não deixou de pertencer à sua raça, não é adaptável às mesmas condições sociais do ariano. (RODRIGUES, 2011, p. 48-49).

Outra questão que deve ser mencionada é a classificação das etnias. “Os mestiços do negro, as diversas espécies de mulatos, são incontestavelmente muito superiores pela inteligência aos outros mestiços do país”. (RODRIGUES, 2011, p. 64). Comparava e enfatizava a suposta superioridade de um grupo com relação a outros, reforçando a ideia da soberania ariana.

Nina Rodrigues (2011) classificou os mestiços em três grupos distintos. O primeiro, foi denominado de mestiços superiores, que provinham da “raça” civilizada, por uma combinação mental feliz. Já o segundo, ele nomeou de mestiços degenerados, e devido às anomalias físicas, intelectuais e morais, seus integrantes deveriam ser compreendidos como variedades doentias da espécie, o grupo era visto como parcial, quando não totalmente irresponsável. E, por último, denominou o terceiro grupo de mestiços comuns. Os integrantes desse último embora carregassem a distinção, quando comparados às denominadas por ele de “raças” selvagens originárias, não poderiam ser equiparados às “raças” superiores, em razão da hereditariedade teriam herdado o que denominou de desequilíbrio mental.

Com essa categorização, o médico justificou em sua obra que havia homens de valiosos talentos, quase brancos, e mestiços, quase negros. Para ele, as demais manifestações biológicas ou sociológicas eram similares, porém com fundo degenerativo, relacionadas às péssimas condições de mestiçagem no país.

Assim, com relação às pessoas que cometiam crimes, o médico apresentou a forma como eram julgadas, além dos manejos com relação à idade, pois eram consideradas as medidas físicas. Relatou um caso de um garoto que cometeu assassinato quando estava entre 11 e 12 anos, mas o júri teria aumentado a sua idade para poder condená-lo. Sobre esse caso é interessante observar a descrição do menino. “Este menor, apesar de muito claro, tem caracteres inferiores muito acentuados. Um índice cefálico hyperbrachycephalo (88,13), um índice nasal muito platirrino (105), um arco parietal muito fraco, etc.”. (RODRIGUES, 2011, p. 92). O médico enfatiza que o menino em questão, apesar de muito claro, possuía alguns traços específicos, a exemplo do nariz achatado. Aspectos físicos e biológicos serviam para determinar as ações que as pessoas praticavam, dependendo da origem que pertencessem, provavelmente, as punições seriam amenizadas ou aumentadas. Uma forma de associar crimes, doenças,

alcoolismo, e outros fatores sociais que marcaram o final do século XIX e início do XX, à hereditariedade, era sobrepondo os fatores biológicos aos sociais, culturais e políticos.

4.5 PSIQUIATRIA E HOSPITAIS NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

A obra *História e Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*, de Jurandir Freire Costa (2007), discute a psiquiatria e as práticas eugênicas no contexto da Primeira República¹⁰⁷. De acordo com o autor houve uma tentativa, por meio da miscigenação racial, de codificar uma prática que se desenvolvia naturalmente e ao mesmo tempo atribuía valor ao embranquecimento da pele. Dessa forma, criou-se uma hierarquia das cores, em que o branco seria superior ao mestiço e este ao negro.

Desde o início do século XX, a psiquiatria brasileira deu importância à prevalência dos tipos de doenças e à sua distribuição étnica. “Neste período, a população negra e mestiça era muito mais atingida pelas doenças mentais de origem toxinfeciosa (sífilis, alcoolismo) que a população branca”. (COSTA, 2007, p. 117). O autor indica que os psiquiatras não argumentaram o modo de propagação dessas doenças, apenas atribuíram às pessoas negras. Não questionaram sobre o passado, sobretudo de escravidão, em que havia o aumento de algumas enfermidades. Os discursos médicos afirmavam que havia uma predisposição genética das mulheres negras em contraírem algumas doenças. “Dessa maneira, associavam a ideia de decadência moral à herança psíquica dos não brancos”. (COSTA, 2007, p. 118).

Percepção semelhante ocorreu com o alcoolismo, a maioria dos psiquiatras acreditava que estava associado à herança racial e, portanto, era mais frequente entre negros. Porém, Costa mostra que a incidência dessa prática entre os negros era menor do que as doenças atribuídas aos brancos (esquizofrenia, psicose). “De 1886 a 1902, o alcoolismo dos negros era de ordem de 6,7%, enquanto a paranoia era de 7,4%, a psicose maníaco depressiva de 9,4% e a mania de 11,4%”. (COSTA, 2007, p. 119). Conforme o tempo passou, as porcentagens aumentaram proporcionalmente, o que levou o autor a indicar que o alcoolismo cresceu à medida em que se degradava o comportamento social dos indivíduos, pressionados pelos problemas de diversas

¹⁰⁷ Conforme Costa (2007), na primeira metade do século XIX, não havia um cuidado específico com alguns grupos considerados perigosos. Quando percebidos como vagabundos, ou perturbadores da ordem pública, eram levados à prisão, caso não fossem assim associados ficavam pelas ruas ou iriam para as celas especiais dos hospitais gerais da Santa Casa de Misericórdia. “Ou então viviam segregados em solitárias ou quartos fortes nos fundos dos quintais das famílias mais abastadas” (BASTOS, 2007, p. 154).

ordens. Com base neste relato, nem a origem étnica e nem a de classe justificariam as atitudes racistas daqueles médicos.

Segundo Machado *et al.* (1978, p. 375), no Brasil, a psiquiatria foi tratada de modo peculiar, no que se refere à sua relação com a doença, especificamente a mental.

A psiquiatria não é uma disciplina teórica e uma técnica terapêutica que sempre existiram. Um saber de tipo médico sobre a loucura que a considera como doença mental e uma prática com a finalidade de curá-la por um tratamento físico-moral só se constituem em determinado momento da história. Transformação da loucura em doença, fenômeno patológico, mas doença diferente, exigindo, por conseguinte, um tipo específico de medicina para tratá-la, justamente a psiquiatria.

De acordo com os autores, a psiquiatria nem sempre existiu, foi criada por um grupo de médicos que trouxe para o seu campo de conhecimento enquanto uma ciência psiquiátrica. Apresentada como necessária e destinada à cura da loucura, transformada em doença mental, cuja intervenção só poderia ser feita por quem tivesse o conhecimento psiquiátrico. Portanto, com a criação de uma instituição com domínio nessa área do saber, foi inaugurada uma nova fase da loucura no Brasil.

É no seio da medicina social que se constitui a psiquiatria. Do processo de medicalização da sociedade, elaborado e desenvolvido pela medicina que explicitamente se denominou política, surge o projeto - característico da psiquiatria - de patologizar o comportamento do louco, só a partir de então considerado anormal e, portanto, medicalizável. (MACHADO *et al.*, 1978, p. 376).

Nesse processo, os diagnosticados como loucos não poderiam mais conviver com os demais. A medicina psiquiátrica teve sobre essas pessoas o domínio do seu destino, situação marcante, principalmente por se tratar de uma sociedade excludente e preconceituosa. Existia uma fragmentação social perceptível através dos grupos, formados pelos considerados vagabundos, mendigos, loucos, posteriormente “doentes mentais”, dentre outros excluídos socialmente. Neste contexto, “o louco faz seu aparecimento como um perigoso em potencial, e como atentado à moral pública, à caridade e a segurança. A loucura é perigo a ser evitado nas ruas da cidade. Liberdade e loucura são antônimos”. (MACHADO *et al.*, 1978, p. 377).

Para estes autores, alguns médicos consideraram loucura e liberdade como antônimos, pois, ao mesmo tempo em que viam o louco como um perigoso, acreditavam que ele teria sido injustiçado. Loucos eram vistos como perigosos e vítimas, paradoxo que nem sempre resolveria retirando a liberdade ao isolar socialmente a loucura. Porém, para o saber médico “o lugar do louco não é a rua, nem a prisão, mas o hospício. A loucura se trata, não com liberdade, nem com repressão, mas com disciplina”. (MACHADO *et al.*, 1978, p. 379). Nesta perspectiva, o

discurso médico afirmava que “era preciso separar os loucos dos demais doentes, assim como ministrar-lhes tratamento diverso, em função da natureza agora reconhecida da moléstia” (SCHWARCZ, 2011, p. 120).

A autora Magali Gouveia Engel (2001), em sua obra *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*, apontou a construção da loucura como doença mental e suas ligações com os novos mecanismos de controle social no Brasil do século XIX e início do XX e mostrou que o surgimento de instituições asilares, tais como o hospício, e o aumento da reclusão de um considerado número de pessoas, identificadas como doentes mentais, era também o resultado da reivindicação médica sobre a responsabilidade com a loucura.

Othon Bastos (2007), em um artigo intitulado *Primórdios da psiquiatria no Brasil*, apresenta o processo de criação e instalação dos hospitais. Em 1852, foi construído um asilo provisório em São Paulo, sendo o Hospício Juquery, construído em definitivo apenas em 1903. Em Recife ocorreu a transferência de um hospital para o Hospício da Visitação Santa Isabel, localizado em Olinda em 1860. No Pará, em 1873, existia o Asilo de Alienados; na Bahia ocorreu a transferência de um hospital, em 1874, para o Asilo de São João de Deus, posteriormente recebeu o nome de Juliano Moreira. Em 1884, foi construído o Hospício São Pedro, no Rio Grande do Sul, e outras províncias seguiram a tendência¹⁰⁸.

Maria Clementina Pereira Cunha (1990) apresenta o surgimento da instituição psiquiátrica ao indicar que o primeiro êxito médico foi a criação, em 1852, do Hospício Pedro II, no Rio de Janeiro, lugar para onde foram levados os ditos loucos. A autora afirma que a instituição, submetida à Casa de Misericórdia, foi a maior para esta finalidade, embora não tenha sido a única. Foram inauguradas outras menores, cujas práticas nem sempre incluíam tratar a loucura enquanto doença, representavam casas de assistência e caridade.

Segundo Cunha (1990), com as ideias alienistas de que a população precisava de disciplina, o sistema republicano abraçou a causa e passou a acreditar que o progresso social dependeria da perfeita saúde das pessoas. Dentro dessa perspectiva, a questão social se transformou em caso de polícia, uma prática comum, principalmente nas últimas décadas do século XIX, quando a sociedade brasileira enfrentou sérios problemas com relação ao analfabetismo, à falta de moradia adequada, precarização do emprego e a falta de cuidados com a saúde.

¹⁰⁸ Para verificar os demais lugares onde outros hospícios foram construídos, consultar o artigo de Bastos (2007).

De acordo com Lilia M. Schwarcz (2011), com a República teve a mudança de regime e “procedeu-se a uma alteração acelerada de nomes, títulos e emblemas. E o “Pedro II” não ficaria atrás: logo em janeiro de 1890 seria rebatizado como Hospício Nacional de Alienados e, em 1911, Hospital Nacional de Alienados” (SCHWARCZ, 2011, p. 121).

Também afirma Jurandir Freire Costa (2007), que em 1890, o Hospício do Rio de Janeiro saiu da responsabilidade da Santa Casa para a do Estado. Em 1902, no governo Rodrigues Alves, ocorreu a reformulação da assistência psiquiátrica; o médico Juliano Moreira foi indicado como novo diretor do estabelecimento, que influenciou a primeira Lei Federal de Assistência aos Alienados em 1903. De acordo com o autor, em 1912, a psiquiatria tornou-se uma especialidade médica autônoma, deste ano até 1920, e aumentou a quantidade de estabelecimentos destinados aos cuidados dos “doentes mentais”.

Yonissa Marmitt Wadi (2002), em sua obra *Palácio para Guardar Doidos: uma história pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*, aponta que ocorreu uma disputa para saber quem ficaria incumbido de cuidar das atividades que seriam realizadas no então hospital psiquiátrico de Porto Alegre. No referido estudo, a autora relatou como se deu a luta dos médicos para organização e práticas das atividades dessa instituição, médicos e outros grupos, de ordem religiosa, que requeriam para si a execução das atividades do hospital. Os médicos faziam o que fosse possível para demonstrarem sua “autoridade” e “os instrumentos de seu saber/poder; quem são seus aliados; como devem interpelar o social. Precisam se nomear, nomear seu saber, nomear o outro que deve ser atingido por esse saber”. (WADI, 2002, p. 111). Para Wadi, no século XIX, a psiquiatria entendia o hospital como espaço de dupla função, ou seja, curar a doença mental e ao mesmo tempo vigiar e reprimir as pessoas internadas.

A citada autora discute esse assunto em outro artigo intitulado *Aos loucos, os médicos: a luta pela medicalização do hospício e construção da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. (WADI, 2000). No Rio Grande do Sul, afirma que a luta para construção do hospital começou pela denúncia por parte dos médicos sobre como viviam os denominados loucos, no hospital da Santa Casa da Misericórdia. Quando se deu a construção do hospício, a medicina psiquiátrica construiu diversos significados que permitiram a incorporação deste espaço como destinado ao exercício médico, com enunciados voltados para a ciência psiquiátrica.

Corroborando com essa discussão, Maria Clementina Cunha (1990) afirma que, no século XIX na Europa, havia para a loucura uma definição clara de exclusão e cura. O aburguesamento das sociedades colaborou com a medicalização das práticas de internamento, enquanto os hospícios se firmaram como espaço médico destinado à cura. O pensamento

alienista se voltou para as questões do meio urbano, pois entendia que a cidade era um ambiente propício para ampliação dos considerados degenerados, criando meios para que se multiplicassem sem controle. Assim destaca:

A cidade esconderia multidões anônimas de degenerados em seus becos, vielas, nas casas das meretrizes, sempre solidárias com a imoralidade, nos botequins e cabarés, nas habitações coletivas e insalubres, nas multidões de pobres laboriosos cuja fronteira com os degenerados seria teórica e praticamente imperceptível. (CUNHA, 1990, p. 27).

Tanto os alienistas quanto a elite política temiam a proliferação da patologia do corpo social. Os médicos definiam a loucura como uma questão de ordem política.

Nicolau Sevcenko (1999), em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, descreve que a paisagem carioca no início do século XX passava por um processo de aburguesamento, os espaços públicos eram remodelados e europeizados, com a demolição dos antigos casarões que eram transformados em pensões baratas. Instalou-se a crise no setor de habitação com o aumento dos aluguéis, o que obrigava as classes populares a se retirarem do centro e ocuparem o subúrbio. Assim, foi realizada “simultaneamente pela imprensa uma campanha, que se prolonga por todo esse período, de ‘caça aos mendigos’, visando à eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade”. (SEVCENKO, 1999, p. 34).

O projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, tentou se livrar daqueles que não poderiam, em razão das condições financeiras, morar decentemente, colocando-os distantes dos centros. É importante frisar que tanto nas crônicas, quanto nos romances, Lima Barreto descreveu a situação da cidade do Rio de Janeiro nesse contexto. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, escreveu o seguinte:

Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Ahi, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino. (BARRETO, 1915, p. 103).

Na passagem acima, embora ficcional, é possível perceber a preocupação do romancista em registrar as contradições da cidade, as quais ele também vivenciou. Ele denominou os espaços precários, que a população ocupava, de “caixotins humanos”, em sua concepção, lugares esquecidos e onde a miséria era constante, embora houvesse naquele contexto uma pretensa imitação da capital francesa, mesmo que aos pobres fosse negado o mínimo de

dignidade. Isso nos leva a inferir que Lima Barreto ocupava o campo da ficção para denunciar os acontecimentos reais pelos quais passava a sociedade em diversas instâncias; sejam elas voltadas às questões étnico-racial, política, desigualdade social e tantas outras que continuam até os dias atuais, indicando uma escrita atemporal.

Diante do que foi exposto, nesta primeira parte deste capítulo, baseando-se nas ideias de autores que se dedicaram às discussões sobre a Primeira República, psiquiatria, loucura, e degeneração, mostramos o processo de construção dos hospitais psiquiátricos, a transformação da loucura e a forma como os denominados loucos foram tratados. Foi apresentado também que a mudança de contexto, com o advento da Lei Áurea e as transformações estruturais da Primeira República, e a pretensão de ares modernos da cidade do Rio de Janeiro, colaboraram com as desigualdades sociais e com o tratamento dispensado à loucura e aos loucos, bem como a associação das pessoas de classes pobres, como perigosas, e aos crimes como fruto da miscigenação.

Foi relatado que as contradições sociais, visíveis a partir da falta de moradia decente, da falta de educação e emprego e, conseqüentemente, com o aumento do trabalho informal, tiveram maior expressividade com o novo sistema, e isso favoreceu os preconceitos com alguns grupos que, fora do novo projeto de modernidade, passaram a ser interpretados como vagabundos, preguiçosos e perturbadores da ordem social. A compreensão das questões apresentadas até aqui foi necessária para situar as discussões que serão feitas na outra parte do capítulo, quando serão discutidas as nuances de alguns fatores que possivelmente culminaram com o internamento do escritor Lima Barreto.

4.6 LIMA BARRETO E AS CONDIÇÕES DE UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

Vivi assim cerca de uma semana, condenado ao silêncio e ao isolamento mais estúpidos que se podem imaginar, junto a uma quase imobilidade de preso na solitária. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 17).

Essa passagem é um dos relatos de Lima Barreto sobre sua experiência de internamento no Hospital Nacional de Alienado em 1914. Referindo-se a uma conversa que teve com um rapaz de mais ou menos 17 anos, quando chegou ao hospital, o qual confessou ter ido para a instituição porque cometeu um assassinato. Mostrou que aquele espaço era também de punição. Uma das primeiras impressões do escritor sobre o hospital é de que ali estavam pessoas com diversos problemas, mas recebiam quase os mesmos tratamentos e, assim como os demais, ele deveria praticar o silêncio, mesmo em isolamento social.

Foi no contexto da segunda década do século XX que o escritor vivenciou seus internamentos psiquiátricos. No artigo de Lilia Moritz Schwarcz (2011), intitulado *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio*, são apresentadas experiências dos internos na instituição psiquiátrica, dentre os quais Lima Barreto. Assim, Schwarcz (2011, p. 124) afirma: “Lima Barreto que, em seus diários, anota a ‘humilhação’ que sentiu ao perder sua identidade e se ver transformado num ‘mulato’, desses que tantas vezes manifestavam a fraqueza da loucura mestiça – a “psicose dos degenerados”. As reflexões são do primeiro internamento do escritor em 1914 no Hospital Nacional de Alienados, segundo a autora foi o mais marcante, embora não tenha sido o mais longo. Lima Barreto, escritor de uma época multifacetada, como foi a Primeira República, desde a infância experienciou momentos diversos e alguns que supõem angustiantes.

Em agosto de 1921, Lima Barreto escreveu para o *Jornal A.B.C.* uma crônica denominada: *À margem do “coivara” de Gastão Cruls*. Nela afirma: “De forma que um pobre-diabo que cai num hospital, em vez de ir para tratar-se, vai para morrer. Lembro agora um caso que se passou há tempos”. (BARRETO, 1918, p. 48).

Quando escreveu a referida crônica, Lima havia passado pelos seus dois internamentos; o primeiro em 1914 e o último entre dezembro de 1919 a fevereiro de 1920. Essa frase pode ter sido inspirada em sua experiência de internamento, uma vez que a escrita de Lima Barreto é um mostruário das questões do seu tempo. Além disso, é uma descrição sensível que pode ser usada para compreender outras realidades dos hospitais psiquiátricos, e a forma como tratavam as pessoas internadas nesses espaços.

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o escritor apresentou pontos importantes para discutir a dinâmica de um hospital psiquiátrico.

Quaresma viveu lá, no manicômio, resignadamente, conversando com os seus companheiros, onde via ricos que se diziam pobres, pobres que se queriam ricos [...]. Sabei o maior mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente. (BARRETO, 1915, p. 88).

É uma análise coerente com a realidade de um hospital psiquiátrico, não viveu a época da reforma psiquiátrica brasileira, mas já demonstrava as contradições que começaram a ser discutidas 50 anos após sua morte. A observação do narrador do livro, se referindo a Quaresma, o personagem, apresenta semelhança com o próprio Lima, provavelmente em sua primeira internação de 1914, visto que a obra foi publicada pela primeira vez em folhetins do *Jornal do Comércio* e, somente em 2015, em livro. É possível inferir que o personagem do livro representa

o seu autor, que sobre a instituição psiquiátrica sabia falar tão bem. Lima Barreto também descreveu as sensações do retorno do Hospital Nacional de Alienados.

Quaresma saíu envolvido, penetrado da tristeza do manicômio. Voltou á sua casa, mas a vista das suas cousas familiares não lhe tirou a forte impressão de que vinha impregnado. Embora nunca tivesse sido alegre, a sua physionomia apresentava mais desgosto que antes, muito abatimento moral, e foi para levantar o animo que se recolheu aquella risonha casa de roça, onde se dedicava a modestas culturas. (BARRETO, 1915, p. 88).

Nesta passagem descreveu um Lima que retornou do internamento envolvido no desânimo que representava estar naquele lugar. Embora tenha voltado à sua residência, o semblante de tristeza insistia em lhe acompanhar. Aponta também os próprios problemas familiares.

Daniela Arbex (2013), em *Holocausto Brasileiro*, realizou uma pesquisa sobre o hospital-colônia (1903 a 1980), de Barbacena, em Minas Gerais. Mostrou realidades que se assemelham com outras instituições psiquiátricas, especialmente na maneira como tratavam as pessoas que para lá eram encaminhadas. Era comum, por exemplo, os internos sentirem fome, sede, frio, mal cheiro. Destaca: “Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. [...] Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque”. (ARBEX, 2013, p. 13).

Tais realidades vieram ao debate e ao conhecimento da população na década de 1970, quando foram discutidas mudanças no modelo da saúde do país, quando colocaram em pauta a reforma psiquiátrica brasileira¹⁰⁹. Ao chegarem aos manicômios, os internados eram classificados conforme o comportamento, “tranquilos, agitados, imundos, afetados por moléstias acidentais ou crônicas”. (SCHWARCZ, 2011, p. 121). Nas palavras da autora, essas características apontavam, de alguma forma, as condições dos internos com relação à categoria social, à higiene e até à periculosidade. Embora o objetivo do “hospício” fosse a cura, não havia uma diferença nítida entre punição, que nem deveria existir, e tratamento. Os relatos sobre os hospitais psiquiátricos são de lugares de degradação humana, as pessoas que neles viviam eram esquecidas e tratadas com desprezo.

¹⁰⁹ Para entender como se deu o movimento de reforma psiquiátrica brasileira consultar o artigo dos autores: Brasil e Lacchini (2021).

4.6.1 “Sairei dessa catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa”

O título acima é de uma frase dita por Lima Barreto em *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a). Ele foi internado em um hospital psiquiátrico, pela primeira vez, em agosto de 1914, aos 33 anos. “Ele, naquela altura, era conhecido dos críticos e leitores da capital federal, foi tomado como um paciente a mais, ‘um alienado passageiro’, sujeito ao delírio transitório do álcool”. (SCHWARCZ, 2017, p. 275). Os dias que antecederam ao internamento, a família percebeu a forma como ele estava agindo diante de algumas situações. Sua residência localizava-se no subúrbio da cidade, espaço que serviu de base para as suas anotações sobre as contradições da cidade do Rio de Janeiro.

Conforme Schwarcz (2017), Lima Barreto demonstrava agressividade, começava a quebrar móveis e se revoltava com quem queria ajudá-lo. Após ter investido continuamente no álcool, teve a primeira alucinação, quando o irmão Carlindo percebeu que ele estava vendo coisas que não existiam, tipo um gato gigante abaixo da mesa, pessoas querendo entrar em sua casa, o escritor pedia para que não o deixassem, atirava objetos contra a parede.

Diante dessa situação, a família teria conversado com o médico, que atendia ao pai dele, que a orientou levá-lo para outro local. Ele foi para a casa do tio “Bernardino Pereira de Carvalho, em Guaratiba, mas a medida não surtiu o efeito esperado. Os fantasmas viajaram com ele para o interior, e o escritor dizia ter se deparado com os policiais na porta da casa”. (SCHWARCZ, 2017, p.275).

A imaginação sobre ter policiais por perto se deu tanto com Lima quanto com o seu pai, havia um medo deles com relação à repressão policial, que na época era algo comum, a sociedade vivia reprimida com a força do estado, justificando estar mantendo os preceitos morais e evitando a desordem. É importante salientar que em se tratando da população negra e periférica é uma questão atemporal. O imaginário se confundia com a realidade vivenciada e continua nos dias atuais. “Carlindo, que fazia parte dos quadros da polícia, o internou no hospício. Lima jamais perdoaria o irmão, nem esqueceria da viagem que fez de Guaratiba até a praia vermelha, misturado a delinquentes”. (SCHWARCZ, 2017, p. 275).

Como Lima, outras pessoas foram levadas pelos mesmos motivos do escritor para o hospício. O escritor fez uma reflexão nesse sentido em *O Cemitério dos Vivos*, quando mencionou os grupos que pertenciam as pessoas que compunham o hospital psiquiátrico, muitas das quais dividiram com ele este espaço.

Os loucos são de proveniências as mais diversas; originam-se, em geral, das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São pobres imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e outros mais exóticos; são negros roceiros, que levam a sua humildade, teimando em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira ensebada e uma manta sórdida; são copeiros, são cocheiros, cozinheiros, operários, trabalhadores braçais e proletários mais finos: tipógrafos, marceneiros, etc. (BARRETO, 2004b, p. 25).

Lima Barreto estava inserido em mais de um desses grupos, era um intelectual negro, pobre e também servidor público. Foi reconhecido, por diversos pesquisadores, como voz crítica e atuante. O que ele não desejava, provavelmente, era se distanciar dos acontecimentos dos novos tempos republicanos, a imagem de um boêmio era bem aceita pelo escritor, mas o que o uso do álcool poderia lhe render, não seria.

De dentro do hospício, Lima Barreto fez registros diversos. *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) é composto por anotações feitas durante o internamento, muitas das quais remetem às críticas que fazia sobre questões experienciadas antes de ser internado, a exemplo do que ele falou sobre a formação universitária. De acordo com o escritor, em países de grandes invenções e teorias ousadas, não havia o fetichismo pelo título universitário, este que no Brasil havia se transformado em título nobiliárquico¹¹⁰. Lima Barreto iniciou um curso superior, mas não terminou, embora tenha se dedicado à escrita de diversos temas e se tornado um dos críticos literários que marcou o Brasil republicano.

Em seus escritos falou sobre a angústia do internamento. “O dia a dia é de tédio e eu procuro meios de fugir deles, de voltar-me para mim mesmo e examinar-me. Não posso e sofro”. (BARRETO, 2004a, p. 73). Nesta passagem, ele demonstra que embora tenha consciência sobre o que significava aquele momento em sua vida, não teve como modificar o percurso e por não ter conseguido sofria com aquela situação, a qual lhe fazia pensar mais, certamente, sobre as contradições naquele contexto, referindo-se também ao caminho literário, que parecia ser mais fácil para alguns do que para ele.

Tenho orgulho de me ter esforçado muito para realizar o meu ideal; mas aborreço não ter sabido concomitantemente arranjar dinheiro ou posição rendosa que me fizessem respeitar. Sonhei com Spinoza, mas não tive força para realizar a vida dele, sonhei com Dostoiévsky, mas me faltou a sua névoa. (BARRETO, 2004a, p.73).

¹¹⁰ Título de nobreza, privilégio legal concedido desde a Antiguidade às pessoas que faziam parte da nobreza. Foram criados com o intuito de estabelecer uma relação de vassalagem entre o titular e o monarca, sendo alguns deles hereditários.

A crítica coloca em evidência que a posição social das pessoas indicava o nível de respeito. Lima Barreto vivenciou o preconceito racial, teve a sua escrita criticada, algumas vezes rejeitada e outras ignoradas por pessoas do mesmo universo literário que ele.

Sobre a experiência de internamento disse que lhe faltava liberdade, embora fosse bem tratado não seria como estar em casa de posse de seus livros, no entanto, não importaria viver no hospício ou em sua residência “tanto faz, lá ou aqui...Sairei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa”. (BARRETO, 2004a, p. 73). O hospício era comparado, assim como denominou no romance *O Cemitério dos Vivos*, a um lugar usado para deixar o corpo de uma pessoa que morreu, onde ficaria sepultada, na maioria das vezes, para sempre. Enquanto a sua casa é comparada a um local onde os mortos são velados, ambos eram vistos como tristes.

Os dois lugares, dessa passagem, remetem à tristeza, indica que independentemente de onde estivesse, a angústia era algo que o acompanhava. Ela não se restringia ao espaço do internamento, era provocada, possivelmente, por fatores que antecederam à internação. Lima Barreto (2004a, p. 74) observava as pessoas que viviam no hospício há muito tempo, sem família e sem objetivos. Sobre o recinto da instituição, afirmou:

Aceito todos os fins mas não permita Deus que o tenha um destes. Enche-me de angústia quando este quadro se desenha a meus olhos; atribuindo a mim mesmo a culpa do que me sucede, ao mesmo tempo culpo F., culpo Z., culpo X. e toda a humanidade, a sociedade em que vivo, mas não quero.

Ao mesmo tempo em que temia viver de forma esquecida, igual àquelas pessoas no hospício, aquela situação o fazia pensar que a culpa não estava apenas nelas, assim como também não estava nele, mas na sociedade devido a forma como estava estruturada. O escritor, provavelmente, sabia que havia uma culpabilização sobre as pessoas negras e pobres, algo que se acentuou quando se estabeleceu a Primeira República.

Como não poderia fazer nada para mudar a sua realidade de hospício e das pessoas que lá viviam, desejou não ter a capacidade de compreensão sobre o que passavam. Neste momento, escreveu o seguinte: “Contudo, eu queria viver isolado, fora dessa paixão pela literatura, pelo estudo. Creio que ela me faz mal e lastimo não ter outra forma de talento em que minha inteligência pudesse trabalhar”. (BARRETO, 2004a, p. 74).

Dentro ou fora da instituição psiquiátrica, as pessoas afrodescendentes eram vistas como intelectualmente inferiores, os ditos vícios, de qual ordem fossem, eram associados à degeneração. Conforme Schwarcz (2017), o escritor temia que ocorresse com ele o que as

teorias da degeneração afirmavam. Sua história pessoal parecia repetir o que as teorias raciais da época e os prognósticos mais negativos e deterministas apontavam: não se escapava da raça de origem e dos seus estigmas. Afinal, segundo as teorias da degeneração, indivíduos miscigenados carregariam:

[...] “vícios” das duas raças que as formavam. Estabelecia-se uma correlação clara entre raça e doença mental, e se a loucura não tinha uma única raça, negros e mestiços estavam mais predispostos a ela, na medida em que entendidos como intelectualmente inferiores. (SCHWARCZ, 2011, p. 121).

A autora fez uma análise das fichas dos hospitalizados do mesmo período em que Lima esteve internado pela primeira vez em 1914, e percebeu que havia uma divisão de cores. Entre brancos, pardos e negros, a maioria classificada como branca, verificou ainda que as fotos das fichas não estavam condizentes com as características das pessoas, “uma vez que a pele, os traços, os cabelos revelam que a maioria dos casos incide sobre uma população escura e pobre”. (SCHWARCZ, 2011, p. 123).

Pelo relato da autora, embora os ditos alienados fossem, em sua maioria, negros, eram muitas vezes definidos como pardos ou alcoolizados, alguns classificados como brancos, embora não fossem. Quanto à profissão, as mulheres eram “domésticas” e os homens “trabalhadores”, especificamente estivadores, mecânicos, tipógrafos. Localizaram-se dois empregados públicos, um deles era Lima Barreto. Ela percebeu também a variedade de doenças, colocadas nos prontuários, justificando a internação,

Ou seja, se o “diagnóstico” continha certa variação-alcoolismo, epilepsia, psicose periódica, paralisia geral, delírio episódico, demência senil, debilidade mental, esclerose cerebral, sífilis cerebral ou simplesmente psicose dos degenerados, isso quando os termos não vinham seguidos por um ponto de interrogação- já o tratamento era bastante recorrente, resumindo-se à prescrição de purgatório, ópio ou tônicos calmantes. (SCHWARCZ, 2011, p. 123).

Todas essas doenças, inclusive as indefinidas, pareciam ser resolvidas com poucas prescrições, ou seja, independentemente da especificidade de cada pessoa, os medicamentos tenderiam ser os mesmos. Nesses espaços, a segregação dos grupos se dava conforme as condições econômicas, mas, os considerados na mesma situação, além de serem medicados, perdiam a identidade.

No hospital psiquiátrico, as pessoas figuravam diversas situações, além do alcoolismo e alienação, algumas apresentavam mania de grandeza, entre outras características tais como falantes, calados, agressivos perigosos, calmos, prestativos e os tuberculosos “e toda uma gama

de doentes enlaçados pela loucura e pelas concepções largas de degeneração e hereditariedade”. (SCHWARCZ, 2011, p. 140).

Tomar parte desse grupo era como viver “o espetáculo da loucura”, comungar do “desatino dos loucos”, ou reconhecer que no hospital “tudo é negro”, por conta da “pigmentação negra de uma grande parte dos doentes... Negro é a cor mais cortante, mais impressionante...”. (SCHWARCZ, 2011, p. 142).

Naquele contexto havia uma relação forte em associar loucura com as questões hereditárias. “Era esse o receio dele diante da loucura do pai, e foi provavelmente esse o temor que sentiu ao acordar no hospital, já sóbrio e mais atento a situação”. (SCHWARCZ, 2017, p. 275). Também é importante frisar as contradições da cidade do pós-abolição.

Nas primeiras décadas do século XX a cidade do Rio de Janeiro, vivia um momento de transformação, Lima Barreto registrava as mudanças em sua escrita fez uma crônica intitulada *O prefeito e o povo*. Nela, apresentou algumas de suas críticas sobre a administração da cidade ao afirmar o seguinte:

Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro, e, até, nela nasci mas, apesar disso não sinto quase a ação administrativa de Sua Excelência. [...] Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a europeia e a outra, a indígena [...]. Todo dia, pela manhã, quando vou andar o meu passeio filosófico e higiênico, pelos arredores da minha casa suburbana, tropeço nos caldeirões da localidade de minha residência. (BARRETO, 1921 *apud* RESENDE, 2004, 294).

Aqui o romancista criticava a administração do prefeito, quando disse que a reforma das ruas não era para o povo pobre, mas para os mais abastados. Afirmou que a grandiosidade do país estava em cultivar a terra, ele seria moderno se todos tivessem acesso ao que apenas as classes ricas possuíam, questões pouco debatidas naquele contexto. Em *Marginália*, na crônica: *Vestidos Modernos*, há registros de suas observações sobre as ruas cariocas. “Há dias, saindo de meu subúrbio, vim à Avenida e à rua do Ouvidor e pus-me a olhar os trajes das damas”. (BARRETO, 1918, p. 30). Sobre as pessoas e suas vestimentas, foram registrados comentários de um observador do movimento, das cores, dos cheiros e das pessoas.

Se pudéssemos voltar àquele contexto, das primeiras décadas do século XX, certamente encontraríamos um Lima Barreto conhecedor da cidade e um questionador dos seus acontecimentos cotidianos. Foi chamado por Beatriz Resende de *o cronista do Rio*, cidade que gostava e tecia críticas sobre as suas contradições, principalmente no pós-abolição, “cidade que Lima Barreto percorria diariamente, “passando das vinte e quatro horas do dia mais de quatorze na rua, conversando com pessoas de todas as classes”. (RESENDE, 1989, p. 90-91). A autora

mostra que o escritor não apenas escrevia sobre a cidade onde morava, ele conhecia suas realidades e com estas se preocupava, porque também se sentia afetado.

Denilson Botelho (2021) nos apresenta um Lima Barreto conhecedor e apaixonado pela cidade onde nasceu. Nas colocações do autor, o escritor deveria inclusive se gabar por conhecer como poucos a cidade onde vivia. “Por vezes saía do subúrbio de Todos os Santos, onde morava, tomava o trem até a Estação D. Pedro II, no centro, e dali embarcava num bonde rumo à zona sul, cruzando assim o Rio de Janeiro de um extremo a outro”. (BOTELHO, 2021, p. 29).

Como se percebe, seus passeios se davam de diversas formas, de transporte público, às vezes caminhando, ora observando o movimento das ruas, outrora para se fazer presente nelas, “quando adentrava os lugares de diversão, suas caminhadas eram interrompidas para uma ou algumas doses de Parati¹¹¹, tomadas nos bares ou numa vendinha suburbana qualquer”. (BOTELHO, 2021, p. 29). Diferentemente de Beatriz Resende (2016), que sustenta a ideia de que o centro era o ponto de observação de Lima, Botelho afirma que o subúrbio foi o seu espaço privilegiado e o que mais conheceu.

Em 1902, quando veio com a família da Ilha do Governador, morou na rua Vinte e Quatro de Maio, no bairro do Engenho Novo. Em 1903, a família mudou-se para o bairro Todos os Santos, a princípio para a rua Boa Vista, até 1913. A partir deste ano, a família fez a última mudança para a rua Major Mascarenhas, no mesmo bairro, onde se localizava a residência que chamava por ele de vila Quilombo que, segundo o próprio Lima Barreto, significava “acantonamento de negros fugidos”, fazendo referência a um lugar esquecido, onde as pessoas viviam entregues à própria sorte, sem assistência das políticas públicas necessárias. Também colocava em evidência as contradições relacionadas à cidade onde vivia. “Como tinha passado um mês enfiado na minha modesta residência, que para enfezar Copacabana denominei ‘Vila Quilombo’”. (BARRETO, 1918, p. 18).

Para Botelho (2021), o escritor dividia a vida entre o centro, onde trabalhava, e o subúrbio, onde morava. Era um suburbano funcionário público que tentava amenizar a frustração de não poder viver dedicado ao que mais gostava de fazer, escrever, enquanto se entregava cada vez mais à bebida, um dos motivos dos seus internamentos psiquiátricos.

A partir do adoecimento do pai, por volta de 1902, Lima Barreto teve que tomar algumas decisões em sua vida, como membro mais velho, foi quem cuidou da família. Apesar de João Henriques estar entre eles, nada resolvia. Lima Barreto sentia-se cada vez mais amargurado, com as responsabilidades que a vida adulta exigia, tanto da parte do trabalho, quanto da

¹¹¹ Parati é uma cachaça do período colonial, tipicamente brasileira, produzida na cidade de Paraty/RJ. Era exportada para Europa.

literatura, que requeria esforço intelectual, principalmente no que se refere à disposição, ao rigor e à honestidade do que apresenta para o leitor.

Lima Barreto que, além de lidar com a morte da mãe, os cuidados com o pai e as responsabilidades da manutenção da família, como fuga, recorria cada vez mais à vida boêmia, o que o levaria ao alcoolismo e ao internamento psiquiátrico. Embora tenha sofrido os impactos daquele contexto, ele se diferenciou dos demais escritores com realidades similares quanto à origem social. Segundo Botelho (2021), foram esses períodos que colaboraram para nascer em Lima uma revolta contra o Estado, por ter se intrometido em sua vida e ao ser encaminhado para o hospício pela polícia.

Nádia Maria Weber Santos (2008), em *Narrativas da loucura & Histórias de sensibilidades*, diz que Lima Barreto usou pedaços da realidade vivenciada para criar imagens simbólicas, mas, com noções inegáveis de uma vida real. Desta forma,

A ficção mostra aquilo que é vivido no imaginário de quem escreve e, ao mesmo tempo, aquilo que pode ser contado aos outros. O recurso ficcional, no caso literário, através de sua linguagem simbólica, funciona como um “documento de sensibilidade”, que pode representar um certo passado – aquele dos “homens que foram vencidos pelos fatos”. (SANTOS, 2008, p. 131).

Embora sua literatura seja vista como ficção, isso não quer dizer que os seus registros não tenham sido baseados em vivências reais. Lima Barreto era sensível às causas sociais, algumas por vivenciá-las, outras por se incomodar com as contradições e as decisões arbitrárias de alguns grupos que determinavam os rumos da sociedade naquele contexto de pós-abolição. Sobre isso se manifesta da seguinte maneira:

[...] sou levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para os seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para contemplação e análise de todos os sentimentos. As formas das cousas que as cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e dão-me vontade de reproduzi-los no papel e descreve-lhe a sua alma e particularidade. (BARRETO, 2004a, p. 74-75).

A sociedade era posta em análise constantemente pelo escritor, se interessava por diversos temas que estavam associados às realidades dele e de outros. Escrever parecia ser uma forma de amenizar suas inquietações. Fábio Jose da Silva (2008), em *O dândi e o boêmio: João do Rio e Lima Barreto no mundo literário da Primeira República*, apresenta outra forma de pensar Lima Barreto. O autor diz ser necessário desvencilhar a literatura feita por Lima com o sofrimento pessoal dele, uma vez que os percalços vivenciados não foram responsáveis por sua capacidade literária.

Concordamos em parte com este ponto de vista, haja vista que a forma de escrever uma literatura crítica, como fez Lima Barreto, não se relaciona unicamente com o seu sofrimento, mas se liga à sensibilidade do escritor em enxergar as contradições daquela sociedade. Também é preciso pensar o quanto a trajetória familiar e a origem social, bem como a questão racial, influenciaram em sua percepção sobre os diferentes aspectos que o conjunto de sua obra permite pensar. Enquanto bom observador das contradições sociais, Lima trouxe para o campo ficcional parte de suas vivências em diversos campos, fez uma literatura baseada numa leitura sensível e profunda da sociedade onde viveu e foi reconhecido, ainda em vida, como um escritor crítico.

Em relação ao romance *O Cemitério dos Vivos*, Nádia Maria Weber Santos (2005) afirma que a obra foi escrita com base nas informações do *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a), logo após a saída de Lima da segunda internação. Inicialmente foi publicado apenas um capítulo do citado romance, intitulado *As origens*, em 1951 na *Revista Souza Cruz*. Esteve internado pela primeira vez de 18 de agosto a 13 de outubro de 1914, sendo a experiência registrada no conto que recebeu o seguinte título: *Como o homem chegou*. Sobre a segunda internação, em 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920, Lima Barreto escreveu o *Diário do Hospício*, e postumamente foi editado *O Cemitério dos Vivos*. Material importante para entender a sua experiência e de outros que viveram em outros tempos e espaços experiências similares.

O biógrafo Francisco de Assis Barbosa afirmou que o escritor gostava de desaparecer da vista dos amigos de farra para ir beber. E estar sempre rodeado de pessoas parecia ser uma característica do romancista.

Em torno do escritor, formava-se quase sempre uma roda de conhecidos, gente simples, que ia conversar com ele simplesmente pelo prazer de conversar ou pedir-lhe conselhos” [...]. Todos o estimavam. Tratavam-no com simpatia e respeito. E a prova disso está no grande número de pessoas que o procuravam para ser padrinho dos filhos. [...] poeta-boêmio, cambaleante e sujo, pelas ruas, quando não o encontraram estendido à beira das calçadas, na última degradação da bebida. (BARBOSA, 1964, p. 261).

Foi respeitado pelas pessoas simples do seu bairro. As vivências de Lima Barreto eram colocadas em sua obra, mostrando que a ficção era uma extensão das realidades vividas por ele, como mostra uma passagem de seu romance *Clara dos Anjos*:

O povo sabia vagamente que êle tinha celebridade. Chamava-o – o poeta. No começo caçoava com êle, mas ao saber de sua reputação, deram em cercá-lo de uma piedosa curiosidade.
– Um homem dêsse acabar assim- que castigo! Dizia um.

– É “coisa” feita! Foi inveja da “inteligência” dele! dizia uma preta velha. Gente da nossa “cô” não pode ‘tê inteligência’! Chega logo os “marvado” e lá vai reza e “fetiço”, “pa perde” o homem, rematava a preta velha. (BARRETO, 1948, p. 90).

Nesta mesma perspectiva é apresentado outro relato, este de um colega de Lima, chamado Nóbrega da Cunha, que aponta os lugares preferidos do romancista. Um deles era um barzinho, localizado na antiga rua Sachet, entre as ruas Sete de Setembro e do Ouvidor, no mesmo prédio onde o amigo de Lima, Francisco Schettino, tinha uma livraria.

Tratava-se de um boêmio andarilho. Nas rodas intelectuais que frequentava, certamente era o único ou um dos poucos que morava no subúrbio. Isso conferia-lhe uma visão de mundo singular, advinda da convivência com os moradores daquelas partes da cidade, quais sejam, operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, funcionários públicos e aquela gente que sobrevive de prestar serviços ocasionais ou de biscates. (BOTELHO, 2021, p. 33).

Lima Barreto fazia de suas andanças uma forma de conhecer de perto as contradições da cidade onde vivia, sendo também uma maneira de buscar inspiração para a escrita. Ele gostava de apreciar de perto aquilo que escrevia em seus romances e contos, trazendo para as tramas ficcionais as pessoas com quem se relacionava.

Botelho (2021) afirma que o escritor tinha uma relação complexa e ambígua com a população pobre e suburbana do Rio de Janeiro, embora afirmasse ser homem do povo, defendia para si uma condição de vida material e financeira diferente. Às vezes, não gostava da forma como os vizinhos exploravam o seu lado intelectual, por vezes se irritava, mas não recusava as solicitações, “embora compartilhe com eles as modestas condições de vida, não suporta o assédio das crianças a lhe pedirem livros, dos marmanjos que querem cartas para as namoradas, das moçoilas ansiosas por alguns versos e dos poetas incipientes”. (BOTELHO, 2021, p. 34).

Importante entender que Lima Barreto teve acesso a uma boa educação, diferentemente das pessoas de seu bairro, que provavelmente não foram alfabetizadas, ou não da mesma forma como ele foi. Portanto, recorriam ao escritor para se comunicarem com outras pessoas e para serem aconselhadas, neste caso os poetas iniciantes. Talvez, desejasse uma condição de vida diferente, o que não significa que se sentia superior aos demais, mas, querer para si uma realidade que lhe foi negada.

O escritor parecia conhecer bem os moradores de sua rua “nas minhas vizinhanças, como velho morador do lugar, eu conheço todo mundo e todo mundo me conhece” (BARRETO, 1920 *apud* CORRÊA, 2016, p. 373). Ele era um observador das mudanças que ocorriam na cidade e em seu bairro, trazendo as pessoas e os problemas desses espaços para sua obra.

4.7 “QUE DIZER DA LOUCURA?”: ESTÁ NO “CEMITÉRIO DOS VIVOS”

A primeira parte da frase foi escrita por Lima Barreto (2004a), em *Diário do Hospício*, analisado juntamente com o romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), registros centrais no tema abordado nesta tese, por representarem uma espécie de fotografia, deixada por Lima Barreto, de uma instituição destinada aos ditos loucos e de uma experiência narrada por quem vivenciou as dinâmicas daquele espaço. Em resposta à pergunta acima, o escritor disse o seguinte:

Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raça de loucos; há loucos só. (BARRETO, 2004a, p. 43).

São reflexões sobre um estado que não tem como generalizar, não deveriam tratar todos da mesma forma, como faziam as instituições psiquiátricas, desconsiderando as especificidades individuais.

De acordo com Luciana Hidalgo (2008), ao trazer para o diário informações minuciosas sobre o cotidiano do hospital psiquiátrico, criticando o poder do manicômio, o autor de *O Cemitério dos Vivos* estava deixando um valioso legado sobre a história psiquiátrica brasileira. Esse material se insere na “literatura da urgência-esta que se formula como uma escrita detonada pela emergência da autoexpressão, de um *eu* extraviado no limite vida-morte, empenhado em lidar literariamente com a situação emergencial”. (HIDALGO, 2008, p. 227).

Embora Lima Barreto não fizesse parte da elite econômica daquele contexto, estava inserido no grupo da elite intelectual. Sentir-se excluído não era algo a ser abraçado com facilidade, estar em um hospital psiquiátrico não é a mesma coisa de estar em uma livraria ou um boteco. Esses que eram espaços comuns frequentados por escritores do mesmo contexto dele.

Os loucos assumiram o lugar dos leprosos na exclusão social, exatamente quando a lepra começou a sumir do universo medieval e do seu imaginário. Na mesma margem destinada aos loucos, enfileiraram-se, nos séculos subsequentes, portadores de doenças venéreas, pobres, vagabundos e presidiários – hordas de *mortos-vivos*, cidadãos incapazes de gerir a própria sobrevivência. (HIDALGO, 2008, p. 227-228).

Como mostra a citação, as pessoas que compunham a instituição psiquiátrica eram estigmatizadas, principalmente por não estarem em um lugar qualquer, mas em um local

pensado para acolher aqueles que eram entendidos como perturbadores do sossego alheio. Construído com finalidades específicas, não somente para doenças de diversas ordens, causadas muitas vezes por problemas da própria condição de vida daquela sociedade desigual, escravista e preconceituosa. O escritor passou por este crivo,

[...] ao ser internado nas primeiras duas décadas do século XX, sob o diagnóstico de alcoolismo, Lima Barreto recebeu essa penosa herança, estilhaçada em rótulos. Afinal, o escritor era o ponto de interseção dos clichês do hospício: pobre, mulato, bêbado, a-social. (HIDALGO, 2008, p. 228).

Embora tenha sido internado em um hospital psiquiátrico, Lima Barreto não foi classificado como louco, seu diagnóstico foi alcoolismo. “*Diário do Hospício* possuiu multifunções para Lima Barreto, entre as quais a de *escrita de si* inserida no exercício do *cuidado de si*”. (HIDALGO, 2008, p. 228, grifos da autora). Ele fez deste diário, escrito em um ambiente não tão comum, uma autoanálise, escrevendo também sobre seus colegas de internamento e a realidade interna de uma instituição psiquiátrica. “De *escritor* passou a *paciente*; de *jornalista* a *alcoólatra*. Apesar da perda do *status* de intelectual, manteve a escrita como *exercício*, como reação ao processo de institucionalização do sujeito”. (HIDALGO, 2008, p. 228, grifos da autora). A perda que se refere à autora pode ser ressignificada, naquele enclausuramento, Lima Barreto foi destituído, provisoriamente, de quase todos os seus atributos, mas, continuou um intelectual produtivo, questionador, fazendo uma literatura versátil.

A autora afirma que a escrita do *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) teve várias funções, mas, tem uma que é salutar inserir nesta discussão. Lima Barreto queria compreender o motivo de sua internação e a sua condição de vida diante do poder e da hierarquia do manicômio, e em meio ao cenário da loucura, o *eu* estaria em todas as descrições, ao mesmo tempo em que escrevia, questionava aspectos sobre a loucura.

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. (BARRETO, 2004a, p. 43).

A citação, cuja primeira frase faz jus ao subtítulo, inicia com uma interrogação do escritor, muito pertinente com relação à loucura. A loucura não está em apenas um grupo, é possível que esteja em todas as partes, e não há uma raça de loucos. Como também reconheceu que não era apenas o uso do álcool o responsável para sua internação psiquiátrica. “Essa questão

do álcool, que me atinge, pois bebi muito e, como toda gente, tenho que atribuir as minhas crises de loucura a ele, embora sabendo que ele não é o fator principal”. (BARRETO, 2004a, p. 44-45). O próprio escritor reconhece que o alcoolismo não foi o responsável por seu internamento, outras questões estavam relacionadas, provavelmente, às sociais, às raciais, não apenas com ele, mas se estendia para a maioria da população naquele contexto pós-abolição e início da Primeira República.

Conforme Hidalgo (2008), Lima Barreto passava por um processo de estranhamento num espaço que foi muito familiar, em sua infância e adolescência, pois durante 11 anos seu pai trabalhou administrando as Colônias de Alienados da Ilha do Governador, e a família habitava a área do hospício. Neste período, Lima frequentava o manicômio na condição de filho do administrador, ao retornar do colégio. A habitação nesse espaço foi interrompida quando o pai adoeceu e a família foi morar em Engenho Novo.

De acordo com Francisco de Assis Barbosa (1964), a vida de Lima Barreto mudou após o adoecimento do pai, deu aulas particulares aos alunos que se preparavam para ingressar nos colégios Pedro II e Militar. Assim afirma o referido autor:

Antes da doença do paterna, o seu tempo era dividido entre as bibliotecas e as conversas de café. Convivia com artistas, escritores, jornalistas, numa agradável disponibilidade. Agora não. Fizera-se funcionário público. Era chefe de uma família numerosa. (BARBOSA, 1964, p. 131).

Diferentemente do pai, que não voltou mais para a vida social, Lima Barreto foi internado e retornou às suas atividades de escritor. Um dos médicos do hospital o descreveu da seguinte forma: “É um indivíduo precocemente envelhecido, de olhar amortecido, faces de bebedor, regularmente nutrido”. (BARBOSA, 1964, p. 282).

As observações do médico¹¹² servem para compreender como Lima Barreto foi recebido no hospital, parece ter ocorrido entre o alienista e o interno um diálogo e, de certa forma, um interesse por parte do examinador que anotou as palavras ditas pelo escritor. “Perfeitamente orientado no tempo, lugar e meio confessa desde logo cedo fazer uso, em larga escala, de parati; compreende ser um vício muito prejudicial, porém, apesar de enormes esforços, não consegue deixar a bebida”. (BARBOSA, 1964, p. 282).

¹¹² Essas observações foram apresentadas por Francisco de Assis e estão em sua obra: *A vida de Lima Barreto* (1964) na parte intitulada: *Cemitério dos Vivos* (p. 281-293), as páginas das observações são 282 e 283. Barbosa colocou em nota que as informações foram retiradas no Livro de Observações n. 64, da Seção Pínel do Hospital Pedro II, p. 144 e seguintes, assinadas pelo Dr. José Carneiro Airosa. Como são informações importantes, do ponto de vista da compreensão de como o escritor estava antes de chegar ao hospício e de como foi percebido pelos que naquele momento detinham o poder/saber, foi optado por transcrever algumas passagens na íntegra, pois interessa para nós nesta discussão. Para mais informações consultar a obra nas páginas indicadas.

Mesmo diante do estado que o uso do álcool lhe provocava, reconhecia o quanto a bebida era prejudicial, isto o incomodava, sabia o quanto era difícil fugir daquela situação, o hospital talvez fosse um refúgio, pois sairia de lá temporariamente “curado”.

4.8 DA SEGUNDA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA DE LIMA BARRETO EM 1919

Na última internação psiquiátrica, Lima Barreto foi conduzido ao hospital pela polícia com a orientação do irmão que julgou necessária. Ao chegar na instituição recebeu em seu prontuário anotações importantes do médico, que diziam: “Indivíduo de cultura intelectual, diz-se escritor, tendo já quatro romances, e é atual colaborador da *Careta*”. (BARBOSA, 1964, p. 283). O médico escreveu informações repassadas por Lima Barreto: “Mãe falecida tuberculosa. Pai vivo, aposentado no serviço da administração das Colônias de Assistência a Alienados; há 18 anos não sai de casa, prêso de psicastenia ou lipemania, como informa o examinado”. (BARBOSA, 1964, p. 283).

Na primeira internação, o escritor teria negado algumas dessas informações, só as afirmando posteriormente. Como destaca Schwarcz (2011), a entrevista foi feita dias depois da entrada no hospital psiquiátrico, em 22 de agosto de 1914, quando estaria mais distante dos efeitos do uso do álcool. Respondeu sobre os dados da família, dizendo que a mãe havia morrido de tuberculose, o pai era saudável e os irmãos eram fortes. “Só depois relatou que seu ‘pai sofre neurastenia’. O conceito teria sido introduzido por Beard, em 1867, e se referia a um ‘estado de exaustão nervosa’, tendo como sintomas ‘fraqueza física e mental e um nervosismo generalizado’”. (SCHWARCZ, 2011, p. 132).

A princípio omitiu a doença do pai, talvez porque sabia do peso das teorias de hereditariedade e temia sofrer estigma por conta disso. A tuberculose era vista como um sinal da degeneração. Sobre as respostas pessoais, “acusa insônias com alucinações visuais e auditivas. Estado geral bom e boa memória. Já teve sarampo e catapora, blenorragia, que ainda sofre e cancos venéreos”. (SCHWARCZ, 2011, p. 132). Conforme a autora, embora o escritor tivesse insônias e alucinações, e fossem as reações advindas em razão do consumo de bebida alcoólica, ele não queria associá-las a qualquer herança biológica do pai ou da mãe.

Comentava-se que o escritor era visto vagando pelas ruas do Rio, embriagado, com a roupa cada vez mais puída – um único terno azul e um chapéu cada vez mais amassado – e atuando de maneira agressiva quando não inconveniente. Já era mesmo “imoderado” o seu uso do álcool. (SCHWARCZ, 2011, p. 133).

O uso do álcool se tornou cada vez mais frequente, e Lima Barreto parecia não mais se importar com o que pensavam sobre ele, não se preocupando com a própria aparência. Mas, passados esses episódios, que antecederiam o seu internamento, o Lima crítico e orientado se apresentava novamente. O escritor “deve ter, porém, se destacado da média dos pacientes internos, já que o escrevente redigiu que ele estava “bem orientado no tempo e meio””. (SCHWARCZ, 2011, p. 133).

Dadas as condições de vida da maioria da população, naquele contexto, não é estranho que o uso do álcool fosse comum. Mas, para além do alcoolismo, outras questões devem ser consideradas, como as desigualdades sociais, o preconceito, a falta de emprego, os problemas familiares, todas essas preocupações que inquietavam o romancista.

Diferentemente da primeira internação (1914), na última (1919), Lima Barreto tentou ficar anônimo, e inclusive foi percebido como uma pessoa de outra cor. Na ficha, o funcionário do hospício o colocou como pardo, e não mais como branco, como anteriormente.

O que só indica como no país a determinação da cor é sujeita a muitas variações e condicionantes. Lima pode ter alterado a sua definição, ou a definição foi externa e, nesse caso, o escrevente anotou uma coloração mais escura; indefinida, como são os pardos: quase coringas da classificação. (SCHWARCZ, 2011, p. 142).

Nesta perspectiva, a autora faz algumas colocações importantes para pensar Lima e os demais internos naquela instituição, dizendo que a depender da posição social da pessoa, ela poderia embranquecer ou escurecer. Quando da segunda internação, o escrevente não se limitou às informações ditas por Lima, buscou outras, fez não somente referência à parte negativa da hereditariedade, mas à uma das características quistas por ele o reconheceu como escritor.

O observador goza nos meios literários da reputação de um escritor talentoso e forte, cheio de mordacidade. Aliás, alguns de seus trabalhos evidenciam esses méritos de escritor. Parece que nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes. (SCHWARCZ, 2011, p. 143).

As percepções sobre Lima no hospital eram diversas, algumas o deixavam em estado de alegria, por reconhecerem-lhe como um escritor, mesmo que não dessem o devido valor que o intelectual merecia, mas, também emitiam informações que, pela carga de preconceito, ele desejaria esconder. “De internação em internação o escritor luta entre afirmar sua identidade combatida de intelectual, de um lado, e o estigma da loucura, de outro”. (SCHWARCZ, 2011, p. 143).

Há um episódio que ocorreu durante a internação que merece destaque. Conforme Schwarcz (2011), ele concedeu uma entrevista, ainda dentro do hospital, para o jornal *A Folha*, no dia 31 de janeiro de 1920. Nas informações parece que o escritor não queria que soubessem detalhes sobre o motivo do seu internamento, “disse que evitou ser reconhecido, como escritor, pois queria evitar ‘o pistolão’. Além disso: queria “passar desapercibido, para observar melhor”. Difícil dizer quem observava a quem nessa situação”. (SCHWARCZ, 2011, p. 145). Não apenas nesta entrevista, mas nas cartas evitava falar sobre esses momentos e poucas vezes mencionou os problemas de saúde. Ou ele não queria se vitimizar e seguir adiante com o seu projeto literário, ou escolheu descentralizar o internamento de sua vida naquele momento, ou as duas suposições.

Mesmo que sentisse orgulhoso de ser escritor, e por esta condição pudesse ter alguma vantagem, preferia que não o reconhecessem assim, pois não queria ser favorecido. Lima era crítico a determinadas formas de favorecimentos. Desejava passar a impressão de que sua estadia naquele hospital se devia à uma experiência de observação sobre a instituição, o que foi também, embora não tenha sido essa a razão de sua internação. O escritor deu um sentido próprio a sua passagem pelo hospício, e ao mesmo tempo fez dele um lugar para suas críticas, como mostrou em *O Cemitério dos Vivos*.

Lima Barreto deixou entender que o motivo de estar hospitalizado, seria outro e não para o tratamento do alcoolismo, embora reconhecesse que o contato com o álcool lhe faria mal. “O médico me ofereceu alta, mas não aceitei já porque só quero sair depois do carnaval. Demais, eu penso que o tal delírio me possa voltar, com o uso da bebida. Ah! Meu Deus! Que alternativa!”. (BARRETO, 2004a, p. 106).

4.9 “HOVE QUEM PERGUNTASSE: BEBEMOS PORQUE JÁ SOMOS LOUCOS OU FICAMOS LOUCOS PORQUE BEBEMOS?”

A frase de abertura deste tópico é uma interrogação atual e instigante, quando se refere às pesquisas sobre pessoas que viveram a experiência de um internamento psiquiátrico em decorrência do alcoolismo. Mas precisa ser problematizada para compreender as nuances sobre outras questões que estão relacionadas ao consumo do álcool. Foi escrita por Lima Barreto (2004a), em *Diário do Hospício*, durante a sua segunda internação em 1919. É uma reflexão que perpassa tempo e espaço, para a qual há alguns apontamentos que podem ser discutidos, como feito anteriormente neste capítulo. As explicações sobre a relação álcool e loucura são diversas, alguns atribuem à condição social, à cor e etnia, e também ao gênero.

Algumas pesquisas mostram que o internamento em hospitais psiquiátricos de pessoas com diagnósticos relacionados ao uso do álcool é comum, independentemente da etnia ou do espaço geográfico. Zelinda Rosa Scotti (2013), na tese intitulada: *Que loucura é essa? Loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925)*, analisou os prontuários do Hospício São Pedro, em Porto Alegre, sobre internação de italianos e descendentes entre 1900 e 1925. A pesquisadora mostrou que, naquela realidade específica de Porto Alegre, a maioria dos internos desta instituição era branca. Entre os anos de 1901 e 1909 o número de pessoas brancas internadas era maior que o de pessoas pretas e pardas, isso se deve, certamente, à própria composição populacional do estado, em sua maioria descendente de europeus.

Dadas as características da instituição e o recorte temporal da pesquisa, é possível inferir que a realidade do Hospício de Porto Alegre é provavelmente similar à de outros hospitais psiquiátricos do Brasil em relação ao diagnóstico por alcoolismo, como o Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, contexto em que Lima Barreto foi internado.

Raul Max Lucas da Costa (2008), em artigo intitulado: *Alcoolismo, discurso científico e escrita de si no Diário do Hospício de Lima Barreto*, mostra um panorama da compreensão médica sobre o alcoolismo e suas repercussões. Conforme Costa (2008), no mesmo ano em que Lima Barreto faleceu, foi publicada uma tese de um estudante de medicina com o título: *A Influência do Typo Social na Alienação Mental*. O estudo teve como base os registros sobre as pessoas internadas no Hospital Nacional de Alienados e outras instituições do Rio de Janeiro naquele contexto. O resultado da pesquisa mostrou que diante dos vários perfis teve destaque o de “psychose alcoolica”, e que a maioria dessas pessoas era homens pobres, não alfabetizados, negros, com idade entre 30 e 40 anos, que desenvolviam trabalhos diversos, geralmente eram pesados.

Concordamos com a ideia de Costa (2008) quando afirma que a presença de um escritor como Lima Barreto, em uma instituição destinada às pessoas ditas loucas, contrastava com as perspectivas psiquiátricas. No entanto, inferimos que não contrastava com a perspectiva social da época, e nem com o público que geralmente ocupava tais espaços, dadas as desigualdades sociais e raciais nas quais estavam submetidos e também as teorias que orientavam os saberes no período.

Não queremos dizer que Lima foi um intelectual diferenciado em seu tempo por ter vivenciado a experiência do internamento psiquiátrico, mas se tornou diferente de muitos, que por esta instituição passaram, e de tantos outros escritores de sua época que travavam outras lutas, inclusive com doenças, pela sua capacidade de análise sobre as contradições e a forma

como a sociedade estava estruturada. Não apenas percebia as contradições na política, mas em diversas instâncias, inclusive sobre como ele próprio se situava naquele contexto. A passagem de Lima pelo hospício é apenas um recorte de sua vida. Ele não foi diferente dos demais escritores do seu contexto porque era pobre, negro e ter se dedicado à escrita de uma literatura crítica, que colocava em evidência as contradições sociais e políticas do seu tempo, mas pela sua capacidade de interpretar tais realidades e de criticá-las e de seu modo enfrentá-las. Em se tratando de um tempo contraditório e de injustificadas perseguições sobre aqueles que percebiam tais contradições, isto deve ser evidenciado e posto como ponto que o tornava um escritor para além do seu tempo.

O que torna Lima Barreto diferente dos demais é a junção dessas experiências e a forma como ele registrou e reelaborou. Lima Barreto era um escritor sensível às contradições sociais, o que não deve ser confundido com heroísmo e nem com coitadismo, mas deve ser percebido enquanto um sujeito que conviveu com suas ambivalências e coerências. O conjunto de sua obra não se baseou apenas nas leituras realizadas, diga-se de passagem, foi um leitor dedicado, inclusive de escritores internacionais. E nem somente na relação com uma rede de intelectuais, uns mais influentes, outros menos. Mas deve ser compreendida a partir de suas peculiaridades, as nuances de sua trajetória, ao contexto histórico e como tudo isso foi assimilado. A partir daí podemos inferir que há similitudes e diferenças nas trajetórias das pessoas que tiveram realidades parecidas.

Marco Antônio Arantes (2020), em artigo intitulado *Alcoolismo e movimento anarquista no Rio de Janeiro no início do século XX*, apresenta a forma como o alcoolismo foi tratado nas primeiras décadas do século XX. Mostrando que o uso do álcool era visto como prejudicial aos trabalhadores, e os anarquistas atribuíam aos capitalistas a investida dos operários à ingestão de bebidas alcoólicas em razão do estado de miséria com que eram submetidos.

Médicos, advogados e psiquiatras ampliaram o interesse pelo tema nos anos de 1910, com publicações no país e fora dele. De acordo com o autor, a partir de 1920, a Liga Brasileira de Higiene Mental, combinando sanitarismo, higiene mental e eugenia, realizou uma campanha nacional contra o alcoolismo, e juntou-se a tais preocupações o discurso da psiquiatria. Frisa o autor que os anarquistas tratavam a questão do alcoolismo como uma questão político e social, enquanto, os médicos e juristas abordavam a partir da relação entre alcoolismo, loucura, “transtornos mentais” e criminalidade. “Era necessário enquadrar alguns segmentos da população como perigosos, e para isso, a psiquiatria e a medicina tiveram um papel fundamental”. (ARANTES, 2020, p. 33).

Os discursos científicos sobre a saúde e os vícios dos operários, nos últimos anos da década de 1920, voltaram-se para uma perspectiva da ordem social e do processo produtivo, eles diziam que era preciso combater o uso do álcool para evitar rebeliões e indisciplina no ambiente de trabalho. Juntaram-se a visão médico moralista e a visão moralista burguesa para condenar aqueles que eram alcançados pelo alcoolismo, mas apenas os pobres entravam nesta lista, “bebidas alcoólicas eram consumidas por todas as classes sociais, mas somente os operários pobres e os negros eram estigmatizados por consumi-las”. (ARANTES, 2020, p. 33). O autor apresenta reflexões de Bertucci (1992), pertinentes a esta discussão, nas quais se refere à pessoa que faz uso do álcool como “uma vítima social” e o “vício” seria uma fuga da realidade.

Sobre esta questão, Alessandra Lima da Silva (2021), em dissertação intitulada: *O alcoolismo no Hospício Nacional de alienados (1852-1903): uma análise dos discursos e das práticas médicas através dos prontuários*, relatou que havia a predominância do internamento de homens com relação às mulheres em decorrência do alcoolismo, entre 1890 e 1903 no Hospital Nacional de Alienados, do Rio de Janeiro, sendo 297 homens e 145 mulheres. Embora as mulheres que usavam álcool fossem mal vistas e se tornavam uma ameaça ao dito futuro da nação, era sobre os homens que recaía o estigma de vagabundos quando não conseguiam se dedicar ao trabalho por conta do alcoolismo.

O hospício era procurado como espaço de cura, cujo objetivo final era o retorno do trabalhador à vida produtiva. Juntava-se a isso as teorias raciais e de degeneração em que correlacionavam as questões raciais, loucura e alcoolismo. O trabalho era visto como o pilar de sustação social.

O labor era visto como a antítese do indivíduo considerado como “viciado”, “vagabundo” e “alienado”, não é por acaso que o alcoolismo era visto pela comunidade médica como um vício degenerador que tira o cidadão de sua função social e o torna incapaz de continuar vivendo em sociedade. (SILVA, 2021, p. 115).

Se as pessoas viviam naquele contexto com pouco emprego, trabalho precário e condições sociais desiguais, era comum discursos afirmando que eram indisciplinados, desconsiderando a real situação em que viviam. A elite para quem trabalhavam, grupo economicamente favorável, queria cada vez mais homens fortes e saudáveis; ao mesmo tempo em que condenaria tais hábitos. Situação em que a medicina sugeria correção, logo, o hospício foi visto como um espaço não apenas para curar, mas também para disciplinar. Havia confiança nesses discursos, acreditavam que o hospital psiquiátrico seria capaz de devolver a saúde dos trabalhadores. “O discurso contra o alcoolismo, ganhou força no final do século XIX, fazia

parte de um movimento maior contra os hábitos que iriam contra a moral e os bons costumes burgueses”. (SILVA, 2021, p. 116). Os trabalhadores pobres dos espaços urbanos, sobretudo da então capital do país, compunham a maior parte das pessoas que ocupavam os hospitais psiquiátricos.

A cidade do Rio de Janeiro vivia um momento de turbulência social, em razão da pós-abolição e das reformas no setor habitacional, no trabalho e consideravelmente na saúde, pela presença das ideias higienistas. Essas foram rebatidas por Lima Barreto em uma crônica intitulada *Os tais higienistas*, na qual escreve o seguinte:

O Senhor Chagas é o mais alto representante da presunção médica. Não vê que é preciso dinheiro para se ter uma boa alimentação, vestuário e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene; entretanto, por isto ou por aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na maior miséria, luta com as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos de vida senão precariamente, mesmo assim custando-lhe os olhos da cara. Sua Excelência antes de expedir regulamentos minuciosos sobre tantos atos da nossa vida doméstica, devia ter o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências. (BARRETO, 1920 *apud* CORRÊA, 2016, p. 1121).

Esta crônica foi escrita dias antes do seu último internamento, em 4 de dezembro de 1919; ele foi internado em 25 deste mesmo mês e ano. Questionava as autoridades médicas (Carlos Chagas)¹¹³ e mostrava que o problema da população era a falta de dinheiro, para isto deveria ter trabalho compatível, sem o qual não seria possível ter uma alimentação adequada, nem vestuário e domicílio dignos. O escritor fazia um apelo às autoridades para que tivessem um olhar mais sensível à condição social das pessoas pobres, pedindo que antes de emitirem decretos, deveriam proporcionar meios possíveis para a população a fim de que fosse cumprido o que exigiam.

4.10 “ESTOU COM VINTE E SETE ANOS, SEM DINHEIRO, SEM FAMÍLIA, CARREGADO DE DIFICULDADES E RESPONSABILIDADES”: O INÍCIO DO CAMINHO DE LIMA AO HOSPÍCIO?

Abrimos este subcapítulo com mais uma frase escrita por Lima Barreto em *Diário Íntimo* (1969), no dia 16 de julho de 1908. A escolha por essa passagem se deu por considerarmos um momento que foi divisor de águas na trajetória do escritor, bem como por se

¹¹³ Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas, conhecido como Carlos Chagas, nasceu na cidade do Rio de Janeiro (1879-1934) foi um médico sanitarista,

relacionar com o recorte temporal desta pesquisa (1908-1922). Foi um ano que marcou dois acontecimentos importantes no projeto literário de Lima Barreto.

O primeiro se refere ao fechamento da revista *Floreal*, onde, conforme Botelho (2005), Lima Barreto era diretor e mentor intelectual, a qual elevou a esperança do escritor em ser ouvido, embora por poucos. Escritores como Antônio Noronha Santos (amigo próximo), Domingos Ribeiro Filho e Mário Tibúrcio Gomes Carneiro estavam com ele na empreitada. O segundo foi a publicação do seu primeiro romance, *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1909), que após o fechamento da *Floreal*, este livro simbolizou o marco da carreira literária de Lima Barreto. O escritor começava a busca incessante por espaços que pudessem publicar seus romances, conseguiu poucas publicações em vida. No Brasil, a editora grandiosa naquele contexto era a *Casa Garnier*, mas segundo Barbosa (1964), publicavam nela apenas os autores consagrados, os novos apenas mediante pistolões. O amigo da *Floreal*, Pereira Barreto, se ofereceu para escrever uma carta de apresentação ao editor português.

Lima Barreto não buscava um padrinho e não aceitava pistolão, queria apenas uma carta de apresentação a Antônio Maria Teixeira, o editor português. E em 1909 fez de Antonio Noronha Santos, que viajava para a Europa e passaria por Lisboa, o seu portador, levando a carta e os originais do livro. (BOTELHO, 2005, p. 168).

Noronha atendeu ao apelo do amigo e levou a missiva e os originais do livro a Portugal. Relata Botelho que neste momento Lima estava com outros romances prontos, *Clara dos Anjos*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, mas optou por enviar *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, porque este romance atendia ao desejo do escritor em escandalizar e desagradar, e de trazer verdades sobre a imprensa local e o racismo, usando a sinceridade na pena.

Conforme Botelho (2005), Noronha comunicou, através de carta, que o livro seria publicado pelo editor, embora ele não tenha se disposto a pagar o autor. Sem comunicar previamente a Lima, autorizou o envio do livro à tipografia e em breve o amigo receberia as cópias no Brasil¹¹⁴. Em 1909 saiu na Europa a primeira publicação do livro, chegou ao Brasil os primeiros exemplares, editado pela livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia.

Lima Barreto parecia viver a apreensão da não publicação do que escrevia, agravando-se a tensão com o fechamento da *Floreal*. Insatisfeito com a vida de escritor, manifesta o seu

¹¹⁴ Passaram-se meses para que o editor contactasse Lima; nesse intervalo João do Rio passou por Lisboa. Noronha escreveu para Lima e informou que o editor perguntou se João do Rio conhecia Lima e ele teria respondido que não. Era João do Rio um dos personagens chamado de Raul Gusmão, criticados por Lima no romance *Isaias Caminha*, tanto a crítica de Lima quanto a negação de João do Rio provavam-se a rivalidade que havia entre os dois escritores que se conheciam desde 1905. A resposta de João do Rio aumentou mais ainda a ansiedade do escritor pela demora da resposta do editor sobre a publicação do seu primeiro livro. Informações obtidas na pesquisa em discussão de Botelho (2005).

descontentamento em seu *Diário Íntimo* da seguinte maneira: “Vai me faltando a energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o Álcool me dá prazer e me tenta... Oh! meu Deus! Onde irei parar?”. (BARRETO, 1969, p. 60). Além de se sentir sozinho, acreditava que os amigos estavam abandonando-o.

Abate-me também não ter amigos e ir perdendo os poucos que tinha. Santos está se afastando; Ribeiro e J. Luís também. Eram os melhores. Carneiro (o Otávio), o egoísta e frio Otávio, [...]. Eu esperava isso tudo; mas não pensei que fosse tão cedo. (BARRETO, 1969, p. 60).

A passagem do fim da *Floreal* tem dois pensamentos que merecem destaque, o de Botelho e o do seu biógrafo Barbosa. Eles ajudam a compreender um dos motivos que provavelmente colaboraram para o alcoolismo de Lima Barreto, resultando nas futuras internações. “Aí está refletido o estado de espírito de Lima Barreto, logo após o insucesso da *Floreal*, nos primeiros meses de 1908. É a fase em que chega ao máximo a sua depressão”. (BARBOSA, 1964, p. 155). Mas, questiona-se o seguinte, com base em qual diagnóstico o biógrafo se referiu à depressão? Não sabemos, e certamente nem ele sabia. No entanto, é importante a informação de que o fim da *Floreal* deixou Lima Barreto abalado. “Independentemente da repercussão que teria o livro, a sua publicação marca o início de uma nova etapa na sua trajetória de vida, particularmente ao que diz respeito à sua inserção na imprensa da época”. (BOTELHO, 2005, p. 170).

Assim, o fechamento da *Revista* e a publicação do romance significaram mudanças tanto no projeto literário de Lima quanto em sua vida pessoal. O livro não impactou como gostaria Lima Barreto. Na época foi julgado como sendo um desabafo, fruto da experiência pessoal, mais tarde foi reconhecido como um dos melhores romances escrito por ele, que além de denunciar o racismo, mostrava como o poder influenciava a vida das pessoas. Porém, mais tarde, foi reconhecido como um dos melhores livros do escritor. De acordo com Barbosa (1964), o livro alcançou o que Lima desejava, e pode ser entendido como a obra do escândalo, o que não quer dizer que foi bem aceita naquele contexto.

Era apenas mais uma etapa de advertência que o escritor passaria; essa repulsa e crítica à sua obra, feita de forma proposital, deve-se também à falta de visibilidade ao que o livro representava. Lima queria ser notado, e de propósito, certamente, não teve os cuidados que os cânones literários exigiam, logo, as críticas não eram apenas sobre ele, mas porque não perceberam a mensagem que o escritor quis passar ao escrever o romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminhas*. Não apenas este, outros livros receberam críticas sobre a gramática,

os personagens e a forma como o escritor desenvolvia as suas histórias. As críticas colocaram a escrita de Lima Barreto em silêncio naquele contexto, o que não puderam fazer na posteridade quando a sua obra foi publicada e teve a sua grandeza reconhecida.

Possivelmente ocorreu o que José Veríssimo afirmou em carta¹¹⁵, encaminhada a Lima, dizendo que era um livro com imperfeições de composição de linguagem e de estilo. Lima Barreto trouxe pontos importantes para pensar o papel do crítico literário ao narrar a experiência de um jovem pobre que, assim, como ele, desafiava a sociedade de sua época e continua desafiando mais de um século depois. Era consciente de como agiam os meios de publicação dos livros. No romance em questão escreveu o seguinte: “Aos olhos dos homens da imprensa, publicar um livro é uma ousadia sem limites, uma temeridade e uma pretensão inqualificáveis e dignas de castigo”. (BARRETO, 1917, p. 188).

Nesse contexto é importante verificar o que apresentou Felipe Botelho Corrêa (2016), em *Sátira e outras subversões*, sobre Lima Barreto no começo de sua carreira literária. Conforme Corrêa (2016), nas primeiras décadas do século XX teve o início da circulação de imagens fotográficas; eram novidades os cartões postais; as revistas populares ilustradas, eram encantadoras e a periodicidade constante fazia de sua circulação algo diferente, se comparada a dos jornais diários.

Muitos leitores colecionavam as revistas, recortavam as imagens e enfeitavam as paredes de suas residências, isto ocorreu em nível internacional e no Brasil: “quando tinha 23 anos e sua carreira como escritor apenas ensaiava florescer, ele anotava em *Diário Íntimo* a sua admiração não só por periódicos literários e livros, mas também por revistas de ilustrações”. (CORRÊA, 2016, p. 18). Neste período ele já escrevia para alguns jornais do Rio de Janeiro, mas sem muita notoriedade.

A ilustração não é de todo uma novidade, mas representava a comercialização de produtos e a atração de um número maior de leitores. No Brasil tiveram destaque as revistas *Fon -Fon* (1907-1958) e a *Careta* (1908-1960). O autor afirma que esse tipo de revista marcou consideravelmente o projeto literário de Lima, dando-lhe a possibilidade de transmitir suas ideias nacional e internacionalmente, e a partir de 1921 circulou em países como a Argentina. Parte de sua obra e dos textos curtos foram publicados em revistas, depois editados em livros e a maioria publicado postumamente.

Em 1907, depois do convite de Mário Pederneiras (1867-1915), poeta e editor da revista *Fon-Fon*, Lima Barreto fez sua primeira colaboração na revista de grande e de regular

¹¹⁵ A carta na íntegra encontra-se na obra de Francisco de Assis Barbosa (1964, p. 173), discutida ao longo desta tese.

circulação. O escritor enfrentou a empreitada, escrevendo sob pseudônimos como Amil, Pingente, S. Holmes, Phileas Fogg, Eran e Mié. Mas, foi na revista *Careta* que publicou posteriormente em dois periódicos, 1915 e entre 1919 e 1922. As características editoriais, segundo Corrêa (2016), dessas revistas não favoreciam aos novos escritores, por terem seus textos divulgados com os pseudônimos, comum na época. O que levou Lima Barreto a desejar publicar sem se esconder, portanto, liderou em 1907 a edição da revista *Floreal*, com a edição de apenas quatro números, objetivava expandir seus textos maiores, a exemplo de *Recordações do escrívão Isaias Caminha* (BARRETO, 1917).

A partir de 1919, a literatura ficou mais presente, a vida cotidiana e outras questões, como *feminismo* e *futebol*, passaram a ser mais abordadas, e criticadas pelo escritor. “Nesse caso, Lima Barreto se coloca não como um observador de sua experiência nos subúrbios do Rio de Janeiro, mas como leitor atento aos jornais”. (CORRÊA, 2016, p. 35).

Durante o período de internamentos psiquiátricos, Lima Barreto ocupava papel importante na grande imprensa, era comentarista satírico, diminuiu as passagens pelo centro, porque passava os dias em seu bairro escrevendo para diversas revistas. Quando o escritor esteve internado no Hospital Nacional de Alienados não deixou de escrever para a *Careta*. “Desde o momento em que entrou, no final de dezembro de 1919, até o momento em que saiu, após o Carnaval de 1920, seus textos continuam sendo publicados regularmente”. (CORRÊA, 2016, p.35). A partir desse contexto, a *Careta* começou a publicar textos do autor Jonathan, pseudônimo mais usado por Lima na revista¹¹⁶.

Uma das razões que Corrêa atribui à prática de os escritores escreverem assinando por pseudônimos devia-se à repressão da Primeira República, assim, resguardavam não necessariamente as pessoas que escreviam, mas, o status da revista de humor, que embora tivesse licença para atacar, em sua crítica, sem represália, na prática não era assim que ocorria. A licença satírica não foi respeitada, por exemplo, quando em 1914, na situação de estado de sítio, decretaram o fechamento da *Careta* e prisão aos proprietários e colaboradores.

As revistas populares, ainda que impusessem algumas limitações por seu caráter comercial, davam a ele não só o retorno financeiro e a liberdade subversiva da sátira, como também a possibilidade de falar com uma nação de leitores e tentar influenciar a vida cultural e intelectual do país. (CORRÊA, 2016, p. 75).

¹¹⁶ No período do internamento de 1919-1920, houve mudança de assinatura, alternando entre Horácio, Acácio e L.B., dando a impressão de que a escrita teria sido feita por pessoas diferentes, Corrêa (2016) sugere que o internamento talvez tenha contribuído com essa alternância, mesmo assim continuou contribuindo com a revista, escrevendo inclusive sobre a dinâmica do hospital.

As revistas circulavam no país, levando informações sobre os acontecimentos culturais, sociais e políticos da vida carioca.

Para Barbosa (1964, p. 203), há muito tempo Lima Barreto desejava a glória literária, mas um conjunto de fatores teria colaborado para a vida boêmia: “A desgraça doméstica, o complexo da côr, o tédio da repartição, a falta de dinheiro, a mediocridade da vida literária! A boêmia fazia esquecer tudo isso”. É importante afirmar que a desgraça referida por Barbosa envolve, certamente, a morte da mãe, o adoecimento do pai, as responsabilidades familiares desde jovem, principalmente após o afastamento social do pai. Tudo isso se somava à falta de dinheiro e às dificuldades no meio literário.

Quanto ao complexo da cor, talvez se refira ao que o escritor passava por ser negro, no entanto ficava triste, embora fosse consciente disso. Segundo Schwarcz (2017), mesmo que tenha sido um escritor combatente nas palavras, o amanuense era tímido em suas relações, e para escapar dessa timidez, e também para lidar ou esquecer suas frustrações, encontrou no álcool uma maneira de afastar o abismo que entendia haver entre as pessoas com quem se relacionava. Segue afirmando a mesma autora:

Por essa e por outras, Lima se sentia cada vez mais deslocado [...] sofria com o tédio da repartição, com a sua vida literária que não decolava, e com sua situação pessoal: poucos amigos, sem namoradas, e com uma família que ele precisava prover. A bebida, para Lima, transformava-se ao mesmo tempo numa espécie de evasão para a sua profissão, que o entediava, e aquele mundo que insistia em não dar certo. (SCHWARCZ, 2017, p. 270-271).

Conforme a autora, Lima Barreto via na bebida a fuga de um mundo que parecia não dar certo para ele, na família havia as desventuras, desde a infância, na Escola Politécnica passou por sucessivas reprovações até desistir do curso de engenharia civil, na literatura não conseguia realizar o sonho que há muito desejava, era criticado e ao mesmo tempo ignorado. Em razão das complicações com a saúde, precisou deixar a repartição onde era funcionário público, para se aposentar, em 1918.

De acordo com Schwarcz (2017), o escritor se afastou do trabalho para cuidar da saúde pela primeira vez em 3 de novembro de 1910. A junta médica do Ministério da Guerra cedeu licença por três meses pelo diagnóstico de “impaludismo” (malária), doença contraída ainda na infância. Em 20 de novembro de 1911 foi internado pela segunda vez com “reumatismo poliarticular, hipercinese cardíaca”, orientado a ficar 90 dias em casa para se recuperar. A terceira foi no Hospital Nacional de Alienados, em 1914. Na quarta vez, em junho de 1916, em razão de uma crise de delírio alcoólico, foi internado em Ouro Fino, Minas Gerais, na Santa

Casa, tendo recebido 30 dias de licença pelo diagnóstico de “neurastenia, com anemia pronunciada” (SCHWARCZ, 2017, p.271). A quinta vez foi internado no Hospital Geral do Exército com a clavícula quebrada, devido ao alcoolismo. E pela sexta e última vez, o destino do escritor foi o Hospital de Nacional de Alienados. Entre outros problemas de saúde e o alcoolismo, Lima Barreto passou por seis internações que se tem registros, de 1910 a 1922.

O escritor faz nota da relação saúde e o uso do álcool em seu *Diário Íntimo*. “De há muito sabia que não podia beber cachaça. Ela me abala, combali, abate todo o organismo, desde os intestinos até à enervação. Já tenho sofrido muito com a teimosia de bebê-la”. (BARRETO, 1969, p. 92). Lima Barreto insistia naquilo que lhe tiraria a liberdade, não aquela de estar nos espaços que mais gostava, ruas, bondes, praças, botecos, mas a de poder continuar criticando, questionando e denunciando as contradições das quais também foi vítima. No entanto, foi durante as internações que houve ampla produção intelectual do escritor.

Depois do internamento em Minas Gerais, Lima Barreto (1969, p. 92) assim escreveu: “No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade, quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati. Bebedeira sobre bebedeira, declarada ou não. Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo”.

A bebida alcoólica, provavelmente, colaborava para aumentar ainda mais a angústia do escritor.

Deitei-me, vomitei e andava com fluxo de sangue, que me levava à latrina freqüentemente. Numa das vezes em que fui, caí e fiquei como morto. Meus irmãos acudiram-me e trouxeram-me a braços, inclusive o Elói, o filho da Prisciliana, meu afilhado e de minha irmã. Não sei o que se passou; o que sei é que as senhoras da vizinhança acudiram e eu despertei duas horas depois com equimoses nos tornozelos e cercado por elas, cheias de susto. (BARRETO, 1904, p. 92).

A experiência de Lima Barreto com o álcool nos remete às reflexões de Stuart Walton (2007), em sua obra *Uma história das emoções*, quando ocorreu no início do século XVIII a ideia inglesa de que a obsessão pela *bebida gim* era uma manifestação da classe trabalhadora, no entanto, o seu uso entre os pobres e os destituídos das cidades apontava para uma saturação quase universal da sociedade. Desta forma, a saturação das divergências sociais e pessoais também estão relacionadas ao alcoolismo.

Determinadas situações provocam sentimentos que podem ser compreendidos a partir das experiências pessoais. O desgosto pode ser uma reação a algo que não foi possível solucionar, não como desejava. Nesta situação há uma mistura de emoções.

O que complica o desgosto como uma reação moral é que ele é quase sempre impelido pela raiva. Às vezes essa raiva se origina de uma sensação dolorosa de nossa impotência diante da provocação, e às vezes a própria raiva se transforma em desgosto conosco mesmos por continuarmos a tolerar o que quer que tenha nos enraivecido, em vez de procurarmos uma forma de corrigir. (WALTON, 2007, p. 139).

Lima Barreto (2004a) recorria ao *Diário do Hospício* para relatar como se sentia diante das situações que o álcool lhe impunha. Provavelmente havia uma sensação de desgosto pela forma como as pessoas agiam; parece que o álcool permitia a intromissão em sua vida.

Recordei-me um pouco da casa do meu sobrinho, da sua infantil mania de supor que o Hospício me curava e de supor que era o álcool e as companhias que me punham a delirar. O meu sofrimento era mais profundo, mais íntimo, mais meu. [...] Vinha-me um desespero íntimo, um aborrecimento de mim mesmo, um sinal da evidência da minha incapacidade para qualquer obra maior [...]. E eu atirava meus livros para o lado, e eu me punha a beber, e eu não tratava do meu, e eu me queria anular, ficar um desclassificado, uma bola de lama aos pontapés dos polícias... (BARRETO, 2004a, p. 193-194).

Como afirmou Stuart, a raiva pode ter relação com o estado de desgosto que a pessoa se encontra. A bebida era a forma de Lima Barreto fugir de outras situações, portanto, se culpava e se sentia incapaz, refugiando-se no álcool, que por alguns instantes lhe tirava a angústia.

Amparado nos apontamentos de Freud, Walton (2007, p. 145) apresenta as seguintes reflexões sobre a melancolia:

Freud também situa toda felicidade- ou melancolia- em uma sensação de carência, mas a atribui não ao senso primário de algo que está faltando, mas à perda do que um dia desfrutamos, um senso que surge na primeira infância, à medida que nos separamos gradualmente dos laços maternos. A perda do amado por abandono ou distância física, todas as separações de relações íntimas, é o que sustenta a melancolia sob a qual todos devemos viver.

Se a melancolia, conforme a citação acima, está relacionada à carência, à perda do que um dia se teve, e surgiria na primeira infância, talvez essa explicação seja viável para compreender os sentimentos vivenciados por Lima Barreto.

No *Diário do Hospício* (2004a), o escritor começou dizendo que chegou ao hospício no dia de Natal e passou as primeiras horas em um dos espaços destinados aos doentes levados pela polícia, era o Pavilhão. Ficavam neste local aqueles tomados como miseráveis e indigentes, só posteriormente seriam internados. Lima Barreto foi recebido como um doente.

Segundo Nádía Maria Weber Santos (2008), o *Diário do Hospício* é um “livro” de memórias e um dos mais encantadores documentos dedicados à defesa da cidadania e daquele que ainda continua na saga da exclusão, o louco. Uma das primeiras preocupações de Lima ao

chegar ao hospital foi descrever como se sentia naquele lugar. Começou pela data de 4 de janeiro de 1920, afirmando que a polícia o levou, descreveu como foi a sua recepção: “Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez. E nem chinelos ou tamancos nos dão”. (BARRETO, 2004a, p. 19).

Conforme Luciana Hidalgo (2008), o *Diário do Hospício* foi para Lima Barreto uma *escrita de si*. Registrou a sua experiência no hospital, a dinâmica interna, marcada pelas hierarquias, mencionou também as situações que o envolviam, familiares, de desigualdades e de preconceito, não só na condição de interno, mas antes mesmo de chegar à instituição. Afinal, o hospital psiquiátrico era apenas uma sociedade dentro de uma maior, e passou pela análise do romancista antes mesmo dele se tornar um interno. O exercício da reflexão se estendia à situação de outras categorias, inclusive dos loucos, mas, não era uma prática sem embasamento. As leituras de outros escritores ajudavam Lima Barreto de alguma forma a entender a si, aos outros, e a instituição onde estava inserido, sendo também importantes para ele suportar a permanência no local e escrever sobre ele.

4.10 SIMILITUDES ENTRE LIMA BARRETO E OUTROS INTELLECTUAIS EM INSTITUIÇÕES REGRADAS

Lima Barreto era leitor de Dostoiévsky. Ambos os escritores colocaram na ficção acontecimentos reais de suas vidas; estiveram do lado de dentro de instituições de controle. Lima em um hospício e o escritor russo em um cárcere, tendo sido os dois reféns de um sistema que suprime a identidade das pessoas e as colocam em condições de degradação humana. Em 1849, Dostoiévsky foi preso por ser compreendido como subversivo pelo sistema czarista, condenado à morte, porém teve sua pena transformada em alguns anos de trabalho escravo na Sibéria. Dessa experiência escreveu o livro *Recordações da casa dos mortos*. Das anotações do *Diário do Hospício* surgiu *O Cemitério dos Vivos*. Tem passagens nas duas obras que os registros dos escritores são similares.

Ao chegar à prisão, Dostoiévsky descreveu a seguinte situação:

Três dias depois da minha chegada, recebi ordem de ir trabalhar. Esse dia me ficou gravado na lembrança, embora nada tenha acontecido de especial- pelo menos se levarmos em conta o que minha própria situação tinha de extraordinário [...]. Chego com o coração ferido cheio de apreensão e desconfiança [...] contudo, foi nesse momento que encontrei algumas criaturas amáveis, cuja acolhida me deu coragem. O mais amável, o mais acolhedor, foi Akim Akimitch. Na multidão de rostos tristonhos e pouco amigos dos outros forçados, fui obrigado a notar algumas boas caras. Por toda

parte há gente ruim, mas nem todas as ovelhas dum rebanho são pesteadas, depressa disse eu a mim mesmo, para me consolar. (DOSTOIÉVSKY, 2006, p. 60).

São observações relacionadas ao novo ambiente, ao mesmo tempo escrevia sobre as próprias emoções e criticava a dinâmica das instituições, as regras e a forma como se davam as relações entre companheiros de cárcere. A descrição acima apresenta semelhanças com a escrita de Lima Barreto (2004b, p. 156-157) sobre sua chegada ao hospício. Assim descreveu:

Quando, pela primeira vez, me recolheram ao hospício, de fato a minha crise era profunda e exigia o meu afastamento do meio que me era habitual [...]. Aí, tive três companheiros, dos quais dois eram inteiramente insuportáveis, que, a bem dizer, não me deixaram dormir [...] foi por aí que interveio o quarto companheiro [...] o crioulo vendo o meu embaraço e a minha falta habito daquela hospedaria gritou energético: [...] Deixa o rapaz dormir sossegado! [...] No dia seguinte, quando o guarda que nos veio abrir a porta deu-me uma vassoura e um pano com que eu ajudasse a ele e outros a baldear o quarto forte e a varanda, não fiz nenhum movimento de repulsa. Tomei os dois objetos e cumpri docilmente o mandato. O que me aborreceu, porém, foi a minha falta de forças e habito de baixar-me, para realizar tão inútil serviço.

Lima Barreto recorreu à literatura, assim como Dostoiévsky, para registrar o afastamento social. Parece que o hospício não lhe causava tristeza, não por ter sido internado, mas sua angústia se relacionava, provavelmente, às condições internas da instituição e a própria vida. A escrita não se dava apenas como passatempo, pois estava em conexão com outros escritores nacionais e internacionais.

Compreendemos Lima Barreto a partir dessas experiências e das semelhanças com outros intelectuais, que assim como ele, vivenciaram as complexidades de um afastamento social.¹¹⁷ Discutiremos alguns casos de escritores que foram hospitalizados e passaram pelo estigma de um internamento.

Manuel Bandeira (1886-1968), escritor, crítico literário, nasceu em Recife, Pernambuco, foi para São Paulo depois para o Rio de Janeiro, viveu sua juventude no mesmo contexto de Lima Barreto, assim como ele, iniciou os estudos na Escola Politécnica, porém na cidade de São Paulo, no mesmo ano que o escritor carioca, em 1903. Também não terminou o curso em decorrência da tuberculose que mudou o percurso de sua vida desde cedo. De acordo com Ângela Porto (2000), em artigo intitulado: *A vida inteira que podia ter sido e que não foi: trajetória de um poeta tísico*, a descoberta da doença do escritor Manoel Bandeira veio aos 18 anos,

¹¹⁷ Com relação às pesquisas realizadas sobre práticas e representações dos hospícios e as histórias de pessoas tomadas por loucas nesses espaços, temos duas que são referências: Cunha (1986) – Hospício Juquery em Franco da Rocha, São Paulo; e Engel (2001) – Hospital Nacional de Alienados, Rio de Janeiro. As duas pesquisadoras discutem também como a loucura foi recepcionada na sociedade e nas instituições construídas para receberem os ditos loucos.

quando teve a primeira internação no hospital dos estrangeiros, no Rio de Janeiro, em seguida passou a ser cuidado em casa pela família. Deslocou-se para diversos lugares em busca da cura até mudar-se para Suíça, em 1913, para o internamento no sanatório de Clavadel.

De acordo com Porto (2000), Manoel Bandeira controlou a doença, passou a se dedicar à poesia, mas houve o afastamento social e da família em decorrência das mudanças de lugares e o internamento no sanatório. A doença em “sua manifestação como um traço particular, como motivo singularizante que remeteria o jovem a uma experiência de profunda e dolorosa solidão”. (PORTO, 2000, p. 4).

A doença o estigmatizou e o deixou socialmente afastado dos projetos sociais que ele e a família traçaram inicialmente, no entanto o fez encontrar sensibilidade para ir além da limitação que a enfermidade impôs. Tomou o internamento no sanatório como um divisor de águas em sua existência, fazendo com que se dedicasse mais à vocação poética e à produção intelectual.

Alguns aspectos da trajetória de Manoel Bandeira se assemelham com a de Lima, com problemas de saúde e internamentos diferentes, os dois passaram pelo afastamento social que as doenças lhes impuseram. Distantes dos projetos que a família e eles traçaram inicialmente para a vida, com a saúde fragilizada, ambos por motivos diferentes, fizeram da doença a mola propulsora para se aprofundarem na literatura. Bandeira teve mais tempo para isso, Lima, infelizmente, não.

O jornalista Francisco Lobo da Costa (1853-1888) viveu a experiência de internamento psiquiátrico. Embora tenham vivido em contextos diferentes, ele e Lima têm alguns pontos em comum. A autora Lorena Almeida Gill (2004), em pesquisa de tese intitulada: *Um mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930*, afirma que o escritor nasceu em Pelotas-Rio Grande do Sul, foi considerado o poeta mais popular daquela cidade, de origem familiar humilde, trabalhou em diversos jornais como tipógrafo e aos 16 anos foi proprietário de uma folha trissemanal *A Castália*. Tentou cursar a Faculdade de Direito, mas foi uma tentativa frustrada. Teve atuação em outros periódicos.

A autora aponta que através da poesia, o escritor denunciava as desigualdades sociais pelas quais também passou. Viveu pouco tempo, apenas 35 anos. E durante os seus internamentos com frequência e por longos períodos, alguns jornais noticiavam que o poeta estava doente, afirmavam que ele sofria do mal típico daqueles que se dedicavam à escrita. Passou por cinco internamentos entre 1887 e 1880¹¹⁸, no último sentiu-se livre, teria bebido em

¹¹⁸ O primeiro internamento foi em fevereiro de 1885, saiu no dia seguinte, a profissão apareceu como jornalista e o diagnóstico “delirium tremens”; a segunda em junho do mesmo ano, diagnóstico não registrado. Em abril

diversos lugares e os efeitos do uso do álcool colaboraram para uma queda da qual veio a óbito. Os jornais da cidade noticiaram o seu falecimento, vinculando-o ao alcoolismo.

No Brasil têm diferentes casos de artistas, escritores e intelectuais que tiveram suas contribuições literárias negadas, viveram situações parecidas, sejam de internamento psiquiátrico, de estigmas associados à loucura e exclusão. Assim como Lima, foram incompreendidos, desacreditados, alguns inclusive interditados como loucos.

Qorpo Santos (1829-1883), segundo Emanuele Luiz Proença (2012), José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo, conhecido pelo nome acima citado, nasceu em 1829 na província de São Pedro, no Rio Grande do Sul, em seguida foi morar em Porto Alegre. O professor e também escritor foi visto como louco, interditado de suas atividades laborais, e internado em hospício, alegaram que ele estava acometido de doença mental. Produziu obras literárias, mas foi desconsiderado como escritor e intelectual, obtendo reconhecimento da sua produção apenas postumamente.

Arthur Bispo do Rosário (1911-1988), foi um artista, que Viviane Trindade Borges (2011) discutiu as suas imagens como louco, desconstruindo os discursos que a autora denomina de obviedade, de que ele, Bispo Rosário, era louco, ao denominá-lo assim estariam desconsiderando outros Bispos Rosários. Ele nasceu em Sergipe, mas foi morar no Rio de Janeiro. Um jovem negro, pintor e produtor de obras de arte, estava inserido em uma sociedade preconceituosa e excludente, foi encaminhado para a colônia Juliano Moreira, diagnosticado como esquizofrênico, viveu 50 anos no hospício e faleceu sem reconhecimento de suas peças de artes.

Quanto a Ernesto Nazareth (1863-1964), segundo Gonçalo Junior (2005), foi um músico e compositor, pianista com fino talento, viveu os rebuliços do final do Império e início da Primeira República brasileira. Esse, embora tenha tido reconhecimento do seu talento, ainda em vida, sofreu pelo esquecimento do público, passando a apresentar sinais dos distúrbios neurológicos causados pela sífilis. Foi internado no Juliano Moreira de onde fugiu e o encontraram morto por asfixia. (KLUGER, 2022).

O que esses intelectuais e artistas tiveram em comum com Lima Barreto? Viveram em cidades comandadas por uma elite dominante, excludente e preconceituosa, embora demonstrassem capacidade intelectual, eram parcialmente desacreditados, alguns por não serem compreendidos em suas formas de perceberem a sociedade, principalmente se emitissem

de 1887 ocorreu a terceira internação, pelo mesmo motivo da primeira, saiu em 8 de janeiro de 1889, a quarta ocorreu dia 31 de janeiro, tendo alta em abril do mesmo ano, motivo da internação teria sido “nervosismo”, um dia após retornou pela quinta vez, de onde teria fugido em 18 de junho do mesmo ano. (GIL, 2004).

questionamentos sobre as suas contradições, outros por sofrerem a pressão social da sociedade capitalista, que além de excludente era e continuou preconceituosa. Todos viveram experiências de internamentos em instituições psiquiátricas. Os registros que deixaram sobre suas vidas ressurgem para que sejam discutidas as condições e angústias que também são as de muitos outros Limas, Bandeiras, Rosários... que viveram o internamento psiquiátrico e os estigmas do qual foram alvo.

Para Schwarcz (2011, p. 136), o alcoolismo era um dos motivos que estava em primeiro lugar em termos de internação, “um dos grandes empecilhos ao bom andamento do hospital era o número elevado de alcoólatras, que correspondiam ao primeiro lugar em número de internações”. Por isso, afirma a autora, era defendida na época a criação de asilos especiais para pessoas que bebiam, pois para essas o tratamento deveria ser diferenciado e a saída do hospital seria mais rápida. Os casos crônicos eram recorrentes, quase sempre retornavam ao local, com Lima não foi diferente, o próprio romancista fez esta reflexão.

Quando, pela primeira vez, me recolheram ao Hospício, de fato a minha crise era profunda e exigia o meu afastamento do meio que me era habitual, para varrer do meu espírito as alucinações que o álcool e outros fatores lhe tinham trazido. Durou ela alguns dias seguintes; mas ao chegar ao pavilhão, já estava quase eu mesmo e não apresentava e não me conturbava a mínima perturbação mental. (BARRETO, 2004a, p. 14-15).

O hospital psiquiátrico trata quase todos da mesma forma, independentemente da situação pela qual estejam internados, as pessoas não são atendidas em suas peculiaridades, elas são representadas por um número que as codificam e seguem as regras estabelecidas pela instituição, como pacientes apenas recebem as ordens, e raramente participam do processo, mesmo na condição de doentes. Erving Goffman (1974), em *Manicômios, prisões e conventos*, menciona sobre as características das instituições totais, uma vez que o *eu* da pessoa é mortificado e relativamente padronizado. Em tais locais vivem “uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente mortificado”. (GOFFMAN, 1974, p. 24).

Conforme Schwarcz (2011), Lima registrou as humilhações que passou no hospital, dentre estas estão a exposição pública, os episódios de nudez, quartos lotados e com odores desagradáveis. “Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Adauto. Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele me punha na rua”. (BARRETO, 2004a, p. 21).

Lima Barreto não foi um intelectual, ele interagiu com uma ampla rede de sociabilidade, vivenciou diversos internamentos devido ao alcoolismo, viveu como foi possível, e interrogou a sua época. Usou o talento e as dificuldades, para ser notado, não com vitimismo, e nem como um escritor louco, mas como um intelectual questionador das contradições que impactaram, não apenas a ele, mas uma boa parte da população brasileira das primeiras décadas do século XX. Foi, e continua, reconhecido como um importante escritor, conheceu de perto muitas das realidades que criticava em uma sociedade que incessantemente prega a exclusão de toda ordem, ao passo que cultiva a distinção entre as pessoas.

É possível atribuir a esta pesquisa a originalidade necessária para a composição de uma tese. Além de trazer perspectivas relevantes na área da história, ao dialogar com a literatura e discutir temas como educação, relações étnico-raciais, intelectuais, redes de sociabilidades, internamento psiquiátrico e loucura, possibilitou uma leitura diferente sobre um Lima Barreto também missivista. Ao questionarmos as entrelinhas das correspondências, percebemos o lugar ocupado por Lima Barreto no grupo dos intelectuais do seu contexto e as preocupações que mediarão as relações e a comunicação entre os escritores.

A discussão desses temas de forma relacional proporcionou a esta pesquisa não um caminho único, mas singular para compreender, discutir e apresentar como o internamento psiquiátrico de Lima Barreto impactou na sua produção literária. Os pontos de partida e de diálogo com as fontes demonstraram que o escritor ressignificou o internamento e centrou atenção no seu projeto literário.

4.11 DO HOSPÍCIO AO *CEMITÉRIO DOS VIVOS*: “O ESPETÁCULO DA LOUCURA, NUMA POPULAÇÃO DE MANICÔMIO, É DOS MAIS DOLOROSOS E TRISTES”

O subtítulo entre aspas que abre esta parte da discussão é uma passagem do romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), de Lima Barreto. As discussões desta parte da pesquisa terão como base o citado romance e outras obras do escritor. Necessárias para compreender as experiências do escritor durante o internamento psiquiátrico e nas primeiras décadas do século XX.

A narrativa de Lima Barreto, mesmo em plano ficcional, é uma interpretação de suas realidades. Dentro e fora do hospital, afirmava que não se sentia louco, mas, sabia que o uso do álcool era, em parte, uma das razões do seu internamento. Assim, Barreto (2004, p. 20) escreve: “De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com

toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio”.

Nesta passagem, Lima Barreto diz que não era louco, afirmação de quem sabia o motivo de se encontrar internado em um hospital psiquiátrico. A motivação não era atribuída à loucura, mas aos desarranjos sociais que há alguns anos ele estava vivendo, os quais provavelmente se relacionam ao álcool e à fuga de uma realidade enfadonha para o escritor. Algo que parece ter iniciado desde os primeiros anos junto à família, perante as dificuldades de ser aceito como escritor negro em uma sociedade racista, preconceituosa e excludente.

Lima Barreto (2004a, p. 23) se autoanalisou, analisou os demais internados e a instituição: “imobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da providência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre”.

Nesta passagem, mostrou a estrutura, a mesma que se perpetuou por muitos anos depois de sua morte, indicando quem eram as pessoas que estavam internadas.

Eu tinha tudo, ou tenho tudo, para não sofrê-las, tanto mais que não as provoquei. Sou instruído, sou educado, sou honesto, tenho procurado o mais possível ter uma vida pura. Parecia que sendo assim, que – sendo eu um rapaz que, antes dos dezesseis anos, estava numa escola superior (que todos me gabavam a inteligência, e mesmo até agora ninguém nega) – estivesse a coberto de tudo isso. Mas eu e a sorte, a sorte e eu, nos juntamos de tal sorte, nos irmanamos, que vim a passar por tranSES desses. (BARRETO, 2004a, p. 60).

Lima Barreto faz uma reflexão nostálgica, relembra da Politécnica, se reconhece enquanto educado e instruído e por assim ser não deveria estar internado em uma instituição psiquiátrica. Afirma que gostava de ser reconhecido como inteligente, mas lamentava ter que viver aquela situação. Essas reflexões faziam parte dos constantes embates do escritor em relação à sua condição.

Hospitalizado, Lima Barreto, provavelmente, sabia que por mais que sua consciência crítica lhe fizesse entender as hierarquias estabelecidas no hospital psiquiátrico, isso não lhe era o suficiente para ser tratado diferente dos demais. No hospício, Lima Barreto agia de forma cautelosa para evitar determinados julgamentos dos médicos. Sobre isso, Goffman (1985) diz que às vezes, diante uma determinada situação, um indivíduo age de forma calculada, deixando aparentar o que não é, apenas para dar aos outros a impressão de um tipo de resposta que gostariam de obter.

Agindo assim, Lima Barreto, na condição de observado, embora cumprisse também o papel de observador, não deixaria que seus analisadores descobrissem facilmente sua

verdadeira posição. “Dever-se-ia acrescentar que, como os outros provavelmente não suspeitam, em termos relativos, do aspecto que se supõe não intencional da conduta do indivíduo, este pode ganhar muito controlando-o”. (GOFFMAN, 1985, p. 15).

O diário foi uma espécie de fotografia do hospício e uma maneira de manter a memória viva e atenta a uma experiência que serviria para mais uma de suas criações literárias. Em *O Cemitério dos Vivos*, Lima Barreto se confunde com Vicente Mascarenhas, este que é procurado e interrogado, até pedido em casamento por Efigênia.

Eu amo, Seu Mascarenhas; o senhor quer casar comigo? Esperava tudo, menos uma pergunta dessas. Vi logo as desvantagens do casamento. Ficaria preso, não poderia com liberdade executar o meu plano de vida, fugiria ao meu destino pelo dever em que estava de amparar minha mulher e a prole futura. Com os anos cresceriam as necessidades de dinheiro; e teria então de pleitear cargos, promoções, fosse formado ou não, e havia de ter forçosamente patronos e protetores, que não deveria melindrar para não parecer ingrato. (BARRETO, 2004b, p. 147-148).

O casamento parece ter sido inspirado no matrimônio dos pais, que tiveram dificuldades financeiras. Mas, ao mesmo tempo aproveitava a ideia para dizer que o casamento retirava a liberdade e levava as pessoas a pleitearem cargos e apadrinhamentos, com uma família para sustentar não poderiam se negar aos cargos oferecidos.

De acordo com Lima Barreto (2004b), o espetáculo da loucura é um dos mais dolorosos e tristes, não apenas para um indivíduo isolado, mas também para uma população de manicômio. O escritor narrou o que o teria deixado triste, quando foi interrogado por um médico teve a impressão de que ele o havia menosprezado.

Interrogou-me pacientemente sobre o meu delírio, sobre os meus hábitos e antecedentes. Disse-lhe toda a verdade. Não me desgostou este médico. Senão quando ele me perguntou assim, com um pouco de menosprezo.
– O senhor colabora nos jornais?
– Sim senhor e já até publiquei um livro.
O doutor, por aí, sorriu desdenhosamente, mas foi um instante. Saí do exame e fiquei pelos corredores. [...]. (BARRETO, 2004b, p. 183-184).

O escritor não se sentiu bem com o ar de menosprezo do médico, talvez nem tanto por não ter sido reconhecido, mas, provavelmente por ter sido desacreditado. Escreveu o seguinte, “como é que eu, em vinte e quatro horas, deixava de ser um funcionário do Estado, com ficha na sociedade e lugar no orçamento, para ser um mendigo sem eira nem beira, atirado para ali que nem um desclassificado”. (BARRETO, 2004b, p. 184).

Mais uma passagem sugestiva de que Lima Barreto tinha noção de seu estado na condição de interno de um hospital psiquiátrico, mesmo que não se conformasse com a vida

que levava antes do internamento. Ele reconhecia que tinha atributos importantes desconsiderados dentro da instituição. “Vinha-me um desespero íntimo, um aborrecimento de mim mesmo, um sinal da evidência da minha incapacidade para qualquer obra maior”. (BARRETO, 2004b, p. 185). Nesta reflexão, percebe-se que o narrador se culpa, acreditando que estaria num estado de incapacidade para obras maiores, no entanto estava produzindo um documento que perpassou o tempo, cujo cerne principal foi narrar a sua experiência e a de muitas pessoas no universo do enclausuramento e da loucura.

Sobre a questão da loucura enquanto hereditária, Lima Barreto escreveu o seguinte: “Procuram os antecedentes, para determinar a origem do paciente que está ali, como herdeiro de taras ancestrais; mas não há homem que não as tenha, e se elas determinam loucura a humanidade toda seria de loucos”. (BARRETO, 2004b, p. 228). Como é possível entender, para Lima a hereditariedade não explicava a loucura, discordava assim dos discursos médicos da época. Ao ser recebido no hospício, o escritor, mais uma vez, estava sob as regras do estado, não mais como funcionário público, mas como um internado. A humilhação que parecia sentir transbordou em sua escrita, como bem registou.

Eu sofria honestamente por um sofrimento que ninguém podia adivinhar; eu andei sujo e imundo, mas eu sentia que interiormente eu resplandecia de bondade, de sonho de atingir a verdade, do amor pelos outros, de arrependimento dos meus erros um desejo imenso de contribuir para que os outros fossem mais felizes do que eu, e procurava e sondava os mistérios da nossa natureza moral, uma vontade de descobrir nos nossos defeitos o seu núcleo primitivo de amor e de bondade. (BARRETO, 2004b, 185-186).

Esse sofrimento, ao qual se refere o escritor, é causado pela vergonha não apenas de estar na instituição psiquiátrica, mas do que antecedeu ao internamento, andava sujo e talvez se culpasse pelas adversidades da vida. Embora soubesse que o internamento psiquiátrico estava associado a diversas questões, nem sempre é possível analisar as situações de forma que a fragilidade humana não seja atingida. Lima, como escritor, interpretou a aversão da sociedade à loucura. “Vista assim de longe, a noção do horror que se tem da loucura não parte da verdadeira causa. O que todos julgam é que a coisa pior de um manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o seu delirar em voz alta. É um engano”. (BARRETO, 2004b, p. 187). É possível entender a seguinte reflexão, o que deve ser observado na loucura não é o que se vê de imediato nas pessoas internadas, ou o que elas dizem, mas é imperioso pensar sobre o não dito, sobre o silêncio delas, ou seja, o que é visível no cotidiano de uma instituição psiquiátrica é superficial, outras questões devem ser levantadas.

Lima estava no “hospício”, mas o “hospício” não estava nele, não se sentia integrante da instituição como muitos outros. Ao contrário, era capaz de analisar aquela realidade como nem mesmo os médicos analistas conseguiam.

Um dos horrores de qualquer reclusão é nunca se poder estar só. No meio daquela multidão, há sempre um que nos vem falar isto ou aquilo. No Hospício, eu senti esse incômodo que só pode ser compreendido por quem já se viu recolhido a qualquer prisão; lá, porém, é pior do que em outra qualquer, sobretudo quando se está perfeitamente lúcido, como eu estava, e não pode, por piedade, tratar com mau humor os outros companheiros, que são doentes. (BARRETO, 2004b, p. 218).

O escritor se considerava lúcido, comparado aos demais companheiros de internação e não poderia tratá-los com indiferença, pois entendia que eles não estavam na mesma capacidade de, inclusive, se autoavaliar.

No hospital contabilizava-se às vezes que esteve internado e chegou à conclusão de que poderia não mais retornar à “Vila Quilombo”¹¹⁹. “Estou seguro de que não voltarei a ele pela terceira vez; senão saio dele para o São João¹²⁰, que é próximo”. (BARRETO, 2004a, p. 20). Lima Barreto refletia sobre diversas condições do seu eu, era crítico e ao mesmo tempo sensível em sua escrita. “Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos”. (BARRETO, 2004a, p. 40).

Se recolhia em sua “Vila Quilombo” “e trabalhava semanas a fio, sem interrupção, escrevendo contra os donos da vida” (BARBOSA, 1964, p. 298). Ele gostava de andar, mas também de se isolar para produzir. Nesses momentos de reclusão escrevia as críticas sobre o país e as demais contradições que observava no cotidiano republicano. “O artista fazia como o bicho da sêda. Metia-se no casulo e produzia. Ninguém ousava interrompê-lo, a não ser a irmã, que lhe levava ao quarto o prato de comida”. (BARBOSA, 1964, p. 298).

Mascarenhas, representante de Lima Barreto, em *O Cemitério dos Vivos*, relatou que conversou com um médico que o alertou para os efeitos que o uso do álcool causou em seu organismo.

Foi aí que eu vi bem o mal da “bebida”. Ela não me matava, ela não me estragava de vez, não me arruinava. De quando em quando, provocava-me alucinações, eu incomodava os outros, metiam-me em casas de saúde ou no Hospício, eu renascia,

¹¹⁹ Como exposto ao longo do texto, ao mencionar a “Vila Quilombo”, como local onde morava, era também uma forma de colocar em evidência o lugar habitado pelas classes sociais pobres, e de se dizer pertencente a esses grupos que ficavam à margem daquela sociedade que se dizia moderna, e tratava as pessoas da “Vila Quilombo” como improdutivas, embora pudessem ter a força que os quilombolas têm, de resistência.

¹²⁰ Cemitério da cidade do Rio de Janeiro onde o escritor foi enterrado em 1922.

voltava, e assim levava uma vida insegura, desgostosa e desgostando os outros, sem poder realizar plenamente o meu destino, que as coisas obscuras queriam dizer não ser o de um simples bêbedo. Era preciso reagir. (BARRETO, 2004b, p. 231).

Produziu intensamente nos últimos dois anos que antecederam a sua morte e após sair da última internação. Confessou que ao deixar o hospital levou a vida de forma insegura, triste, entristeceu amigos e familiares. Deixou tristes também aqueles que continuam o diálogo com a sua obra, pois, outras questões poderiam ser discutidas, se a sua vida não tivesse sido tão breve. As questões criticadas por ele, como racismo, violência, abuso de poder, discriminação social e racial, continuam atuais. Como ele afirmou, “era preciso reagir!”, e reagiu, fez do hospital psiquiátrico um espaço para os seus questionamentos.

4.12 DESPEDIU-SE DO “CEMITÉRIO DOS VIVOS”, SAIU DE TODOS OS SANTOS E FOI PARA O SÃO JOÃO BATISTA

Lima Barreto caminhava para a finalização das palavras que compuseram o romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), reconheceu as nuances do alcoolismo e possivelmente percebeu sua morte em vida, bem como o seu sequestro e das pessoas internadas naquela instituição. Nos últimos meses de vida isolou-se socialmente pelo adoecimento do corpo, não era mais o escritor observador do cotidiano das ruas cariocas, introspectivo, quase não se comunicava com os familiares em casa.

Evangelina, que bem conhecia o irmão, tratava-o com requinte de enfermeira. Nos momentos em que a apatia parecia dominá-lo por completo, encerrando-o naquele terrível mutismo, colocava sobre o criado-mudo do escritor, sem dizer palavra, um cálice de parati, como remédio. (BARBOSA, 1964, p. 328).

Lima Barreto recebeu os cuidados da irmã. Há muito tempo não tinha o afeto da mãe e do pai, que se distanciou socialmente em decorrência da doença. “Era até próximo de Evangelina, porém dos irmãos Carlindo, detetive de carreira e guarda-civil, e Eliézer, funcionário da Central do Brasil, parecia a cada dia mais distante”. (SCHWARCZ, 2017, p. 315). Também não gostava de sua residência, apenas de sua Limana, biblioteca onde se refugiou ao passo que a saúde lhe faltava.

Preocupava-se cada vez mais com a própria situação e com a saúde do pai, os amigos já não eram tão presentes, distanciam-se desde a vida boêmia do escritor, “inventaram para ele alguns apelidos como Esmolambado e Hálito de Onça, outros contavam que andava ‘fedendo a cachaça’ e, que, em certas ocasiões, parecia um mendigo”. (SCHWARCZ, 2017, p. 431).

De acordo Schwarcz (2017), a vida imitou a literatura, a morte chegou para ele do mesmo jeito que veio para o seu personagem Gonzaga de Sá, ligeira e súbita. Lima morreu de um infarto fulminante, em seu atestado médico veio o diagnóstico de gripe torácica e colapso cardíaco. “Mas o que deve ter provocado seu falecimento foi a ‘velha’ arritmia, que o assaltava de forma inesperada. Com frequência aparecia enquanto ele caminhava, às vezes quando estava lendo, e mesmo quando se achava deitado ou descansando”. (SCHWARCZ, 2017, p. 431).

Diário do Hospício (BARRETO, 2004a) foi uma passagem para o romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b), no qual registrou a dinâmica da instituição psiquiátrica. Lima Barreto saiu do “cemitério dos vivos”, posteriormente se despediu da “Vila Quilombo” – em Todos os Santos – e foi para o São João Batista, um dia antes do seu pai, lugar que para ele transmitia paz.

É importante mostrar a ideia apresentada por Schwarcz (2017) sobre o uso do álcool, de que a bebida acarreta, dentre outros sintomas, dores no peito, insuficiência cardíaca, podendo ocorrer falência dos órgãos. Lima Barreto faleceu em decorrência dessas complicações, das quais era consciente, e com as quais necessitou recorrer ao internamento. Embora o escritor aparentasse se preocupar mais com as questões literárias e a reduzida finança da família, também manifestava o desejo de ter a saúde restabelecida. Internou-se várias vezes com a esperança de poder viver melhor.

No entanto, como bem apresentou Barbosa (1964), Lima Barreto, nos últimos meses de vida, distanciava-se cada vez mais de qualquer espaço que ficasse além de sua “Vila Quilombo”. As notícias dos lugares da cidade antes visitados chegavam a ele através dos jornais, ou quando raramente algum amigo o visitava. Poucos se fizeram tão presente na vida do escritor como Francisco Schenttino, cuja amizade foi marcada pelo cuidado e vontade de ver o amigo escritor realizar seus sonhos, principalmente aqueles relacionados ao seu projeto literário.

Conforme Barbosa (1964, p. 329), Schenttino era amigo próximo. Para ele, Lima escreveu o último bilhete, embora preocupado mais com outras questões do cotidiano, mais do que com a saúde, disse as seguintes palavras:

*Chico.
Você me mande dizer se recebeu 60\$000 para resgatar a letra ultimamente do Crédito Popular. É isto que quero saber, para o nosso governo.
Sou de você
Lima Barreto.
Rio, 18-10-1922*

P. S. Estou verdadeiramente arrebatado de todas as vísceras, órgãos e membros, por isso não pude ir até lá, segunda feira. Deixei o dinheiro num botequim, com o

Senhor Antônio. O Botequim fica na Rua de camões, canto da Conceição. O Senhor Antônio ficou encarregado de mandar levar o dinheiro a você. Isto me causa apreensão. Responde e até logo.

É uma comunicação triste, breve, que demonstra preocupação, mas, ele estava sobretudo, consciente da fragilidade da saúde. O bilhete foi enviado no intuito de resolver uma situação, mas ao final, inclusive com palavras mais estendidas, o escritor menciona que se sentia destruído, a saúde lhe era pouca, mas não faltava vontade de honrar com os seus compromissos, como sempre fez. Raras eram as vezes que ele falava em suas cartas sobre a saúde.

No dia de sua morte, 1º de novembro de 1922, relatou Barbosa (1964) que se deu de forma súbita. Deixou a família sem o amparo daquele que viveu a sua vida preocupado com ela. Pela manhã, sua irmã Evangelina veio ao quarto, sentou-se à cama e conversaram sobre o pai, João Henriques, que estava em condições debilitadas. Lima havia acordado sem febre e se sentia melhor, chorosa a irmã apoiou-se em seu ombro, conversaram por mais alguns minutos, Lima teria pedido perdão e emocionado não terminou a frase. Os irmãos estavam preocupados com o pai.

Lima Barreto sentara-se na cama, enquanto Evangelina dispunha a bandeja no travesseiro, que havia colocado sobre as pernas do doente. Uma hora depois, retornando ao quarto, encontraria o irmão morto. Continuava sentado, abraçado a um volume da *Revue des Deux Mondes*. (BARBOSA, 1964, p. 333).

No dia de Todos os Santos, Lima Barreto, que havia se despedido do cemitério dos vivos, saía do bairro Todos os Santos para o cemitério dos mortos, o São João Batista. O escritor manifestava desejo de não ser enterrado no cemitério de Inhaúma. Para ele, além de ser desorganizado não aparentava a tranquilidade do recolhimento, por isto preferia o São João Batista, embora ficasse localizado em um bairro nobre da cidade carioca, o Botafogo, distante do seu subúrbio que, segundo Schwarcz (2017, 485), detestava. Uma escolha diferente das suas críticas, “ironicamente, convidado para uma palestra em Porto Alegre, respondera, escrachado: “Eu, mulato, na terra de gente loura? Chega o que tenho passado aqui”. E ajuntou: “Sou contra a zona sul. Não vou! Só pro São João Batista...””.

Estiveram no cortejo os vizinhos, comerciantes e alguns colegas, dentre eles o poeta Olegário Mariano. Enéias Ferraz, amigo próximo do escritor, publicou em 20.11.1922 um artigo *n’O País*, intitulado *A morte do Mestre*, descrevendo o velório do amigo:

À tarde, o enterro saiu, levado lentamente pelas mãos dos raros amigos que lá foram. Mas, ao longo das ruas suburbanas, de dentro dos jardins modestos, às esquinas, às portas dos botequins, surgia, a cada momento, toda uma *foule* anônima e várias, que

se ia incorporando trás do seu caixão, silenciosamente. Eram pretos em mangas de camisa, rapazes estudantes, um bando de crianças da vizinhança (muitos eram afilhados do escritor), comerciantes do bairro, carregadores em tamancos, empregados da estrada, botequineiros e até borrachos, com o rosto lavado em lágrimas. [...]. E, assim, chegou à plataforma da pequena estação de Todos os Santos, onde, durante uma meia hora, o seu corpo ficou depositado, à espera do trem. (BARRETO, 1956, p. 233-234).

Era o momento de se despedir daquele que viveu em constantes interrogações, nem sempre com coerência, porque o ir e vir da vida exige isto, mas questionou as adversidades da vida pessoal e coletiva. Conforme consta no supracitado artigo, compareceram ao velório do escritor alguns amigos: Félix Pacheco, Paulo Hasslocher, José Mariano Filho, Armando Gonzaga e outros anônimos que possivelmente eram jovens leitores e amigos da Politécnica que seguiram o seu simples cortejo. “Não importa que muitos daqueles que se acercavam do túmulo, ignorassem que a terra estava a cobrir um dos maiores romancistas que o Brasil tem tido”. (ENÉIAS FERRAZ, 1922 *apud* BARRETO, 1956, p. 235).

Enfim, o espetáculo da morte criou um cenário apropriado, que se transformou numa sorte de homenagem derradeira a esse personagem que viveu de fato entre “dois mundos”. Dois mundos sociais, literários, raciais, geográficos... Muitos mundos. Todos eram seus e ele os habitava de maneira que podia. (SCHWARCZ, 2017, p. 485).

E o “angustioso mistério da loucura”, como disse o escritor em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, atormentou sua família, no entanto, este mistério foi questionado por ele e por tantos outros, embora não tenham lançado um olhar crítico sobre os seus próprios percursos.

Como discutido ao longo da pesquisa, a internação psiquiátrica de Lima Barreto deve ser relacionada a diversos fatores, tais como familiares, pois desde cedo o escritor experienciou momentos de tristeza com a perda da mãe, presenciou a preocupação do pai, que, na condição de viúvo, precisou cuidar de todos os filhos, além de enfrentar os problemas financeiros, de trabalho e, posteriormente, veio o seu adoecimento. O escritor viveu em um contexto de instabilidades, marcado por exclusões raciais, desigualdades sociais e discriminações; momento em que as ideias de branqueamento e da eugenia, que associavam crimes, alcoolismo, ociosidade e loucura à degeneração, se faziam presentes na sociedade da Primeira República.

As dificuldades financeiras, problemas de saúde e o preconceito marcaram a trajetória do autor de *O Cemitério dos Vivos*, que, embora reconhecido por seu talento intelectual por muitos escritores do seu tempo, teve pouco apoio nas tentativas de publicação de sua obra. No conto *O moleque* (BARRETO, 2020), espécie de fotografia da sociedade da Primeira República, Lima abordou temas tais como família, educação, racialização, preconceito,

desigualdade social, dentre outros, a exemplo da relação interseccional entre gênero, raça e classe, que atravessa sua obra de diversas formas. O conto, em síntese, mostra a realidade brasileira no contexto dessa pesquisa que foi também o das vivências e das práticas literárias de Lima Barreto.

É preciso destacar que o escritor fez do lugar de exclusão sua insurgência contra uma sociedade opressora que culpabilizava às pessoas que tinham a mesma origem social e étnica dele, que eram consideradas inferiores, ao mesmo tempo em que eram punidas através do afastamento em hospícios e prisões, que além de deslegitimá-las social e politicamente, cobriam-lhes de estigmas. Assim foi no hospital psiquiátrico, instituição que recebia os marginalizados e excluídos, que eram as pessoas vistas como loucas, perigosas e transgressoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuram os antecedentes, para determinar a origem do paciente que ali está, como herdeiro de taras ancestrais; mas não há homem que não as tenha, e se elas determinam loucura a humanidade toda seria de loucos. (BARRETO, 2004b, p. 228).

Afonso Henriques de Lima Barreto foi um intelectual negro e crítico das questões sociais da Primeira República, contexto marcado pelos conchavos políticos, autoritarismo da elite oligárquica, diretamente relacionado às desigualdades sociais, à opressão, à discriminação de classe e ao racismo. Seu curto período de vida (1881 a 1922) foi marcado por diversos episódios familiares, políticos, literários, doenças e internamentos, alguns destes psiquiátricos.

A presente tese procurou discutir a relação desses episódios com os internamentos psiquiátricos, buscando perceber como a loucura foi entendida e tratada naquele contexto através da experiência de Lima Barreto na instituição psiquiátrica. No decorrer da pesquisa, surgiram novas possibilidades e questionamentos, dados os múltiplos temas que atravessam a obra do escritor, composta por romances, sátiras, contos, crônicas, diários e correspondências.

A pesquisa teve como recorte temporal 1908 a 1922, o contexto englobou o marco da vida literária de Lima Barreto, meados da primeira década do século, principalmente quando ocorreu o fechamento da revista *Floreal* em 1907, o que representou uma ruptura em seu início de carreira enquanto escritor e um novo caminhar com a estreia de *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, em Portugal, publicado em 1909. Na segunda década até o ano do seu falecimento, em 1922, ocorreram as internações, resultando na escrita do romance *O Cemitério dos Vivos*, na formação e fortalecimento de uma rede de sociabilidade e a intensificação de sua produção literária.

Os acontecimentos da família de Lima Barreto iniciaram com o casamento dos seus pais, João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta de Lima Barreto, entre esses, o primeiro adoecimento do pai, antes do matrimônio, as dificuldades financeiras durante a fragilidade da saúde da mãe, desde o primeiro parto, agravando-se com a tuberculose. Aos 6 anos de idade, ocorreu o falecimento da mãe, deixando família e, especialmente, Lima Barreto, em profunda tristeza, conforme narrou sua irmã Evangelina ao primeiro biógrafo do escritor, Francisco de Assis Barbosa.

A memória da mãe está presente no conjunto de sua obra, no qual narrou a sua presença e ausência. Crônicas como *O Único Assassino de Cazuza*, *O filho de Gabriela*, *O Almoço*, de Lima Barreto, mostram a nostalgia dele com relação à representação materna, e a relação paterna, quando criança. Sua infância também foi marcada pelas constantes mudanças

geográficas da família, a princípio para a Ilha do Governador, lugar de boas recordações da natureza e sobre a amizade com Manoel Oliveira, ex-escravizado que, ao receber alta da Colônia de Alienados, tornou-se amigo da família e passou a morar com ela. A trajetória de estudante se deu com dificuldades, desencantos, preconceitos e desistência. Embora tenha recebido ajuda financeira do padrinho, a sua passagem pelo Liceu Popular Niteroiense e no Ensino Superior na Escola Politécnica, instituições onde estudavam os filhos da elite oligárquica branca, foi marcada pela discriminação racial e social. Mesmo não tendo concluído o curso de Engenharia Civil, o acesso a uma educação de qualidade colaborou com a sua formação crítica.

Naquele contexto, a educação era restrita às famílias abastadas, o que explica o alto índice de analfabetismo no fim do Império e início da Primeira República, mais de 80% da população não era alfabetizada, embora no fim da década de 1870 o ensino tenha se tornado obrigatório. Porém não se efetivou devido à precarização do Estado, a elevação da pobreza, da maior parte da população, e sem condições financeiras as famílias não poderiam pagar a educação dos filhos, cujas poucas escolas se concentravam nas áreas mais urbanizadas. Considerando que o Brasil era um país ruralizado, muitos ficavam desassistidos. No pós-abolição, a educação continuou sendo um bem de luxo. Tais questões foram discutidas e correlacionadas aos primeiros anos e aos embates da vida adulta do escritor.

O contexto quando iniciou suas práticas literárias foi o mesmo em que a elite brasileira da Primeira República importava as ideias europeias de modernização, os conceitos de degenerescência e de eugenia. A população vivia as condições do pós-abolição, composta, em sua maioria, por pessoas pobres e negras, vistas como perigosas e culpadas pelo atraso do Brasil. A elite republicana, juntamente aos intelectuais formados nas faculdades de medicina do país, amparou-se no discurso científico racial europeu da superioridade do branco sobre o negro, e afirmaram que a miscigenação provocava a decadência da sociedade brasileira.

Os discursos associavam loucura, criminalidade, miscigenação e vícios, sendo assim, a hereditariedade poderia favorecer, além dessas questões, o aparecimento de doenças. Preocupavam-se em mudar essa realidade com o projeto de branqueamento e higienização do meio urbano, desconsiderando a percepção das pessoas que recém-libertadas viviam o pós-abolição. Nesse contexto, da primeira década do século XX, iniciou-se no Rio de Janeiro a campanha da obrigatoriedade à vacinação, provocando revolta popular contra as imposições das autoridades sanitaristas e as reformas do governo de Pereira Passos, que coadunaram com os projetos de branqueamento em curso, com as práticas de diversos tipos de violência para a segregação e o controle da população. Interessava disciplinar as pessoas e higienizar o meio

urbano, deslocando os pobres para lugares distantes dos centros, como mostrou Lima Barreto (1915 *apud* CORRÊA, 2016) na crônica *As enchentes*, direcionada ao prefeito, críticas voltadas à cidade do Rio de Janeiro, cuja preocupação central era o embelezamento, inundada com as chuvas, devido à reformas arquitetônicas, e não se preocuparam com as condições de vida da população.

Na crônica *Os tais higienistas* (BARRETO, 1920 *apud* CORRÊA, 2016), direcionada a Carlos Chagas, Lima criticou as imposições das autoridades, indicando para a falta de equilíbrio entre as condições de alimentação, de moradia e de higiene da população. Usou a literatura para denunciar os projetos de modernização e higienização, o preconceito e a discriminação dos anos iniciais da Primeira República. Ao fazer isso, estava cumprindo um papel que tanto admirava em um escritor: o de escrever as vivências com emoção, sem perder de vista as ambivalências.

A primeira parte da pesquisa mostrou que a vida familiar e a trajetória educacional do escritor estão relacionadas ao contexto dos anos iniciais da Primeira República. Esse período afetou a de Lima, bem como a maior parte da população recém-libertada da escravidão, que se encontrou inserida no projeto eugenista.

No conjunto da obra do escritor, composta por romances, sátiras, contos, crônicas e cartas, documentos valiosos na compreensão das relações sociais do contexto em que viveu, é possível perceber que apresentou essas questões, fazendo de sua literatura um meio de denúncia das desigualdades e do preconceito que a população vivera, que eram também as suas realidades.

O romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b) e as anotações do *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) foram fundamentais para entender o internamento do escritor em uma instituição psiquiátrica. No entanto, as cartas, pensadas inicialmente como documentos complementares a essa discussão, ganharam nova importância quando surgiu a necessidade de conhecer a rede de sociabilidade do escritor. As pessoas com quem ele se comunicou indicaram aspectos importantes, não percebidos se não tivessem sido analisadas as cartas sobre quem foi o escritor Lima Barreto e como as suas hospitalizações apareciam na comunicação entre os correspondentes.

As primeiras missivas, durante o estudo das fontes, foram encontradas na Biblioteca Nacional. Conforme as leituras avançaram, tomou-se conhecimento de outros autores que reuniram correspondências do escritor, por último houve acesso a uma obra muito importante que contém parte das cartas enviadas e recebidas pelo escritor, *Correspondência, Tomo II*. As cartas dessas obras mostraram a dimensão de quem foi o escritor, o seu reconhecimento,

enquanto intelectual, por intelectuais do seu tempo, em diversos estados do país, e a sua ampla rede de sociabilidade.

O método da micro-história permite ver a trajetória dos sujeitos sociais a partir de diversos ângulos, possibilitando pensar as diferentes experiências e contextos. As cartas se tornaram fontes importantes na pesquisa, ofereceram relevância singular à tese, proporcionando reflexões sobre as vivências familiares, o internamento psiquiátrico e as redes de sociabilidades de Lima Barreto.

A prática epistolar teve início muito cedo, quando o escritor estava com 12 anos de idade e estudava no Liceu na cidade de Niterói/RJ. Essa prática possibilitou compreender as questões familiares, literárias, a rede de contato e a forma como as hospitalizações dele foram tratadas, sobretudo no período de 1914 a 1922, quando ocorreram as mais evidenciadas. A primeira em 1914, em função do alcoolismo, e a segunda em 1919, pelo mesmo motivo, ambas em hospital psiquiátrico.

Lima Barreto começou sua vida literária muito cedo, nos primeiros anos do século XX, mas o marco se deu com a publicação do seu livro de estreia, *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, indicação de um amigo a um editor de Portugal. A obra deu significado a sua carreira literária, trazendo à tona questões fundamentais sobre preconceito racial e a imprensa local. Os críticos o acusavam de não praticar uma literatura formal, como faziam os escritores considerados consagrados no período.

Mostrando, desde então, que não escrevia para agradar à elite literária, mas a partir daquilo que o incomodava, sentir-se-ia mal em não dizer/escrever o que pensava. Era contundente, não romantizava as contradições e nem as ignorava, era direto, não floreava, embora tenha sido considerado, por alguns pesquisadores, ambivalente em alguns aspectos. O escritor sempre justificava as suas posições contrárias com relação a algumas questões. Trouxe para sua obra grupos marginalizados, tais como os pobres, os negros, as mulheres, os doentes, os trabalhadores, os ditos loucos.

Lima Barreto intensificou a escrita nos últimos anos de vida. Além dos críticos, existia escritores que lhe pediam orientação para seguir a carreira literária, principalmente os mais jovens. Dessa forma, interagiu com diversos intelectuais, fazendo sua produção literária chegar a várias regiões, como também se informava das questões dos estados quando recebia cartas da rede de contato.

Além da ampla rede de sociabilidade, as cartas mostraram o seu reconhecimento em vida. As missivas indicaram que Lima Barreto foi um importante escritor da Primeira República, tratando de questões diversas através delas. Nas cartas analisadas, embora em

algumas tenham tratado dos assuntos referentes à saúde e aos internamentos do escritor, ambos apareceram ligeiramente na escrita, para alguns correspondentes apenas, principalmente Ranulfo Prata, Carlos Sussekind de Mendonça, amigos próximos de Lima, além de Enéias Ferraz e Monteiro Lobato. O posicionamento de Lima quando o assunto era sobre internações ou saúde sempre foi breve, não detalhava o que de fato estava vivendo nesses momentos. As cartas se referiram, em sua maior parte, às escritas dos correspondentes e à circulação de suas obras.

Lima demonstrava preocupação com a abrangência de sua obra e como seria recebida pelos críticos. Desejava ser lido e reconhecido, não como um escritor qualquer, mas como um escritor que partia dos problemas reais da sociedade. Para ele, a literatura deveria chegar ao alcance de todos, para isso não precisava apenas de formação acadêmica, muitos possuíam, mesmo assim não faziam, porque, além de conhecer as realidades sociais, os escritores necessitavam de coragem para, diante de uma sociedade preconceituosa e punitiva, escreverem o que pensavam sobre as suas contradições. Não bastava apenas ser sarcástico, ou utilizar vocabulário rebuscado, era preciso ser ousado, e Lima foi, pagou alto preço por isso.

Escrever sobre a sociedade e suas contradições interessava mais, apesar de ter deixado os registros de uma escrita de si, não se vitimizou e nem deu atenção para à fragilidade de sua saúde nos últimos anos de escrita, quando passou pelo último internamento psiquiátrico no Hospital Nacional de Alienados.

No fim da segunda metade do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passava por transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, vivia as realidades das contradições do pós-abolição das pessoas escravizadas. Havia alto índice de analfabetismo, falta de emprego, precarização do trabalho, aumento da exclusão social. Como solução, além de importarem o modelo de modernização europeia, fortaleceram os discursos da miscigenação, com os quais justificaram o atraso no progresso do país.

Recorreram à teoria da degeneração, mirando os grupos vistos como ameaçadores da ordem social, entre eles as pessoas negras, pobres e aqueles que vagavam pelas ruas, sem educação, sem instrução, sem empregos e moradia, sem dignidade. Viviam os transtornos e a exclusão da reforma urbana, que também os colocou à margem social, transformados em classes perigosas, deveriam ser contidos para não perturbarem a ordem social. Essas pessoas, negras, não alfabetizadas, sem trabalho e nas ruas, eram vistas como degeneradas, fruto da miscigenação, colaborariam para o aumento da dita vagabundagem, da criminalidade e do adoecimento. No discurso dos defensores da degeneração como causadora de muitas mazelas

sociais, elas estariam mais propensas ao alcoolismo, ao adoecimento de diversas ordens, às transgressões que afetavam moralmente àquela sociedade.

Era necessário transformar essas realidades, na concepção da época, disciplinar as pessoas, conter o alcoolismo, também visto como prejudicial ao trabalho, além de ser um dos fatores de internamento psiquiátrico. No prontuário de Lima Barreto, consta o alcoolismo como causa do internamento, tanto na primeira internação, em 1914, aos 33 anos de idade, quanto na segunda, em 1919, aos 38 anos. O alcoolismo foi visto como adoecimento que afetava moralmente a sociedade. Era um problema a ser combatido, muitas vezes com violência, e as péssimas condições sanitárias, de trabalho, de segurança, de moradia e alimentação, não foram consideradas como fatores relacionados ao alcoolismo. Este foi tratado com mais repressão: por um lado, o estado omitia assistência e, por outro, aumentava a força policial, ampliando a vulnerabilidade das famílias que, sem terem outro tipo de assistência, recorriam à polícia para levarem os seus parentes ao hospital psiquiátrico, acreditando na resolutividade daquele problema.

Os responsáveis por entrevistar as pessoas ao chegarem às instituições psiquiátricas registraram relatos sobre Lima Barreto que reforçam a ideia de atribuírem o alcoolismo a questões hereditárias. Em seus prontuários¹²¹ estão relatos sobre os antecedentes familiares, as observações constam que o escritor nada informava acerca dos antecedentes hereditários, mas estava com boa memória, era descrito como uma pessoa inteligente e de conhecimento elevado para o meio em que vivia, referindo-se, provavelmente, ao subúrbio. Nos registros da primeira internação, em 1914, ao que consta, parece que centralizavam a percepção nas heranças hereditárias, indicando que eram observações estendidas à população pobre que morava, assim como Lima, no subúrbio, provavelmente, quem compunha a maior parte daquelas internações.

Na segunda internação, em 1919, os registros afirmaram que se tratava de uma pessoa precocemente envelhecida para a idade, com traços de “bebedor”, termo usado nos prontuários, bastante orientada no tempo e espaço, confessou fazer uso de bebidas alcoólicas, e mesmo sabendo dos prejuízos, não conseguia parar, o que justificava, ao menos na escrita dos prontuários, as suas constantes internações. Também falou sobre sua obra, colocando-se enquanto escritor e sendo visto enquanto pessoa de elevada cultura intelectual.

Lima Barreto conviveu com os resultados da vida que foi possível viver. Em sua escrita, percebe-se um Lima escritor inconformado, ora ácido nas palavras, ora contraditório, mas sempre crítico nas posições que assumia. Um escritor negro, pobre, morador do subúrbio, foi

¹²¹ Relatos dos prontuários do escritor, apresentados por Francisco de Assis Barbosa (1964).

deslegitimado por alguns intelectuais e reconhecido por outros e pelos médicos como um sujeito intelectual, passou pelo julgamento institucional, literário e social e manteve-se firme na escrita até os últimos dias de sua vida.

Lima Barreto não foi o único escritor que vivenciou a experiência de um internamento psiquiátrico, outros intelectuais também foram internados, embora não tenham tido a mesma visibilidade dele. Ainda são poucas as pesquisas que discutem essa questão no Brasil, especificamente com escritores negros. Os intelectuais se diferem de Lima Barreto pela própria trajetória do escritor, marcada pela intensidade no posicionamento político e literário, na vivência familiar e infantil, com questões relacionadas à loucura, devido à relação do pai enquanto administrador da Colônia dos Alienados. Quando jovem, deparou-se com os primeiros sinais do desequilíbrio mental do pai e, nos seus últimos anos, viveu a experiência como internado em instituição psiquiátrica.

Os internamentos não interferiram em sua rede de contatos, nem no seu desempenho enquanto escritor, continuou escrevendo de forma questionadora, deixou uma vasta obra literária. A tentativa do não reconhecimento de Lima Barreto fez parte do apagamento da sua memória depois de sua morte, porém não estão associadas aos seus internamentos, ou à sua vida boêmia. Desde o início de sua trajetória estudantil sofria o racismo e o preconceito de uma sociedade escravista; quando se tornou escritor não foi diferente, não aceitavam que pessoas negras e pobres ocupassem espaços que sempre foram destinados à elite branca. Lima Barreto ultrapassou essas barreiras, ocupou um lugar que poucos em sua condição étnica e social ocuparam.

Outros escritores daquele contexto, de origem similar a dele, também se consagraram no meio literário, a diferença é que poucos fizeram de sua escrita uma maneira para denunciar as contradições a que estavam submetidos. Diferentemente de Lima, que viveu as angústias das intempéries da vida, criticou a sociedade e por ela foi criticado, mostrou as contradições, mas em alguns momentos foi contraditório. Trouxe à tona as complexidades que fizeram possível o escritor que se tornou, frustrou-se com os projetos pessoais e coletivos, mas não desistiu de tentar, cuidou da família e por ela foi cuidado, inquietou-se com as questões políticas, sociais e culturais que impactaram a sua vida e de muitos daquela sociedade.

A presente pesquisa é mais uma contribuição às diversas outras, sobre a vida de Lima Barreto, e a relação entre loucura, racialização, alcoolismo e internamento psiquiátrico, questões amalgamadas ao contexto da Primeira República. Os resultados obtidos foram possíveis a partir da discussão sobre as vivências familiares, as práticas epistolares, as redes de sociabilidades e as questões que marcaram a sociedade e a vida do escritor.

Os resultados mostraram que Lima Barreto vivenciou o internamento psiquiátrico, não porque era louco, mas por ter sofrido os impactos da sociedade do seu tempo que negava a cidadania e tratava os negros e os pobres como agentes degenerativos. Indicaram, também, que ele traiu o destino traçado para essas pessoas, ao transformar as intempéries da vida em questionamentos. Não se vitimizou diante dessas questões, cumpriu o papel de um intelectual negro consciente de sua condição; foi reconhecido crítico literário ainda em vida.

Os temas abordados nesta tese mostram que a vida e obra do escritor se encontram entrelaçados, e as questões discutidas fazem parte de uma leitura possível de quem, há bem pouco tempo, conhecia apenas o Lima Barreto autor de algumas obras. O objetivo inicial de entender o seu internamento psiquiátrico a partir do romance *O Cemitério dos Vivos* (BARRETO, 2004b) e do *Diário do Hospício* (BARRETO, 2004a) foi ampliado com o conhecimento sobre parte de sua obra que mostrou outros caminhos e possibilitou conhecer vários Limas, desconhecidos até então. A tese chegou ao fim, no mesmo mês e ano que completou um século de sua morte, contudo a pesquisa sobre o escritor não termina por aqui, a conclusão desta etapa remete ao cumprimento da proposta. A sensação de que ainda há muito o que aprender sobre e com Lima Barreto se maximizou. Um retorno em breve será necessário, para discutir temas que atravessaram a pesquisa e a sua obra, e que, devido às escolhas e aos recortes necessários de uma pesquisa, não foi possível explorá-los, a exemplo do papel da mulher e de gênero no contexto da Primeira República, abordados de múltiplas formas pelo escritor.

Essa foi uma leitura possível sobre uma parte das vivências de Lima Barreto, os resultados foram frutos de uma investigação cuidadosa e ao mesmo tempo desafiadora, por se tratar de um escritor multifacetado, a respeito do qual foram realizadas diversas pesquisas por estudiosos dedicados à sua obra. As lacunas existentes fazem parte do processo, entretanto podem ser discutidas e supridas em novos olhares e estudos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O Jogo da Dissimulação, abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. A Hora da Estrela: a relação entre a História e a Literatura, uma questão de gênero? *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019_01/1548206371_63c8602c4eb438952e120ca520bd35bf.pdf . Acesso em 25 out. 2021.

ALONSO, Ângela. **Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVAREZ, Marcos Cesar. Do Bacharelismo Liberal a Criminologia no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 101, p. 11-26, 2014.

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela Vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

ANTUNES, Marcos Antônio. Alcoolismo e movimento anarquista no Rio de Janeiro no início do século XX. **Revista Estudos Libertários**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 28-58, 2020.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2003.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Bagatelas**. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Carta a Gilka Machado, comentando o livro *Cristais Partidos***. Rio de Janeiro, 19---. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1448674/mss1448674.pdf. Acesso em: 31 out. 2022.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Carta a João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor, declarando que não pudera sair do internado em virtude do bombardeio de Niterói pelos revoltosos da esquadra**. (Documento 14. Carimbo da Biblioteca Nacional. Série Correspondência enviada. Orig. Ms. Coleção Lima Barreto). Niterói, maio 1893a. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1448634/mss1448634.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Carta a João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor, avisando que não poderá sair do internado, em virtude da revolta da esquadra**. (Documento 19. Carimbo da Biblioteca Nacional. Série Correspondência enviada. Orig. Ms. Coleção Lima Barreto). Niterói, set. 1893b. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1448639/mss1448639.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Carta de Lima Barreto a Gilka Machado**. 18 dez. 1918. Acervo Digital Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1448674/mss1448674.pdf . Acesso em: 5 maio 2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Carta de Lima Barreto a Monteiro Lobato**. 18 dez. 1918. Acervo Digital Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428174/mss1428174.pdf. Acesso em: 5 maio 2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Carta de Lima Barreto para Monteiro Lobato**. 26 dez. 1918. Acervo Digital Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428130/mss1428130.pdf. Acesso em: 5 maio 2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Méritos, 1948.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Correspondência**. Tomo II. 2. ed. São Paulo: Urupês, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Diário do hospício. *In*: BARRETO, Afonso Henriques de Lima *In: O Cemitério dos Vivos: memórias*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004a. p. 17-114.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário íntimo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Feiras e Mafuás**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. Artigo inicial. **Floreal**: Revista bi-mensal de crítica e literatura, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 3-7, out. 1907.

BARRETO, Afonso Henrique de Lima. Marginália. **A.B.C.**, out. 1918. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000154.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Não as Matem**. Biblioteca Virtual de Literatura, 1915. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/cronicas/naoasmatem.htm>. Acesso em: 31 out. 2022.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Numa e a Ninfa**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Brasileira, 1950.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. O Cemitério dos Vivos. *In*: BARRETO, Afonso Henriques de Lima *In: O Cemitério dos Vivos: memórias*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004b. p. 116-139.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **O moleque**. Niterói: Itapuca, 2020.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**. Rio de Janeiro: A. de Azevedo Costa Editores, 1917.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1915. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4361?locale=en>. Acesso em: 19. set 2022.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Revista do Brasil, 1919.

BASTOS, Othon. Primórdios da psiquiatria no Brasil. **Revista Psiquiátrica RS**, v. 29, n. 2, p. 154-155, 2007.

BELCHIOR, Pedro. **Tristes Subúrbios: Literatura, cidade e memória na Experiência de Lima Barreto**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

BERTUCCI, Liane Maria. **Impressões Sobre a Saúde: a questão da saúde na imprensa operária (1891-1925)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Os intelectuais da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

BORGES, Viviane Trindade. Arthur Bispo do Rosário: loucura, arte e patrimonialização. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE*, 2011. **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2011.

BOTELHO, Denilson. Lima Barreto e o “engenhoso aparelho de aparições e eclipses”: reflexões sobre a história da imprensa. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 26., 2011. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011.

BOTELHO, Denilson. Sob o signo da Floreal: uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto. **Itinerários**, Araraquara, 23, 149-174, 2005.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOTELHO, Denilson. **A pátria que quisera ter era um mito: história, literatura e política em Lima Barreto**. 3. ed. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2021.

BRASIL. **Decreto n. 981, de 8 de novembro de 1890**. Approva o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Districto Federal. Rio de Janeiro: Palacio do Governo Provisorio, 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BRASIL, Dayane Degner Ribeiro; LACCHINI, Annie Jeanninne. Reforma Psiquiátrica Brasileira: dos seus Antecedentes aos Dias Atuais. **Pluralidades em Saúde Mental**, v. 10, n. 1, p. 14-32, 2021.

CAPONI, Sandra. O conceito de Degeneração na história da psiquiatria moderna. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO CONESUL*, 2012. **Anais** [...]. Porto Alegre: AFHCC, 2012. p. 520-528. Disponível em: <http://www.afhic.com/wp-content/uploads/2019/01/o-conceito-de-degeneracao-na-historia.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CAROL, Anne. Decadências corporais: diante da doença e da morte. *In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. (org.). História das emoções: 3: do final do século XIX até hoje*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 390-414.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTANHA, André Paulo. Regimento interno das escolas públicas da corte de 1883: uma síntese da educação imperial. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. esp., p. 282-296, maio 2012.

CASTEL, Pierre Henri. O caso da depressão. *In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. (org.). História das Emoções: 3: do final do século XIX até hoje*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 442-464.

CAVALHEIRO, Edgar. **A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2017.

CHAGAS, Camila *et al.* A linguagem e o estigma: os termos utilizados na área de álcool e outras drogas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, n. 1, e2020921, 2021.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle Époque**. 24 ed. Campinas: UNICAMP, 2001.

COELHO, Haydée Ribeiro; FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. Lima Barreto e a crítica literária. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, n. 26, p. 55-72, 1992.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. (org.). **História das Emoções: 3: do final do século XIX até hoje**. Petrópolis: Vozes, 2020.

CORRÊA, Felipe Botelho. (org.). **Sátiras e outras subversões: textos inéditos**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2016.

COSTA, Ana Luiza Jesus da. **Educar-se das classes populares oitocentista no Rio de Janeiro entre a escolarização e a experiência.** Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) – Programa de Pós-Graduação em História da Educação e Historiografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil.** 5. ed. Petrópolis: Garamond Universitária, 2007.

COSTA, Raul Max Lucas da. Alcoolismo, discurso científico e escrita de si no Diário do Hospício de Lima Barreto. **Antíteses**, v. 1, p. 188-208, jan./jun. 2008.

CRESPO, Daniela dos Reis. O cotidiano da repressão policial no Rio de Janeiro da Belle Epoque (1902-1906). Laboratório de História Econômica e Social. *In: COLÓQUIO DO LAHES*, 1., 2005. **Anais [...]**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a15.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da Ordem: a doença mental na República.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo, Juquery, a história de um asilo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CUTI, Luiz Silva. **Lima Barreto.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DELA VALE, André. **O campo e a cidade sob o olhar de Tales de Andrade.** Arquivo do Estado de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao52/materia04/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DO CARMO. José Carlos Mariano. **Madame Pommery: a primeira malandra na prosa ficcional brasileira.** Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 11, n. 23, p. 100-122, 2007.

DOSTOIÉVSKY, Fiodor. **Recordações da Casa dos Mortos.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizatório: formação do estado e civilização.** Zahar. Rio de Janeiro, 1990. v. 2.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

ENGENHO Novo, Todos os Santos; rua major Mascarenhas. *In*: GOOGLE Maps. [S.l.]: Google, 2022. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+Maj.+Mascarenhas+--+Todos+os+Santos,+Rio+de+Janeiro+--+RJ,+20770-180/@-22.8901345,43.3039419,13.5z/data=!4m5!3m4!1s0x997c534bf81bbd:0x9949a6f10e35b102!8m2!3d-22.889004!4d-43.2853101>. Acesso em: 2 mar. 2022.

FANGUEIRO, Maria de Sameiro. **Lima Barreto**. Biblioteca Digital Brasil, [n.d.]. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/lima-barreto/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

FELIPE, Adilson Ednei. Homens de Letras: intelectuais negros no Brasil imperial. **Sankofa**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 74-89, 2016.

FERREIRA, Luciana da Costa. Os percursos literários do leitor Lima Barreto. **Revista Garrafa**, v. 9, n. 26, p. 1-13, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. *In*: GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 241-256.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
FREITAS, Celi Silva Gomes de. Lima Barreto, um intelectual-negro na “Avenida Central”. **Intellectus**, v. 1, ano 4, p. 1-10, 2005.

GILL, Lorena Almeida. **Um mal de século**: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 2. ed. São Paulo. Perspectiva. 1974.

GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALO JUNIOR. Entre dois corações e mundos. **Pesquisa FAPESP**, p. 82-85, 2005.

GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. Negros e Educação no Brasil. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 325-346.

GRAMSCI, Antonio. **Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HAROCHE, Claudine. O sentimento de humilhação: degradar, rebaixar, destruir. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. (org.). **História das Emoções: 3: do final do século XIX até hoje**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 465-492.

HIDALGO, Luciana. A Loucura e a urgência da escrita. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 212-226, jul./dez. 2008.

ILHA do Governador, Escola Politécnica e Niterói/RJ. *In*: GOOGLE Maps. [S.l.]: Google, 2022. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Ilha+do+Governador/@-22.8802829,-43.3277638,11z/data=!4m5!3m4!1s0x99782c610b5699:0xc958ae1d35006b7d!8m2!3d-22.8052385!4d-43.2086085>. Acesso em: 15 fev. 2022.

JORNAL *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 1887. Biblioteca Nacional Digital, Hemeroteca. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/085669/per085669_1887_00081.pdf. Acesso em: 3 dez. 2021.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. *In*: VERDRAME, Maria Inês; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 32-52.

KLUGER, Henrique. Tango e Tragédia. **Ciência Hoje**, 2022. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/acervo/tango-e-tragedia/>. Acesso em: 12 set. 2022.

LAMEGO, Valéria. Apresentação: Uma carta para você, caro leitor. *In*: CAVALHEIRO, Edgar. **A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2017. p. 9-15.

LARANJEIRA e Flamengo – Rio De Janeiro. *In*: GOOGLE Maps. [S.l.]: Google, 2022. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Laranjeiras,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.9177401,-43.2136944,13z/data=!4m5!3m4!1s0x997f93f832ad61:0x2ca2b0aecf2ea4e3!8m2!3d-22.9332067!4d-43.18473>. Acesso em: 31 out. 2022.

LE BRETON, David. **Paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEVI, Geovanni. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da primeira república. *In:* MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996. p. 23-40.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. **Bagatelas e Marginália**: cultura intelectual e revide ao Poder nas crônicas de Lima Barreto. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MACHADO, Roberto *et al.* **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MACIEL, Paulo; SCHWARCZ Lilia Moritz. O teatro brasileiro nas crônicas de Lima Barreto (1911-1921). **Revista Sala Preta**, v. 19, n. 2, p. 64-85, 2019.

MARTINS, Eliete Marim. **Diário Íntimo**: Documento da memória, criação estética, uma dupla memória. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MENDONÇA, Adriana Sussekind de. **A vida cultural no Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial através do diário do jurista Carlos Sussekind de Mendonça**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MORAES JUNIOR, Luciano Correa de. Palavras de amigo: carta de Francisco Schettino a Lima Barreto sobre concurso literário promovido pela Academia Brasileira de Letras. **Labor Histórico**, v. 6, n. 3, p. 730-739, set./dez. 2020.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt Moreira. Havemos de ser atendidos em nossos direitos, uma vez que servimos para votantes e soldados, não obstante a nossa cor: associativismo negro, direitos e cidadania (a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, Porto Alegre, séc. XIX). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 11, p. 1-30, 2019.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Indisciplina**: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais/Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

NEVES, Cristiane Kozlowsky. O ensino de História na Escola Normal de Niterói (1896-1900). *In:* SEMANA DA HISTÓRIA DO PONTAL; 4., 2016. **Anais [...]**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

OLIVEIRA, Fátima Maria de. **Correspondência de Lima Barreto**: À roda do quarto, no palco das letras. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

PALMA FILHO, João Cardoso. **A República e a Educação no Brasil: Primeira República (1889-1930)**. 3. ed. São Paulo: PROGRAD; UNESP; Santa Clara, 2005, p. 49-60. (Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação).

PAULA, Richard Negreiro de. O pensamento psiquiátrico na primeira república: formulações psiquiátricas sobre a criação de uma identidade nacional. **Revista Cantareira**, n. 6, p. 1-19, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1883-1889)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PIRES, Antônia Cristina de Alencar. Cartas de Escritor: Notas sobre a Correspondência de Lima Barreto. **Boletim CESPE**, v. 16, n. 20, 107-115, jan./dez. 1996.

PORTO Ângela. A vida inteira que podia ter sido e que não foi: trajetória de um poeta tísico. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 6, n. 3, p. 523-550, nov. 1999/fev. 2000.

PORTO, Ângela. Representações sociais da tuberculose: estigma e preconceito. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, supl. 1, p. 43-49, 2007.

PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto personagem de João Antônio. **Remate de Males**, Campinas, v. 19, p. 147-167, 2012.

PRADO, Antônio Arnoni. **Literatura comentada: Lima Barreto**. São Paulo: Abril Educação. 1980.

PROENÇA, Emanuele Luiz. **Qorpo-Santo: pelos (des)caminhos da loucura no Brasil do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Espírito Santo, Vitória, 2012.

PULS, Maurício. Intelectualidade negra no Império. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, v. 249, n. 1, p. 80-84, nov. 2016.

QUADROS, B. Primeiro contacto com Lima Barreto. *In*: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Correspondência**. Tomo II. 2. ed. São Paulo: Urupês, 1956. p. 9-14.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e a República. **Revista USP**, n. 3, p. 89-94, 1989.

RESENDE, Beatriz (org.). **Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto: Cronista do Rio**. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017b.

RESENDE, Beatriz (org.). **Toda crônica**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. 2.

RESENDE, Riachuelo, Paula Matos e Lavradio. *In*: GOOGLE Maps. [S.l.]: Google, 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+do+Rezende+-+Centro,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.9121245,43.193654,14.75z/data=!4m5!3m4!1s0x997f7020b5af53:0xcce2e06a3c873c1c!8m2!3d-22.9131779!4d-43.1860845>. Acesso em: 5 abr. 2022.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

ROCHA, Amélia Soares da. Rui Barbosa, a formação do Brasil e o pensamento jurídico. **Pensar: Revista de Ciências Jurídicas**, v. 15, n. 1, p. 9-33, jan./jun. 2010.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.

ROSSI, Ednéia Regina. A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929). **Série-Estudos: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande**, v. 22, n. 45, p. 159-171, maio/ago. 2017.

SANTOS, Nádía Maria Weber. **Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1970)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Nádía Maria Weber. **Narrativas da loucura & Histórias de sensibilidades**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. **Estudos Avançados**, v. 33, n. 96, p. 137-153, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. **Sociologia & Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 119-150, jan./jun. 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História Privada do Brasil. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4. p. 174-224.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Questão racial e etnicidade. *In*: MICELI, Sérgio. **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré, ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999. p. 267-325.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**, 7.4.2018. São Paulo: MASP, 2018. 1 vídeo (1h57m56s). Publicado pelo canal MASP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhWYXEMnZhw>. Acesso em: 1 maio 2021.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectiva de pesquisa. **Dossiê Tempo**, v. 13, n. 26, p. 32-55, 2009.

SCOTTI Zelinda Rosa. **Que loucura é essa?** Loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925). Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1999.

SILVA, Alessandra Lima. **O alcoolismo no Hospício Nacional de Alienados (1852-1903): uma análise dos discursos e das práticas médicas através dos prontuários**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Fábio José da. **O dândi e o boêmio: João do Rio e Lima Barreto no mundo literário da Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA, Liliam Gomes da. Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 1, p. 71-88, jan./abr. 2018.

SILVA, Maurício. Lima Barreto e Coelho Neto: divergências literárias na literatura brasileira da passagem do século. **Matraga**, n 12, p. 1-15, 1999.

SIMMEL, George. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

VENDRAME, Maíra Ines. “Não tinha medo dos gringos”: violência e crime nas regiões de colonização italiana do Sul do Brasil. **História Unisinos**, v. 24, n. 3, p. 502-515, set./dez. 2020.

VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo: Letra & Voz, 2020.

WADI, Yonissa Marmitt. Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre, RS, 1884-1923). **História Unisinos**, v. 10, n. 1, jan./abr. 2006.

WADI, Yonissa Marmitt. Aos loucos, os médicos: a luta pela medicalização do hospício e construção da psiquiatria no Rio Grande do Sul. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, v. 6, n. 3, 2000.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para Guardar Doidos: uma história pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ZANOTTO, Gizele. História dos Intelectuais e História Intelectual: contribuições da historiografia francesa. **Biblos**, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 31-45, 2008.